

JOÃO KLUG

CONSCIÊNCIA GERMÂNICA E LUTERANISMO NA
COMUNIDADE ALEMÃ DE FLORIANÓPOLIS
(1868-1938)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS
1991

JOÃO KLUG

Consciência Germânica e Luteranismo na Comunidade Alemã de
Florianópolis (1868-1938)

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-
Graduação em História da Universidade
Federal de Santa Catarina para a obtenção
do grau de Mestre em História.

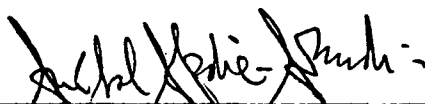
Florianópolis, 1991.

CONSCIENCIA GERMANICA E LUTERANISMO NA
COMUNIDADE ALEMÃ DE FLORIANÓPOLIS
(1868-1938)

DISSERTAÇÃO APRESENTADA POR

JOÃO KLUG

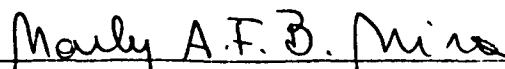
Esta dissertação foi julgada e
aprovada em sua forma final
pelo Orientador e Membros da
Banca Examinadora, composta
pelos professores:



Prof. Dr. Anibal Abadie-Aicardi



Prof. Dr. Martin Norberto Dreher



Prof.ª Dra. Marli A. F. Bustamante Mira

AGRADECIMENTOS

A todos àqueles que participaram diretamente, de uma ou de outra forma, na realização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo estudar o germanismo em Florianópolis, na sua manifestação eclesiástica no âmbito da comunidade luterana.

Da mesma forma, visa estabelecer pontes entre a confessionalidade luterana e a germanidade, tendo em vista ter sido a igreja um dos pilares de sustentação do germanismo entre imigrantes alemães no Estado de Santa Catarina.

Diante deste objetivo, fizemos uma breve revisão historiográfica a respeito dos alemães neste Estado. Abordamos sua distribuição geográfica nos principais núcleos disseminadores e realizamos uma análise de alguns pontos relacionados ao elemento germânico, tais como o aspecto associativo, trabalho, a realidade dos repatriamentos e a apologia e crítica que se fazia da imigração alemã em geral e do indivíduo germânico em particular.

Mereceu especial atenção, a colônia alemã luterana da capital e arredores, por ser o espaço geográfico no qual se desenvolveu a pesquisa.

Pelo fato da igreja luterana ser uma instituição aglutinadora de um grande contingente de alemães nesse Estado, estudamos os primórdios do luteranismo em Santa Catarina. Neste sentido dedicamos especial atenção à Joinville e Blumenau, por serem os núcleos coloniais mais populosos, e Santa Isabel, por ser o núcleo mais antigo de maioria luterana.

O estudo da igreja luterana de Florianópolis ocupa a maior parte deste trabalho. Analisamos aí a Escola e Cemitério Alemão, por servirem de base para a Comunidade Eclesiástica e estarem intimamente relacionadas com esta, ao longo de sua história.

Em relação à comunidade, procuramos estudá-la em suas diversas manifestações, desafios e problemas. Analisamos seus primeiros estatutos, o significado da construção da casa pastoral e igreja, os problemas que a comunidade enfrentava com a imigração, seu relacionamento com a igreja católica, suas crises e a atuação de seus diversos pastores.

Por revelar-se como uma forte expressão da comunidade, estudamos também a Associação de Senhoras Alemãs de Florianópolis e sua atuação na área da saúde e assistência social.

Em cada aspecto desta história institucional, procuramos compreender a manifestação da consciência germânica.

ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Arbeit geschah in der Absicht, den Germanismus in Florianópolis in seiner Manifestation innerhalb der kirchlichen lutherischen Gemeinschaft zu studieren.

Auf dieselbe Weise wurde beabsichtigt, Brücken zwischen dem konfessionellen Luthertum und dem Germanismus zu stabilisieren, war doch die Kirche die Stützkraft des Germanismus der deutschen Imigranten in Santa Catarina. Mit dieser Absicht machten wir eine kurze Überprüfung der Geschichtsschreibung, betreffs der Deutschen in Santa Catarina.

Wir erwähnten ihre Verteilung in den verbreiteten Hauptzentren dieser Gegend und realisierten eine Analyse einiger Punkte im Verhältnis zum Germanischen Element, wie zum Beispiel das Vereinswesen, die Arbeit, die Wirklichkeit der Repatriierung, die Apologie, sowie die gemachten Kritiken gegen Deutsche im Allgemeinen und dem germanischen Individuum in partikular.

Die Hauptbeachtung gilt der deutschen Kolonie in der Hauptstadt und Umgebung, denn in diesem geographischen Raum wurden die Nachforschungen durchgeführt.

Da es sich bei der lutherischen Kirche dieses Staates um eine agglutinierende Institution einer grossen Gruppe Deutscher handelt, haben wir vor allem das Luthertum in Santa Catarina studiert.

Mit dieser Absicht galt unsere besondere Beachtung Joinville und Blumenau, weil sie die grösste Konzentration Deutscher besitzen, sowie Santa Isabel, da sie das grösste Zentrum der Lutheraner ist.

Jedoch das Studium der lutherischen Kirche in Florianópolis nahm die meiste Zeit in Anspruch. Hier wurden die deutsche Schule und der deutsche Friedhof analysiert, weil sie den Grund der kirchlichen Gemeinschaft bildeten und auf lange Zeit ein intimes Verhältnis mit ihr pflegten.

Betreffs der Gemeinschaft wurde von uns versucht, sie in verschiedenen Manifestationen zu untersuchen. Zum Beispiel ihr Kampf mit ihren Herausforderungen und Problemen. Wir prüften ihre ersten Statuten, die Bedeutung der Konstruktion des Pastorenhauses, die Probleme der Gemeinschaft mit der Immigration, ihr Verhältnis zur katholischen Kirche, ihre Krisen und die Tätigkeit verschiedener Pastoren.

Da die Frauenhilfe ein wichtiger Zweig dieser Gemeinschaft war, prüften wir auch ihre Arbeit auf den Gebieten der Gesundheit und des Sozialwesens. In jeder Hinsicht versuchten wir das germanische Bewusstsein in seiner geschichtlichen Institution zu verstehen.

S U M A R I O

INTRODUÇÃO	1
CAPITULO I - BREVE CARACTERIZAÇÃO DA PRESENÇA ALEMÃ EM SANTA CATARINA	
1. Considerações Gerais	6
2. A Colonização Alemã na Região de Desterro - Florianópolis	11
3. O Núcleo de Joinville	13
4. O Médio Vale do Itajaí-açu	16
5. O Vale do Itajaí-mirim	19
6. Aspecto Associativo	19
7. Repatriamentos	21
8. O Trabalho	22
9. Apologia da Imigração Alemã	23
CAPITULO II - COLÔNIA ALEMÃ EM DESTERRO-FLORIANÓPOLIS	25
CAPITULO III - A IMPLANTAÇÃO E EXPANSÃO DA IGREJA LUTERANA EM SANTA CATARINA	
1. Considerações Gerais	35
2. A Igreja Luterana em Joinville	35
3. A Igreja Luterana em Blumenau	39
4. A Igreja Luterana em Santa Izabel	45
CAPITULO IV - A IGREJA LUTERANA EM DESTERRO - FLORIANÓPOLIS (1868-1938)	
1. O Luteranismo no Meio Urbano	51
2. A Escola	52
3. O Cemitério	63
CAPITULO V - PROJEÇÃO INSTITUCIONAL: A COMUNIDADE ECLESIASTICA	
1. O Primeiro Pastor	68
2. Os Primeiros Estatutos	77
3. O Relacionamento com a Igreja Católica	80
4. A Construção da Casa Pastoral e Igreja	88
5. Adesão da Comunidade à Associação de Comunidades Evangélicas de SC e PR	88
6. A Comunidade e os Problemas Da Imigração	89
7. A I ^a Guerra Mundial - Antecedentes e Reflexos na Comunidade	91
8. Os Pastores	99

CAPITULO VI	- MULHER É CONFSSIONALIDADE: A ATUAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE SENHORAS ALEMÃS DE FLORIANÓPOLIS	
	1. A Fundação da Associação	114
	2. Atuação na Area da Saúde e Assistência Social	119
	3. O Hospital e a Assistência Social	125
CONCLUSÃO		134
FONTES		
	1. Inéditas	136
	2. Editas	137
BIBLIOGRAFIA		
	1. Livros	138
	2. Periódicos	141
INDICES		
	1. Tabelas	143
ANEXOS		
	1. "Mais um Alemão Ingrato"	144
	2. Tradução da Ata de Lançamento da Pedra Fundamental da Igreja da Paz	147
	3. Memorial Histórico na Pedra Fundamental da Igreja Evangélica de Blumenau(1868)	150
	4. Colocação da Pedra Fundamental da Igreja Evangélica de Florianópolis	155
	5. Tradução da Ata de Fundação da Associação Auxiliadora de Senhoras em Florianópolis	157
	6. Carta com Pedido de Demissão de Senhoras	159
	7. Enfermeiras Atuantes em Florianópolis	160
	8. Gráficos de Frequência em Assembléias	161
	9. Ilustrações	163
	10. Timbres e Logotipos de Empresas e Instituições Envolvidas na Contrução da Igreja Luterana de Florianópolis	173

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Com este trabalho nos propomos estudar as manifestações da consciência etno-cultural dos alemães luteranos em Florianópolis, no período de 1868-1938. Colocamos como marco inicial de nossa pesquisa, o ano de 1868, por datar deste ano, o documento mais antigo que localizamos e que diz respeito à Escola Alemã.

Como marco cronológico final estabelecemos 1938, pois a partir deste ano nos defrontamos com grande carência de documentos, em virtude do início dos conflitos da IIª Guerra Mundial, podendo atribuir-se este fato a uma possível destruição de documentos.

Nesse estudo queremos identificar a mentalidade germânica desse grupo, verificando de que forma ela se manifesta tanto no interior como para fora da comunidade. Procuraremos também analisar o lugar que a confessionalidade luterana ocupava na preservação da germanidade, bem como compreender os mecanismos de resistência à aculturação.

Admitimos que o estudo da História de Santa Catarina precisa de novos enfoques, pois a História é uma constante revisão.

A historiografia relativa à imigração alemã em terras catarinenses, até o presente tem se ocupado basicamente com a descrição e análise dos núcleos coloniais mais expressivos. Nesta tarefa têm-se tomado amiúde por temática, estudos realizados no Rio Grande do Sul em torno da mesma questão, adaptando-os à realidade de Santa Catarina.

Dessa forma, pouco se conhece das particularidades que o tema da imigração alemã oferece ao pesquisador. Poucos são os estudos regionais específicos, bem como as análises de caso, visando uma consistente micro-história.

Dada a esta carência, observa-se uma tendência à repetição de certos conceitos e arquétipos que envolvem o indivíduo germânico, fruto mais da improvisação estereotipada e tendenciosa que propriamente resultado de pesquisa histórica. Dessa forma, eles em sua maioria não se sustentam diante da investigação. Existem portanto várias áreas onde persiste o desconhecimento, gerando uma espécie de mito.

Pelo fato dos imigrantes alemães em Santa Catarina se caracterizarem essencialmente como rurais, praticamente nenhum estudo foi realizado, que procurasse compreender os contingentes germânicos urbanos, em suas especificidades, analisando os indivíduos e grupos que vieram a se estabelecer não como colonos, mas como comerciantes, professores, profissionais liberais das mais diversas áreas. Assim sendo, trata-se de uma grande lacuna na historiografia catarinense relativa ao tema.

A maior parte dos estudos realizados tem privilegiado, ora aspectos sócio-econômicos e de distribuição geográfica da imigração e sua contribuição ao desenvolvimento de algumas regiões e centros coloniais em fase de expansão urbanas, ora na análise político-administrativa dos núcleos coloniais deixando assim espaço aberto para novos enfoques.

Constatamos também que importantes pesquisas na área da Antropologia Cultural têm lançado nova luz para a compreensão da colonização germânica em algumas áreas geográficas do Estado. Estas, por sua vez apontam para a grande necessidade de novos estudos em novas áreas, dada a dificuldade ou até a impossibilidade de um único modelo para explicar as grandes diferenças regionais.

Tendo em vista ser Santa Catarina um Estado com marcantes diferenças regionais em sua composição étnica, torna-se imprescindível o estudo mais detalhado do grupo germânico, na tentativa de melhor compreender a sua participação na História catarinense.

Entendemos também que a história das instituições é um importante aspecto para a compreensão da sociedade na qual elas se inserem, constituindo-se assim em mais uma opção de análise para o historiador.

Considerando que a igreja luterana foi uma instituição que congregou grande parte dos imigrantes alemães e seus descendentes, seu estudo trará significativa contribuição à História catarinense.

É nesta perspectiva que estudaremos a micro-história dos alemães luteranos em Florianópolis. É, portanto, uma parcela desta sociedade que está sendo examinada.

Desta forma, queremos focalizar a realidade de um grupo germânico que comumente não é alvo de pesquisa, ou seja, alemães luteranos de características urbanas.

O labor historiográfico comumente tem contemplado as questões econômicas e políticas preferencialmente e, feito destas, a chave hermenêutica para proceder à análise da sociedade. Certamente que a partir destes aspectos, muita luz é lançada sobre o problema/objeto da pesquisa. No entanto, há necessidade de novos enfoques. O mesmo objeto deve ser alvo de diversas pesquisas em perspectivas diferentes.

É neste contexto que se insere a comunidade luterana de Florianópolis, como instituição aglutinadora de maior parte da etnia germânica. O ser luterano portanto, é um canal de leitura da sociedade, constituindo-se em importante componente para o estudo das mentalidades.

O tema se reveste de atualidade, quando constatamos que os luteranos não fazem parte apenas do passado, mas ao contrário, constituem uma força viva no Estado de Santa Catarina bem como na região de Florianópolis.

É importante também levar em conta que existe nos anais da história da educação catarinense, o capítulo no qual o temor

do expansionismo alemão leva à nacionalização das escolas alemãs, para reduzir a influência da etnia e cultura germânica no Estado. Parece-nos, que de certa forma continua vivo um certo grau de prevenção contra a pujança expansiva germânica.

Entendemos portanto, ser de grande valia para a historiografia regional e catarinense, o estudo da questão etno-cultural (Deutschtum) dos alemães em Florianópolis.

Ao utilizarmos a expressão "Deutschtum", estamos adotando a definição atribuída por Giralda Seyferth para este termo⁽¹⁾.

Para esta autora, Deutschtum é a essência do povo alemão, que engloba sua língua, cultura, o "Geist" (espírito) alemão, a lealdade à pátria (Heimat), e tudo o que está relacionado a ela, mas como nação e não como Estado.

Esta é uma expressão ambígua, assim como "Volkstum", que expressa a etnia do indivíduo e não diz respeito ao seu local de nascimento.

Representa ainda uma solidariedade cultural e étnica do povo alemão e traz consigo a idéia de que a nacionalidade é herdada, pois que um alemão é sempre um alemão, ainda que tenha nascido em outro país.

Sabemos que a História oferece ao pesquisador uma multiplicidade de caminhos. Um deles, é o estudo das Mentalidades, que segundo alguns historiadores, nos permitem tomar consciência da "totalidade" de uma Época⁽²⁾. Este é o caminho que procuramos seguir para a realização deste estudo. Este trabalho, pela sua própria natureza, exigiu um diálogo estreito e constante com outras disciplinas, especialmente com a Etno-história e a Antropologia Cultural. Nesse aspecto, foi de grande valia o estudo das obras de Emílio Willems⁽³⁾.

Entendemos ainda que cada época é caracterizada por um conjunto de concepções, por uma cosmovisão dominante que influenciam hábitos e costumes. Firmando-nos nas idéias de Jacques Le Goff, entendemos que existem veículos privilegiados das mentalidades e entre estes, estão o púlpito e os sermões, não só como veículos, mas como forjadores de determinada mentalidade, cosmovisão⁽⁴⁾.

As formas mentais não devem ser medidas apenas pelas realidades materiais externas a elas. Elas próprias fazem parte

(1) SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e Identidade Ética. Florianópolis, FCC, 1982.

(2) GLENISSON, Jean. Iniciação aos Estudos Históricos. São Paulo, Difel, 1979.

(3) WILLEMS, Emílio. A Aculturação dos Alemães no Brasil. Editora Nacional, 1946.

-----, Assimilação e Populações Marginais no Brasil. Editora Nacional 1940.

(4) LE GOFF, Jacques et alli. História: Novos Objetos. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1974.

desta realidade, portanto não são mero reflexo ou decalque, nem detalhes desprezíveis.

O factual, não foi privilegiado enquanto fato apenas, mas por aquilo que revela e que nem sempre está explícito. Procuramos assim, através dos documentos da vida cotidiana da comunidade, verificar sua cosmovisão.

O grupo dos luteranos, enquanto grupo religioso, não foi estudado de forma diferente de um grupo "secular". Não pretendemos entrar na problemática teológica luterana, mas tentar verificar a correlação desta com a etnia e cultura germânicos.

Ressaltamos também nossa identificação com o grupo social objeto de pesquisa. Assim sendo, esta história está animada também por uma espécie de desejo de encontro, que talvez seja mais forte que o desejo de explicação. Queremos portanto mais compreender que explicar.

Para a escolha deste tema, a certeza da existência de fontes e a facilidade de acesso a elas, foram aspectos de fundamental importância.

Em relação às fontes primárias cabe-nos esclarecer que fomos descobrindo as mesmas, a medida que a pesquisa avançava. Desta forma as abordagens feitas são parciais e sucessivas, tendo em vista que o tema vai se ampliando com a descoberta e análise de novos documentos, que nos permitem o aprofundamento da pesquisa.

Um fator altamente limitante e que impôs uma redução no universo de documentos pesquisados, foi o fato de que mais de 90% destes, são manuscritos alemães em caracteres góticos. Desta forma, a leitura foi penosa e a tradução necessariamente lenta. Para esta tarefa requisitamos o importante trabalho de algumas pessoas, que não só são familiarizadas com a grafia gótica, mas que também se identificam com o contexto e com a história luterana.

Foi muito pequena a parcela de documentos manuscritos com caracteres latinos. A partir de 1907-1908, uma quantidade razoável de documentos encontram-se datilografados, facilitando assim a pesquisa.

O acervo documental que nos ocupou encontra-se reunido de modo assistemático e sem catalogação, o que nos forçou a uma tarefa prévia de reconhecimento, ordenação e catalogação que ainda está em curso.

As fontes pesquisadas estão constituídas basicamente por pastas sumamente desordenadas, compreendendo relatórios pastorais, maços de correspondências diversas, livros de registros e álbuns de fotografias. Ênfase especial foi dada ao estudo dos Livros de Atas das reuniões das comunidades de Florianópolis e Palhoça, bem como aos Livros de Atas da Associação de Senhoras Alemãs de Florianópolis.

Com o objetivo de cruzar informações e buscar outras, pesquisamos no acervo do Arquivo Histórico de Joinville, na

Fundação "Casa Dr. Blumenau", no Arquivo Público do Estado em Florianópolis e no Instituto Hans Staden em São Paulo.

Frisamos também a importante contribuição que a História Oral trouxe para o trabalho, através de entrevistas com pessoas que vivenciaram diferentes momentos na vida da comunidade alemã de Florianópolis.

A seguintes hipóteses de trabalho foram adotadas para a nossa pesquisa:

a) A confessionalidade luterana, forma com a etnia alemã um conjunto fundamental para a adequada compreensão da mentalidade germânica em Florianópolis.

b) O período de maior expansão etno-histórica convive com uma evidente crise caracterizável com tendência à dispersão e afrouxamento do vínculo confessional luterano.

c) A liderança do Pastor Gruel neste contexto, resulta sistemática. Foi ele quem lançou as bases no final dos anos 60 do século XIX, que depois vieram a se afrouxar.

d) Na análise da história da comunidade, não se observa confessionalmente um ânimo coeso para manter e fazer avançar a comunidade.

e) O antagonismo entre a maioria alemã luterana e a minoria alemã católica em Florianópolis foi geralmente superada com intuito de preservar os valores etno-culturais germânicos, acima das discrepâncias interconfessionais.

f) Na sua condição de minoria étnica germânica dentro do contexto majoritariamente luso brasileiro de Florianópolis, a comunidade luterana pratica uma seclusão em defesa de seus valores nacionais. Esta prática com tendência recessiva, leva a uma marginalização em relação à cultura e sociabilidade luso-brasileira.

Entendemos ainda que o estudo que propomos, tem um espaço na historiografia catarinense e regional, contribuindo mais especificamente para a compreensão da História da Capital, visto que não há até o momento nenhum estudo do grupo germânico nesta cidade.

Pelo fato de Florianópolis ser considerada uma cidade de cultura majoritariamente luso-brasileira, os demais grupos étnicos praticamente ainda não foram considerados alvo de estudos.

Creemos ainda realizar uma modesta contribuição, trazendo à luz a temática etno-histórica, a qual entendemos como fundamental para a melhor compreensão da identidade catarinense.

C a p í t u l o I

OS ALEMÃES EM SANTA CATARINA - CONSIDERAÇÕES GERAIS

Considerações Gerais

A imigração alemã em Santa Catarina ocorre dentro do ciclo das grandes imigrações européias, no período compreendido entre 1815-1914, após as guerras napoleônicas e o início da 1ª guerra mundial.

Ao abordar o tema da imigração alemã para este Estado, entendemos ser conveniente estabelecer um conceito para a expressão que tantas vezes será utilizada neste trabalho, ou seja, "emigrante alemão". Adotaremos portanto a seguinte definição: Emigrante alemão é o indivíduo oriundo da Confederação Alemã e depois do Segundo Império, do Império Austríaco e Suíça Alemã, de língua, cultura e etnia alemã, que voluntariamente deixou seu país, sem a intenção de voltar⁽¹⁾.

A emigração em grande escala foi uma característica marcante do século XIX. A partir da terceira década desse século, a emigração foi aumentando significativamente. Em 1846, por exemplo, 60 mil alemães deixaram a pátria, atingindo o número total de 175 mil em 1852 e dois anos depois, chegava ao redor de 240 mil, somente de estados alemães, sem considerar a Austria. Após este grande número no período, houve uma retração. Novo surto pode ser constatado entre 1866-1873 e 1880-1885, decrescendo daí em diante. A maior parte deste contingente dirigiu-se para os Estados Unidos, tendo em vista ser um país predominantemente protestante. O Sudoeste da Alemanha foi a área da qual se deslocou o maior número de colonos. Além das condições econômicas e sociais, a localização às margens do Reno, facilitava o acesso aos portos transatlânticos holandeses.

Podemos distinguir três grandes fases da emigração alemã⁽²⁾. Na primeira fase (1815-1865), os emigrantes são camponeses proprietários de suas terras e pequenos artesãos, com suas famílias. Esta fase por sua vez compreende três etapas.

- 1815-1830 - Os emigrantes são praticamente todos oriundos do Sudoeste;
- 1830-1850 - São oriundos de regiões que se caracterizam por uma estrutura econômica que combina agricultura, artesanato rural e indústria caseira.
- 1850-1865 - São oriundos das regiões agrárias do Norte e Leste, com exceção da Prússia ao Leste do Elba.

Na segunda fase (1865-1895), são oriundos do Nordeste da Alemanha, constituindo-se em sua maior parte de jornaleiros, assalariados e pequenos empresários. Nesta fase é comum o emigrante solteiro ou não acompanhado de família.

(1) RICHTER, Klaus. História da Emigração Alemã para o Brasil. Manuscrito (Gentileza do autor)

(2) RICHTER. Op. cit.

Na terceira fase (1895-1914), o emigrante solteiro predomina em relação à emigração de famílias. Verifica-se um grande número de operários de indústrias neste período.

As causas principais da emigração alemã em grande escala, foram essencialmente econômicas e sociais. Por motivos políticos também houve emigração, mas comparativamente numa escala muito menor. Poucos foram os alemães que vieram para o Brasil em função do fracasso da revolução liberal de 1848-1849⁽³⁾.

A superpopulação nos estados alemães em meados do século XIX, fez com que os meios de subsistência não fossem suficientes, determinando assim grandes levadas emigratórias.

Além do fator demográfico, a legislação que determinava a partilha de terras entre os herdeiros em alguns estados alemães, ocasionava a fragmentação da propriedade em lotes cada vez menores, inviabilizando a vida da família camponesa, mesmo em época de boas colheitas. Por vezes o dote concedido a uma filha que se casava, reduzia-se a um terreno que comportava apenas uma única árvore frutífera⁽⁴⁾. Só restava a estes a emigração ou o trabalho de agregado a outro proprietário. De acordo com Willems, nas regiões do Sul e Sudoeste da Alemanha,

"depois de cada colheita má, principalmente em Baden e no Palatinado, a fome forçava milhares de sitiante alemães a emigrarem, tornando-se uma presa fácil aos agentes estrangeiros..."⁽⁵⁾.

Naqueles estados cuja legislação determinava que o filho mais velho era o herdeiro legal da propriedade (ou o mais novo, dependendo da região e da religião), a emigração foi bem menor. Na Baviera, por exemplo, os agricultores ainda tinham a possibilidade de se dedicar ao artesanato rural, como uma atividade paralela e rentável.

Com o final das guerras napoleônicas, o artesanato rural entrou em crise, pois os produtos industriais ingleses voltaram a ser comercializados na Europa, com o fim do bloqueio continental. Esta realidade resultou no colapso de muitas manufaturas, sobretudo de tecelagem. Ao lado disto, a mecanização começou a ser introduzida na indústria têxtil dentro da própria Alemanha, o que também concorreu para aumentar o número de emigrantes.

A Prússia era o estado alemão mais populoso da Confederação Alemã. Com a reorganização da economia em moldes capitalistas a partir de meados do século XIX, os latifúndios passaram a absorver em grande escala, a mão-de-obra de jornaleiros assalariados apenas para a sementeira e colheita, não gozando de qualquer direito. Esta realidade forçava muitos

(3) RICHTER. Op. cit.

(4) WILLEMS, Emílio. A Aculturação dos Alemães no Brasil. Editora Nacional, 1946, p. 55.

(5) Ibidem, p. 55.

trabalhadores rurais a emigrar. Chega-se, portanto, à conclusão, de que existe uma correlação entre os períodos de alto desemprego e crises, com o alto número de emigrantes.

A superpopulação deixa de ser motivo de emigração no último quarto do século XIX. O estudo comparativo entre aumento de produtividade e crescimento populacional, mostra que na segunda metade do século XIX, a produtividade alemã ia superando o índice de crescimento populacional. A partir de 1895, por exemplo, o aumento de produtividade supera o crescimento demográfico. A indústria com sua demanda de mão de obra conseguia absorver a população ativa.

É, portanto, dentro deste contexto que tinha lugar a imigração alemã para Santa Catarina, sendo esta uma província muito pouco povoada nas primeiras décadas do século XIX. Verificava-se sobretudo um grande vazio demográfico (branco) entre o litoral e o planalto. As concentrações populacionais (brancas) catarinenses se encontravam localizadas basicamente na faixa litorânea, no eixo São Francisco-Desterro-Laguna, e no planalto dos Campos de Lages. Entre estas duas áreas, praticamente não havia população branca, bem como na região Nordeste, que faz limite com o Paraná. Em SC não se verificava, como nas demais províncias, uma economia fundamentada no latifúndio, o que favoreceu posteriormente a imigração baseada em pequenas propriedades rurais.

Em função da instabilidade política interna do recém-criado império, foi enviado para a Europa, o major Anton Alois von Schaeffer, um ex-médico alemão radicado na corte do Rio de Janeiro, com duplo propósito: conquistar simpatias políticas para o reconhecimento do império brasileiro, e angariar soldados junto aos estados da Confederação Alemã, para formar os batalhões estrangeiros a serviço do governo brasileiro.

No entanto, havia uma estrita proibição de se contratar militares nos estados da Confederação Alemã. Para burlar este dispositivo legal, o Major Schaeffer enviava famílias de colonos junto com soldados. Enquanto estes permaneciam aquartelados no Rio, os colonos eram enviados para São Leopoldo, em sua maioria.

Cessados os conflitos em torno da independência brasileira, bem como a guerra cisplatina, deixou de ser premente a presença de grandes contingentes de soldados estrangeiros. Dada esta nova realidade, os batalhões estrangeiros foram dissolvidos. Os soldados destes batalhões foram então diluídos nos núcleos recém-fundados, que estavam recebendo colonos alemães.

Em Santa Catarina, a primeira colônia alemã - São Pedro de Alcântara - foi aí fundada em função da estrada projetada entre Desterro e Lages, que aliás era um projeto de 1792, quando o presidente da província João Alberto Miranda Ribeiro, propusera o estabelecimento de dois núcleos de povoação às margens do caminho de tropas entre Desterro e Lages.

Em 28 de novembro de 1828, partiram dois navios do Rio de Janeiro, com destino ao porto de Desterro. A bordo, estavam 146 famílias oriundas da região do Hunsrück, Sudoeste da

Alemanha. A este grupo, juntaram-se mais 112 ex-soldados dos batalhões de estrangeiros dissolvidos, perfazendo um total de 635 pessoas que desembarcaram nesta capital com destino à recém-fundada colônia de São Pedro de Alcântara, que recebera este nome em homenagem ao Imperador.

Estas famílias alemãs, todas católicas, segundo a maioria dos autores, haviam embarcado em Bremenn e eram, em sua maioria, camponeses empobrecidos, imersos numa estrutura social que ainda vivia sob o regime senhorial. Fugiam da pobreza em busca de um futuro mais promissor.

Os últimos colonos foram fixados nesta área somente em setembro de 1829, devido à lentidão administrativa, associada ao descaso e falta de recursos.

Em novembro do mesmo ano, foram acrescentados mais 54 ex-soldados a este contingente. No entanto, devido à má qualidade da área escolhida para estabelecer o núcleo, estes imigrantes em pouco tempo estavam se retirando, à procura de terras mais propícias, deixando a colônia abandonada a sua própria sorte. Esta situação se agravou quando em 1830 o governo brasileiro suspendeu todos os recursos destinados para a colonização estrangeira.

São Pedro de Alcântara, se não progrediu, teve um efeito disseminador do elemento germânico, como veremos. Em 1836 por exemplo, colonos desta área se estabeleceram na recém fundada colônia de Belchior, no Itajaí-açu. Um ano depois, pessoas que tinham abandonado esta região, fundaram Vargem Grande no vale do Rio dos Bugres. No mesmo período, outro grupo da referida colônia se fixou no Itajaí-mirim. Outros ainda se estabeleceram no vale do Tubarão e do Armazém.

No período que compreende a regência e início do segundo Império, a emigração alemã para o Brasil foi praticamente inexpressiva. Este fato deve-se principalmente às vozes que no Brasil faziam oposição à vinda de imigrantes, conseguindo vetar quaisquer gastos com a imigração, que acontecia com subsídios do governo brasileiro. Viveu-se na realidade, um período de intensa xenofobia em relação aos imigrantes. Willems, cita um artigo publicado em 1860, num jornal carioca e reproduzido em muitos outros, que revela a mentalidade vivida por um considerável número de políticos e intelectuais no Brasil.

"... os governos germânicos, compreendendo a vantagem que lhe oferecem os nossos colonizadores, em vez de oporem bem aventurados embaraços à imigração, facilitam-na por todos os modos, incitam-na, e que por efeito de suas medidas, aparece de novo agora na bela Germânia um movimento de êxodo, análogo ao que a quatorze séculos arrojou as suas bárbaras hordas sobre a Europa ocidental. Demos que este movimento se faz para o Brasil, demos que se multiplicam em nossos portos navios e navios transportando aos milhares esses colonos; dissei-nos: ao cabo de algumas dezenas de anos o que será deste nosso Brasil latino, católico, na presença desse outro Brasil germânico, protestante, em hábitos, em índole, em tudo completamente repulsivo, antagônico, ao Brasil a que pertencemos, de

que nos ufanamos? E não falaremos da discordância religiosa. Já para promoverdes a vossa colonização, profundamente feristes a constituição do Estado; reconhecestes cultos que ela declarou não deverem ser reconhecidos; e não só os reconhecestes como os assalariastes [...] E por isso, especialmente, dizemos que a colonização européia não é desejável; - porque queremos o Brasil - Brasil para todas as gerações de brasileiros, e não o Brasil, terra de lutas sangrentas das duas nações hostís [...] E agora, haverá justiça nesses favores, que a custa do contribuinte brasileiro, fazeis ao estrangeiro, que aqui queria vir estabelecer-se? Sois generosos, pagai-lhes as passagens; dai-lhes alimentos; dai-lhes terras [...] a custa de quem? Essas despesas saem do tesouro, isto é; saem da algibeira de todos nós, do pobre como do rico; ora, não tendes direito de esportular o pobre brasileiro, para socorrer a custa dele, o pobre que ides buscar na Europa. Basta esse vosso procedimento, para lançar sobre vós e sobre os colonos que trouxerdes, um desfavor, um odioso, que vai desde já fomentando sinistras rivalidades. É, pois, dizemo-vos: a colonização européia não é desejável; sem remediar a vossa lavoura na sua falta de braços, sem preparar o regime da pequena lavoura e do proprietário trabalhador, só predispõe antagonismos e rivalidades [...] o seu futuro seria guerra intestina"⁽⁶⁾.

Esta citação traduz dois tipos de sentimentos: xenofobia emocional por um lado e, por outro, uma prevenção em relação aos alemães que poderiam desenvolver-se na nova pátria, ameaçando a segurança daqueles que prosperavam as custas do trabalho servil.

Num relatório de 1844, do ministro Joaquim Marcelino de Brito, este mencionava a falta de tolerância religiosa como embaraço para a colonização estrangeira não católica. Esta intolerância repercutia na credibilidade da vida familiar destes imigrantes. Willems cita um projeto do Ministro da Justiça, de 1858, no qual este levantava a pergunta:

"... qual será o homem honrado que não hesitará em vir para o Império, se não tiver a certeza de ver nele reconhecida a legitimidade de seus filhos, se nele vir considerada como um concubinato a união que contraiu, se os filhos são ilegítimos e portanto incapazes de lhe suceder...?"⁽⁷⁾.

Nesse período em que estas discussões acontecem no Brasil, as condições para o emigrante alemão se estabelecer nos Estados Unidos eram incomparavelmente melhores, desde o baixo custo do transporte àquele país, até o início produtivo na nova pátria.

Paralelo a isto, a imprensa nos estados alemães retratava a

(6) WILLEMS, Emílio. Assimilação e Populações Marginais no Brasil. Editora Nacional, 1940, p. 134-136.

(7) WILLEMS. Op. cit., p. 230

situação difícil, às vezes desesperadora, dos emigrantes que se dirigiam ao Brasil e não viam cumprir-se as promessas feitas a eles na Europa.

Esta realidade produziu uma imagem negativa do Brasil junto à opinião pública, acrescida ainda pelo fato de que a maioria dos governos alemães, se empenhava em divulgar esta imagem negativa ao público⁽⁸⁾.

Em função da grave crise que se abateu sobre os estados alemães em 1844, com significativo aumento de preços e desemprego, criou-se um novo contexto que favoreceu a emigração alemã para o Brasil. A diplomacia brasileira estabelecida em estados alemães, passou a se empenhar no sentido de encorajar e favorecer a emigração. Dentro deste quadro, teve início em 1847, a corrente imigratória alemã para Santa Catarina. Esta, foi favorecida pela lei imperial referente a terras devolutas, datada de 1848, estabelecendo que em cada Província do Império, deveriam ser reservadas seis léguas quadradas (=9600 hectares) de terras devolutas, dedicadas exclusivamente à colonização. Estas terras não poderiam ser trabalhadas por braços escravos. O objetivo desta lei era fixar camponeses em pequenas propriedades, criando assim uma classe média rural, praticamente inexistente.

Em relação a esta questão, a província de Santa Catarina apresentava algumas características que facilitavam a imigração. Não havia aqui uma atividade econômica baseada no latifúndio escravagista. Em função da presença de açorianos desde meados do século XVIII, somada à pequena imigração alemã, italiana, francesa e belga entre 1829-1846, já havia em Santa Catarina uma incipiente colonização baseada na pequena propriedade rural.

Colonização Alemã na Região de Desterro - Florianópolis

Nos 13 anos, entre 1847-1860, foram criadas algumas colônias em SC, com imigrantes alemães. Piedade e Santa Izabel (1847), Leopoldina (1852), Teresópolis (1860). Essas colônias foram habitadas por imigrantes oriundos de estados alemães e colonos que abandonaram São Pedro de Alcântara. A colônia Piedade fora fundada pelo governo provincial, no continente, ao Norte da ilha de Santa Catarina, numa antiga armação de baleias, onde foram assentados 150 colonos alemães católicos. No entanto, esta tentativa de colonização não teve êxito. Este núcleo foi definhando rapidamente, e seis anos após à chegada dos primeiros alemães ao local, estava praticamente extinta. A má escolha dos terrenos foi a causa de não ter havido prosperidade⁽⁹⁾.

Santa Izabel, também fundada em 1847 pelo governo provin-

(8) RICHTER. Op. cit.

(9) MATTOS, Jacinto Antonio. Colonização do Estado de Santa Catarina - Dados históricos e Estatísticos (1640-1916), typ "O Dia", Florianópolis, 1917, p. 63.

cial, deveria se constituir num núcleo populacional nas margens da nova estrada Desterro-Lages (pelo vale do Cubatão). Esta colônia teve início com a distribuição de lotes a 256 imigrantes enviados à província. Nos anos seguintes, mais colonos foram se somando aos primeiros, até que, em 1860, havia uma população de 412 habitantes, dos quais 233 eram protestantes e 179 católicos. Em 1863, Santa Izabel já contava com 1057 habitantes. Foi uma colônia razoavelmente próspera, que vendia a maior parte de seus produtos no mercado de Desterro (milho, feijão, batata, banha, ovos, couros curtidos, etc.).

De acordo com a crônica do pastor Hermann Stoer sobre Santa Izabel, os imigrantes dividiram o interior da colônia em seis linhas, a saber: Linha Scharff, Rancho Queimado, Rio Bonito, Morro Chato, Taquaras e Segunda Linha. Entre 1862-1863, vieram para estas linhas somente colonos evangélicos, oriundos da Baviera, Pomerânia, Holstein, Oldenburgo, Birkenfeld e Hamburgo⁽¹⁰⁾.

Com relação ao início da Segunda Linha, Stoer menciona o documento de fundação da igreja Gustav Adolf, o qual afirma:

"...um frágil galpão de madeira foi erguido no início da colonização, nas proximidades da propriedade do Sr. Peter Küster, por onde passava uma picada para Santa Izabel [...] O galpão recebia os primeiros imigrantes que por ali tinham que passar para desbravar o sertão. Eram todos nascidos no além-mar, na velha pátria e trabalhavam como diaristas nos grandes cafezais dos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, sob um sol causticante e totalmente estranho a eles. Eram chamados "catadores de café"⁽¹¹⁾ (Grifo nosso).

Importante nessa discussão, é ressaltar a generalização dos autores, afirmando que para esta colônia, vieram imigrantes alemães apenas, não mencionando o fato de terem sido anteriormente trabalhadores nos cafezais de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Em 1869, Santa Izabel passou a distrito municipal de São José, com uma população de 1268 habitantes, dos quais 664 protestantes e 604 católicos.

A colônia Leopoldina por sua vez, estava associada ao empresário suíço Henrique Schutel, morador em Desterro. Em 1847, este iniciou uma colonização particular entre Biguaçu e Tijucas Grande, numa área que media duas léguas quadradas (= 3200 hectares). Como o presidente da província havia prorrogado o prazo para fixação de colonos, somente em 1852 foi fundada neste local a colônia Leopoldina, com o assentamento de 55 alemães, oriundos em sua maior parte da já mencionada colônia Piedade, que se encontrava em decadência. A estes juntaram-se mais tarde alguns colonos belgas.

(10) STOER, Hermann. Cronik der Pfarrgemeinde Santa Izabel der Altesten Deutsch-evangelischen Siedlung in Santa Catarina. p. 6.

(11) Ibidem, p. 6.

Também este empreendimento não prosperou, apesar da fertilidade de suas terras. A alegação de seu diretor, Henrique Schutel, era de que isso se devia às dificuldades de comunicação e o constante medo do ataque dos bugres. Em pouco tempo, este núcleo fundiu-se com as demais colônias próximas, notadamente São Pedro de Alcântara⁽¹²⁾.

Em 1859, o Governo Imperial comunicava ao presidente da província, que remeteria para SC, mais 40 famílias alemãs, ordenando a criação de nova colônia. Desta forma foi demarcada a área de Teresópolis, a 5 quilômetros de Santa Izabel. No ano seguinte, as 40 famílias se estabeleceram sob a direção do súdito alemão Teodoro Todeschini.

Em 1861, Teresópolis contava com 622 habitantes, dos quais 516 protestantes e 106 católicos. A colônia Teresópolis teve um progresso significativo, tanto que em 1869 sua população era de 1694 habitantes, passando a distrito municipal de São José. Sua produção agrícola, similar à da vizinha Santa Izabel, também era comercializada na capital.

Apesar da boa produção agrícola, as colônias de Santa Izabel e Teresópolis não chegaram a se constituir grandes núcleos coloniais alemães. A situação topográfica acidentada, os lotes demarcados com área não superior a 30 hectares (quando o ideal eram lotes de 80 a 100 hectares para cada família), fizeram com que estas colônias atingissem rapidamente seu limite de crescimento.

O Núcleo de Joinville

Os grandes centros de colonização alemã em SC, só vieram a existir com a fundação de Blumenau e Joinville, em 1850 e 1851, respectivamente. Isto se deveu às atividades empreendidas pelo colonizador particular Dr. Hermann Otto Bruno Blumenau e pela "Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo." Esta última foi uma das empresas melhor sucedidas na atividade de emigração para SC.

É necessário considerar nesta discussão, que a cidade livre hanseática de Hamburgo, com o maior porto dos estados alemães, dispunha então das melhores condições para o empreendimento colonizador no Brasil. Também torna-se importante nesta abordagem, levar em conta que após a independência, as relações comerciais entre o Brasil e Hamburgo foram bastante intensificadas. O balanço comercial era no entanto negativo para Hamburgo. Açúcar e café eram os principais produtos importados do Brasil, sendo que os produtos manufaturados exportados por Hamburgo, sofriam a concorrência da produção inglesa. Desta forma, comerciantes e armadores hamburgueses, nem sempre conseguiam carregar seus navios na travessia transatlântica para o Brasil. A partir desta realidade, passaram então a cogitar a possibilidade de agilizar a emigra-

(12) MATTOS, Jacinto Antonio. Op. Cit., p. 106.

ção. Os emigrantes passariam a ser então a "carga" na viagem de ida, para o Brasil, com um bom lucro pela venda de passagens.

Com esta perspectiva estabeleceu-se em Hamburgo, o comitê provisório de uma "Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães no Sul do Brasil" (maio de 1846). Em outubro desse mesmo ano, este comitê fundou a "Sociedade de Promoção da Imigração para o Sul do Brasil", da qual participavam 20 empresas comerciais de porte da cidade de Hamburgo. Algumas destas já tinham certa relação comercial com o Brasil. Esta "Sociedade de Promoção da Imigração para o Sul do Brasil", no início de 1847 começa a estabelecer negociações com o Príncipe de Joinville (filho de Luiz Felipe da França), casado com a irmã de Dom Pedro II, Dona Francisca. Estes, haviam recebido como patrimônio dotal, vastas extensões de terras nas imediações da cidade de São Francisco do Sul, que foram demarcadas entre 1845-1846. As negociações no entanto não tiveram êxito, pois o Príncipe não se dispunha a conceder uma área neste local, conforme era a proposta da Sociedade Hamburguesa. Com o início dos movimentos revolucionários de 1848, a atenção voltou-se muito mais para estes movimentos do que para o empreendimento colonizador de SC. Assim sendo, a Sociedade de Promoção da Imigração para o Sul do Brasil foi liquidada ainda em 1848.

No entanto, os levantes revolucionários de 1848 na França, determinaram a fuga da família real para a Inglaterra, incluindo o Príncipe de Joinville e sua esposa Dona Francisca. Devido a necessidades financeiras próprias do momento conturbado, o Príncipe de Joinville agora toma a iniciativa de ceder parte de suas terras na província de Santa Catarina, para colonização. Estas terras não seriam vendidas, mas sim cedidas sob a condição de que fossem colonizadas o mais rápido possível. Em função então desta colonização, o Príncipe esperava uma boa valorização de suas terras adjacentes a essa colônia, as quais posteriormente seriam colonizadas por sua iniciativa.

Diante desta perspectiva, o Príncipe enviou a Hamburgo como seu representante plenipotenciário o engenheiro Léonce Aubé, com o propósito de reatar as negociações. Tendo em vista que os ex-sócios da Sociedade liquidada não demonstravam mais interesse por este negócio, ele foi assumido pessoalmente pelo empresário e Senador de Hamburgo, Christian Mathias Schroeder, que já mantinha relações comerciais com o Brasil, mas num volume decrescente, daí seu interesse no empreendimento colonizador nesta província.

As negociações entre Léonce Aubé e Christian Mathias Schroeder, culminaram na assinatura de um contrato em maio de 1849, que possibilitou o início da Colônia Dona Francisca. Após a assinatura deste contrato, a empresa "Christian Mathias Schroeder & Cia" reuniu mais cinco empresas comerciais de Hamburgo, visando à formação de uma sociedade de acionistas.

Esta sociedade admitiria colonos probos, capazes de pagar à vista, pelo menos um hectare de terra, que pagassem inteiramente suas passagens, que tivessem enfim um determinado

capital disponível. Com o passar do tempo ficou claro que estas exigências inviabilizariam uma colonização em grande escala. Diante disto, a Sociedade possibilitou que os colonos pagassem sua passagem e a compra do lote, ao longo de prestações. Em 1850 foram demarcados os primeiros lotes, formando-se o primeiro núcleo com algumas famílias, enquanto em Hamburgo organizava-se o embarque da primeira leva de imigrantes. Em dezembro de 1850, o barco "Colón" (norueguês) fretado pela Sociedade Colonizadora, parte de Hamburgo, chegando à nova colônia em 09 de março de 1851. Esta primeira leva era constituída por 118 pessoas oriundas em sua maioria da Suíça e Oldemburg.

Constituiu-se definitivamente em junho de 1851, com a integralização do capital necessário, a "Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo". Até 1855 a Sociedade enviara em torno de 1700 colonos para Dona Francisca. Oito anos após o início dessa colônia, em 1859 portanto, já havia uma população de 2475 habitantes, dos quais 2024 eram protestantes e 446 católicos. Dona Francisca superava as demais colônias em termos de indústrias emergentes e manufaturas. Apenas São Leopoldo, no RS, a superava neste aspecto.

A partir de junho de 1855, através de um contrato, o governo brasileiro passava a subvencionar a atividade colonizadora da Sociedade. O contrato estipulava uma série de exigências voltadas à melhoria da colônia, que deviam ser executadas pela Sociedade. Este contrato estabelecia ainda, que a construção das igrejas, tanto católica como protestante, seria financiada pelo governo, bem como as escolas e os honorários dos sacerdotes e professores.

Dona Francisca tornou-se município em 1866, sendo elevada a cidade em 1877, com uma população de 1670 habitantes na sede.

Com a entrada de 1205 imigrantes em 1873 (1004 alemães, 127 austríacos, 74 de outras nacionalidades), a colônia experimenta o seu pico máximo de imigrante/ano, entrando em nova fase.

Em consequência do grande número de recém-chegados, esgotaram-se os lotes disponíveis adequados à agricultura. Fazia-se necessário a aquisição de novas áreas para assentar os colonos. Desta forma, em setembro de 1873, fundou-se a Colônia Agrícola São Bento. Dez anos depois São Bento se emancipava com uma população de 2700 habitantes, sendo a maioria oriunda da Boêmia. Eram trabalhadores rurais e muitos tinham sido operários na indústria de vidros.

De acordo com Willems os teutos nesta colônia absorveram os polonêses e franceses. No início do século XX, os filhos destes se expressavam em alemão⁽¹³⁾.

Durante os anos 1850-1888, a Sociedade encaminhou para a colônia Dona Francisca, um total de 17408 imigrantes, de todas

(13) WILLEMS, Emilio. Aculturação, p. 256

as idades. Desse universo, 12911 eram lavradores; 2288 artesãos; 562 operários e 1647 de profissões diversas. Levando em conta a nacionalidade, 12290 eram alemães; 3224 austríacos; 1894 de outros países, principalmente escandinavos e suíços. Em termos de confissão religiosa, predominavam os protestantes, com 11.944 membros, enquanto 5.430 eram católicos.

Por uma série de razões, a "Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo" experimentava em 1890, a exaustão financeira e ficava evidente a impossibilidade de continuar o projeto colonizador em Santa Catarina, suspenso em maio do mesmo ano. Restava a fusão com alguma empresa que dispusesse de capital. Esta fusão aconteceu a partir do consórcio formado por duas das três maiores companhias de navegação transatlântica da Alemanha, o "Lloide Norte-Alemão" de Bremen e a "Companhia Hamburguesa Sulamericana de Navegação a Vapor" de Hamburgo, juntamente com algumas fortes casas de comércio ligadas com o Brasil. Essa fusão originou a "Sociedade Colonizadora Hanseática" (1897), que daria continuidade no processo colonizador alemão neste Estado. Ainda em 1897, a nova Sociedade estabeleceu a Oeste de Joinville, a colônia de Itapocu, denominada depois Hansa, com a sede em Humboldt (Corupá). Da mesma forma estabeleceu a Oeste do município de Blumenau, a colônia Hercílio, mais tarde Hammonia (Ibirama). Em 1904 foi criado um segundo núcleo da colônia Hammonia, com 13 famílias suíças, nas margens do rio Krauel, no local denominado "Neu Zürich" (Nova Zurique), hoje Presidente Getúlio. Ainda na colônia Hammonia, no alto do Rio Krauel, fixaram-se em torno de 100 famílias, entre 1925-30. Eram menonitas russos de origem alemã e constituíram os núcleos de Witmarsun e Dona Ema, com um modelo econômico cooperativista.

O projeto inicial da Sociedade Colonizadora Hanseática era de estabelecer até seis mil colonos europeus por ano em SC. No entanto, este número previsto para um ano não foi atingido em quase vinte anos de atividades da sociedade. Os motivos foram vários, sendo que um dos mais importantes, foi a falta de incentivos prometidos pelo governo federal, somando-se a isto, a queda geral da imigração para o Brasil.

O Médio Vale do Itajaí-açú

Conforme já fizemos referência anteriormente, a colônia Blumenau é um marco da presença germânica em SC. O início desta se relaciona mesmo que indiretamente, com a Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães no Sul do Brasil, estabelecida em Hamburgo em 1846. Esta empresa havia contratado o Dr. Hermann Blumenau, para vir ao Brasil, explorar regiões promissoras à colonização. No período 1847-1848 Hermann Blumenau esteve no RS e SC visitando colônias alemãs. A partir de janeiro de 1848, passou a explorar o vale do Itajaí-açu, onde já existia a colônia Itajaí, com diversos colonos alemães. A decisão de Hermann Blumenau foi de fundar novo núcleo a Oeste desta.

Hermann Blumenau estabeleceu contatos então com o presidente da província, solicitando concessão de terras na região do

Itajaí-açu. No início houve apoio ao projeto. Mais tarde esse apoio foi retirado. Desta forma, Hermann Blumenau associou-se com o comerciante alemão radicado em Desterro, Ferdinand Hackradt, formando assim uma empresa colonizadora, sob a razão "Blumenau & Hackradt", adquirindo uma gleba no local desejado. Enquanto F. Hackradt preparava o local para assentar os primeiros colonos, Hermann Blumenau se dirigia à Alemanha, com o propósito de reunir colonos para o início do empreendimento. Entretanto, em pouco tempo, Ferdinand Hackradt veio a separar-se da empresa.

O início não era promissor, visto que em 1850 apenas 17 imigrantes chegaram à colônia e no ano seguinte apenas oito. De acordo com Mattos, o núcleo foi efetivamente estabelecido em 1852, quando foram vendidos os primeiros lotes de terras e formado o fundo pecuniário, obedecendo o programa que tinha sido publicado na Alemanha no ano anterior⁽¹⁴⁾.

Em um relatório de 1877, o Dr. Blumenau afirmava:

"Em 28 de agosto próximo passado perfaz um quarto de século que a colônia Blumenau foi fundada e efetivamente estabelecida, tendo, na mesma data do ano de 1852, o fundador vendido aos seus primeiros imigrantes alemães, entrado um pouco d'antes, no número de 69, em hasta pública, os primeiros 11 lotes de terras e formado fundo pecuniário na importância de 117\$000, em conformidade com o programa da nova colônia, publicado na Alemanha em 1851, o fundamento originário da Caixa da Colônia, instituição esta que ainda hoje (1877) existe e exerce na colônia sua benéfica e fecundante ação" ⁽¹⁵⁾.

Até 1853 haviam desembarcado 163 imigrantes, sendo que a maioria não reunia recursos para comprar os seus lotes. Assim sendo, muitos lotes foram simplesmente distribuídos. Estes primeiros imigrantes eram oriundos da Prússia, Brunswick, Hannover, Holstein e Saxônia. Mais tarde chegaram jornaleiros rurais da Pomerânia. Em função de terem vindo um bom número de artesãos, a colônia desde o seu início desenvolveu um artesanato diversificado, juntamente com uma indústria caseira incipiente. A produção agrícola em pouco tempo superou o necessário para a subsistência, podendo exportar excedentes.

Ainda de acordo com Mattos, em 1855 Blumenau sofreu grande enchente, que destruiu grande parte das lavouras constituídas e perturbando sobremaneira a vida na colônia⁽¹⁶⁾.

Levando em conta que a maioria dos lotes não haviam sido pagos à vista, em 1855 Hermann Blumenau passou por difícil situação financeira que o levou a solicitar auxílio ao governo imperial, o que lhe foi concedido. Dada a dificuldade financeira da colônia, a pedido de Hermann Blumenau, em 1860 o Governo Imperial Brasileiro assumiu a colônia, me-

(14) MATTOS, Jacinto Antonio. Op. Cit., p. 115.

(15) Ibidem, p. 115.

(16) Ibidem, p. 116.

diante pagamento de cento e vinte Contos de Reis, ficando Hermann Blumenau como seu diretor até 1882.

Torna-se importante observar aqui, que tanto Joinville quanto Blumenau, como colônias particulares, necessitaram de auxílio financeiro para continuar seu empreendimento colonizador. Este fato indica a necessidade de revisão da tese que aponta para a iniciativa privada como razão do sucesso destas colônias.

No decênio 1850-1859 haviam entrado 947 imigrantes, enquanto no decênio seguinte (1860-1869) a colônia recebeu 3514 colonos, sendo a população total em 1869, de 5985 habitantes, dos quais 4932 protestantes e 1053 católicos.

Blumenau emancipou-se em 1880 através de decreto do governo provincial, criando o novo município. De acordo com Willems, dois anos após sua emancipação, Blumenau contava com uma população em torno de 16380 habitantes⁽¹⁷⁾. Destes, 71% falavam o alemão, 17,7% falavam italiano, 8,6% português e 1,7% outras línguas.

Nesse mesmo ano foram registrados na colônia, 632 nascimentos e 136 óbitos. Willems afirma ainda em relação à assimilação cultural, que em 1927, 40% da população de Blumenau indicava o português como língua materna, 40% o alemão, 20% o italiano, 116 pessoas falavam polonês, 4 falavam russo e 12 falavam outras línguas. Estes dados revelam um rápido processo de assimilação cultural. A tabela 1 mostra o contingente de estrangeiros vindos para Blumenau, até o ano de 1899, conforme Willems evidencia em sua obra.

TABELA 1 - Imigrantes em Blumenau até 1899

Nacionalidade	Numero
Alemães	9883
Austriacos	1649
Teuto-russos	3911
Italianos	1363
Tirolezes	641
Húngaros	708
Poloneses	301
Suecos	164
Belgas	144
Suiços	54
Norteamericanos	30
Espanhois	19
Franceses	16
Brasileiros	14
Holandeses	9
Dinamarqueses	5
Luxemburgueses	3
Grego	1

Fonte: Emilio Willems, 1940.

(17) WILLEMS, Emilio. Op. cit., p. 146.

Vale do Itajaí-mirim

A colônia Brusque, antiga colônia Itajaí, fundada pelo presidente da província Francisco Carlos de Araújo Brusque, por ordem do Governo Imperial, foi a única que desde o seu início recebeu maioria de imigrantes católicos. Eram oriundos de Baden, região católica. No final de 1863, a colônia Brusque tinha uma população de 955 habitantes, sendo 668 católicos e 287 protestantes. Também Brusque recebeu um bom número de artesãos, destacando-se então na produção de variado artesanato e pequenas indústrias caseiras. A colônia foi dirigida pelo Barão de Schneeberg, antigo oficial de cavalaria austríaco, entre 1860-1868⁽¹⁸⁾.

Nos três primeiros anos, esta colônia já havia sido assolada por duas enchentes(1861-1862), que a danificaram em muito. Em 1867, a colônia tinha 1448 habitantes, divididos em 275 famílias. Deste contingente, 944 eram católicos e 454 eram protestantes, predominando a nacionalidade alemã⁽¹⁹⁾.

Sete anos após(1874), contava com uma população de 2891 habitantes, sendo 2417 alemães, 57 de outras nações européias, e 417 brasileiros. Em função desta colônia receber muitos imigrantes procedentes de estados alemães do Norte, com maioria luterana, a supremacia de católicos sobre protestantes não era tão acentuada, constituindo-se então de 1545 católicos e 1346 protestantes. A emancipação deste núcleo, ocorreu em 1881.

Não nos é possível, nem é objetivo neste quadro geral sobre os alemães em SC, tratar dos inúmeros núcleos secundários, onde os imigrantes alemães estabeleceram focos, cuja expansão demográfica contribuiu consideravelmente para o povoamento de Santa Catarina. Fato é que em maior ou menor intensidade, o elemento germânico se espalhava por quase todas as regiões do estado. Digno de menção ainda, é a imigração alemã para o Sul de SC, onde o vale do rio Tubarão foi colonizado em parte pelo menos, por alemães, predominando ali o contingente católico. Da mesma forma, o Oeste catarinense também recebeu considerável número de teutos, estes vindo em sua maioria das antigas colônias alemãs do Rio Grande do Sul.

A construção da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande, também atraiu muitos teutos para o Vale do Rio do Peixe.

Aspecto Associativo

Em relação aos alemães em Santa Catarina, assim como para o restante do Brasil, é comum à maioria dos autores, enfatizar o espírito solidário e associativo entre os germânicos. Examinando o relato de viajantes, como Lallemand e Wappaus, en-

(18) MATTOS, Jacinto Antonio. Op. Cit., p. 87.

(19) Ibidem, Op. Cit., p. 89.

contramos descrições que acentuam o trabalho cooperativo entre imigrantes especialmente nas tarefas iniciais que eram comuns a todos, tais como a derrubada da mata, construção de escola e igreja. Em relação a este aspecto, Maria L. R. Hering (20) registra a existência em SC, do sistema laboral na Alemanha denominado "Bittarbeit" e que aqui recebe o nome de "juntament". Há portanto certo consenso entre os autores, apontando para um acentuado desenvolvimento do cooperativismo em áreas de colonização alemã. As várias sociedades, como o "Kulturverein", estariam apontando para este espírito de solidariedade e capacidade de organização.

Cabe destacar, no entanto, que outros autores tendo estudado o mesmo fenômeno em Santa Catarina, mostram que os imigrantes não se constituíram em um bloco coeso e monolítico conforme normalmente se pensa. Muitas facções e rivalidades também foram percebidas entre os teutos.

É necessário considerar nesta discussão, que um grande número de imigrantes chegou em Santa Catarina antes da unificação dos estados alemães (1871). Assim sendo, eram cidadãos de Baden, da Prússia, etc. e a unificação era algo distante do qual tomavam pouco conhecimento. As rivalidades regionais portanto, continuavam acesas e eram vividas também nas colônias. A unificação não conseguiu acabar com o acentuadíssimo regionalismo dos alemães, prolongando assim os antagonismos políticos, sócio-econômico e cultural (linguístico-religioso) entre os vários estados.

Considerando a complexidade de fatores que envolviam a imigração para uma terra longínqua e estranha, seria natural esperar a solidariedade dos imigrantes mais antigos para com os novos. Enquanto aqueles já eram conhecedores da nova realidade, relativamente ambientados ao novo contexto, estes estavam expostos a todo tipo de adversidades num meio estranho.

Willems no entanto afirma a este respeito que:

"...não há indícios de que esta solidariedade ajustadora tenha sido uma qualidade muito comum entre imigrantes alemães. A freqüência com que ocorriam cisões e dissidência na vida associativa econômica, religiosa, recreativa e educacional dos teutos, mais ainda, as dificuldades que imigrantes novos geralmente encontravam para estabelecer o seu 'modus vivendi' que a própria situação lhes sugeria, demonstravam o baixo grau de solidariedade em confronto com italianos e, sobretudo japoneses" (21).

O mesmo autor afirma que em 1853, a Sociedade Germânica não se interessava pela sorte dos prisioneiros alemães e que alemães mais abastados descuidavam de seus patrícios po-

(20) HERING, Maria Luiza Renaux. Colonização e Indústria no Vale do Itajaí. Blumenau, Editora da FURB, 1987, p. 28-29.

(21) WILLEMS, Emilio. Op. Cit., p. 101.

bres⁽²²⁾.

Estudos existem, apontando para os fracos laços de solidariedade, especialmente entre alemães recém-imigrados e alemães imigrados há mais tempo, ou teuto-brasileiros⁽²³⁾. Willems chega a afirmar que em certas circunstâncias, havia uma "atmosfera de desconfiança generalizada e uma luta estéril de todos contra todos..."⁽²⁴⁾. O alemão recém-imigrado devia prevenir-se contra todo tipo de fraudes, ao comprar ou vender algo. Da mesma forma, o espírito cooperativista sucumbia diante da possibilidade de vantagem imediata.

Em torno ainda desta questão, afirma este autor que, a partir de um diário de um colono de Dona Francisca, é possível saber que em 1864, as "cem pessoas da fina sociedade" estavam divididas em quatro facções rivais que se hostilizavam reciprocamente. Citando um calendário alemão ("Uhles Illustrierter Deutsch-brasilianischer Familien-Kalender") de 1912, Willems afirma que o imigrante recém-chegado ouvia dizer que "aqui na mata virgem, o melhor era não ter vizinho nenhum" ⁽²⁵⁾.

Entendemos que estas duas realidades para as quais apontam os autores, coexistiram simultaneamente, em maior ou menor intensidade, de acordo com a região, circunstâncias, etc. No entanto, dada a complexidade de variáveis que envolvem o assunto, cabe um estudo posterior para melhor compreender a questão.

Repatriamentos

Consideramos ainda digna de nota na abordagem deste tema, a realidade dos repatriamentos de muitos imigrantes alemães. De maneira geral, os autores que abordam o tema da imigração alemã, o fazem na maior parte das vezes ignorando que muitos imigrantes tão logo que puderam, retornaram à Alemanha. Entre as diversas razões para isto, enumeramos o não cumprimento das promessas feitas na Europa por parte dos agentes a serviço do Império (especialmente o não pagamento das diárias), as dificuldades próprias do meio, dificuldades de comunicação, escoamento da produção, a carência de escola para os filhos, constituíam boas razões para retornar. Outros no entanto, mesmo desejando o retorno à velha pátria, não mais podiam fazê-lo. Haviam investido todas as suas economias no Brasil e estavam impossibilitados de retornar. Na região de Corupá por exemplo, a empresa de colonização vendia terras por 36 a 44\$000 o hectare, terras estas que havia adquirido por 1\$500, cobrando juros de 6% a partir do segundo ano.

(22) Ibidem, p. 100-101.

(23) SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e Identidade Étnica. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

(24) Willems, Emilio. Op. Cit., p. 101.

(25) Ibidem, p. 101.

Também esta realidade intensificava os repatriamentos⁽²⁶⁾.

Mesmo imigrantes antigos que se supunha habituados às lides na nova pátria, voltavam à Alemanha em maior número do que se pensa. Poderíamos apontar como dado significativo a respeito deste assunto, o fato de que dos aproximadamente seis mil imigrantes que haviam entrado na colônia dona Francisca até 1864, quatro mil já haviam se retirado⁽²⁷⁾, o que não significava necessariamente retorno à Europa.

Os relatórios da Sociedade Germânica de Associação Beneficente do Rio de Janeiro, permitem uma idéia aproximada deste desejo de repatriamento.

Em dois anos apenas (1875-1877) esta Associação Beneficente aumentou em quase cinco vezes o valor destinado a auxiliar imigrantes que desejavam retornar à Alemanha. Em 1907, os recursos da Associação não eram mais suficientes para auxiliar a grande procura. Dezessete anos depois, em 1924, em torno de dez mil imigrantes deixaram o Brasil retornando a Alemanha, sendo que neste mesmo ano haviam entrado 22168 alemães no país⁽²⁸⁾.

Com o advento e propagação do Nacional Socialismo, detectam-se casos isolados de imigrantes alemães que desejam repatriar-se por motivos ideológicos, uma vez que estavam instalados há longos anos em solo brasileiro e eram economicamente bem sucedidos. É o caso por exemplo de Paulo White, morador em Cruzeiro (Joaçaba), que escreveu a familiares na Alemanha em 1938, pedindo informações e auxílio para voltar a Alemanha e lá se estabelecer como agricultor, sugerindo a ocupação de terras cujo proprietário fosse judeu. Seu desejo de retornar fundamenta-se principalmente na idéia de "legar aos nossos descendentes a nossa nacionalidade e os nossos costumes e, com isso, cumprir o mais sacro dever de todo alemão consciente..."⁽²⁹⁾ (Grifo nosso).

O Trabalho

Considerando a imigração alemã em SC sob o aspecto econômico, alguns autores atribuem uma maior concentração de capital em mãos dos protestantes. Pesquisadores têm detectado significativas diferenças econômicas entre protestantes e católicos teuto-brasileiros, apontando para regiões onde predominavam os protestantes, como sendo mais prósperos⁽³⁰⁾. Esta diferenciada concentração de capital, podia ser observada ainda nos estados de origem dos imigrantes. Em Baden por exemplo, protestantes recolhiam o dobro do valor em impostos, quando comparados com o valor recolhido pelos cató-

(26) Ibidem, p. 98.

(27) Ibidem, p. 99.

(28) Ibidem, p. 100.

(29) Ver a carta a Paulo White na integra, no anexo I

(30) WILLEMS, Emilio. Op. cit., p. 359.

licos na mesma região⁽³¹⁾.

A argumentação de que teutos protestantes são mais prósperos que teuto-católicos, é frequentemente utilizada para explicar o desenvolvimento econômico significativo, no vale do Itajaí, particularmente Blumenau. Willems, escrevendo em 1946, menciona que entre 25 famílias teuto-brasileiras ricas domiciliadas em Santa Catarina, só uma era católica. Enfatiza este autor ainda que o significado especial desta constatação, reside no fato de que as chances iniciais no processo competitivo, foram praticamente idênticas para católicos e protestantes⁽³²⁾.

Pensamos que a concepção de trabalho, era parte integrante do patrimônio cultural trazido da Alemanha e esta, foi bastante distinta para os dois segmentos de imigrantes a que nos referimos.

Em relação aos protestantes, uma concepção de trabalho mais laicizante, é um componente a ser considerado na tentativa de compor um quadro explicativo desta complexa questão. Cabe salientar porém, que a tese da religiosidade protestante como fator de enriquecimento, precisa ser revista diante do empobrecimento atual dos luteranos de origem germânica.

Apologia da Imigração Alemã

Sem pretender nesta dissertação focalizar um tema tão abrangente, caberia no entanto lembrar que a presença germânica no Brasil e em Santa Catarina, não levanta somente reações xenófobas como o artigo antes transcrito. Podemos perceber amiúde, discursos que manifestavam uma simpatia hiperbólica em relação aos alemães. Dado o grande número de apologetas do elemento germânico, seria impossível esgotar aqui o tema.

Como exemplo, poderíamos lembrar que por ocasião das comemorações do centenário da imigração alemã em Santa Catarina (1929), Affonso de Escragnolle Taunay referiu-se aos imigrantes alemães e seus descendentes como "representantes desta colonização benemérita". Ao abordar a colonização no vale do Itajaí, o autor afirmava que o elemento germânico, pelo seu "labor sobrehumano" e por eles serem "alheios ao desânimo", tornaram este vale próspero e fecundo. Segundo Taunay, o que a colonização alemã realizou em Santa Catarina, é motivo de orgulho para todo o Brasil⁽³³⁾.

Numa carta escrita a um amigo e publicada no "Blumenauer Zeitung", em 03 de maio de 1884, o Visconde de Taunay afirmava:

"A colonização allemã, para mim, é a melhor debaixo

(31) Ibidem. p. 359.

(32) Ibidem. p. 360.

(33) TAUNAY, Affonso E. Os Alemães nos Estados do Paraná e Santa Catarina, 1829-1929. Edição Comemorativa, p. 191-192.

de muitíssimos pontos de vista. Com ela é que desejo formar o fundo da nacionalidade Brasileira"⁽³⁴⁾.

No mesmo ano(1884), quando de sua "Fala" à Assembléia Legislativa Provincial, o Presidente Luiz da Gama Rosa, enaltece o potencial germânico, ao afirmar que estes, são exemplo de estímulo para o empreendimento industrial, que é próprio da civilização moderna. Refere-se o Presidente à raça germânica, como "... grande e superior, que possui irresistível tenacidade..." e que devido a estas características, "...criou em nossos desertos, centros de poderio, civilização e riqueza..."⁽³⁵⁾.

Outro grande defensor do germanismo em Santa Catarina, foi, sem dúvida, o jornalista Crispim Mira(1880-1927), cujo pensamento traduz a grande simpatia de um bom número de políticos em Santa Catarina e no Brasil⁽³⁶⁾.

Num opúsculo deste jornalista, publicado em 1914 sob o título "O Deputado Irineu Machado versus Alemanha" ele fazia uma apologia da Alemanha e dos alemães, afirmando que "ninguém é melhor chefe de família que elle, ninguém zela mais e de maneira mais efficiente pela prosperidade do lar [...] é um typo honrado, obediente e bom [...] Não é caloteiro, não é ocioso, jamais cultiva o regimen das futilidades. Aos filhos somente tem um caminho a apontar - o do cumprimento do dever - sem que lhes seja lícito claudicar [...] O allemão é sobretudo um indivíduo que vive para o trabalho e muito especialmente para a tranquilidade de sua família..."⁽³⁷⁾.

A partir da experiência com imigrantes alemães em São Leopoldo-RS(1824) e Nova Friburgo-RJ(1825), havia certo consenso por parte de muitos, de que o elemento mais conveniente para o Brasil, era o alemão, quando comparado com experiências colonizadoras feitas com representantes de outros povos.

Esta breve visão geral dos primórdios da implantação das comunidades germânicas em Santa Catarina, permite-nos mais concretamente fazer referência às origens institucionais do luteranismo neste Estado.

(34) TAUNAY, Visconde. Citado por Gottfried Entress, na obra Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier. Florianópolis, 1929, página de rosto.

(35) CÂMARA, Lourival. Estrangeiros em Santa Catarina. Separata da "Revista de Imigração e Colonização", Ano I, nº 4, out. 1940, p. 26.

(36) VEGINI, Edmundo. A personalidade Histórica de Crispim Mira e a Regeneração Nacional pela Ética Germânica do Trabalho. Dissertação de Mestrado, UFSC, 1984.

(37) Typ do Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1914.

C a p í t u l o I I

COLÔNIA ALEMÃ DE DESTERRO - FLORIANÓPOLIS

COLÔNIA ALEMÃ DE DESTERRO - FLORIANÓPOLIS

A presença de alemães na Ilha de Santa Catarina, remonta aos primórdios da descoberta do Brasil pelos portugueses. Pelo fato de situar-se na rota do Prata e Cabo Horn, a ilha foi visitada por um grande número de navegadores e viajantes europeus, em missões científicas ou não.

O lendário Hans Staden por exemplo, aportou na ilha no dia 25 de novembro de 1549, aí permanecendo por dois anos⁽¹⁾. Nesse período traçou aquele que provavelmente tenha sido o mais antigo mapa da mesma. No primeiro quarto do século XIX, vários foram os viajantes alemães ou de outras nacionalidades, mas a serviço de estados alemães, que aqui se detiveram. Ancoraram na ilha de Santa Catarina, navegadores tais como: Heinrich Trachsler(1828), Georg Heinrich von Langsdorff(1803), Adam Johann von Krusenstern(1803), Adalbert von Chamisso(1815), Otto von Kotzebue(1815) e outros. Vários deles nos legaram importantes descrições da ilha, que era muito conhecida no círculo científico europeu. O diplomata suíço Johann Jacob von Tschudi escrevendo em meados do século passado afirmou que "a Ilha de Santa Catarina foi na primeira metade deste século, o ponto favorito da circunavegação científica mundial, e, por isso, sua flora e fauna eram bastante conhecidas..."⁽²⁾.

Outro importante relato que evidencia a atração da Ilha sobre intelectuais e viajantes europeus, é do escritor alemão Frederico Gestäcker, autor de romances, nos quais descrevia as suas viagens pelo mundo. Em 1863, escreveu sobre suas experiências em dezoito meses que esteve na América do Sul, período no qual visitou diversas colônias alemãs. Neste trabalho o autor referia-se a esta Ilha da seguinte maneira:

"...Santa Catarina sempre fora, de forma excepcional, desde minha mocidade, a principal meta de meus planos de viagem, sem que até agora tivesse podido realizar meu sonho de conhecê-la [...] Santa Catarina a muito morava em meu coração [...] e quando eu, por fim, depois de uma longa e cansativa cavalgada, vi-a a distância, envolta em neblina, senti como se realmente se concretizasse e adquirisse vida, uma velha lenda dos tempos de juventude..."⁽³⁾.

Conforme o mesmo autor,

-
- (1) NIEMAYER, Ernesto. "Os Alemães no Brasil - Santa Catarina" in: Os Alemães nos estados do Paraná e Santa Catarina(1829-1929).
 - (2) Ibidem, p. 82.
 - (3) SILVA, J. Ferreira(tradução). "Um escritor Alemão em SC." in: Blumenau em Cadernos. Tomo XII, Março 1971, nº 3, p. 43-44.

"... por aqui, em toda parte se encontram espalhados moradores alemães; em grande parte gente que para aqui veio às custas do governo e que depois abandonou as colônias para se estabelecer a seu bel prazer, onde melhor lhe parecesse"(4).

Mais adiante, afirma que na cidade encontrara um certo número de alemães, que eram muito estimados e respeitados. Tratava-se de profissionais de diversas áreas, como médicos, negociantes e artesãos. Estes últimos procediam das colônias alemãs próximas a Desterro. Haviãam tido bom êxito em seus ofícios e se estabeleceram na cidade.

Gestäcker menciona ainda, que vivia aqui um pintor alemão, ainda moço, que havia deixado o seu ateliê em Dresden, para estudar e retratar a natureza do Brasil. Examinando os escritos de Cabral, concluímos tratar-se de Joseph Brügemann(5). Este havia sido convidado pelo Dr. Blumenau, para pintar aspectos da colônia, mas logo a deixou, vindo para a capital, em razão do seu gosto e estilo por retratar paisagens abertas. Desterro, portanto, dada a sua paisagem lhe proporcionava a inspiração necessária para a sua obra. De acordo com Cabral, esteve na capital por volta de 1866, pois assina quadros dessa época.

A presença de alemães residentes em Desterro, deve necessariamente ser relacionada com a fundação da primeira colônia alemã no estado de Santa Catarina, São Pedro de Alcântara (1829). Logo que chegaram a Desterro, foram levados a Armação da Lagoinha, onde permaneceram por algum tempo. Conduzidos de volta à capital, foram alojados no quartel militar do Campo do Manejo(6).

A permanência em Desterro se estendeu por três meses (07 de novembro de 1828 a 11 de fevereiro de 1829). Após este período, foram levados a São José, onde ainda tiveram que aguardar em torno de dois meses para que pudessem chegar ao destino. A razão desta demora, estava no fato de que seus lotes ainda não haviam sido demarcados. Possivelmente no transcurso deste período, alguns destes imigrantes já ficaram. Das 146 famílias que se destinavam a São Pedro de Alcântara, 14 permaneceram na ilha e arredores(7).

Esta afirmação pode ser parcialmente comprovada, ao se examinar a lista destes imigrantes e a data em que partiram para a colônia São Pedro de Alcântara. Procedendo-se o cruzamento das informações da obra de Wappaus, com o relatório apresentado pelo Engenheiro Agrônomo, Inspetor Agrícola da

(4) *Ibidem*, p. 44.

(5) CABRAL, Osvaldo Rodrigues. "Brügemann e os Panoramas de Desterro" in: Blumenau em Cadernos. Tomo XII, Junho 1971, nº 3, p. 110-111.

(6) PAIVA, Joaquim Gomes de Oliveira. Colonização Allemã em São Pedro de Alcântara. Comemoração do centenário da Colonização Allemã em SC. 1829-1929, Florianópolis, Livraria Moderna, 1929, p. 4

(7) *Ibidem*, p. 4.

Província de Santa Catarina, Antônio Jacinto de Mattos, concluímos que várias foram as famílias que permaneceram em Desterro ou São José⁽⁸⁾.

Neste contexto, também deve ser mencionada a já referida colônia Piedade, que em função do seu fracasso fez com que vários de seus colonos viessem a se estabelecer na capital.

Conforme mencionamos no capítulo precedente, em meados do século XIX, foram criadas algumas colônias razoavelmente próximas da capital, como Santa Izabel(1847), Leopoldina (1852) e Therezópolis(1860).

Todos os imigrantes que se destinavam às colônias, tinham como local de desembarque o porto de Desterro. Somando-se o contingente desembarcado, percebe-se ter sido consideravelmente grande o número de alemães que temporariamente estiveram na ilha, sendo que vários permaneceram.

Em relação a Desterro como porta de entrada de um grande contingente de imigrantes, o agrônomo alemão Oscar Cansatt, que esteve no Brasil em 1868 e publicou em 1871 um volume, fruto de suas observações, escreveu que:

"...Desterro é o ponto onde as colônias alemãs de Santa Catarina irradiam [...] Essas colônias ficam a poucos dias da capital, onde a influência do elemento alemão na vida pública é evidente" (Grifo nosso) (AZZI, Apud CANSTANT, 1988, p. 108.).

No mesmo ano, 1868, também esteve em Desterro, Johan Eduard Wappaus, o qual afirmava que entre os habitantes de Desterro, havia relativamente muitos alemães. Estes, se dedicavam a atividades tais como comércio, hotelaria, professores, artífices, serviços, que viviam em sua maior parte em boas condições. Wappaus exalta o espírito de cooperação entre os alemães, pois "duzentos dentre eles, no ano de 1868, dirigem um pedido ao Oberkirchenrat de Berlim, solicitando um Pastor Alemão"⁽⁹⁾.

Ao tratar dos primórdios da presença alemã em Florianópolis, torna-se necessário fazer alusão ao relato de Carl Friedrich Gustav Seidler, militar suíço-alemão contratado pelo agente de D. Pedro I, major J. A. von Schaeffer, para servir nos batalhões estrangeiros. Seidler escreveu seu livro "Dez Anos no Brasil" em 1833-1834, registrando as impressões de um observador de condições modestas⁽¹⁰⁾. Este autor teve portanto, um contato com o povo, com as pessoas de condições humildes, realidade esta que escapava a observação de muitos viajantes, que mantinham contato basicamente com autoridades e bem sucedidos comerciantes. Trata-se, portanto, de observação e narrativa sob uma outra perspectiva.

(8) MATTOS, Jacinto Antonio. Op. Cit. p. 199-225.

(9) WAPPAUS, Johann Eduard. Santa Catarina Segundo Wappaus. Comissão Nacional de História, Secção SC, 1958, nº 2, p. 30.

(10) SEIDLER, Carl. Dez Anos no Brasil. São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1980.

Durante a sua permanência em Desterro, Seidler observou e avaliou a vida dos alemães que aí se encontravam. Referindo-se à leva de imigrantes que se destinavam a São Pedro de Alcântara e que aguardavam em Desterro, a demarcação de seus lotes, Seidler afirmou que incluindo mulheres e crianças, somava em torno de 800 pessoas⁽¹¹⁾.

Durante esta longa espera, a modesta poupança destes imigrantes, bem como o pequeno subsídio pago irregularmente pelo estado, rapidamente se consumia. A frustração e o desânimo se instalaram em muitos destes colonos, que tentavam esquecer os seus pesares através da cachaça. Consumidos os últimos vinténs trazidos da Europa, começaram a vender os seus pertences, instrumentos de lavoura, até roupas, andando maltrapilhos, mendigando pelas ruas da cidade, expondo as suas pústulas pelas pernas e braços, em consequência de doenças tropicais. Seidler observou que:

"... antes de decorridos os seis meses que aqueles colonos deviam permanecer inativos na cidade de Desterro, a pobreza crescera tanto, que muitos pais incapazes de sustentar os filhos, os ofereciam publicamente e sentiam-se felizes se achassem alguém que quisesse ficar com uma menina forte, ou um rapaz, só pela comida..."

De acordo com este relato que expõe uma faceta pouco ou nada divulgada sobre a imigração alemã, de quando em quando famílias brasileiras ricas adotavam crianças alemãs. Os pais, no entanto, tinham que desistir para sempre de quaisquer direitos sobre os filhos. Normalmente não permitiam que fossem visitados, pois que

"... a mãe natureza um dia poderia denunciar ao pobre orfanado, a sua origem e que então, impellido pelo possante instinto de amor aos pais, preferisse compartilhar a pobreza de seus verdadeiros pais do que comer o pão da misericórdia da casa rica..."

Seidler comentava ainda a dura e opressiva condição destes colonos, que aguardavam uma realidade e encontravam outra diametralmente oposta, que os empurrava a uma situação extrema de penúria e miséria. Em relação ainda aos filhos entregues às famílias brasileiras, Seidler refletia sobre os possíveis sentimentos dos pais, ao saber que seu filho jamais aprenderia a língua de sua pátria e seria ademais educado em costumes e religião estranha. Mais adiante afirmava que

"... sem cessar haveria de torturá-los, a consciência de que um dos seus crescia em outra religião, que não aquela que professavam os seus pais..."

Com relação a questão da religiosidade, Seidler considera que isto aumentaria mais ainda o sofrimento dos pais, tendo em vista o preconceito que o protestante nutria contra os

(11) Este dado aproximativo citado por Seidler, não confere com as listas e nominatas oficiais, relativas a esta leva de colonos.

católicos e vice-versa, mesmo nas regiões mais cultas da Europa. Este preconceito

"... despontou entre os meus patrícios no Brasil, sendo que a maioria era de luteranos, e tornou-se tanto mais intenso, quanto os frades católicos pela sua atrevida conduta o motivaram..."⁽¹²⁾

Outro relato que lança importante luz para a compreensão da história dos alemães em Desterro e proximidades, é dado pelo médico Robert Avé-Lallemant, que aqui esteve em três ocasiões na década 1850-1860. No seu relato, publicado em Leipzig no ano de 1859⁽¹³⁾, ele mencionava que em São José havia uma parte "meio germanizada", pois ali havia há muitos anos, um tal de Adão, alemão dono de uma pequena estalagem e entreposto de produtos oriundos das colônias vizinhas.

Cruzando-se as informações de Lallemant, com o relatório do agrônomo Antônio Jacinto de Mattos, podemos concluir tratar-se de Adão Emmerich, colono destinado a São Pedro de Alcântara, mas que se estabeleceu na Praia Comprida⁽¹⁴⁾.

Neste núcleo comercial de Adão Emmerich, afluíram os colonos trazendo os seus produtos e abastecendo-se de artigos da cidade, para retornarem às colônias. Ali se demoravam de dois a três dias. Também ali se encontravam, travavam relacionamentos, faziam negócios.

O Arcipreste Paiva em 1848, relatava que na Praia Comprida existia um número razoável de alemães, que haviam deixado a colônia, estabelecendo-se com negócios diversos, pois eram mais inclinados ao comércio⁽¹⁵⁾.

De acordo ainda com Lallemant, filhos de colonos casaram-se e se instalaram na vizinhança de Adão Emmerich, atraindo outros alemães.

"Assim nasceu a atual Praia Comprida, a esquerda e a direita do velho Adão, que deve ser visto como o pai comum daquela peculiar civilização praieira e ficará imortal nas lendas dos alemães de Santa Catarina... Em pequena escala, a casa do velho Adão parecia com um acampamento de Walenstein. Ouviam-se os mais diversos dialetos, mas predominava o do Palatino-do..."⁽¹⁶⁾.

Também é notória, a participação de professores alemães no contexto educacional da cidade de Desterro. Wappaus afirmou que o Liceu de Santa Catarina era um dos melhores Liceus provinciais do Brasil, no entanto, os mestres alemães que nele lecionavam foram substituídos em 1858, devido a intri-

(12) SEIDLER, Carl. Op. Cit, p. 226.

(13) AVÉ-LALLEMANT, Robert. Viagens Pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo(1858). São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1980, p. 126.

(14) Op. Cit.

(15) Op. Cit. p. 17.

(16) Op. Cit. p. 127-128.

gas políticas⁽¹⁷⁾.

A respeito destes professores alemães no Liceu Provincial, Lallemand afirmava que se tratava de um grupo agradável, com sólida formação acadêmica, em cuja presença ele sentia-se bem. Este grupo era constituído pelo professor Becker, diretor do Liceu, professor Burkardt e por Fritz Müller, que tornou-se célebre como naturalista em Santa Catarina. Na estada de Lallemand nesta capital, foi-lhe possível acompanhar uma campanha na imprensa local, para denegrir a imagem destes professores. A causa principal desta oposição, estava no fato deles serem protestantes, o que foi julgado como sendo "perigoso para a juventude". Pelo fato de serem eles luteranos, muito provavelmente algumas autoridades temiam a difusão de doutrinas "heréticas" ou vergavam sob a pressão do clero católico local, para o qual teria sido estranha a presença de mestres protestantes, ensinando a elite da juventude provincial. Lallemand lamentava o fato de se rejeitar o saber por motivos religiosos. Terminando o seu relato sobre este episódio afirmava que os três jornais de Desterro, o "Argos", o "Santelmo" e o "Cruzeiro", "por mais importantes que sejam, não poderão deter o progresso do nosso século" (18).

Com relação à presença germânica em Desterro, este mesmo autor destacava alguns nomes, como o do Sr. Schüttel. Originariamente químico, Schüttel familiarizou-se com vários ramos das ciências físicas, com os quais muito contribuiu para o desenvolvimento das colônias. Destacava ainda que era hábil violinista. Na companhia de um músico de Stettin, que exerceu suas atividades em Desterro, abriram fronteiras musicais, aprimorando o gosto por esta arte. Chegaram a realizar concertos para amadores, com orquestra e canto. Nesta atividade artística, afirma Lallemand, muitos habitantes da cidade encontraram satisfação, ouvindo melodias de Mendelsohn, Schubert, Verdi e Belini.

Pouco tempo depois, Lallemand retornava a Desterro e, dada a sua amizade com os professores alemães do Liceu, voltava ao assunto em seu relato. Afirmava que seus "velhos conhecidos" haviam sido vítimas dos "puerís ataques dos jornais católicos". Em função destes ataques, o professor Burkardt escreveu "digna refutação contra aquela gritaria, um parecer sobre a base fundamental do protestantismo", pedindo depois a sua demissão. Lallemand elogiava a atitude do professor Burkardt, pois "sem dúvida não poderia agir com mais dignidade", mas fazia a ressalva de que ele "dificilmente teria abandonado o campo com tanta paciência e tolerância" ou até nem o teria feito. Reconheceu ainda que o Liceu de Desterro "sofre com a retirada de Burkardt". Sua saída era uma sensível perda que todos reconheciam, até mesmo o jornal "Santelmo", que dirigiu a campanha contra este professor. Tratava-se de um intelectual prussiano, educado dentro da melhor tradição acadêmica. Mais adiante Lallemand afirmava que independentemente das críticas do "Santelmo", o presidente da província João José Coutinho, "deu as maiores provas de

(17) WAPPAUS, Johann Eduard. Op. Cit. p. 30.

(18) AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. Cit. p. 24.

apreço ao mestre do Liceu", mas foi quem mais perdeu no caso⁽¹⁹⁾.

Nosso viajante mencionava ainda a satisfação de conhecer em Desterro, "um digno alemão de Württemberg", alguém que já estava a mais de trinta anos no Brasil, sendo muito conhecido e estimado. Tratava-se do Sr. Häberle, que fora militar, depois próspero comerciante. Entres, afirma que era muito abastado e possuía alguns escravos⁽²⁰⁾.

Da mesma forma referia-se ao Sr Hackradt, "um alemão ativo e bem educado", que sucedeu o Sr. Häberle em seus negócios, enquanto este retirou-se para uma bela casa de campo, numa praia próxima a Desterro. Mais uma vez cabe fazer referência a obra de Entres, quando este menciona o balanço da empresa na qual F.Hackradt era sócio juntamente com André Carlos Ebel. Neste balanço, figurava como "peça" de alto valor, uma escrava negra (Maria), estimada em 550\$000⁽²¹⁾. De acordo ainda com o mesmo autor, F. Hackradt foi por longo tempo cônsul prussiano em Desterro⁽²²⁾.

O fato de Entres mencionar a posse de escravos por parte de alguns ricos comerciantes alemães, é significativo. De maneira geral, não há na historiografia qualquer menção de que imigrantes alemães fossem proprietários de escravos em Desterro, onde o número total destes era relativamente baixo, quando comparado com outras capitais de províncias.

Em sua visita a Desterro em 1858, o Cônsul suíço Johann Jacob von Tschudi afirmava em seu relato, que residiam aqui não poucos alemães, dedicando-se a diversas profissões. Tschudi documentava que entre os alemães em Desterro, não faltavam preguiçosos e parasitas que "chegaram até a residência do presidente da província, exercendo alguma influência". Neste mesmo relato refere-se à falta de uma representação consular dos estados alemães e que em virtude desta ausência, os imigrantes ficavam desprotegidos e à mercê dos aproveitadores. Nesse contexto, alude à benevolência do já referido comerciante F. Hackradt, ao defender os alemães de injustiças sofridas⁽²³⁾.

A participação de alemães radicados nesta capital foi significativa para cobrir os custos relativos à construção do monumento em memória aos catarinenses mortos na Guerra do Paraguai. Como a Província não tivesse recursos suficientes, organizou-se uma comissão para levantar fundos. Desta comissão participaram: Fernando Hackradt Jr. (representando o co-

(19) Ibidem p. 129-130.

(20) ENTRES, Gottfried. Der Staat Santa Catarina in Vergangenheit und Gegenwart unter Besonderer Berücksichtigung des Deutshtums. Gedenkbuch zur Jahrhundert-feier deutscher Einwanderung in Santa Catarina. Florianópolis, Livraria Central, Alberto Entres & Irmão, 1929, p. 156.

(21) Ibidem p. 157.

(22) Ibidem p. 158.

(23) TSCHUDI, Jacob. Op. Cit. p. 88-89.

mércio nacional), Rudolph Helm, Carlos Ebel e Gustavo Kirbach (representando os negociantes estrangeiros)⁽²⁴⁾.

No final do século passado e início deste, Florianópolis também era conhecida pelas suas bonitas, amplas e bem arborizadas chácaras. Em certa medida, a propriedade de uma chácara evidenciava o nível de renda e o status social do proprietário. Dentre os vários proprietários de grandes chácaras, Cabral menciona as famílias Hoepcke, Leisner, Ebel, Hackradt e Wangenheim. Todos estes, bem como os nomes relacionados com a construção do referido monumento, compunham a direção da comunidade luterana, em diferentes gestões. Isto nos permite afirmar que a direção da comunidade luterana era composta basicamente por alemães e descendentes, bem sucedidos financeiramente.

Em 1911, o pastor luterano von Gehlen, que atuou junto à comunidade de Florianópolis, entre 1908 - 1913, elaborou importante documento, com o título "Potencialidades da Colônia Alemã de Florianópolis (Desterro), para a conservação do Germanismo, até 1911, Conforme Relatórios das Respektivas Diretorias"⁽²⁵⁾. Neste documento, von Gehlen afirmava que a colônia alemã em Florianópolis era composta nesta época por aproximadamente 500 almas. Deste total, 4/5 eram associações evangélicas, e 1/5 católicos.

Conforme este documento, os alemães em Florianópolis se agrupavam em torno de nove associações, número este que julgamos expressivo, considerando o universo total de alemães aqui residentes. Certamente que a maioria destes, pertenciam simultaneamente a duas ou mais associações. O caráter associativo, portanto, entre alemães nesta cidade, revela-se bastante forte, no final do século passado e início deste. Como o próprio título do documento elaborado por von Gehlen evidencia, a maior parte destas associações está envolta no contexto de preservação da germanidade, desenvolvendo os valores etno-culturais alemães.

A Comunidade Evangélica Alemã era a instituição aglutinadora da maior parte dos alemães residentes em Florianópolis. Não podemos esquecer que a igreja luterana era um dos pilares básicos na defesa da germanidade.

(24) CABRAL, Osvaldo Rodrigues. Nossa Senhora de Desterro. p. 92-93.

(25) Acervo Geral da Comunidade Evangélica Luterana de Florianópolis, mç. doc. 1911

TABELA 2 - Potencialidade da Colônia Alemã de Florianópolis (Desterro) para a Conservação do Germanismo até 1911
 Conforme Relatórios das Respectives Diretorias, Compilado pelo Pastor von Gehlen

Nome	Ano	Num. Fund. Ass.	Patrimônio						
			Arrecadação [R\$/DM\$] ^a	Arrecadado p/Pundação [R\$/DM\$]	Capitais [R\$/DM\$]	Casa/Terren [R\$/DM\$]	Bens Raiz [R\$/DM\$]	Dívidas [R\$/DM\$]	Subvenções [DM\$]
Comunidade Evangélica	1907	128	2:200\$000 2.860,00	38:100\$000 49.530,00	3:200\$000 4.160,00	16:000\$000 ^b 20.800,00	1:000\$000 ^c 1.300,00	---	9.800,00 ^d
Associação da Escola Alemã	1988	76	6:900\$000 8.970,00	184:475\$000 239.817,50	8:000\$000 ^e 10.400,00	40:000\$000 ^f 52.000,00	---	---	18.500,00 ^g
Ass. Cemitério da comunidade	1868	96	552\$000 717,60	20:000\$000 26.000,00	5:500\$000 7.150,00	---	10:000\$000 ^h 13.000,00	---	---
Associação de Senhoras	1910	105	2:503\$000 3.253,90	5:854\$000 7.610,20	5:400\$000 7.020,00	---	---	---	---
Associação da Prota Alemã	1898	29	360\$000 468,00 (418,13)	7:419\$500 9.645,35	---	---	---	---	---
Clube Germânia	1865	78	4:700\$000 6.110,00	180:000\$000 234.000,00	---	45:000\$000 ⁱ 58.000,00	---	24:000\$000 31.200,00	---
Associação dos Atiradores	1900	92	3:500\$000 4.530,00	23:500\$000 30.550,00	---	32:000\$000 41.600,00	---	13:000\$000 16.900,00	---
Associação Ginástica Jahn	1902	40	471\$000 612,30	3:868\$000 5.028,40	2:300\$000 2.990,00	---	---	---	---
Soc. Beneficiente Alemã	1910	59	434\$000 564,20	1:500\$000 1.950,00	570\$000 741,00	---	---	---	700,00 ^j
Total			21:620\$000 28.118,13 (+12,13)	464:716\$500 604.131,45	24:970\$000 32.461,00	133:000\$000 172.900,00	11:000\$000 14.300,00	37:000\$000 48.100,00	29.000,00

Fonte : Relatório Pastoral 1911.

Notas

- a - 1 Milreis = 1.30 Marcos Alemães.
- b - Construído em 1909.
- c - Terreno da Igreja.
- d - 3000 DM\$ para a Construção da casa do pastor, e auxílio de DM\$ 1700 por ano, desde 1908 p/o salário do pastor.
- e - Reserva Financeira.
- f - Construído em 1903.
- g - Subvenção do Reich.
- h - Cemitério
- i - Construído em 1900
- j - De diversas entidades

Da mesma forma, a Associação de Senhoras revela grande força de coesão, reunindo 105 senhoras associadas. Não temos conhecimento de que em Florianópolis houvesse qualquer instituição reunindo senhoras, em forma de associação autônoma,

com vida própria. Parece-nos que este tipo de entidade social era algo novo para a cidade, especialmente ao levarmos em conta que se estava no início deste século. Faremos oportunamente uma análise mais detalhada da significativa obra desta associação de senhoras na sociedade florianopolitana. Estas nove associações referidas na tabela 3, podem ser classificadas de acordo com suas finalidades, da seguinte forma:

TABELA 3 - Associações Alemãs em Florianópolis.

Nome da Associação	Finalidade
- Clube Germânia	Recreativa-cultural
- Associação do Cemitério da Comunidade Alemã	Religiosa
- Associação Escolar Alemã	Educacional
- Associação da Frota Alemã	Nacionalista alemã
- Associação dos Atiradores	Recreativa-cultural
- Associação Ginástica "Jahn"	Recreativa-cultural
- Comunidade Evangélica Alemã	Religiosa
- Associação das Senhoras Alemãs	Beneficente-cultural
- Sociedade Beneficente Alemã	Beneficente

Fonte: Relatório Pastoral 1911.

A presença dos alemães na região de Florianópolis contribuiu significativamente para a dinamização da economia desta área. No início deste século, a maior parte das iniciativas industriais e do comércio estavam em mãos de empresas familiares germânicas, tais como Hackradt, Ebel, Wellmann, Bade, Hoepcke, Moellmann, Kirbach, etc. O mesmo pode ser dito com referência a profissionais liberais, na área por exemplo da medicina, farmácia, arquitetura, onde se destacaram nomes como Goffergé, Horn, Gründel, Wildi e outros, com ênfase especial ao arquiteto Theodor Gründel que executou a maior parte das obras nesta cidade, nos últimos anos do século passado e nas duas primeiras décadas deste⁽²⁶⁾.

 (26) A respeito da participação germânica na indústria, comércio e profissões liberais, verificar a obra já citada de Entres.

C a p í t u l o I I I

A IMPLANTAÇÃO E EXPANSÃO DA IGREJA LUTERANA
EM SANTA CATARINA

Considerações Gerais

A necessidade de ampliar o número de imigrantes para o Brasil esbarrava na questão religiosa. Sem garantias de liberdade de culto, o imigrante de confissão não católica teria problemas. Ao tratar da questão da imigração, o Marquês de Barbacena já advertia para eventuais problemas desta natureza. Questões como casamentos, registros de nascimento, sepultamentos em cemitérios públicos eram problemas que estavam pela frente, a serem resolvidos.

No século XVIII recrudesceram as atividades da Inquisição no Brasil restringindo em muito a presença de não católicos em solo brasileiro. Havia certa reserva com relação à penetração de estrangeiros, de tal forma que em 1720, uma lei proibia que qualquer pessoa entrasse no Brasil, a não ser que estivesse a serviço da Coroa ou da Igreja. Estrangeiros foram proibidos de visitar a colônia. Um exemplo desta resistência pode ser percebida no episódio em que o Barão von Humboldt, grande explorador e geógrafo, foi proibido de entrar na colônia em 1800. A razão desta proibição residia no fato de que, sendo oriundo de um Estado protestante, Humboldt poderia influenciar o povo com novas idéias e " falsos princípios." Como prevenção, o governo português alertou as autoridades do Pará, para a hipótese deste desembarque⁽¹⁾.

Boanerges Ribeiro afirma que "ao iniciar o século XIX, não havia no Brasil vestígio de protestantismo"⁽²⁾. Os protestantes que estiveram no Brasil antes deste período, não chegaram a deixar marcas do seu credo. A presença de huguenotes franceses e reformados holandeses foi efêmera. Os sinais de sua presença em nosso meio foram logo apagados.

A presença de protestantes no Brasil começa a se concretizar de fato com a abertura dos portos às nações amigas, bem como com a celebração do Tratado de Aliança e Amizade e de Comércio e Navegação entre o Brasil e a Inglaterra, em 1810. Esse tratado estipulava em seu artigo 12, liberdade religiosa para os súditos britânicos em território português. Assim sendo, vários clérigos anglicanos puderam desembarcar no Brasil e, em 1820, foi inaugurado o primeiro templo protestante no Rio de Janeiro.

A Igreja Luterana em Joinville

-
- (1) MENDONÇA, Antônio Gouvea. O Celeste Porvir. A Inserção do Protestantismo no Brasil. São Paulo, Paulinas, 1984, p. 20.
 - (2) RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo no Brasil Monárquico. São Paulo, Pioneira, 1973, p. 15.

A nível de Santa Catarina, a presença de representantes de outros credos não católicos está vinculada à Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo, com seu projeto da colônia Dona Francisca. Nessa área organiza-se a primeira comunidade luterana do Estado de Santa Catarina. Joinville recebeu seu primeiro pastor em dezembro de 1851. Tratava-se do Pastor Jacob Daniel Hoffmann, enviado sob os auspícios da Sociedade Colonizadora, para atender às necessidades eclesiais da população. Numa crônica comemorativa ao centenário da presença luterana em Joinville, lemos que

"...no dia de Natal reuniram-se em frente a um galpão, as pessoas de todas as idades, com expectativa e esperança, pois seria realizado o primeiro culto evangélico [...] No dia 26 de dezembro, toda a comunidade reunia-se novamente, mas desta vez no cemitério. Realizava-se o enterro do tenente da Marinha, Karl August Andreas Buerow, de Schleswig-Holstein. Certamente neste momento muitos sentiram o quanto é necessário e confortante, viver e morrer como membro de uma igreja. Em 15 de fevereiro de 1852, batizava-se a primeira criança e no dia 04 de abril realizava-se a primeira confirmação, com 15 jovens. "(3).

Este primeiro pastor que viera para ficar três anos, ficou apenas um ano e meio, demitindo-se após este período

"provavelmente pelas primitivas condições e baixa remuneração"(4).

O início da comunidade luterana em Joinville, foi marcado pelas dificuldades típicas que os imigrantes enfrentavam, somando-se a estas, uma alta mortalidade, em função da insalubridade da região. Nesse ano e meio de existência, a igreja registrou 39 batizados, 34 confirmações, 37 casamentos e 49 sepultamentos, o que evidenciava a necessidade dos primeiros imigrantes conviver de perto com a realidade da morte em seu meio, que não apenas ceifava vidas, mas também ânimo e forças(5). Levando em conta este contexto, conseguimos entender melhor o que significava a presença de um pastor cura d'almas para trazer uma palavra de conforto e ânimo.

Com a saída do pastor Hoffmann, a comunidade ficou um ano sem guia. Durante esse tempo, as pessoas que compunham a diretoria ministravam os cultos e ensino confirmatório. A comunidade se reunia para ensaiar hinos,

"que eram acompanhados pelo Sr. Geissler com o seu violino. Em casos de necessidade faziam também batismos e ministravam a Santa Ceia"(6).

Podemos perceber uma pronta ação de leigos, suprimindo necessidades na falta de pastor, concretizando assim o "sacerdócio geral de todos os crentes", preconizado por Lutero. O

(3) KIRCHENGEMEIDE JOINVILLE. 1851 - 1951. Evangelisches Beckennen in Schwachheit und Kraft. São Leopoldo-RS, Tipografia Rotermund, p. 13 e 14.

(4) Ibidem, p. 14.

(5) Ibidem, p. 14.

(6) Ibidem, p. 16.

zelo pela confessionalidade era manifesto. Podemos citar como exemplo, a ação dos líderes da comunidade luterana quando solicitaram à administração da Sociedade, o fechamento de seu escritório aos domingos pela manhã, durante o tempo em que se realizava o culto. Este pedido foi atendido, pois era hábito da Sociedade Colonizadora, fazer os pagamentos aos domingos naquele horário pela manhã, o que prejudicava o comparecimento de muitos membros da comunidade ao culto dominical.

Após esse período, a Sociedade Colonizadora de Hamburgo enviou o segundo pastor. Tratava-se de Georg Hölzel, que assumiu a comunidade em junho de 1854. A seu respeito lemos na referida crônica que

"...a comunidade era pequena e por isso ele conseguiu num curto espaço de tempo, visitar um por um e conhecer a fundo os problemas de cada um. Tornou-se amigo e conselheiro de todos, pois tinha o dom de ser algo mais que pregador somente [...] O Pastor Hölzel era um bom professor e guia. Em pouco tempo, a comunidade já planejava a construção de uma igreja..." (7).

Esse pastor havia sido ordenado pelo Consistório de Viena e até sua vinda para o Brasil, trabalhava na Boêmia.

Percebe-se nesta crônica, de certa forma, a surpresa do autor ao constatar que o plano para a construção da igreja havia sido aceito pelo governo imperial, que também fez uma doação de 10 Contos de Reis, "fato este que as futuras gerações nunca devem esquecer" (8).

A Sociedade Colonizadora doou o terreno para a construção da igreja, casa paroquial e escola. Em 01 de Junho de 1857, a comunidade Luterana de Joinville se reunia para a cerimônia de lançamento da pedra fundamental da Igreja.

A ata referente ao evento contém um breve histórico da colônia, juntamente com a história da comunidade. As duas histórias na realidade se entrecruzam e, podemos afirmar até que se fundem.

"...Já por ocasião da fundação da Colônia local, a Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo teve o cuidado de fazer chegar aos colonos as bênçãos de uma assistência espiritual cristã, e para este fim foi mandado para cá, já em 1851, um pastor evangélico, na pessoa do Dr. Jacob Daniel Hoffmann, de Lübeck, que aqui chegou a 12 de dezembro do citado ano. Sob a alegre recepção por parte dos colonos, assumiu seu cargo como pastor evangélico e cura da Colônia..."

Este pastor esteve em Joinville até julho de 1853, passando então a servir a comunidade luterana de Petrópolis - RJ.

"...Enquanto com isto se atendia às necessidades da

(7) Ibidem, p. 15.

(8) Ibidem, p. 15)

assistência espiritual, era preciso contentar-se no entanto, em celebrar o culto em lugares bem pouco apropriados. Para a construção de um templo à altura dos elevados fins, faltavam meios..."

Em função dos escassos recursos e da ação da sociedade junto ao governo provincial, este concedeu a quantia de Dez mil-réis para a construção de um templo evangélico. Para executar esta obra, foi nomeado o Diretor da Colonia, Léonce Aubé.

"... Assim é que com a ajuda de Deus, no sétimo ano desde a efetiva fundação da Colônia, foi iniciada a construção deste templo..."

A responsabilidade técnica desta construção, estava nas mãos do arquiteto Albert Kröhne, que no dia 20 de abril iniciou a obra, com a

"... primeira enxadada para a base do templo [...] fixando-se no entanto o dia de hoje para o lançamento festivo da pedra fundamental..."

Tendo em vista a importância e significado deste evento para a colônia, foi eleito um comitê, com a função de organizar esta solenidade.

"...Em virtude do convite aceito por parte deste comitê, reuniram-se hoje de manhã às 10 horas, no templo provisório nas imediações da casa da Direção, os professores e sua juventude escolar, muitos colonos, homens e rapazes, e os sócios da Direção da Colônia, além dos convidados de honra para este fim..."

De acordo com este documento, várias foram as autoridades provinciais que se fizeram presentes. Dentre estas, menciona-se o Sr. João de Souza Mello e Alwin, Major dos engenheiros de Desterro, que representava o Presidente da Província, Sr. Dr. João José Coutinho.

Descrevendo a solenidade, o documento menciona que

"...Depois de formado o cortejo pelos que ali se reuniram, dirigiu-se o mesmo, sob acompanhamento musical, ao local da construção, indo os professores e seus alunos na frente, em seguida a banda de música e o coral de cantores, depois o Sr. Pastor Hölzel e após este, os sócios da Direção da Colônia, além dos convidados de honra, e finalmente os homens e rapazes da Colônia, encerrando o cortejo. Enquanto isto, reuniram-se no local da construção, as senhoras e senhoritas da colonia, tomando o lugar para elas preparado. Depois que o cortejo chegou ao local da construção e os diferentes grupos tomaram os seus lugares, cercado as mulheres e o local da solenidade em semi-círculo oval, teve início a cerimônia, com a comunidade e o coral de cantores entoando o hino de louvor e agradecimento: 'Somente Deus nas alturas seja louvado'.

Em seguida o Sr. Pastor Hölzel proferiu um sermão solene, encerrando o mesmo com a insistente exortação que, com o lançamento da pedra fundamental do templo, cada um lançasse as bases de um templo de Deus em seu coração..."

Na continuidade da solenidade, o mestre de obras Kröhne, "... apresentou as ferramentas, o martelo e a colher de pedreiro numa almofada [...] para serem abençoadas pelo pastor, pois se esperava que a obra fosse bem sucedida e sem acidentes..."

Depois deste ato, as ferramentas foram entregues ao Diretor da colônia, o qual após ter proferido discurso em português, passou-os para o Major Alwin, cabendo a este recebê-las em nome do Presidente da Província,

"... para a execução das tradicionais três marteladas [...] para em seguida proceder ele mesmo à execução do ato de lançamento da pedra fundamental..."

Torna-se oportuno observar aqui os papéis que desempenharam nesta solenidade, a autoridade civil e a eclesiástica. Conforme podemos perceber, coube à autoridade civil, a execução do ato culminante do ritual.

Antes do final da solenidade, foi lavrada a ata, para ser colocada no interior da pedra fundamental. Juntamente com esta ata, foram depositados vários outros documentos, entre eles uma planta da cidade de Joinville e arredores, com indicação dos proprietários das terras, bem como um exemplar do número 34 daquele ano, do "único jornal alemão na época a circular no Brasil: 'O Imigrante Alemão'..."

Enquanto se entoavam hinos, foi consumado o lançamento da pedra fundamental e a festiva solenidade encerrada com uma oração e a bênção do pastor⁽⁹⁾.

A Igreja Luterana em Blumenau

Ao abordarmos os primórdios do luteranismo em SC, torna-se necessário considerar a colônia Blumenau e o início da comunidade luterana nesta área.

Tendo em vista a necessidade de assistência religiosa nesta recém-fundada colônia, o Dr. Blumenau empenhou-se junto ao governo imperial, no sentido de conseguir um pastor e que este fosse subvencionado pelo governo. Conseguida esta autorização através de contrato de 17 de abril de 1855, Rudolph Oswald Hesse torna-se o primeiro pastor desta colônia. Havia estudado teologia em Breslau, sendo chamado pela comunidade de Wreschen, no Grão Ducado de Posen para ali exercer o pastorado. A partir do convite do Dr. Blumenau em 1856 e após uma prolongada permanência em Braunschweig, embarcou a 6 de maio de 1857 em Hamburgo, com destino a sua nova comunidade em Blumenau, oficiando aí o primeiro culto em 9 de

(9) Verificar a transcrição deste documento na íntegra, no Anexo nº 2.

agosto daquele ano⁽¹⁰⁾.

Consideramos que na discussão em torno da inserção dos luteranos em Santa Catarina, seja relevante considerar uma publicação do Dr. Blumenau, de 1866, onde ele afirma que:

"...é de desejar muito, que a Igreja Evangélica não se esqueça de seus filhos na América do Sul e que não os deixe ao abandono, pois entre os mesmos nota-se uma grande indolência. Pregadores zelosos e dotados de uma conveniente dose de experiência secular e sabedoria pastoral, ainda encontram um vasto campo para sua missão. A formação de uma comunidade porém, ainda encontra muitos obstáculos. Entre estes, a falta de abnegação de muitos colonos, não é dos menores. Querem ter igreja, escola, pastor, professores, etc., mas contribuir, muito pouco ou quase nada, para a sua manutenção. É triste ter-se que dizer que os católicos alemães contribuem muito mais para as suas obras e necessidades eclesiásticas, do que os evangélicos..."⁽¹¹⁾.

É interessante perceber que o Dr. Blumenau aponta para a "indolência" e "falta de abnegação" por parte dos imigrantes protestantes, como obstáculos à formação de comunidades. Trata-se de uma análise feita sob uma ótica pouco freqüente. Normalmente quando os autores tratam desta questão, apontam exatamente para uma prática contrária por parte dos imigrantes, isto é; extrema abnegação e trabalho intenso para implantar escola e igreja.

O artigo do Dr. Blumenau revela o oposto, em relação aos luteranos. Entendemos ser importante dar ouvidos a esta queixa deste colonizador luterano, pois lança nova luz, que permite olhar em outra perspectiva que não somente aquela triunfalista, própria das publicações comemorativas. Esta perspectiva desde dentro, vista por alguém que está profundamente familiarizado com a realidade dos colonos, parece-nos portanto fundamental para proceder uma leitura crítica, contrapondo os autores que apontam de maneira generalizada para a "abnegação" e "operosidade sem medir esforços", como características dos colonos alemães luteranos. Ao examinar documentos relativos aos primórdios de algumas comunidades luteranas em SC, temos percebido que, ao lado de algumas famílias realmente abnegadas e operosas, havia uma grande parcela da comunidade que pouco ou nada contribuía para fortalecê-la, especialmente quanto à igreja e escola.

A maior generosidade do contribuinte católico, registrada pelo Dr. Blumenau, nos leva a perguntar por que os católicos teriam contribuído mais que os protestantes? Parece-nos que esta constatação está relacionada à religiosidade oriunda da

(10) FLOS, Max Heinrich. Unsere Vater - Nossos Pais. Publicado sob os auspícios do Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná. São Leopoldo, Gráfica Rotermund, 1961, p. 37.

(11) Blumenau em Cadernos. Blumenau, Tomo XXII, (9):285-286, Setembro, 1981.

Reforma. A teologia da reforma havia tornado o indivíduo mais senhor de si, no que tange às questões religiosas. A contribuição financeira não era mais vista como uma necessidade vital. O colono luterano não temia mais o castigo divino por não contribuir. Havia se libertado do pesado fardo da obrigatoriedade para com a igreja. Quiçá poderíamos considerar por outro lado, a existência de uma disciplina mais compacta no meio católico, quanto ao aspecto contribuição em trabalho ou dinheiro, revelando uma mentalidade modelada pela teologia das boas obras para alcançar o favor divino.

No período em que o Dr. Blumenau publicou o referido artigo, havia na vila Blumenau uma população em torno de 4500 almas, sendo que mais ou menos 4/5 eram luteranos.

Tendo em vista ter sido o Pastor Hesse por longos anos pároco em Blumenau e ter visitado com alguma regularidade outras colônias alemãs no Estado, a sua influência foi considerável nos primórdios da Igreja Luterana em SC. Considerando este aspecto, julgamos importante examinar com mais atenção a atuação desse personagem.

Ao analisar o conteúdo de algumas pregações proferidas por ele ao longo dos anos 1851-1869, Flos afirma que

"a responsabilidade moral perante a lei de Deus é um dos pontos principais de suas prédicas; a justiça, vida modesta e sóbria ele aprecia sobremaneira. Jesus Cristo como filho de Deus e reconciliador, fica atrás do mestre homenageado com sincera veneração e atrás do sublime exemplo, o qual se deve procurar atingir. Igualmente sente-se a ausência das idéias da Reforma, do reconhecimento da culpa e da fé justificadora. Sob "pecado", entende-se a transgressão dos mandamentos, a qual o cristão deve e pode reprimir"⁽¹²⁾.

Flos cita ainda algumas afirmações contidas em pregações do P. Hesse :

"A questão principal é sempre a excelência da doutrina de Cristo, pela qual ele se dá a conhecer, a fim de que possamos exterminar os nossos erros e desenvolver nossas forças para o bem. Um reconhecimento mais puro de si próprio, bom percebimento de nosso espírito e coração, a luta contra o pecado com suas atrações e seduções, por meio de exortações, repreensões sérias, disciplina cristã, conversão e arrependimento, regeneração, abandono da amizade do mundo, a fim de passar o tempo sem incomodações e tentações por parte de gente maligna, sossegado, fiel e zeloso na profissão, sincero e solícito no amor ao próximo e nas relações com Deus e sua palavra.." ⁽¹³⁾,

seriam sinais que identificam os verdadeiros cristãos. A partir da análise do conteúdo dessas pregações, Flos conclui que as mesmas identificam o P. Hesse como "típico representante da teologia iluminista"(grifo nosso).

(12) FLOS, Max Heinrich. Op. cit. p. 49.

(13) Ibidem, p. 49.

Admitindo portanto, que o púlpito seja um forjador de mentalidade, uma forma de transmitir uma determinada leitura de mundo, então a pregação do P. Hesse, em maior ou menor medida, contribuiu para modelar certa cosmovisão nas comunidades luteranas catarinenses onde pregou. Se levarmos ainda em conta a afirmação de Flos, de que o P. Hesse era um típico representante da teologia iluminista, então esta questão se reveste de significado, para compreender algumas formas de pensar de determinadas comunidades alemãs luteranas.

Flos cita também no seu referido trabalho, a existência de um caderno na casa paroquial de Blumenau, onde foram anotados os avisos dados à comunidade (avisos de púlpito), entre os anos 1857-1865. Entendemos que este tipo de documento se reveste de grande importância histórica, pois aponta para a vida da comunidade nos seus mais variados aspectos, suas esperanças e expectativas. Destacamos portanto alguns destes avisos, que revelam importantes momentos dos primórdios do luteranismo neste Estado.

No primeiro culto ministrado pelo P. Hesse em Blumenau (09 de agosto de 1857), ele fez o seguinte comunicado:

"Até a introdução de um livro de cânticos comum, solicito sinceramente à comunidade cristã, trazer os hinários que eventualmente possuírem, para os cultos. Esforçar-me-ei no sentido de escolher somente hinos de conhecimento comum, e que possam ser encontrados em qualquer livro de canto"⁽¹⁴⁾.

A preocupação com o canto fica clara desde o primeiro culto. O elemento germânico-luterano tinha uma franca propensão às manifestações artísticas, sobretudo à música. O interesse por esta arte firmava suas raízes no próprio reformador Lutero e no movimento da Reforma⁽¹⁵⁾. O fato de haver diferentes hinários entre os luteranos em Blumenau, evidencia que procediam de diferentes Igrejas Territoriais (Landeskirchen).

Aproximadamente um ano mais tarde, P. Hesse comunicava à comunidade, que estaria começando com as "aulas de doutrina para crianças de 11 a 14 anos completos..." e solicitava aos pais que fizessem a matrícula destas crianças em sua residência, o mais breve possível.

Percebe-se aqui a preocupação com a educação confessional dos adolescentes, que deviam ter sólida instrução religiosa. Para que isto ocorresse, pressupomos que estes adolescentes frequentaram regularmente a escola e estavam portanto alfabetizados.

Por ocasião do domingo Rogate, no ano 1859, o P. Hesse soli-

(14) Ibidem, p. 61.

(15) KLUG, João. "Contribuição das Fontes Luteranas de Florianópolis à História Cultural Catarinense." AGORA - Revista da Associação dos Amigos do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Ano VI (12): 27-32, dez.1990

citava

"o comparecimento de todos os habitantes deste nosso vale, quer dizer, não só daqueles que pertencem à colônia de Blumenau propriamente dita, como também de todos aqueles que residem fora e se consideram unidos à nossa comunidade evangélica, a comparecerem, no dia 19 de junho, após o encerramento do culto público, para deliberarem sobre importantes assuntos da nossa igreja, particularmente sobre a contratação de um cantor-mestre para os cultos, bem como sobre uma cerca e manutenção do cemitério e do caminho que vai para o mesmo, e mais, contratar um coveiro e requisitar uma padiola funeral e uma mortalha"⁽¹⁶⁾.

Sublinhamos esta explícita ênfase na música, expressa na necessidade de se contratar um "cantor mestre". Conforme frisamos anteriormente, a preocupação com a musicalidade nas comunidades luteranas pode ser percebida desde o primeiro momento.

Com relação às dificuldades que os luteranos enfrentavam quanto à validade de seus casamentos, por parte das autoridades do império, o P. Hesse informava à comunidade que

" a fim de obter a definitiva validade legal dos casamentos celebrados por sacerdotes protestantes, eventualmente através da introdução do casamento civil, assegurado por lei, se acha exposto para conhecimento geral e assinatura, na casa do comerciante sr. Baumgarten, uma circular endereçada a todas as Comunidades Evangélicas do Império Brasileiro, contendo o esboço de um memorial no sentido acima anunciado, dirigido à Sua Majestade, o Imperador"⁽¹⁷⁾.

Percebe-se neste comunicado, que a comunidade luterana de Blumenau encabeça uma circular reivindicando o que a lei assegurava, isto é, casamento civil. Hesse portanto ajudava e estimulava a comunidade luterana de Blumenau e do Império, na busca por seus direitos civis.

Significativo também é o informe transmitido no primeiro domingo de advento de 1859, relativo à escola, convidando

" em nome do professor, os amigos da escola e a todos aqueles interessados no progresso espiritual de nossa juventude escolar a assistirem aos exames escolares públicos, na próxima quinta-feira, pela manhã, às 8 horas"⁽¹⁸⁾.

É importante ressaltar aqui o caráter público destes exames. Desta forma, a comunidade poderia acompanhar o desenvolvimento e aproveitamento de seus filhos, bem como avaliar o professor.

Um ano depois, Hesse tinha um importante comunicado, pois se tratava de algo que envolvia outras comunidades luteranas na

(16) FLOS, Max Heinrich. Op. Cit. p 63

(17) Ibidem, p. 65.

(18) Ibidem, p. 65.

Província.

"Atendendo a uma solicitação do Presidente desta Província, vejo-me forçado a visitar as colônias de Santa Izabel e Teresópolis, a fim de proporcionar, aos ali residentes evangélicos o amparo espiritual, e para realizar os atos eclesiásticos necessários."

Em função disto também avisava que os cultos regulares previstos para os próximos domingos não seriam oficiados e "como não me é possível determinar a data do meu regresso, anunciarei os próximos cultos após o meu retorno"⁽¹⁹⁾.

O atendimento portanto, que o P. Hesse faz aos luteranos destas áreas, deve-se de acordo com este aviso, a uma solicitação do presidente da Província de Santa Catarina. Atribuímos que esta solicitação fosse o resultado de longos anos de reivindicações por parte dos luteranos destas colônias, pedindo a presença de um pastor.

Dois anos após, ele convocava a comunidade local "para uma assembléia geral, aqui mesmo, após o término do culto público daqui a 14 dias, quando deverão ser debatidos assuntos de máxima importância para a comunidade..."

Estes assuntos diziam respeito a um estatuto, cujo esboço seria então analisado e também questões relativas à administração do cemitério. Para terminar enfatizava:

"Conclamo, por isto, os membros da comunidade para que compareçam a esta reunião em maior número possível, uma vez que não poderão ser consideradas quaisquer reclamações posteriores daqueles que dela não participarem"⁽²⁰⁾.

Entendemos como digno de atenção, este debate em assembléia geral previamente convocada em torno dos assuntos de interesse da comunidade. Lamentamos não ter até o momento, um documento que mencione o número de participantes destas assembléias, para avaliarmos a resposta e retorno a estas convocações. Podemos, no entanto, conjecturar que os luteranos de Blumenau não se diferenciavam significativamente dos de Florianópolis, por exemplo, onde raramente houve uma resposta satisfatória a estas convocações, como veremos adiante.

Nove anos após o lançamento da pedra fundamental, foi inaugurada a igreja da comunidade luterana de Blumenau. Este tempo consideravelmente longo, pode ser um indicativo de fraca coesão, confirmando a queixa do Dr. Blumenau (ver nota 11). Na pregação deste dia festivo, o pastor Hesse afirmava que:

"Este dia de alegria, não é fruto de vossos esforços apenas, e sim, vós deveis a benevolência de um governo que de uma maneira sem igual, na Europa e na Alemanha, dá a nós, que professamos uma confissão dife-

(19) Ibidem, p. 65.

(20) Ibidem, p. 65.

rente, o seu inteiro amparo e apoio em todas as nossas necessidades. Assim, esta igreja sempre vos advertirá: reconhecei a bondade do governo e mostrai-vos dignos da mesma pela obediência às suas leis..."(21).

Consideremos esta exortação, porquanto as queixas eram inúmeras em relação às autoridades brasileiras. Eram conhecidas as dificuldades que os imigrantes não católicos enfrentavam, daí a estranheza frente à advertência no sentido de reconhecer a bondade do governo e mostrar-se digno da mesma.

Parece-nos que o problema se constituía no fato de que a Constituição do Império, preservava os direitos do padroado à Igreja Católica, o que impedia ou retardava o reconhecimento de alguns direitos dos não católicos.

A Igreja Luterana em Santa Izabel

Tendo em vista que o número de colonos vindos da Europa aumentava e que o atendimento pastoral ficava muito aquém das grandes necessidades dos imigrantes, o Conselho Superior Eclesiástico da Igreja Prussiana (Evangelischer Oberkirchenrat), em 1857 começou enviar pastores para o Brasil, inicialmente para o Espírito Santo, como reação a um relatório do pastor do Rio de Janeiro, cuja data nos é desconhecida até o momento.

A partir de 1861, a Sociedade Missionária de Basiléia (Basel Missionsgesellschaft) começou a atender imigrantes evangélicos. Desta forma, foram enviados pastores para as províncias de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Santa Catarina. Em 1863, a Sociedade Missionária de Barmen iniciou o atendimento aos pedidos formulados por alemães luteranos no Brasil, que solicitavam o envio de pastores.

Podemos afirmar que a contribuição da Sociedade Missionária de Basiléia foi significativa no início do luteranismo em SC, pois segundo Hennig, "desempenhou aquilo que foi negligenciado pelos alemães"(22). A ação desta sociedade atingiu Florianópolis, pois foi um enviado de Basiléia para Santa Izabel, que durante anos atendeu a comunidade luterana desta cidade, em suas necessidades pastorais, conforme veremos no capítulo seguinte.

De acordo com a citada crônica do Pastor Stoer, importante documento para nossa pesquisa, os primeiros 15 anos de colonização em Santa Izabel, foram anos de carência, também no campo eclesiástico. Segundo o referido cronista, este lapso

(21) KILIAN, Frederico. "Pequena Crônica da Comunidade Evangélica de Blumenau" in: Blumenau em Cadernos. Blumenau, Tomo XVIII, (8):264-267, agosto de 1977.

(22) HENNIG, Martin. "Os Auxílios de Entidades Evangélicas na Alemanha em Prol dos Evangélicos no Brasil, dos Primórdios até 1900" in: Ensaio Luterano. São Leopoldo, Ed. Sinodal, 1986, p. 108.

de tempo de abandono por parte da igreja, significou para aqueles imigrantes uma dura prova de perseverança na fé. Apesar do abandono, permaneceram fiéis, pois diante das grandes dificuldades, a sua crença era fonte de consolo e energia.

Diante deste quadro de abandono, os alemães católicos que se fixaram na margem direita do Rio dos Bugres, no morro Loffelscheidt, argumentavam da seguinte maneira com seus patrióticos luteranos: "... Vocês velhos, permanecerão como estão, mas vossos filhos terão que ser católicos..."

Desta forma, afirmava Stoer, eram constantemente admoestados pela vizinha comunidade católica de Loffelscheidt, para que se unissem a eles, que eram atendidos por um sacerdote de São José, porém eles

"... constituíram uma comunidade dirigida pelo mais idoso. Carregavam com certo orgulho as admoestações da vizinha comunidade católica, perseverando na fé paterna em tempos difíceis"⁽²³⁾.

A comunidade de Santa Izabel muito deve ao embaixador suíço Jacob von Tschudi, pois ele após ter visitado aquele núcleo colonial, encaminhou um relatório ao Presidente da Província, alertando para a necessidade de um pastor. Em função deste relato, o Presidente da Província pediu que o pastor Oswald Hesse, da colônia Blumenau, também visitasse Santa Izabel duas vezes ao ano. Nestas visitas, ministraria os sacramentos e celebraria cultos. Desta forma, Hesse foi fundador da paróquia evangélica de Santa Izabel, que englobava seis linhas coloniais: Segunda linha, Rancho Queimado, Linha Scharf, Cerro Chato, Rio Bonito, Taquaras e Linha Bauer.

Assim sendo, o relatório do referido diplomata, somado ao empenho do pastor Hesse, contribuíram significativamente para que a colônia Santa Izabel recebesse em 1861, seu primeiro pastor residente, na pessoa de Carl Wagner. Com a chegada deste, fazia-se necessário providenciar uma residência. No ano seguinte, foi construída uma casa simples de alvenaria.

Conforme a crônica de Stoer, as dificuldades em conseguir material eram muito grandes. Os membros então se reuniam e amassavam barro com os pés, para desta forma ter suprido a necessidade de tijolos⁽²⁴⁾.

Cabe-nos salientar que este esforço na realidade era uma espécie de coroamento, pois durante longos anos lutaram sozinhos pela manutenção de sua fé, resistindo aos acenos de seus vizinhos conterrâneos católicos. Finalmente tinham o seu pastor.

Um ano depois (1862), os alemães luteranos da colônia Teresópolis (fundada em 1860) coligaram-se à comunidade luterana de Santa Izabel, aumentando significativamente a área geográfi-

(23) STOER, Hermann. Op. Cit., p. 4.

(24) Ibidem, p. 10.

ca dessa paróquia.

Dada a grande carência na área da educação, o Pastor Carl Wagner concebeu o plano e liderou a construção de um estabelecimento de ensino, cuja finalidade era dar educação para todas as crianças evangélicas, preparando-as para o ato da Confirmação ou profissão de fé. Para isto, as crianças precisavam ser alfabetizadas em sua grande maioria neste estabelecimento. Sua conclusão aconteceu em 1864, mas não foi inaugurada, pois para o seu funcionamento, necessitava de uma área agrícola, na qual os alunos pudessem trabalhar para a manutenção do mesmo. Antes que esta questão fosse solucionada, seu idealizador P. Wagner foi convocado para ser pároco na comunidade evangélica no Rio de Janeiro.

Visando dar continuidade à obra, o Comitê Missionário de Basiléia enviou o Pastor Christian Tischhauser, que chegou a Santa Izabel no natal de 1864 com sua família, permanecendo aí por 8,5 anos⁽²⁵⁾.

Uma propriedade de 24 Morgen(57.600 m²) foi adquirida para o estabelecimento. Esta obra em Santa Izabel teve apoio financeiro de algumas instituições européias, tais como: Sociedade Central de Württemberg da Fundação Gustav Adolf; Sociedade Missionária da Basiléia; redação do Mensageiro Popular Cristão de Basiléia; Servo Missionário em Aarau; Pastor Bonwetsch em Norca(Rússia), Senhora Reuther de Namburg de Saale, entre outros⁽²⁶⁾.

Finalmente em 01 de fevereiro de 1865 o estabelecimento pôde ser inaugurado, contando com 20 crianças, chegando em pouco tempo a 40, sendo então aumentado em 1867-68, com a construção de um dormitório para os meninos e um estábulo de pedras brutas para os animais. Em 1879 contava com 51 alunos, dos quais 35 em regime de internato. Na parte da manhã os educandos estavam em aula. Na parte da tarde ocupavam-se em grupos, na agricultura e manutenção do educandário. Durante anos, esta foi a única escola para alemães em todo o Sul de SC, razão porque recebia alunos de toda esta região colonial⁽²⁷⁾.

Estes primeiros pastores de Santa Izabel/Teresópolis, eram remunerados pelo governo brasileiro, assim como o P. Hesse de Blumenau. No entanto, o P. Tischhauser "não raras vezes se encontrava em situação crítica, pois o que o governo pagava era insuficiente"⁽²⁸⁾.

A partir de 1869, as comunidades de Santa Izabel/Teresópolis passaram a pagar voluntariamente, a quantia de 600 mil réis/ano ao P. Tischhauser. Um ano depois, o P. Wagner que já fora pastor em Santa Izabel e era Cônsul-mor no Rio de Janeiro, conseguiu junto ao governo que o P. Tischhauser voltasse a receber novamente o seu ordenado. Até este perío-

(25) Ibidem, p. 11.

(26) Ibidem, p. 12.

(27) Ibidem, p. 15.

(28) Ibidem, p. 12.

do, o pastor era também professor. Com o crescente número de educandos, tornava-se indispensável um docente competente, em tempo integral. Para esta finalidade, foi enviado em 1870, o professor Christiam Zluhan, pela Sociedade Missionária de Basileia. Desta forma, Tischhauser poderia dedicar-se totalmente à melhor estruturação da comunidade luterana (29).

Em torno de 1880, a comunidade luterana de Santa Izabel, englobava uma região cuja área geográfica equivalia em extensão, a província da Westphalia. A partir de Santa Izabel, eram atendidos as seguintes localidades : Segunda Linha, Rancho Queimado, Linha Scharf, Cerro Chato, Rio Bonito, Taquaras, Linha Bauer, Rio do Poncho, Rio Encano, Braço do Norte, Tubarão, Orleans, Grão Pará, Criciúma, Cocal, Capivari Alto, Capivari Sede, Rio Novo, Oratório, Santo Amaro, Palhoça e Desterro.

De acordo com a crônica do P. Stoer, não houve maiores avanços para formação de comunidades luteranas no Sul do estado, por haver uma população alemã luterana muito espalhada. Exceções no período, foram Orleans e Criciúma.

Em termos de organização eclesiástica que ultrapassasse a esfera paroquial, os luteranos em SC somente se organizaram efetivamente em 1905, com a fundação do "Sínodo Luterano". Este Sínodo enfatizou de maneira especial, a confessionalidade luterana, não atribuindo tão grande importância à conservação da germanidade, como nos demais sínodos luteranos existentes no Brasil. Seu objetivo era em primeiro lugar, ser igreja luterana.

De acordo com Dreher(30), o caráter confessional luterano foi facilitado em função de um quadro de pastores muito uniforme, que receberam uma formação no Seminário para Missão e a Diáspora em Neuendettelsau. Este Sínodo era mantido pela "Lutherischer Gotteskasten", instituição que visava a preservar e fomentar o luteranismo no mundo. Assim sendo, não era objetivo desta instituição, auxiliar apenas luteranos alemães, mas também luteranos de outras nacionalidades. Com o advento da Iª Guerra, esta situação foi alterada e o Sínodo incluiu a defesa da germanidade em sua agenda e ideário.

O primeiro pastor enviado para o Brasil pelo Lutherischer Gotteskasten, foi o P. Otto Kuhr, em 1897. O P. Kuhr antes estivera a serviço do Sínodo de Iowa, nos Estados Unidos.

A maioria dos pastores do Sínodo Luterano, era oriundo da Igreja Territorial da Baviera e aqui, usavam a Agenda Bávara, o Hinário Bávaro e o Catecismo Bávaro.

Convém aqui citar que no RS, a organização eclesiástica supra-paroquial entre imigrantes luteranos, ocorre bastante antes, quando em 1886, algumas comunidades criaram o "Sínodo

(29) Ibidem, p. 13.

(30) DREHER, N. Martin. Igreja e Germandade. São Leopoldo, Ed. Sinodal/EST/EDUCS, 1984.

Riograndense", que por sua vez fora precedido pelo "Sinodo Teuto Evangélico da Província do Rio Grande do Sul", que teve duração efêmera.

No entanto é digno de nota que a idéia de organização entre os luteranos em SC, antecede em muito a efetiva fundação do Sínodo Luterano. Podemos afirmar isto a partir de um documento datado de 1864, na qual o P. Carl Wagner pondera sobre a criação de um sínodo a nível de Brasil.

O Sínodo Luterano criado em 1905, não conseguiu no entanto aglutinar em torno de si, todas as comunidades luteranas alemãs do estado de SC. Muitas comunidades não aderiram a este Sínodo.

Várias comunidades luteranas em SC estavam vinculadas diretamente ao Evangelischer Oberkirchenrat-EOK de Berlim, antes de estarem vinculadas entre si a nível estadual. Este é o caso por exemplo da comunidade de Florianópolis, que em 1909, filiou-se ao EOK.

Em virtude de muitas comunidades não terem aderido ao Sínodo Luterano, funda-se em 06 de agosto de 1911, em Blumenau, a "Associação de Comunidades Evangélicas de Santa Catarina e Paraná", presidida pelo Pastor Walter Mummeltey, também de Blumenau. Mais tarde, esta Associação passou a ser chamada "Sínodo Evangélico". Esta associação reuniu as comunidades de Blumenau, Badenfurt, Itoupava, Pomerode, Timbó, Brusque, São Bento do Sul, Florianópolis, Santa Izabel, Teresópolis.

De acordo ainda com Dreher, esta Associação aglutinou ao seu redor, comunidades e pastores que haviam sido enviados e eram subvencionados pelas seguintes entidades: Conselho Eclesiástico da Igreja Prussiana, Sociedade Evangélica de Barmem, Casa Missionária da Basileia, Sociedade Alemã de Irmãos⁽³¹⁾.

A Associação de Comunidades realizava, portanto, um trabalho paralelo ao do Sínodo Luterano. Esta circunstância dava motivos para conflitos e tensões.

É necessário ainda considerar nesta discussão que em 1922 foi criada na Alemanha, a "Federação Evangélica Alemã de Igrejas". Dois anos após, uma lei eclesiástica estabeleceu a permissão no sentido de que associações eclesiásticas alemãs no exterior, se filiassem a esta Federação. Nesse contexto, o Sínodo Luterano o fez em 1933, enquanto a Associação de Comunidades Evangélicas permaneceu filiada ao Conselho Superior Eclesiástico de Berlim.

Na Associação de Comunidades Evangélicas de SC e PR, a germanidade era cultivada com certa intensidade, despertando um ufanismo étnico. A confessionalidade luterana estava num nível abaixo do patamar que se atribuía à germanidade no seio de muitas comunidades que pertenciam à Associação. No entanto, a igreja luterana era um meio para preservar a

(31) Ibidem.

germanidade ameaçada. A Associação de Comunidades estava portanto mais próxima do ideal pangermanista.

Entendemos que os primórdios do luteranismo em Santa Catarina tiveram desdobramentos diversos, que, dado ao objetivo e natureza deste trabalho, não será possível considerar aqui. A partir desta breve visão geral, queremos passar à abordagem específica da igreja luterana e instituições a ela ligadas, na região de Florianópolis.

C a p í t u l o I V

A IGREJA LUTERANA EM DESTERRO - FLORIANOPOLIS
1868 - 1938

O Luteranismo no Meio Urbano

Na busca por uma compreensão mais ampla da sociedade, não se pode prescindir do estudo das instituições que a compõe. A igreja é uma destas instituições que persistem na longa duração, sendo na maior parte de nossas vilas, povoados e cidades, a primeira instituição que se organiza para atuar na sociedade onde se insere.

É a partir desta compreensão que nos ocuparemos no estudo dos luteranos em Florianópolis. A análise deste grupo contribuirá para a melhor compreensão da sociedade florianopolitana, pois é um determinado aspecto desta sociedade que será estudado.

A igreja luterana em Florianópolis deve ser vista no contexto do luteranismo transplantado, isto é, começa como uma igreja de imigrantes que se insere no meio sócio-cultural eminentemente luso-brasileiro. Nessa sociedade eles são numericamente uma minoria. O elemento germânico em Desterro, não é pioneiro, nem funda um núcleo populacional, como aconteceu em Joinville e Blumenau por exemplo. Os alemães se estabeleceram aqui, num núcleo já constituído, que tinha seus líderes, sua cultura e sua tradição. Desterro era, portanto, uma cidade que já possuía uma fisionomia própria.

Alguns estudiosos vêem a cidade como uma espécie de cadinho de fusão étnica. Se tem afirmado que o meio ambiente no qual o indivíduo vive, leva-o a ver e a sentir mais uma coisa que outra, reforçando-lhe algumas convicções e enfraquecendo-lhe outras, para obter aprovação do grupo. Assim sendo, adota gradativamente certo modo de proceder, certas disposições mentais (1). A partir disto podemos conjecturar que os alemães em Desterro poderiam estar sujeitos à rápida assimilação. Em função desse perigo iminente, desenvolveram mecanismos como veremos adiante, tendentes a corroborar para a manutenção de sua identidade, evitando ou ao menos retardando a assimilação.

Esta constatação nos permite afirmar, corroborando com Willems, que o contato entre dois grupos sociais não ocorre à maneira de duas substâncias químicas, que se repelem ou se atraem segundo leis pré-determinadas(2).

Conforme vimos em capítulo precedente, a efetiva presença germânica em Desterro, está indiretamente associada à formação das colônias alemãs próximas, especialmente São Pedro de Alcântara. No entanto, se considerarmos que esta leva de colonos era constituída por católicos oriundos do Hunsrück,

(1) DEWEY, John. Democracia e Educação, São Paulo, p. 31.

(2) WILLEMS, Emílio. Assimilação e Populações Marginais no Brasil. Editora Nacional, 1940, p. 3.

a presença luterana não deve ser associada a este grupo, mesmo que várias famílias tenham permanecido na capital e arredores.

Carl Seidler mencionou a presença de luteranos ao se referir a colonos que aguardavam em Desterro, a demarcação de seus lotes em São Pedro de Alcântara⁽³⁾. Este relato de Seidler conflita com os dados gerais sobre as famílias destinadas a esta colônia, pois que eram todas católicas.

Não temos até o momento, documentos que permitam afirmar a existência de luteranos entre os colonos destinados a São Pedro de Alcântara. Assim sendo, a que grupo Seidler se referia? Parece-nos no entanto que o relato de Seidler merece crédito e desta forma, nem todos os colonos de São Pedro de Alcântara teriam sido católicos.

Em relação à presença alemã organizada, não temos conhecimento de alguma instituição na cidade anterior a 1860. A primeira associação que congregou os alemães em Desterro foi, segundo Flos⁽⁴⁾, o Clube Harmonie, por volta de 1860, com caráter social.

A Escola

A Escola Alemã, surgiu como um braço do Clube Harmonie, conforme ata afirmando que

"... a fundação de uma escola alemã nesta cidade, foi considerada pela maioria das famílias alemãs, uma necessidade urgente..."⁽⁵⁾.

O fato dessa escola alemã ser considerada urgente na cidade aponta para o perigo da assimilação cultural que era uma realidade. Tendo em vista serem os alemães aqui um grupo minoritário, a escola era uma instituição que, se não pudesse evitar, retardaria a assimilação cultural, daí ser uma "necessidade urgente".

Apesar da urgência da sua implantação, muitas famílias, interessadas no projeto, por terem crianças em idade escolar, não reuniam condições financeiras para manter a mesma. A partir desta realidade, o Clube Harmonie ofereceu sua

(3) SEIDLER, Carl. Op. Cit, p. 265-266

(4) FLOS, M. Heinrich. Op. Cit. p. 129. Com relação as instituições alemãs na capital, há no acervo da Comunidade Luterana, em documento elaborado pelo P. von Gehlen, em 1911, sob o título "Potencialidades da Colônia Alemã de Florianópolis(Desterro), para a Conservação do Germanismo, Conforme Relatórios das Respectivas Diretorias". Este documento aponta como primeira associação, o Clube Germânia, fundado em 1865, com 78 associados. Parece-nos no entanto, que o Clube Harmonie é anterior, passando a ser chamado Clube Germânia, em 1865.

(5) Livro de Protocolo dos Assuntos da Escola Básica Alemã do Desterro - Ata de 18 de julho de 1868 (sem paginação).

ajuda, reconhecendo a importância desse estabelecimento, "para poder manter vivo, o ensino da língua alemã e sua cultura"⁽⁶⁾.

Com o apoio decisivo do Clube Harmonie, a Escola Alemã foi inaugurada em 02 de dezembro de 1867⁽⁷⁾. O montante das despesas mensais somava 35 mil réis, incluindo aluguel do imóvel onde funcionava a escola e salário do "professor Lange". O local da escola, segundo documentos que dispomos, ficava na Rua Alvaro de Carvalho 17, na esquina com a Rua Felipe Schmidt.

Como as mensalidades das crianças não cobriam os gastos, foi elaborada uma lista de pessoas que, voluntariamente, assinaram uma contribuição mensal que variava de 1 a 3 mil réis/mês e incluía pessoas que não moravam em Desterro, mas eram solidárias a essa causa.

Nos primeiros seis meses o referido clube assumiu a administração da Escola. Porém, os seus membros entenderam que, após ter decorrido este lastro de tempo, a Escola devia tornar-se autônoma. Desta forma, foi votada uma "diretoria escolar", em 18 de julho de 1868, sendo eleito como presidente o Sr. Hermann Ohlendorf, que era também presidente do Clube Harmonie. Conforme veremos ao longo do trabalho, as instituições são diversas, mas as pessoas são, em grande parte, as mesmas.

Nessa data ampliou-se também o quadro de colaboradores da Escola, encontrando-se entre eles, o nome de Phillipe Schmidt, com a contribuição mensal de 1 mil réis. Tratava-se provavelmente do pai do futuro governador.

No seu início, a escola não tinha ligação formal com a comunidade eclesiástica, no entanto, uma relação de parceria começou a se estabelecer.

Inaugurada na data citada, desconhecemos o que se passou no seu primeiro ano de existência.

Com a vinda do Pastor Dr. Gruel a Desterro (assunto que trataremos adiante com mais vagar), ela recebeu importante impulso, pois Escola, fazia parte de seu projeto. Assim sendo, o referido pastor anunciava em 21.02.1869, que estava disposto a assumir o ensino por um ano. As aulas deveriam começar em 01 de abril de 1869, porém as crianças deveriam fazer um exame em março, visando avaliar o nível de cada uma, ve-

(6) Ibidem.

(7) Ibidem. Para o funcionamento da Escola é relacionada uma lista de utensílios necessários, nos quais constava: 1 mesa, 2 cadeiras, 6 mesas escolares para 24 crianças, 2 lousas com cavalete e régua, 1 recipiente de barro para água, 1 caneca de lata, 1 vassoura e uma pá. A provável falta de recursos e a necessidade de funcionalidade do empreendimento, exigia simplicidade, como pode ser visto no inventário.

rificando-se então em que classe deviam tomar assento⁽⁸⁾.

Nesta mesma ocasião a diretoria da escola decidiu que as crianças, filhos de imigrantes e de colonos que viessem se fixar na cidade, teriam acesso à mesma em qualquer época do ano. Perguntou-se também se haveria exclusão de crianças cujos pais não pagassem as mensalidades. Gruel então respondeu que havia apenas um caso em que isto se verificava e tratava-se de um negro. Alegava ainda que a maioria dos negros que se encontravam em Desterro eram dependentes dos alemães, portanto, este aluno negro, dada a sua dependência dos alemães, não se constituía em problema. Aqui Gruel nos revela um importante dado para a História Social da cidade, pois esta afirmação envolvendo os negros moradores em Desterro, nos leva a reservar para melhor oportunidade, o desenvolvimento satisfatório de tal pesquisa.

Três meses após o início das aulas, Gruel manifestava em assembléia, o desenvolvimento satisfatório da escola, que era então frequentada por 25 crianças, das quais 10 brasileiros.

Tendo em vista as vantagens oferecidas pela escola alemã, a diretoria decidiu que os alunos brasileiros pagassem o dobro das mensalidades dos alemães⁽⁹⁾.

Essa constatação nos permite pensar que a abusiva duplicação das mensalidades cobradas aos alunos brasileiros, poderia indicar uma superioridade cultural germânica frente ao elemento luso, ou um mecanismo de freio para impedir o predomínio destes na escola.

Também nessa ocasião, ele chamava a atenção de todos os presentes, de que a escola deveria ser do interesse de todos. Por ser uma iniciativa que se revestia de importância, deveria ser tratada "com amor e carinho, não só agora, mas também no futuro"⁽¹⁰⁾.

Em relação à escola no seu início, cremos ser importante sublinhar a ênfase dada à educação musical. Esta preocupação ficava clara, quando no início de suas atividades, as pessoas que lideravam a escola se reuniram, para decidir a inclusão de uma aula de música semanal. O Sr. Kraetke seria convidado para assumir essas aulas, caso aceitasse a proposta

(8) De acordo com estes dados, podemos inferir que a escola funcionou desde a sua inauguração(02.12.1867), até a vinda do Dr. Gruel, de forma "provisória". A partir de sua presença na capital, o "projeto escola", ganhou solidez.

(9) A partir dessa informação, podemos afirmar que: a) ocorriam reuniões de diretoria com tomada de decisões importantes, que não constam nos livros de atas. Estas decisões, por exemplo, estabelecia que brasileiros pagariam R\$ 4.000 mensais, enquanto os demais, R\$ 2.000 mensais. b) Neste momento já havia uma ligação, mesmo que não formal, entre escola e comunidade eclesial.

(10) PBDEGF. p. 11.

que a diretoria lhe faria⁽¹¹⁾.

Para concretizar a idéia, fazia-se necessário a compra de um harmônio. O instrumento seria utilizado para as aulas de música e acompanhamento nos cultos.

Na reunião realizada em 04 de julho de 1869, três meses portanto após o início das aulas, decidiu-se levantar o dinheiro através de uma lista de assinaturas, sendo nomeado um dos presentes, o Sr. Böcker, para cuidar do assunto e verificar que o instrumento chegasse o mais breve possível. Cinco meses depois, quando o tema foi novamente tratado, a subscrição para a compra somava R\$ 132.000, no entanto, o Sr. Böcker ainda não tinha recebido resposta da Europa sobre a compra do mesmo.

Este fato confirma o interesse pela música, que caracteriza o elemento germânico luterano em Santa Catarina. A música era parte integrante da pedagogia utilizada na maioria das escolas alemãs, se não em todas. Era um dos maiores componentes da índole germânica e deve ser considerada na tentativa de compreender sua mentalidade⁽¹²⁾.

Em janeiro de 1870, Dr. Gruel se manifestou novamente enfatizando a importância da escola. Nessa ocasião ele convenceu a comunidade que ela não devia se restringir apenas ao nível básico, porém ser uma escola média. Frente a esta argumentação, a maioria decidiu pela contratação de mais dois professores, vencendo então as vozes que se opunham, argumentando dificuldades financeiras. Na mesma oportunidade, o professor/pastor comunicou que desde outubro de 1869, havia um professor auxiliar⁽¹³⁾. Isto se devia ao aumento do número de alunos, com idades e níveis de conhecimento muito diferenciados. Em função disso, os educandos foram divididos em três turmas(classes) possibilitando melhor ensino, utilizando também o turno vespertino. A escola era então frequentada por 28 alunos, assim divididos: 1ª classe =5; 2ª classe =17; 3ª classe =6.

Com a aprovação de se contratar mais professores, foram levantados alguns questionamentos a respeito de sua real necessidade. Estes se basearam em argumentos tais como: na Alemanha, as crianças de diversos níveis e idades eram ensinadas na mesma classe por um só professor. Na contra-argumentação, o Dr. Gruel afirmou que na Alemanha, a criança frequentava a escola dos 6 aos 14 anos, enquanto aqui, ela o fazia por muito menos tempo. Logo, era necessária outra for-

(11) Ibidem, p. 11

(12) KLUG, João. "Contribuição das Fontes Luteranas de Florianópolis a História Cultural Catarinense" in Agora - Revista da Associação dos amigos do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, VI (12) :27-32, dez. 1990.

(13) Desconhecemos qualquer documento que faça referência a esta contratação. Parece-nos ter sido uma iniciativa particular de Gruel, que apenas comunica o fato alguns meses depois.

ma de ensinar para se conseguir os mesmos resultados. Continuando, registrou ainda que a frequência aqui era muito irregular, somando-se as dificuldades com a língua⁽¹⁴⁾ e com o clima, cujo calor tirava a atenção e forças, determinando menor aprendizado.

Entendemos que, de certa forma, o Dr. Gruel nos permite uma visão, mesmo que limitada, do panorama do ensino na cidade de Desterro em 1870. A partir da informação de que a frequência às aulas era muito irregular, cabe-nos levantar a pergunta pelas razões desta irregularidade, tendo em vista não se tratar de uma escola colonial inserida no contexto agrícola, onde a sazonalidade das lides no campo determinava a frequência nas escolas. Restaria saber então as razões, que no momento não podemos determinar.

Outro aspecto levantado na discussão que se travou em torno da validade da contratação de mais professores, foi o de que havia queixas sobre o mau comportamento dos alunos. A lucidez e argúcia de Gruel é bastante clara ao utilizar-se de uma acusação(mau comportamento dos alunos), para enfatizar uma proposta, respondendo que era "exatamente por isto que a contratação de mais professores é necessária⁽¹⁵⁾".

Ainda em 1870, numa reunião cuja data não está registrada(apenas anota-se que é a sexta reunião da comunidade), o Sr. Hackradt na qualidade de representante da diretoria, alegava que a situação da escola era extremamente difícil, pois além da saída do Dr. Gruel, os pagamentos para a sua manutenção não estavam acontecendo⁽¹⁶⁾. Também afirmou que um clima de desentendimento e inveja reinava na escola, mas que apesar disto, ela deveria estar no primeiro plano da comunidade⁽¹⁷⁾.

Sugeriu ainda que o salário dos professores, Sr. Lange e Sr. Eckardt, fosse aumentado para R\$60.000 mensais. Estes professores, após discussão de seus trabalhos, propuseram a contratação de uma professora, para uma classe feminina, o que foi aceito por todos.

Chamamos a atenção para essas decisões, pois levando em conta que a escola enfrentava dificuldade de subsistência, seria normal uma diminuição de atividades. No entanto, não foi isto que se verificou. Parece-nos que se tratava de uma tentativa de induzir as pessoas a olharem a escola de outra maneira, daí a decisão de impacto, de se contratar mais uma professora. Essa contratação porém não chegou a ocorrer, pois na reunião séguente(22.01.1871), o Sr. Hackradt lamentou o resultado negativo dos últimos seis meses. Várias crianças saíram da escola, contribuintes regulares abandona-

(14) Baseados nesta informação do Dr. Gruel, podemos afirmar que o processo de assimilação cultural era uma realidade entre os alemães em Desterro.

(15) PBDEGF. p. 16.

(16) Conforme vimos em capítulo anterior, o Sr. Hackradt era um dos importantes comerciantes da cidade.

(17) PBDEGF. p. 20.

ram as suas cotas, o que tornou extremamente difícil pagar o salário dos dois professores e mantê-la em funcionamento.

Diante dessa realidade difícil, ele solicitou que os presentes se pronunciassem nesta reunião em relação ao destino da escola. Pesadas críticas foram então dirigidas contra os professores, acusados de negligência em relação às responsabilidades que o cargo exigia, o que determinou em muito, a queda do nível de ensino, fazendo com que muitos pais retirassem seus filhos da escola (de 30 alunos havia caído para 18).

Logicamente que diante das acusações, os professores se defenderam, alegando que a necessidade de um docente ser enérgico, foi mal compreendida por parte dos pais e dos alunos, e que o principal problema, era a mesquinhez dos membros⁽¹⁸⁾. Dada a situação conturbada que havia se instalado, em janeiro de 1871, uma nova diretoria foi eleita, ficando o Sr. Hackradt como presidente.

Na reunião seguinte, cuja data não consta no documento, o referido presidente comunicou que a diretoria tomara algumas decisões em relação à escola. Um professor seria despedido, permanecendo apenas o professor Eckardt (apesar das acusações lançadas contra ele). No entanto, algumas exigências foram colocadas. O docente deveria apresentar um plano de ensino à diretoria e somente com a aprovação desta, o plano poderia entrar em vigor. Da mesma forma, uma vez ao mês, a diretoria assistiria à aula, para avaliar tanto o professor quanto os alunos. O mestre também teria que relatar o comportamento dos alunos num livro específico para este fim. Uma vez por mês se faria uma reunião entre professor e diretoria da escola, com a finalidade de discutir todas as queixas. A relação entre professor e diretoria deveria ser regulamentada por contrato escrito.

Ainda nessa reunião, decidiu-se que as contribuições espontâneas procedentes de famílias que não tinham crianças na escola, seriam utilizadas para cobrir os custos de alunos cujos pais não tivessem suficientes condições financeiras.

Essas decisões acima relacionadas apontavam para a tentativa da diretoria de recuperar a credibilidade que a escola tinha perdido junto à colônia germânica. A necessidade do professor apresentar um plano de ensino à diretoria, pressupunha que esta tivesse elementos didático-pedagógicos que permitissem essa avaliação. No entanto, ao observarmos as demais exigências relacionadas, podemos concluir que a ação desta nova diretoria sobre a escola, caracterizava-se pela busca de ordem, disciplina e hierarquia. A questão pedagógica se confundia com ordem e disciplina. Poderíamos dizer até que estes eram ingredientes básicos da pedagogia que se adotava na escola alemã.

Com relação à visita mensal que a diretoria fazia à escola, encontramos em julho de 1871, um relato no qual o presidente

(18) Ibidem, p. 25.

afirmava ter encontrado as crianças muito mal preparadas. Isto se devia não só ao professor que atuava naquele momento, mas também devido à frequente troca de professores. Desconhecemos qual foi o critério de avaliação que determinava o grau de preparação das crianças, assim como também desconhecemos o que significava estar mal preparado.

Com o pedido de demissão do professor Eckardt (ficaria no máximo até fevereiro de 1872), a diretoria entendeu que seria melhor conseguir um teólogo/missionário, pois além da função de educar, ele poderia exercer ainda o pastorado. A alegação era de que o professor deveria ensinar as coisas básicas (e para isto não precisava ser especializado), ter amor à profissão e vontade de permanecer em Desterro⁽¹⁹⁾.

Nessa reunião (28.07.1871), todos os presentes assinaram um requerimento que seria enviado à Alemanha, no qual era solicitado este professor/pastor⁽²⁰⁾.

Através desse fato, podemos pensar em duas possibilidades com relação à escola. A primeira, é de que ela experimentava um retrocesso, pois que não há muito tempo atrás cogitava-se uma escola alemã em Desterro, que não fosse apenas básica, mas também de nível médio. No entanto, neste momento, a opção voltava a ser por uma escola básica. A segunda, era de que decorridos alguns anos de existência, percebeu-se que a realidade impedia a implantação de classes com níveis mais elevados. Passou-se então a ter consciência da realidade e esta exigia uma escola básica.

A partir de julho de 1871, percebemos grandes espaços entre as reuniões da comunidade. Conforme os registros, estes intervalos vão de 2 a 14 anos, nos quais não se registra nenhuma reunião. Não temos portanto qualquer documento relativo à escola nesses espaços. Passados esses períodos, os assuntos tratados nas reuniões praticamente não abordam esta instituição.

Em 08 de setembro de 1875 ficou decidido que a próxima diretoria a tomar posse, seria responsável para que as crianças alemãs tivessem acesso à escola, independentemente de sua confissão. Na mesma ocasião elegeu-se um conselho para a escola, que estaria submetido à diretoria.

Sabemos através de outra fonte, que em 1875 a escola perdeu seu caráter confessional, tornando-se então aconfessional⁽²¹⁾. Nesse momento foi acentuado o caráter étnico sobre o confessional.

(19) Ibidem, p. 28.

(20) Não se menciona no documento, para qual órgão este requerimento foi enviado. Em função dos vínculos que a comunidade viria a ter no futuro, com o Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, podemos pensar que este requerimento foi enviado a essa entidade.

(21) Evangelische Kirche Florianópolis, 1913-1938, p. 9 (Ed. Comemorativa).

Nessa mesma época, verificavam-se grandes dificuldades em reunir quorum suficiente para as reuniões. Elas só aconteciam, porque as sociedades Germânia e Hilfsverein obrigavam seus sócios a comparecerem⁽²²⁾.

Percebe-se um período em que a apatia parece predominar entre os alemães, mesmo envolvendo questões nas quais supomos estarem diretamente interessados. As razões desta indiferença não estão claras nos documentos que nos foi possível verificar até o momento. Parece-nos que entre outras causas, pode ser citado um certo espírito faccioso e divisionista.

Encontramos a próxima informação a respeito da escola, apenas 13 anos depois, em 1888, quando foi determinado o repasse de dinheiro da comunidade para o fundo escolar. A escola tinha, portanto, autonomia financeira, mas estava profundamente ligada à comunidade eclesiástica.

Novamente há um vácuo de informações a seu respeito, que só foi mencionada novamente em 1902. Passaram-se 14 anos dos quais nada sabemos sobre a escola. Nesse último ano, ela é citada como entidade que necessita de apoio financeiro. Após discussão em torno da questão, "todos concordaram com a sugestão do Sr. Carl Malburg e da diretoria, de utilizar 75% das reservas para pagar os professores e cobrir as despesas escolares"⁽²³⁾.

A partir da decisão tomada nessa reunião, a escola passou a ser subsidiada pela comunidade. Provavelmente o número de alunos havia se ampliado e entre eles, alguns não pagavam suas mensalidades, total ou parcialmente.

O fato da comunidade investir na escola, subsidiando parcialmente seus custos, pode ser visto dentro do contexto da preservação da germanidade. Na tentativa de impedir o processo de assimilação cultural das colônias germânicas no ambiente luso-brasileiro, o Império alemão passou a adotar uma política de preservação da germanidade, através da qual apoiaria a imprensa, escola, marinha e congregações eclesiásticas de fala alemã. Com relação às escolas alemãs, Dreher afirma que anualmente o Fundo Escolar do Ministério de Relações Exteriores destinava uma quantia regular para ser aplicada no Brasil. Em 1902, por exemplo, 56 escolas receberam 42068 Marcos, sendo que as escolas mais favorecidas foram as de Santa Catarina⁽²⁴⁾.

Não encontramos até o momento algum documento que nos permita afirmar que a escola alemã da comunidade luterana de Florianópolis, tenha sido beneficiada com este apoio. No entanto, a partir de 1902, é possível perceber certo revigoramento dessa instituição, o qual atribuímos a um possível apoio recebido do Império Alemão com fins de preservação da germanidade. É necessário porém fazer a ressalva de que esta hipótese não está respaldada em provas documentais.

(22) Ibidem, p. 9.

(23) PBDEGF(1907-1938), p. 44.

(24) DREHER, N. Martin. Op. Cit. p. 45.

O fortalecimento experimentado pela escola alemã de Florianópolis pode ser percebido no documento da fundação da Comunidade Luterana de Palhoça, em 1902, o qual afirmava que "a Associação da Escola Alemã de Desterro, convidou um teólogo para atender os evangélicos aí radicados"⁽²⁵⁾.

Isto se deveu basicamente dadas as divergências que se registraram em Palhoça e que geraram facções como veremos adiante. Esta situação de intrigas internas, de tal forma dispersou a referida comunidade, que ela acabou por se diluir.

Num período em que se investia na preservação da germanidade, não era salutar uma comunidade alemã faccionada nas proximidades de Florianópolis. Nesse contexto podemos entender melhor a iniciativa da escola alemã em relação à Palhoça. Torna-se importante frisar aqui o papel desta escola nos inícios da Comunidade Evangélica daquela cidade.

Três anos depois, foi iniciada a construção de seu prédio próprio (01.02.1905), que foi concluído em novembro do mesmo ano, levando apenas nove meses até sua conclusão. As despesas totais da obra, somaram 36 Contos. Deste total, 15,5 Contos foram doados por algumas famílias, destacando-se a família (Hoepcke), com 8,5 Contos, Carl Malburg e Heinrich Scheele, com 2 Contos cada e Ernst Wahl (que era cônsul austríaco na cidade), Barão von Wangenheim e Wilhem Busch, com 1 Conto cada. A Associação do Cemitério Alemão, doara 5 Contos, com os quais se deu o início das obras. Para concluí-la, em 31.03.1905, o presidente da comissão escolar solicitou aos presentes, que a comunidade fizesse doação da metade de sua reserva financeira, para que a construção fosse concluída. Os presentes deliberaram então doar 5 Contos, doação esta que foi subscreta por 94 assinantes. A crônica comemorativa, escrita em 1938, afirma que "todos os círculos da colônia alemã participaram com assinaturas em benefício da obra, de maneira que o interesse pela escola era integrante do sentimento germânico de todos"⁽²⁶⁾.

Em 1907 foi firmado um acordo entre a comunidade eclesiástica e a escola, o qual estabelecia que o Pastor seria o "Reitor" da mesma. Conforme a referida crônica, após a escola ter se instalado em prédio próprio, e o pastor assumir sua liderança, ela se desenvolveu de tal forma que atendia quase a totalidade das crianças alemãs e teuto-brasileiras da cidade⁽²⁷⁾.

Com o advento da Iª Guerra Mundial e a declaração de Guerra do Brasil à Alemanha em 1917, ela foi fechada. Em março de 1918, a diretoria manifestou sua preocupação, pois com esta clausura, as crianças não receberam mais ensino religioso e muitas passaram a frequentar escolas brasileiras. Dada esta

(25) Protokoll Buch der Deutsche Evangelischer Gemeinde zur Palhoça-São José, p. 1903

(26) Evangelische Kirche Florianópolis, 1913-1938, p. 11.

(27) Ibidem, p. 11.

realidade, o pastor foi então encarregado de verificar junto aos pais, a possibilidade de ministrar ensino religioso, duas vezes por semana às crianças⁽²⁸⁾.

Podemos perceber nisto, que houve uma preocupação com a confessionalidade luterana e a cultura germânica, que mais uma vez se apresentavam indissolúveis. Zelar pela confessionalidade, implicava preservar a germanidade. Por outro lado, cabe lembrar o caráter interconfessional da escola, que é claramente manifesto nos documentos. Sendo assim, a questão confessional não deveria constituir-se problema, no entanto, não é o que se verificava. Podemos pensar no sentido de que as duas aulas semanais de religião, seriam então uma forma de contribuir com o sentimento germânico das crianças, ferido no período da guerra.

O fechamento da escola trouxe prejuízos para toda a colônia alemã da cidade. Quando diminuíram as hostilidades contra os alemães, a diretoria da comunidade solicitou a Associação Escolar (março/1920), que, para o bem da comunidade evangélica alemã como um todo, ela deveria ser reaberta o mais rápido possível. Não podemos precisar quando esta reabertura teve lugar. No entanto, em 1925 o embaixador alemão no Brasil, Sr. Knipping a visitou, desejando que ela voltasse a florescer brevemente⁽²⁹⁾.

Baseados na menção feita por este diplomata, podemos pensar que até a data de sua visita, a escola tinha voltado as suas atividades de forma precária. Em janeiro de 1922, a comunidade consultou o Conselho Superior Eclesiástico de Berlim sobre a possibilidade deste enviar um pastor para assumir a escola. A resposta foi de que não havia ninguém disponível e, diante disto, decidiu-se contratar a Srta. Erna Kegel⁽³⁰⁾.

Vamos encontrar nova informação a respeito da escola, somente em julho de 1932. Nesse momento, a diretoria da comunidade afirmava estar em situação financeira crítica, pois a partir de 10 de julho desse ano, escola e igreja tomaram caminhos distintos e separados. Desconhecemos qualquer documento que trate das razões desta separação. Anteriormente, como vimos, havia um acordo, no qual o pastor da igreja era também o diretor da escola. Nesse ano assume a direção da escola, o professor Georg August Büchler, que foi seu primeiro diretor não pastor. O ensino religioso, no entanto, continuava a cargo do clérigo⁽³¹⁾.

Sabemos através de outra fonte, que dois anos após, a escola registrava 112 alunos, sendo 16 no jardim de infância e 96 distribuídos nas demais séries⁽³²⁾.

(28) PBDEGF(1907-1938), p. 48.

(29) Evangelische Kirche Florianópolis, 1913-1938, p. 11.

(30) PBDEGF(1907-1938), p. 61.

(31) Pasta Documentos referente ao Retorno do Imóvel para a Comunidade

(32) Evangelische Kirche Florianópolis, 1913-1938, p. 11.

As evidências apontam para esta separação acima mencionada, pois em assembléia geral da comunidade em abril de 1935, o P. Schliemann afirmou que seria desejável que os alunos evangélicos da escola, bem como de outros estabelecimentos, recebessem ensino religioso regularmente. Neste sentido, ele pediu que a diretoria o apoiasse, para concretizar este plano⁽³³⁾.

Utilizando dados de História Oral, como fonte historiográfica, foi-nos possível ampliar os conhecimentos a respeito da escola. Em 1907 por exemplo, as turmas não apenas eram mistas, como também se intercalava propositalmente meninos e meninas nos bancos escolares. Considerando a época, entendemos ser esta uma prática inovadora no procedimento educacional em Florianópolis, pois não temos conhecimento de colégios que adotassem a prática de turmas mistas.

Na mesma época, todas as disciplinas eram ministradas em língua alemã, com exceção de uma aula semanal de história/geografia⁽³⁴⁾.

Em meados da década de 1930, a escola gozava de um conceito ímpar na cidade pela sua excelência. Havia qualidade de ensino associada à enérgica disciplina. Num diálogo por exemplo, quando se mencionava o fato de alguém estudar ou ter estudado na Escola Alemã, havia uma consideração a respeito, que não se verificava em relação a pessoas de outros colégios.

Nessa época estudava-se na escola alemã até o 6º ano. Após, era habitual que as meninas continuassem no Colégio Coração de Jesus, enquanto os meninos continuavam no Colégio Catarinense. Em função da língua, era necessário recuar um ano. Desta forma, o aluno egresso da escola alemã no 6º ano, voltava ao 5º, nos dois referidos colégios, o que desestimulava a continuidade em muitos.

Segundo dados obtidos, ainda através de História Oral, havia um momento reservado à devoção (andacht), cada segunda e sexta-feira pela manhã, para começar e encerrar as atividades da semana. Os sinos da igreja eram então tocados, e todos os alunos, inclusive os católicos, se dirigiam da escola para a igreja, onde o pastor dirigia esta devoção. Também nesta época todas as disciplinas eram ministradas em alemão, com exceção da língua vernácula⁽³⁵⁾.

Em 1938 ela foi reorganizada nos moldes da legislação vigente, em assembléia geral realizada em 20 de junho desse ano. A partir dessa data, passou a denominar-se "Associação Escolar Escola Nova - AEEN" cujos estatutos foram publicados no

(33) PBDEGF(1907-1938), p. 76.

(34) Entrevista realizada com a Sra. Eveline C. Truppel, que foi aluna da Escola Alemã, a partir de 1907.

(35) Entrevista realizada com a Sra. Marta S. Hense, que foi aluna da Escola Alemã, a partir de 1933.

Diário Oficial do Estado⁽³⁶⁾. Dado a política de nacionalização do ensino, em 1942 passou a denominar-se "Associação Escolar Barão do Rio Branco".

Mesmo com o início das hostilidades da IIª Guerra Mundial, a escola continuou suas atividades até 09 de setembro de 1942, quando, por decreto do Interventor Federal do Estado, Nereu de Oliveira Ramos, foi declarada de utilidade pública. Na ocasião, foi impetrada competente ação de desapropriação, como medida de segurança nacional e defesa do Estado.

O Cemitério

Na tentativa de compreender a consciência germânica e luteranismo em Florianópolis, não podemos prescindir da análise de uma instituição que aglutinou considerável número de alemães luteranos, ou seja, a "Associação do Cemitério da Comunidade Alemã".

A importância dessa associação pode ser melhor avaliada, ao levarmos em conta as dificuldades que se registravam em relação ao elemento não católico, primeiro na colônia e depois no império.

Como não havia separação entre Igreja e Estado, o cemitério público era simultaneamente católico, regido então pela igreja católica.

Os cemitérios municipais podem ser datados a partir de 1828, mas só em 1850 começaram a ser usados⁽³⁷⁾. Era habitual que os cemitérios fossem benzidos pelos padres, pois a família do católico romano morto não o sepultaria em terra não consagrada. "Uma vez benzida pelo padre, a terra se tornava tridentinizada, sendo inadmissível que recebesse cadáver de herege"⁽³⁸⁾.

É digno de nota na discussão deste tema, o fato de que a secularização dos cemitérios, era um dos itens que formava a plataforma de luta dos políticos liberais. Estes na sua campanha contra o ultramontanismo católico, queriam retirar da igreja vários privilégios, entre os quais o de deliberar sobre os enterramentos⁽³⁹⁾.

Em 1863 o governo brasileiro baixou um decreto determinando que o registro de óbitos de não católicos devia ser feito pelo escrivão do juízo de paz, em livro apropriado. Da mesma forma, determinava ainda que em todos os cemitérios públicos deveria haver um lugar separado para sepultamento de não ca-

(36) Diário Oficial do Estado de Santa Catarina, 22 de Junho de 1938, p. 6-7.

(37) RIBEIRO, Boanerges. Op. Cit. p. 108.

(38) Ibidem.

(39) GUEDES, Sandra de Camargo. A Secularização de Cemitérios Públicos em São Paulo: Uma Proposta Liberal. Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, Anais da III Reunião. São Paulo, 1984, 145-148.

tólicos.

Referindo-se ao assunto em 1879, o deputado Barros Pimentel apontou para o fato de que o referido decreto não pusera fim ao problema, pois o clero católico insistia em não permitir o sepultamento de protestantes nos cemitérios públicos. Em muitas localidades surgiram casos até mesmo após a Proclamação da República⁽⁴⁰⁾.

Com relação ao cemitério da Comunidade Alemã de Florianópolis, o primeiro registro a seu respeito data de 01/02/1869, quando o pastor Gruel informou aos presentes naquela reunião que sua construção já estava em andamento e uma comissão deveria tratar do assunto⁽⁴¹⁾.

Nesta mesma oportunidade, os presentes constataram que repetiu-se o que havia acontecido com a escola, ou seja, mensalidades não foram pagas e algumas pessoas diminuíram o valor da contribuição com a qual tinham se comprometido. Escola e cemitério eram, portanto, dois empreendimentos simultâneos, envolvendo as mesmas pessoas. Parece-nos que havia os que simpatizavam mais com um, em detrimento do outro. Desta forma as duas iniciativas foram prejudicadas. Em 21.02.1869, por exemplo, o Sr. Haring solicitou a devolução de sua contribuição de fevereiro, o que criava problemas.

O mesmo documento registrava, também, que o Sr. Kranz se prontificara a cuidar do local, em troca da licença de poder construir ali uma pequena casa e cultivar hortaliças e frutas para sustentar a sua família. Comprometia-se ainda a plantar flores, sem qualquer ônus. Mais tarde ele foi acusado de cuidar apenas de suas hortaliças, não se importando muito com o cemitério, quando na reunião de 23.01.1870 o Sr. Brandt observou que

"... o Sr. Kranz tinha prometido plantar árvores e flores, porém até agora não plantou nenhuma. No entanto, suas cabeças de repolho vão muito bem...".

Por este motivo, algumas pessoas queriam destituí-lo, o que não aconteceu em razão do apoio que lhe davam, o pastor Gruel e o Sr. Todeschini (presidente), alegando motivos humanitários, pois que ele "...lutava contra dificuldades e precisava se sustentar..."⁽⁴²⁾.

Conforme esta informação, podemos concluir que se tratava de um alemão pobre. Examinando a documentação disponível, podemos perceber que nas primeiras décadas da comunidade luterana, a presença de alemães pobres era mais freqüente, provavelmente devido aos muitos colonos que abandonavam os núcleos alemães nas proximidades, para se estabelecerem na capital, tentando melhor sorte. Com o passar do tempo, essa realidade tendeu a diminuir, ou os registros não lhe atribuíam a mesma importância.

Passados dois dias, a comunidade se reuniu novamente em as-

(40) RIBEIRO, Boanerges. Op. Cit. p. 108.

(41) PBDEGF(1869-1907), p. 1.

(42) Ibidem, p. 15.

sembléia, na qual o Dr. Gruel destacou que a escola, cemitério e igreja seriam assuntos da Comunidade. Nessa ocasião um participante, Sr. Pirath, observou que o assunto cemitério também era de interesse dos alemães católicos e que os mesmos lamentaram não terem sido convidados para essa reunião. Gruel, na qualidade de pároco, justificou afirmando que até ali, apenas os protestantes deram a sua contribuição e sendo assim eles teriam o direito de decidir sobre o assunto. Procurando uma alternativa, o Sr. Krezke observou se não seria melhor, ao invés de "cemitério evangélico" e "escola evangélica", denominar "cemitério alemão" e "escola alemã". Mais uma vez Gruel reivindicou o direito de chamar "evangélico", pois que os esforços para concretizar essas instituições tinha sido dos evangélicos, mas que esta denominação não devia ser usada como forma de pressão.

Podemos perceber aí, o zelo que Gruel manifestava pela confessionalidade.

Em 03.02.1869, Gruel comunicou que a inauguração solene do cemitério seria realizada no domingo 21/02/1869, para o qual todos os luteranos estavam sendo convidados, bem como compatriotas de outras confissões⁽⁴³⁾.

A ênfase maior nessa ocasião, foi atribuída à etnia e não a confessionalidade.

Em julho de 1869, Gruel comunicou que o portão de ferro para o cemitério, encomendado na Alemanha, havia chegado e assim que se conseguisse material de construção, seria fixado em seu lugar.

Ao analisar a história dessa instituição, podemos perceber certa tensão no que diz respeito à relação confissão e etnia.

Em julho de 1871, um participante da assembleia lembrou de um acordo feito o que estipulava que o referido cemitério deveria servir aos alemães, independente de sua confissão. Foi feita então a observação de que quanto aos protestantes não haveria problemas. Restaria porém saber se os sacerdotes católicos permitiriam o sepultamento de fiéis desse credo, no campo santo protestante. Na tentativa de pôr fim a esta discussão, o presidente leu então um parágrafo dos estatutos do cemitério, o qual destacava que na compra do terreno, já era propósito de que somente protestantes, incluindo os de outras denominações, fossem ali sepultados.

Como o tema implicava simultaneamente as questões étnica e confessional, foi levantada a sugestão de que para "fazer justiça" aos católicos alemães, poderia ser cedido a eles parte do terreno e deixar que um padre viesse benzê-los.

Tendo em vista que a divisão de opiniões era muito acirrada, em resposta a essa sugestão, foi argumentado que se isto acontecesse, certamente "os padres exigiriam um muro bem al-

(43) Ibidem, p. 4.

to para dividir as duas alas, acarretando em custos aos protestantes".

É possível detectar aqui duas tendências que dividiam a comunidade luterana. Uma que enfatizava em primeiro lugar o aspecto étnico, reivindicando o cemitério para alemães, independente de confissão. Outra, sublinhando o aspecto confessional, exigindo o cemitério para o uso exclusivo das confissões protestantes⁽⁴⁴⁾.

Onze anos depois (julho de 1882), o tema voltava à tona, quando em assembléia, alguns membros manifestaram desejo de ceder parte do terreno para católicos alemães. A diretoria então se comprometeu a verificar junto à Câmara Municipal, a permissão de católicos poderem sepultar os seus mortos em cemitério protestante. Cabe-nos perguntar pelas razões de se buscar esta permissão junto à municipalidade e também qual o interesse dos alemães católicos em fazer uso deste, se lhes era facultado o uso do cemitério público, que acolhia católicos.

Podemos conjecturar que a identificação étnica era o fator de aproximação. Parece-nos que se tratava de uma tentativa de abertura mais "ecumênica", em bases etno-culturais e não em bases confessionais.

A referida assembléia aprovou então algumas resoluções tais como:

- a) ceder uma área de terra aos católicos;
- b) esta, continuaria propriedade dos protestantes e para sepultar alguém, seria necessário a autorização da sua diretoria;
- c) Os gastos realizados pelos católicos seriam pagos por eles;
- d) os católicos deveriam se sujeitar às normas protestantes;
- e) a princípio, somente imigrantes alemães e descendentes, teriam direito de sepultar ali os seus mortos. Caso a diretoria permitisse o sepultamento de alguém de outra etnia, deveria ser somente para pessoas em condições financeiras favoráveis.

Este último aspecto nos autoriza a pensar que os motivos econômicos eram fundamentais, pois considerava-se o ônus financeiro em todas as determinações.

A partir dessa assembléia (julho de 1872), a documentação de que dispomos faz esporádicas alusões ao cemitério. São afirmações gerais envolvendo aspectos corriqueiros sobre taxas, uso e conservação.

Encontramos novas referências somente em documentos datados de 1930, onde se mencionava a aquisição de nova área junto à prefeitura de Florianópolis. Esta, localizava-se em Três Pontes.

Também os estatutos da Comunidade do Cemitério Alemão de

(44) Ibidem, p. 20-30.

Florianópolis (Deutschen Friedhofsgemeinde zu Florianópolis), datados do mesmo ano, merecem uma breve referência, especialmente no seu artigo 6º, o qual afirmava que qualquer pessoa de origem alemã poderia ser membro e também qualquer de outra origem, desde que indicada por três de origem alemã.

No seu artigo 9º, este estatuto assegurava que em caso de dissolução, todo o patrimônio passaria à escola alemã ou a uma sociedade que se interessasse pela causa dos alemães em Florianópolis⁽⁴⁵⁾. Torna-se pois importante sublinhar também aqui o caráter de preservação etno-cultural desta instituição.

Convém observar que em 1869, os documentos referem-se ao cemitério com a expressão "Friedhofs Verein" (Associação do Cemitério), enquanto que em 1930, é denominado "Friedhofsgemeinde" (Comunidade do Cemitério).

A priori, a segunda expressão denotaria vínculos mais próximos, maior unidade. No entanto, não é o que se percebe na análise documental, quando comparado com os anos anteriores. Apesar de se referir ao cemitério como uma "Gemeinde", percebe-se um desinteresse generalizado por essa causa.

(45) Mç. Doc. 1930-1932.

C a p í t u l o V

PROJEÇÃO INSTITUCIONAL: A COMUNIDADE ECLESIASTICA

O Primeiro Pastor

A presença organizada dos luteranos em Florianópolis começa a se efetivar, de forma sistemática, a partir do trabalho do P. Dr. Gruel, que chega na cidade em 1869.

Ao nos referirmos ao P. Dr. Gruel e sua obra na capital, estamos cientes de que a História não é feita apenas de homens notáveis, de heróis e cultos a personalidades. Por outro lado, não podemos ignorar os documentos, quando estes apontam para o trabalho de certas pessoas, que conduziram determinados processos nos seus inícios. Estamos também cientes de que os documentos podem estar impregnados de oficialismo, o que torna a história mais parcial e viciada, exigindo maior rigor na investigação do historiador e necessidade de buscar outras fontes, quando possível.

Considerando estas observações, não podemos tratar da Comunidade Luterana de Florianópolis, sem nos referirmos ao pioneirismo do P. Dr. Phil. Carl Max Gruel, de Berlim.

De acordo com Flos, o P. Dr. Gruel nasceu em 31 de dezembro de 1842⁽¹⁾. O local de seu nascimento não é indicado por Floss, mas sabemos por outras fontes que foi em Berlim. Obteve a formação acadêmica em Filosofia e Teologia, em Berlim. Conforme documentos que dispomos, em 1868 ele inicia seu trabalho em Desterro, contando então com apenas 26 anos. Essa idade nos permite afirmar que o P. Dr. Gruel não havia ainda exercido nenhum cargo eclesiástico na Alemanha antes de sua vinda a Desterro. Era portanto, um jovem recém-formado, dentro das melhores tradições acadêmicas européias.

Com relação a sua vinda, desconhecemos documentos que evidenciem ter ele sido enviado pelo Conselho Superior Eclesiástico de Berlim (Evangelischer Obenkirchenrat), como haveriam de ser os demais pastores luteranos em Florianópolis.

Quando Wappaus escreve a respeito dos alemães em Desterro, afirma que em 1868 este grupo encaminhou ao Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, um pedido, no qual solicitava um pastor⁽²⁾. De acordo com este viajante, o P. Dr. Gruel teria vindo para esta capital, como resposta ao pedido feito às autoridades eclesiásticas prussianas, mesmo que seu nome não seja citado neste relato.

Flos aponta para outra possibilidade. A chegada do P. Dr. Gruel a esta cidade teria ocorrido de forma autônoma, sem vinculação a autoridades eclesiásticas. Este autor afirma, referindo-se a Gruel, que na capital "apresentou-se uma personalidade da qual emergiram novas idéias", indicando o as-

(1) FLOS, M. Heinrich. Op. Cit. p. 129.

(2) WAPPAUS, Johann Eduard. Op. Cit.

pecto voluntário e autônomo de sua presença.

Mais adiante Flos sugere que "provavelmente os pais lhe financiaram esta viagem para além mar, a fim de aumentar seus conhecimentos". A escolha da ilha de Santa Catarina se devia ao fato de ser ela muito conhecida nos círculos científicos europeus⁽³⁾. A atração suscitada pela Ilha de Santa Catarina, teria gerado no jovem filósofo e teólogo, a curiosidade por conhecê-la. Considerando este argumento, não teria feito parte dos planos iniciais do Dr. Gruel a fundação de uma comunidade luterana nestas paragens.

Se considerarmos o relato de Wappaus, em justaposição ao trabalho de Abadie-Aicardi, entendemos ser mais provável que a vinda do Dr. Gruel para Desterro tenha sido similar a do Dr. Otto Woisch para Montevidéu ou seja, ambos foram enviados pelo Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, a pedido das respectivas colônias alemãs⁽⁴⁾. Concluimos, portanto, que Gruel veio para Desterro, enviado pelo Conselho Eclesiástico Superior de Berlim.

O jovem pastor trazia consigo um projeto. Este consistia na formação de uma "Comunidade Evangélica Alemã de Santa Catarina" que englobaria três instituições comunitárias: Igreja, Escola, Cemitério.

Uma vez concebido o projeto P. Dr. Gruel tratou de implementá-lo. Com este objetivo, os alemães luteranos se reuniram em 1º de fevereiro de 1869, seguindo-se uma segunda reunião dois dias após (03.02) e uma terceira, no dia 21 de fevereiro.

Essas três reuniões iniciais, num espaço de três semanas apenas, poderiam a princípio sugerir um intenso trabalho de viabilização da comunidade. Esta porém, poderia ser uma leitura muito apressada. Na primeira reunião (01.02.1869), o Dr. Gruel lamentava o pequeno número de participantes (20 pessoas), o que inviabilizava, segundo ele, qualquer "iniciativa mais ousada", como era seu propósito. Dado o pequeno número, só seria possível tratar os assuntos "mais urgentes e provisórios"⁽⁵⁾.

Com este grupo reunido, o Dr. Gruel fez um levantamento dos

(3) FLOS, M. Heinrich. Op. Cit. p. 129.

(4) ABADIE-AICARDI, Anibal. "Mentalidad Pastoral, Ideas y Crítica Cultural: El Dr. Otto Woysch y el Uruguay de 1857-1863" in Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas. B·hlau Verlag, K·ln, 1988(705-756). Vemos uma situação que podemos considerar próxima. O Dr. Otto Woysch havia sido enviado para Montevidéu em 1857, para reunir uma comunidade evangélica alemã nesta cidade. A iniciativa em solicitar um pastor, partira de alguns comerciantes alemães, que haviam escrito ao Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, pedindo o envio de um pastor.

(5) Protokoll Buch der Deutscher Evangelischer Gemeinde zu Florianópolis (1869-1907) - PBDEGF p. 1.

evangélicos-luteranos em Desterro, bem como aqueles que aspiravam a ingressar na comunidade. Foram arrolados 60 nomes, representando outras tantas famílias⁽⁶⁾. Dois dias após, por ocasião da segunda reunião, que contou com 32 participantes, o jovem pároco solicitou que os presentes informassem o número exato dos membros de suas famílias, incluindo também o número de empregados. Esses dados deveriam ser trazidos na reunião seguinte⁽⁷⁾. Foram registrados também as crianças em idade escolar, cujos pais desejavam que fossem educados na escola da comunidade, totalizando 18 crianças.

O intento do P. Dr. Gruel era de fazer um trabalho em profundidade, considerando a realidade da comunidade na qual se propunha a trabalhar. Esta tentativa de censo, visava a obter dados demográficos e sociais. O P. Dr. Gruel tinha interesse em saber: a) quem eram; b) quantos eram; c) o que faziam.

Ao final dessa segunda reunião, o pároco transmitia ânimo e motivação. Ele chamava a atenção do grupo no sentido de que "ninguém tema obstáculos", pois os objetivos colocados são nobres e "os obstáculos devem ser superados"⁽⁸⁾.

Apesar disso, não se verificou entre os alemães luteranos da capital, o entusiasmo que os autores tanto enfatizam quando tratam de iniciativas comunitárias entre imigrantes e/ou descendentes. Nos documentos que dispomos, podemos perceber certa decepção por parte do P. Dr. Gruel. Ele não encontrou oposição ou hostilidade ao seu projeto, mas sim, certo clima de indiferença e apatia.

Mais uma vez podemos traçar uma linha que parece unir a realidade vivida por esses dois pastores prussianos em terras americanas. Otto Woysch em Montevidéo(1857) e Carl Max Gruel, em Desterro(1868). Woysch escrevia anos mais tarde, referindo-se a sua estada em Montevidéo, que

"Aí estava o lugar no qual devia viver e trabalhar por mais de cinco anos e, como é comum ocorrer com o primeiro que assume um cargo, deveria superar dificuldades, apenas compreensíveis para os que vem depois [...] Muitos apresentam exigências e poucos oferecem ajuda em troca [...] As condições do país e da sociedade são tais, que nada se pode fazer segundo idéias pré-estabelecidas e esquemas prontos [...] As condições européias não podem proporcionar jamais, a pauta para julgar e tratar os americanos. Muita água corre entre Europa e América [...] Novas formas de existência rodeiam o homem..."⁽⁹⁾.

(6) Ibidem, p. 1.

(7) Não temos registros mostrando o retorno dessas informações solicitadas pelo P. Dr. Gruel. A inclusão de "nº de empregados", sugere a existência de alemães abastados, que poderiam mantê-los. Não temos também qualquer evidência de escravos negros pertencentes a famílias alemãs, até aquele momento.

(8) PBDEGF(1869-1907), p. 6.

(9) ABADIE-AICARDI, Op. Cit., p. 232-233.

De acordo com estas manifestações de Woysch, podemos afirmar que se tratava de alguém que soube fazer uma leitura correta da sociedade na qual viria a trabalhar durante seis anos. Parece-nos que o mesmo não teria ocorrido com Gruel em Desterro. Apesar de seus constantes apelos para que a comunidade lutasse pelas idéias propostas, não houve a devida ressonância⁽¹⁰⁾. Parece-nos que Gruel em Desterro, sentia mais aguçadamente, o que Woysch escrevia em relação a sua comunidade luterana em Montevidéu, ou seja, que "muitos apresentam exigências e poucos oferecem ajuda em troca".

Por sua solicitação, os saldos das caixas da escola e cemitério, passaram a fazer parte do fundo da comunidade. Algumas pessoas se manifestaram contrárias a esta resolução, afirmando que o dinheiro devia permanecer na instituição para a qual havia sido destinado.

Parece-nos que através deste pequeno incidente, pode ser percebida certa oposição a Gruel. Na oportunidade(03.02.1869) o pastor sugere a formação de nova diretoria(composta pelo pastor + quatro membros), indicando alguns nomes que deviam compô-la. Segundo seu critério, a indicação levava em conta o tempo de residência em Desterro, para que fossem pessoas conhecedoras da realidade⁽¹¹⁾.

Três semanas depois, a assembléia da comunidade tornou bastante claro que, os membros insatisfeitos com as atividades que estavam sendo desenvolvidas, poderiam se desligar da mesma, perdendo no entanto todos os seus direitos, inclusive quanto ao uso do cemitério.

Percebe-se certa liberdade dada a esses insatisfeitos, acompanhada de uma ameaça, que seria a perda de direitos. Provavelmente muitos insatisfeitos continuaram na comunidade, para não perder os direitos a que faziam jus.

Até 04.07.1869, Gruel havia oficiado quatro cultos. Nessa data foi decidido que haveria um culto mensal, no primeiro domingo de cada mês. Quando houvesse feriado, os cultos seriam celebrados nesses dias.

De maneira geral é possível perceber que os cultos não atraíam as pessoas como se verificava em relação à escola e cemitério, o que parece indicar frouxidão na fé.

Ainda por sugestão do pároco, a nova diretoria eleita em 23.11.1870, teria a obrigação(grifo nosso) de se informar com a anterior, visando a tomar melhor conhecimento da realidade e dar sequência a trabalhos iniciados que fossem do

(10) Cerca de um ano após a chegada de Gruel a Desterro, ainda o encontramos animando a jovem comunidade. Ele advertia para que a obra iniciada com muito trabalho e sacrifício, recebesse mais atenção, colaboração e carinho de todos (PBDEGF, p. 17, Ata de 23.01.1870).

(11) PBDEGF(1869-1907), p. 6

interesse de todos⁽¹²⁾.

A sua permanência em Desterro foi bastante curta. Conforme o Livro de Registros da comunidade, o último batizado realizado por ele data de 05 de junho de 1870. O batizado seguinte, de 26 de julho do mesmo ano, já foi realizado pelo P. Tischhauser, de Santa Izabel.

A partida de Gruel desta capital ocorreu, portanto, entre junho e julho de 1870. A razão dessa saída após tão curta permanência, não está registrada na documentação que dispomos. Provavelmente ela ocorreu por não encontrar respaldo para o seu projeto e indiferença da comunidade. Também cabe lembrar aqui o fato de Gruel ser um jovem recém-formado quando atuou nesta cidade. A sua juventude pode ter-lhe tirado credibilidade junto aos mais velhos. Flos menciona que talvez tenha havido oposição ao seu projeto ou a sua maneira de trabalhar⁽¹³⁾.

Deixando Desterro, Gruel se dirige a São Lourenço do Sul, no Rio Grande do Sul. Esse núcleo de colonização havia sido fundado em 1858 como colônia particular do comerciante Jacob Rheingantz⁽¹⁴⁾. Também nessa comunidade permaneceu por pouco tempo, pois em novembro de 1871, assume o cargo de pároco no Rio de Janeiro, onde trabalhou por 32 anos⁽¹⁵⁾.

Esse longo tempo de permanência no Rio de Janeiro indica que nessa cidade Gruel desenvolveu o trabalho de sua vida e provavelmente, encontrou aí as pessoas e as condições que lhe faltaram em Desterro e São Lourenço do Sul⁽¹⁶⁾.

Flos afirma que, na lápide de seu túmulo em Berlim, estão gravadas as seguintes palavras: "Ao seu Pastor e Diretor de longos anos, Dr. C. M. Gruel, amigos e admiradores no Rio de Janeiro"⁽¹⁷⁾.

Com a saída de Gruel da capital catarinense, o projeto da Comunidade Evangélica Alemã de Santa Catarina não teve continuidade. As três instituições que deviam constituir-la, tornaram-se autônomas (escola, igreja, cemitério).

A escola e a igreja foram as primeiras que se tornaram independentes, conforme análise feita posteriormente.

A igreja permaneceu 32 anos sem pastor residente na cidade, após a saída de Gruel (exatamente o período que este exerceu as funções de pároco no Rio de Janeiro). Durante esses anos

(12) Ibidem, p. 15.

(13) FLOS, M. Heinrich. Op. Cit. p. 135.

(14) FOUQUET, Carlos. O Imigrante Alemão e seus Descendentes no Brasil. 1808-1824-1974. São Paulo, Instituto Hans Staden, 1974, p. 29.

(15) FLOS, M. Heinrich. Op. Cit. p. 129.

(16) É nosso plano verificar junto ao acervo da comunidade luterana do Rio de Janeiro, registros sobre o trabalho do P. Dr. Gruel ao longo de 32 anos nessa cidade.

(17) FLOS, M. Heinrich. Op. Cit. p. 135.

ela foi atendida pelos pastores mais próximos, Tischhauser, Flury e Zluhan(Santa Izabel/Teresópolis) e Sandreczki(Brusque).

O interesse pela música nessa comunidade em formação ficou claro quando em janeiro de 1870, a assembléia decidiu alugar uma sacada por R\$20.000, no mesmo prédio da escola, para os ensaios do coral.

Creemos ser significativo sublinhar este aspecto, pois não temos conhecimento da existência de qualquer grupo que se dedicasse ao canto coral na cidade nessa época. A documentação analisada revela que a participação desse coral foi bastante intensa no primeiro ano de existência da comunidade.

O primeiro demonstrativo financeiro revelou que em janeiro/1870, as mensalidades dos membros somavam R\$120.000, dos quais 35.000 se destinavam ao salário mensal do professor, 15.000 para aluguel da escola e 4.000 para o salário do zelador do cemitério. Percebe-se portanto um razoável saldo de caixa. Nesse demonstrativo nada foi dito em relação ao salário do pastor, o que nos leva a crer que possivelmente ele recebia seus proventos da Alemanha, não sendo contabilizados na comunidade. Esta acumulava um saldo de 1:674\$340, em 01.01.1870. Deste montante, 1 Conto havia sido depositado a juros. Estes números revelam, boa saúde financeira da comunidade em seus inícios⁽¹⁸⁾.

Cinco anos depois(1875), ficou manifesto a dificuldade de reunir quórum para as reuniões. Em 08.09 desse ano, registrou-se que a reunião nesse dia só foi possível devido à participação dos membros dos clubes Germania e Hilfsverein. No entanto anotou-se também que isto não significava trabalho conjunto no interesse pela comunidade.

Podemos aqui conjecturar que a saída do Dr. Gruel da cidade, possa ter criado um vácuo de liderança entre os alemães. A dificuldade encontrada em se reunir, parece-nos um sintoma de uma comunidade que poderia ter ficado sem direção. Se anteriormente já se manifestava certa indiferença e apatia, com a saída do líder esta realidade se acentuava. É possível também detectar grande dificuldade em se eleger uma diretoria, pois as pessoas não se mostravam interessadas nesse tipo de envolvimento.

Em setembro de 1875, a assembléia(onde compareceram 28 membros) pediu que a diretoria eleita assumisse o seu compromisso e permanecesse no cargo pelo menos por dois anos, pois

"...a diretoria eleita na última reunião não assumiu seu compromisso, razão pela qual eu, Ferdinand Hackradt, como membro mais velho tomo a palavra..." (19).

A seguir, o referido membro presidiu a reunião.

Este fato revela o desinteresse e indica a necessidade de

(18) Ibidem, p. 15.

(19) Ibidem, p. 30.

rever mais prudentemente as afirmações em torno do espírito associativo, considerado característica do elemento germânico. Não temos dúvidas quanto a isto, apenas queremos ressaltar que este espírito cooperativo não estava imune às crises.

Dada a dificuldade em tomar decisões com clareza nas assembleias, foi estabelecido em 31.07.1887, que para a próxima reunião, as pessoas trouxessem suas idéias por escrito, de forma curta, clara e objetiva. Esta aconteceu duas semanas depois (14.08.1887) mas somente o Sr. Carl Hoepcke cumpriu com o requerido. Em sua proposta ele pedia que os membros que não pagassem uma anuidade de R\$20.000, fossem excluídos da comunidade, pois não teriam o direito de usufruir da mesma. Os casos de pobreza, a diretoria deveria examinar à parte. Mais uma vez percebemos que a questão das cotas é fundamental. Prevalencia o critério pragmático contábil.

Essa mesma assembleia decidiu colocar a reserva financeira da comunidade sob os cuidados do Sr. Carl Hoepcke, a juros de 6% ao ano⁽²⁰⁾.

Começaria aí, um longo período onde as finanças da comunidade ficariam intimamente ligadas ao Sr. Hoepcke e sua empresa, o que acarretaria em dependência no futuro.

De acordo com a sugestão escrita do Sr. Hoepcke, o único critério para determinar a membresia, era o econômico. O mesmo critério deveria ser usado para determinar a exclusão de membros. Nessa proposta do referido líder, mesmo o indivíduo de conduta reprovável poderia ser membro, desde que bom pagador. Na realidade, ele parece propor que se conduzisse a igreja com os mesmos critérios que gerenciava sua empresa de importação e exportação.

Outro aspecto que convém enfatizar, ainda relativo à mesma assembleia, é o trecho da ata afirmando que

"...foi decidido hoje, pelos alemães aqui presentes..." (Grifo nosso).

Por se tratar de uma assembleia da comunidade luterana, poder-se-ia esperar talvez o termo "evangélico" ou "protestantes aqui presentes". A utilização do termo "alemães", parece-nos apontar para a valorização da dimensão etno-cultural, acima da religiosa-confessional. Prevalece a idéia do Deutschtum sobre a comunidade religiosa (a expressão original não é "Evangelischer Gemeinde" e sim "Deutscher Gemeinde").

A nova diretoria eleita em fevereiro de 1891, reafirmou algumas decisões anteriores, acrescentando que

"...cada alemão aqui residente pode ser membro da comunidade, independente de sua confissão..."⁽²¹⁾
(grifo nosso)

e que todos os alemães moradores na capital seriam convida-

(20) Ibidem, p. 38.

(21) Ibidem, p. 41.

dos para fazer parte da comunidade, como membros contribuintes. Este texto coincide com a ausência de Gruel e denota recessão do vínculo confessional luterano ao lado de uma ênfase no elemento étnico-germânico (Deutschtum). Esta ênfase não implica em "ecumenismo" mas sim num afrouxamento do vínculo central da comunidade. Nota-se, pois, um prevalecimento da coerência étnica sobre a coerência religiosa que vínhamos estudando.

Após um lapso de onze anos, aconteceu nova assembléia, na qual o presidente destacou que decorridos todos esses anos, não se registrou queixas, pelo que agradecia.

Torna-se importante considerar esta informação, levando em conta que se vivia um período em que a germanidade de modo geral recebia grande impulso.

Era de se esperar então que os alemães luteranos em Florianópolis estivessem mobilizados e coesos entre si. Não foi porém o que se verificou na comunidade, através da análise documental até aqui realizada.

Convém salientar que no período em que se vivia o auge da germanidade no Brasil, a comunidade luterana de Florianópolis passava por uma fase de estagnação e marasmo.

Pensamos que é possível atribuir esta indiferença à ausência de um líder, o que nos leva a destacar a importante função dos pastores e a ausência de desafios que fossem mobilizadores para o grupo. Essa falta de desafios pode ser percebida através do registro que se fez nessa reunião, destacando como trabalho da comunidade nestes onze anos, a construção de uma cerca de estacas ao redor do cemitério e colocação de calhas de canalização d'água para preservar o terreno.

Apesar disso, constatou-se nessa oportunidade que o número de membros havia aumentado para 85. Desconhecemos porém o número anterior para efeito de comparação. Notável é a decisão tomada nessa reunião, destinando 25% das reservas financeiras da comunidade, para criação de um fundo que visava a auxiliar famílias em dificuldades, motivadas por doenças ou acidentes.

Conforme vimos anteriormente, havia estreita ligação entre as finanças da comunidade e a empresa Carl Hoepcke. No entanto, em 1902 este alegava ser impossível pagar mais de 4% de juros anuais. Diante disto a diretoria estabeleceu contato com o Banco Brasileiro-Alemão (Brasil Banck für Deutschland), o qual se comprometia a pagar juros de 6% ao ano. Verificou-se então um curto período em que as reservas financeiras da comunidade não estariam diretamente ligadas à pessoa de Carl Hoepcke.

Para melhor compreensão da história do luteranismo em Florianópolis, é interessante considerar alguns aspectos da história eclesiástica alemã, que afetaram profundamente o luteranismo brasileiro e catarinense.

Com o propósito de melhor zelar pela "Alemanha Maior", o Imperador Guilherme II iniciou a partir de 1896, uma política

mais agressiva de preservação da germanidade. Com esse propósito, foi promulgada uma lei eclesiástica prussiana, em 07 de maio de 1900, por sugestão da Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América. Essa sociedade não conseguia mais atender aos compromissos com comunidades e pastores que se encontravam na América, propondo então a referida lei. Esta, possibilitava a filiação de comunidades à Igreja Territorial da Prússia e ficariam então subordinadas ao Conselho Superior Eclesiástico, com direito à assistência e promoção de seus interesses por parte da Igreja Territorial Prussiana. Os pastores por sua vez poderiam participar do Fundo de Pensões da Igreja Territorial da Prússia, o que lhes assegurava certas garantias.

Diante dessa possibilidade muitas comunidades no Brasil começaram a se filiar. Para facilitar as decisões e tornar o relacionamento mais próximo, o Conselho Superior Eclesiástico de Berlim nomeou um "Representante Permanente" (Ständige Vertreter) para o Brasil, que ficou sediado em Porto Alegre. Assumiram esse cargo os seguintes Representantes Permanentes:

Martin Braunschweig	(1911-1919)
Erwin Hübbe	(1925-1928)
Paul Kaetzke	(1929)
Gottlieb Funcke	(1929-1936) (22)

Dentro desse contexto de uma aproximação facilitada, a diretoria da comunidade de Florianópolis se reuniu em 09.07.1907 para discutir a respeito da filiação à Igreja da Prússia. Nesse ano ela contava com 105 membros. Tomou-se então a decisão de expor a intenção de filiação e sua importância ao Prior M. Braunschweig, quando de sua visita a Florianópolis, que ocorreria dois meses depois. Em 09.04.1908, foi enviado um requerimento à Alemanha, solicitando a filiação. Após quatro meses, foi lida a correspondência número 12679 de 30.06.1908 do Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, comunicando a aceitação dessa comunidade como filiada à igreja da Prússia, com base na lei de 07.05.1900, que foi então lida e examinada. Depois, todos manifestaram sua concordância, assinando o protocolo de filiação (23).

Numa cópia do documento colocado na pedra fundamental da casa pastoral, entre outros dados consta que em 04.03.1909

"...Sua Majestade o Rei da Prússia, aprovou a adesão da comunidade de Florianópolis à Igreja Evangélica Nacional da Monarquia Prussiana..." (24).

Para melhor compreensão desse processo, é necessário considerar a dependência da Igreja Prussiana em relação ao Estado da Prússia, cujo Imperador não exercia somente poderes políticos, mas era também Supremo Bispo de sua Igreja Territorial. Assim sendo, a comunidade de Florianópolis fazia parte de uma igreja estatal, a Igreja Prussiana.

Chamamos a atenção para uma correspondência enviada pelo

(22) DREHER, N. Martin. Op. cit. p. 218ss.

(23) PBDEGF(1869-1907), p. 19.

(24) Mç. Doc. 1908-1909

Conselho Superior Eclesiástico de Berlim(26.03.1913) à Conferência Pastoral de Santa Catarina, presidida na época pelo pastor Walter Mumeltey(Blumenau). Nessa, a referida instituição informava a decisão de doar um acervo de livros destinados à formação de uma biblioteca itinerante, para as comunidades evangélicas alemãs de Santa Catarina, filiadas à Igreja Territorial da Prússia.

A livraria Hugo Rother de Berlim despacharia os livros para o Consulado Imperial em Florianópolis. A Conferência Pastoral deveria deliberar sobre a utilização dos livros, no entanto, o Conselho Superior Eclesiástico de Berlim manifestava suas dúvidas sobre a validade de colocar o acervo numa biblioteca central e parte, numa menor, com sede em Florianópolis, para atender as comunidades do Sul do Estado.

A carta enfatizava ainda que o empreendimento só teria sentido se em cada comunidade houvesse livros a disposição para empréstimo, o que teria exigido grande quantidade. O acervo a ser enviado, possibilitaria que nas quatro comunidades maiores(Blumenau, Brusque, São Bento e Timbó ou Pomerode), houvesse uma biblioteca com aproximadamente 100 volumes em cada uma.

O Conselho Superior Eclesiástico de Berlim sugeria ainda que a cada seis meses se fizesse um rodízio de acervo. Recomendava também a cobrança de uma taxa de leitura, por menor que fosse, por motivos pedagógicos.

Em relação ao Sul do Estado, dever-se-ia ponderar sobre a instalação de uma biblioteca menor em Florianópolis e eventualmente uma filial no interior, como Teresópolis por exemplo. O intercâmbio de livros devia ser considerado, visto que havia considerável circulação de carroças dos colonos e trem entre Itajaí e Blumenau⁽²⁵⁾.

Os Primeiros Estatutos

Em 1907 foram redigidos e aprovados os primeiros estatutos da comunidade, que foram registrados em cartório a 09 de novembro do mesmo ano.

Esses, em seu artigo número 1, deixava em evidência o caráter étnico, ao afirmar que

"A comunidade eclesiástica se denominará Comunidade Eclesiástica Evangélica Allemã de Florianópolis-Brasil"

O aspecto confessional podia ser visto no segundo artigo, o qual sublinhava que

"Baseada na Escripura Sagrada, a Comunidade reconhece os symbolos da Reforma Alemã e liga-se em culto, doutrina e disciplina, à Igreja da Reforma"⁽²⁶⁾.

(25) Mç. Doc. 1913.

(26) Mç. Doc. 1917. Estatutos.

Esses estatutos nos permitem observar alguns aspectos que merecem destaque pela sua peculiaridade. Estava habilitado a ser membro,

"...todo cristão evangélico maior de 20 anos; que reconheça as disposições contidas nos estatutos, se esforce pelo desenvolvimento dos interesses da mesma e satisfaça as mensalidades estipuladas" (27).

Creemos ser importante justapor essa exigência estatutária, com aquelas formuladas pela diretoria eleita em 1891 que, conforme vimos, afirmava que cada alemão residente na cidade poderia ser membro, "independente de sua confissão". No referido artigo, porém, a confessionalidade é ressaltada, bem como a necessidade dos membros se esforcarem em zelar pelos interesses da comunidade.

Partia-se do princípio de que o membro era responsável e por isso devia ser maduro, justificando-se assim a exigência da idade mínima de 20 anos.

Em relação ao requisito de satisfazer as mensalidades estipuladas, esse estatuto silencia sobre a possibilidade de alguém cumprir as demais exigências, exceto esta. No entanto, os documentos estudados nos permitem afirmar que se verificaram casos onde as pessoas não cumpriram essa exigência financeira, mas mesmo assim foram admitidos. Conforme mencionamos em relação ao artigo quinto, a necessidade de satisfazer as mensalidades estipuladas, ficaria ao encargo da consciência de cada um. Essas mensalidades eram graduadas em um, dois ou três mil réis mensais, sendo que cada membro definia os valores com os quais iria contribuir(28).

Em seu artigo número 12, os estatutos afirmavam que o indivíduo germânico, residente no âmbito da comunidade mas que não fazia parte da mesma, deveria pagar o quintuplo das taxas por ato religioso.

Entendemos que provavelmente essa seria uma forma de pressionar todo indivíduo teuto morador na cidade, a se filiar à comunidade.

Em relação aos cargos diretivos, os estatutos determinavam que um membro do Conselho Eclesiástico por exemplo, além das funções administrativas, tinha o "dever de disseminar o sentimento religioso...", através do "exemplo pessoal, ensinamentos, conselhos e admoestações, outros meios"(29).

O referido Conselho seria composto pelo pároco, mais quatro diretores(presidente e vice, tesoureiro, secretário e um conselheiro como substituto dos últimos)(30).

A presidência do Conselho competia ao pároco e no impedimen-

(27) Ibidem, Art. 5º.

(28) Ibidem, Art. 7º.

(29) Ibidem, Art. 35.

(30) Ibidem, Art. 22.

to deste, ao presidente da comunidade⁽³¹⁾. Também era tarefa dos conselheiros, "promover a atividade cristã", através da "distribuição dos recursos eclesiais para tratamento dos enfermos e auxílio aos pobres e inválidos"⁽³²⁾.

Numa leitura apressada, seria possível concluir que esses itens dos estatutos não estivessem totalmente coerentes com a confessionalidade luterana, pois que esta não enfatiza as boas obras. Entendemos no entanto que estes aspectos sublinhavam a dimensão social da fé cristã, o que não acarreta de nenhum modo em incompatibilidade teológica.

A valorização da conduta e coerência pessoal ficavam evidenciados como necessidades estatutárias para os líderes. Cabe ressaltar também que só poderia ser membro elegível, o indivíduo do sexo masculino, maior de 30 anos e que tivesse demonstrado interesse pela igreja⁽³³⁾.

Dessa forma, os estatutos de 1907 vetaram a possibilidade de mulheres ocuparem cargos na igreja e se resguardava da possibilidade de alguém ser alçado a cargos de diretoria, sem que estivesse engajado na defesa de seus interesses.

A possibilidade de exclusão de membros, também foi prevista, devendo ser excluído todo aquele que não acatasse os estatutos e/ou o indivíduo que viesse prejudicar os interesses da comunidade⁽³⁴⁾. Em relação a este último aspecto, não há nenhuma especificação daquilo que seria prejuízo.

O órgão deliberativo máximo, era a Assembléia Geral da Comunidade, a qual devia ser consultada também diante da iminência de se efetuar gastos que excedessem a 150\$000, ou quando da criação ou modificação de taxas⁽³⁵⁾.

Nesse ano em que os estatutos foram redigidos, aprovados e registrados, a comunidade contava com 105 membros. Apesar do número ser expressivo, continuava a dificuldade em reunir quórum para as deliberações. Em agosto de 1907 por exemplo, foi registrado que o presidente lamentava a baixa frequência (12 pessoas naquela oportunidade), alegando que o número de membros já ultrapassava a 100. Dois meses depois a mesma queixa foi apresentada, quando este lamentava a indiferença, mesmo em se tratando de um assunto de interesse de todos, que era a escolha de um novo pastor. Sublinhava ainda o presidente que a indiferença predominava sobre os interesses da comunidade⁽³⁶⁾.

Na reunião de 25.08.1907, constava como principal item da ordem do dia, a eleição de nova diretoria, pois que a atual já se encontrava no cargo há 15 anos, o que aponta para duas possibilidades: a) desinteresse das pessoas assumirem funções

(31) Ibidem, Art. 28.

(32) Ibidem, Art. 37.

(33) Ibidem, Art. 24.

(34) Ibidem, Art. 9º.

(35) Ibidem, Art. 49.

(36) PBDEGF(1907-1938), p. 11.

no âmbito da igreja; b) monopólio por parte de alguns, em relação aos cargos diretivos. Parece-nos que as duas possibilidades podiam ser verificadas, com predomínio da primeira.

Em 1908 a diretoria tomou a decisão de que o pastor deveria ministrar culto infantil, naqueles domingos em que não se realizava o culto regular. Dessa forma as crianças deviam ficar ausentes do culto dos adultos, provavelmente para não distraí-los ou incomodá-los.

Entendemos que essa decisão revelava o caráter solene e formal com o qual se revestia o culto luterano nessa época. Por outro lado temos que levantar a interrogação sobre a possibilidade da família participar, caso tivesse filhos pequenos, pois que a decisão tomada, parece não considerar estes casos.

Relacionamento com a Igreja Católica

Digno de nota é o registro datado de 03.09.1908, no qual os dirigentes da comunidade luterana pretendiam reunir-se com a direção da paróquia católica, para pensar uma ação conjunta que resultasse no fechamento do comércio no feriado de Sexta-feira Santa⁽³⁷⁾.

A partir dessa informação, podemos deduzir que nessa data alguns comerciantes abriram seus estabelecimentos, o que significava de certa forma, uma agressão às igrejas cristãs na cidade, para os quais a data era provavelmente a principal do calendário eclesiástico.

Devemos considerar aqui, o fato de que havia vários comerciantes alemães luteranos na cidade, no início deste século. Assim sendo, é provável que também entre eles, alguns abriram seus estabelecimentos comerciais nesse dia, o que justificava uma ação conjunta dessas igrejas, exigindo que o referido feriado fosse respeitado.

O relacionamento interconfessional católico-luterano que parecia estar razoavelmente harmônico, sofreu um abalo em 1910. Nesse ano, Willy Renaux, filho do industrial Carlos Renaux de Brusque, estudava em Florianópolis, no ginásio administrado pelos jesuítas (Colégio Catarinense), juntamente com seu irmão Louis. Ambos seriam confirmados naquele ano, no Domingo de Ramos. Participavam regularmente com os demais confirmandos, três vezes por semana das aulas que o pastor Von Gehlen ministrava para este fim.

Além disso, o pastor ainda ministrava aulas extras para os dois jovens mencionados. No entanto, na semana anterior ao Domingo de Ramos, o pastor von Gehlen foi comunicado por pais, professores do ginásio, que Willy queria tornar-se católico, portanto, o ato da confirmação ou profissão de fé, não faria sentido para ele.

(37) Ibidem, p. 21.

Numa conversa reservada que o pastor travou com esse jovem, ele afirmou que nada tinha contra a igreja evangélica, porém queria tornar-se católico, pois entendia que a igreja católica seria a verdadeira. Afirmava ainda que sua decisão não era influenciada pelos padres do colégio.

Dois dias depois desse diálogo, o pastor von Gehlen foi procurado pelos padres Rubarth e Koller, que lhe fizeram algumas colocações tais como: a) O ginásio é católico; b) Os alunos evangélicos deviam participar do ensino religioso e das missas c) O pastor faria um grande favor se pudesse manter os alunos evangélicos a distância daquele estabelecimento, pois só causavam aborrecimentos.

Diante desse quadro, o Sr. Carlos Renaux foi imediatamente comunicado por telegrama, no qual o pastor pedia o seu comparecimento com urgência.

Nesse ínterim, os sacerdotes católicos voltaram a procurá-lo, afirmando que para evitar discussões desagradáveis concordavam que Willy fosse confirmado, no que von Gehlen não concordou. Afirmava o pastor que o caso precisava ser esclarecido, pois a questão tinha importância de Estado pela filiação da comunidade à Igreja da Prússia. No dia 20.03.1910, o conselho da igreja se reuniu para tratar desse caso, considerado grave. Nessa reunião foi redigido um relatório do episódio em foco, sendo que uma cópia foi enviada ao Conselho Superior Eclesiástico de Berlim.

Três dias depois (23.03), o Sr. Renaux compareceu em Florianópolis dirigindo-se diretamente, na companhia do Pastor von Gehlen, ao Pe. Book, Reitor do ginásio. Nessa ocasião o Sr. Renaux argumentou com muita autoridade, que segundo as leis da constituição o ginásio era do Estado, portanto sem caráter confessional-religioso. O reitor então lastimou o acontecido, reconhecendo que as declarações dos padres Rubarth e Koller foram incorretas.

Como os outros pontos colocados pelos referidos sacerdotes não haviam sido suficientemente esclarecidos, o Sr. Renaux juntamente com o pastor voltaram no dia seguinte à presença do Reitor Book, para que tudo ficasse esclarecido. Nessa segunda reunião com o Reitor, foi acordado que:

- a) Os alunos evangélicos não seriam obrigados a freqüentar o ensino religioso e as missas;
- b) Não lhes seria dificultada a livre participação nos cultos da comunidade luterana;
- c) Mensalmente o pastor apresentaria à direção do ginásio a ordem dos cultos, que seria livremente divulgada⁽³⁸⁾.

Esse episódio aparentemente isolado, aponta para alguns aspectos que merecem ser considerados.

A questão confessional por exemplo, era um importante valor entre as famílias dos imigrantes, de tal forma que um industrial se deslocou de Brusque para tratar dessa questão em

(38) Ibidem, p. 36-38.

Florianópolis.

Carlos Renaux invocou a Constituição, exigindo que ela fosse observada no tocante à questão escolar-religiosa, o que apontava para a não observância da mesma nesta área.

O incidente acima mencionado, parece indicar para a possibilidade de coação que a minoria luterana sofria num ginásio católico, na tentativa de se fazer proselitismo.

É notável ainda a firmeza com que o pastor von Gehlen se posicionou em defesa não só da confessionalidade, mas também dos interesses de uma comunidade que recentemente havia se filiado à Igreja Territorial da Prússia. Dessa forma, von Gehlen evitou que um precedente de conseqüências provavelmente danosas para os luteranos, fosse aberto.

A documentação não nos permite afirmar que casos assim tivessem ocorrido anteriormente a este. Apenas podemos supô-los. Caso tivessem acontecido, não lograram a repercussão deste, porque provavelmente não envolveu famílias conhecidas como a família Renaux.

Relatando sobre a vida da comunidade em 1911, o pastor von Gehlen afirmou que a convivência com a comunidade católica era amistosa. Apontava ainda como evidência disso, que membros luteranos falecidos no hospital, podiam ser velados naquele necrotério.

Nesse mesmo relatório von Gehlen sublinhou que o pregador adventista havia se retirado da cidade, em face ao fracasso de sua tentativa de implantar aquela igreja. Enfatizou no entanto que a Igreja Presbiteriana continuava "evangelizando os católicos em silêncio, sem prejudicar os luteranos"⁽³⁹⁾.

Diante desse relato podemos afirmar que a igreja luterana não estava preocupada em conquistar novos adeptos, mas sim que seus fiéis não se tornassem alvo de proselitismo. Visava, portanto, o atendimento aos seus membros, preservando confissão e germanismo. Em relação a esse aspecto, conforme temos visto ao longo deste trabalho, a comunidade luterana em Florianópolis oscilava entre a confessionalidade e a defesa da germanidade.

Isso se evidenciou novamente quando em janeiro de 1910 foi decidido celebrar um culto comemorativo em homenagem ao aniversário do Imperador.

O caráter solene dessa celebração podia ser percebido pelo fato de se imprimirem convites especiais convocando os membros. A impressão de convites que comumente não ocorria, denotava, portanto, o caráter especial do evento, que visava a reforçar os laços com a velha pátria e os sentimentos germânicos.

(39) Relatório pastoral 1911 - Mç. doc. 1911.

A Construção da Casa Pastoral e Igreja

Tendo em vista que o pastor da comunidade era simultaneamente reitor da escola alemã, esta lhe concedia residência no seu próprio prédio.

Em janeiro de 1909, o Sr. Carl Hoepcke Sen. presidente da Escola Alemã, propunha que se construísse o mais rápido possível, uma casa pastoral, pois que o primeiro professor da escola havia casado e precisava daquela residência.

Três meses depois houve uma assembléia geral, onde esse assunto foi discutido em "prolongado debate". Nessa reunião o Sr. Hoepcke declarou que sua firma colocava a disposição dessa obra, a quantia de 8 Contos de Réis. A partir disso, os presentes decidiram liberar 1 Conto do fundo de reserva e solicitaram ainda à Associação do Cemitério, a contribuição de 1/3 dos bens que esta tinha no Rio de Janeiro em depósitos, o que daria em torno de 2 Contos para a construção.

Esperava-se ainda que as doações voluntárias dos membros chegasse a 2 Contos. Nessa ocasião formou-se uma comissão para cuidar desse assunto, integrada pelos senhores Wahl, Beilke, Moellmann e Scheele.

Estes por sua vez, em nome da comunidade estabeleceram contatos com o Conselho Superior Eclesiástico de Berlim e Sociedade Gustavo Adolfo, solicitando auxílio financeiro, no que foram atendidos. A planta e construção ficaram ao encargo do arquiteto Theodor Gründel, conhecido construtor na cidade.

Em 11.07.1909 era realizada a solenidade de lançamento da pedra fundamental.

Não temos conhecimento de qualquer documento alusivo ao término dessa casa pastoral, porém em janeiro de 1910 foi apresentada uma prestação de contas onde a obra foi dada como pronta, custando 15:791\$750⁽⁴⁰⁾.

Ao mesmo tempo em que se concluía a casa pastoral, cogitava-se a respeito da construção de uma igreja, pois até então os cultos eram realizados nas dependências da escola.

Entendemos que a construção de uma igreja é um importante marco na vida de uma comunidade eclesial. Em relação aos luteranos em Florianópolis não foi diferente.

As discussões em torno da construção de uma igreja nesta cidade, na realidade, tinham começado simultaneamente quando das discussões a respeito da casa pastoral. Na assembléia geral de 03.01.1909, foi levantada a idéia de se utilizar recursos que estavam acumulados na caixa da Associação do Cemitério. A ata dessa assembléia destaca que após prolongados debates, decidiu-se que as duas diretorias conversariam

(40) PBDEGF(1907-1938), p. 25.

a respeito⁽⁴¹⁾.

Tendo em vista sua filiação à Igreja Territorial da Prússia ocorrida um ano antes, em novembro de 1910, a direção da comunidade solicitou auxílio financeiro ao governo prussiano, para a construção de sua igreja.

Em resposta a esse requerimento, o Cônsul Dr. Grienke esclareceu que após consulta ao Ministro para Assuntos Eclesiásticos, havia as seguintes ressalvas:

- a) Devia haver dados mais completos e fidedignos, relativos às despesas com a construção;
- b) A comunidade devia apresentar um projeto de levantamento de recursos para esse fim;
- c) Exigia-se um projeto pormenorizado, especificando o plano de gastos.

Além desses aspectos, três perguntas foram levantadas, cujas respostas eram fundamentais no contexto da preservação do germanismo. Perguntava-se pois o seguinte:

- a) Até que ponto os interesses públicos prussianos estariam envolvidos na obra?;
- b) Quantos e quais os membros da comunidade exerciam cargos públicos?;
- c) Quantos tinham residência fixa em Florianópolis?⁽⁴²⁾.

Chamamos atenção para esse questionamento, pois parece-nos ficar claro que o apoio à igreja era um dos pontos importantes na política germanista adotado pelo Império Alemão. Em relação a estas últimas perguntas, não temos conhecimento até o momento, de algum documento que as respondessem.

Em correspondência datada de 22.01.1912 o representante para o Brasil, do Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, Prior Braunschweig comunicava que infelizmente não poderia recomendar a comunidade de Florianópolis junto à direção central de Berlim, pois já havia recomendado a comunidade de Ijuí no RS, cujas obras de construção da igreja já haviam começado há dois anos. Sendo assim, não seria sábio recomendar para auxílio, duas comunidades no mesmo ano⁽⁴³⁾.

Em abril de 1912, a diretoria convocou uma assembléia geral, com o objetivo de examinar uma planta desenhada pelo construtor Künzel e orçada em 27 Contos de Réis, sem os sinos, relógio e órgão⁽⁴⁴⁾.

Nessa mesma assembléia decidiu-se fazer uma visitação intensiva aos membros, com o objetivo de angariar fundos pró-construção da igreja. Até o final de maio daquele ano, 75 membros tinham sido visitados, os quais tinham se comprometido a doar até o final do ano, a quantia de 8:950\$000, manifestando também grande interesse pelo empreendimento. Como já havia 6:339\$515 disponíveis, faltavam ainda em torno de

(41) Ibidem, p. 23.

(42) Mç. Doc. 1911.

(43) Mç. Doc. 1912.

(44) PBDEGF(1907-1938), p. 17.

10 Contos de Réis.

Por sugestão do Prior Braunschweig, esse dinheiro que faltava para a construção, devia ser pedido ao Conselho Superior Eclesiástico de Berlim e Sociedade Gustavo Adolfo. Nova assembléia geral foi convocada para 19.07.1912. O objetivo era examinar duas plantas e tomar uma decisão. Foi aprovada a planta do arquiteto Theodor Gründel, com pequenas modificações e o pedido de que fizesse nova planta com especificação de custos de material.

Na oportunidade foi eleita uma comissão para dar encaminhamento à questão, formada pelos seguintes senhores: Carl Berenheuser, Fridrich Momm, Hermann Moelmann Sen., Rudolph Kirchner e Julius Schmiegelow⁽⁴⁵⁾.

Duas semanas depois, a diretoria se reuniu juntamente com a comissão recém-eleita, tomando a decisão de contratar os seguintes serviços:

Sr. Theodor Gründel - serviços de fundação e pedreiro;

Sr. Carl Gassenferth - serviços de carpintaria;

Sr. Johannes Momm - serviços de pintura⁽⁴⁶⁾.

Dentro de 14 dias deviam apresentar seus respectivos planos de trabalho e gastos.

Numa carta datada de 07.09.1912, o Conselho Superior Eclesiástico de Berlim notificava à comunidade, a liberação de 3000 DM(=2:175\$000, a um câmbio de 725R\$) por intermédio da Firma Hoepcke & Cia, destinados à construção⁽⁴⁷⁾.

Até outubro de 1912 haviam sido levantados 23 Contos de Réis, faltando portanto 4 Contos para completar o valor orçado. Verificava-se ainda certa euforia quanto aos resultados da campanha pró-construção. A obra deveria ser iniciada enquanto se encaminhasse um pedido de 5000 DM ao Conselho Superior Eclesiástico de Berlim.

Diante disso, o Sr. Carl Hoepcke sugeriu adiar o início das obras até que se tivesse uma resposta por parte deste. Sua proposta no entanto foi derrotada e a decisão de iniciar a construção foi imediatamente comunicada ao Prior Braunschweig em Porto Alegre⁽⁴⁸⁾.

Em fevereiro de 1913 o Conselho Superior Eclesiástico de Berlim comunicou o envio de 2000 DM para a obra. Este valor por sua vez estava condicionado à permanência desta comunidade como filiada à Igreja Prussiana.

Três meses depois(23.04.1913), o Consulado Imperial Alemão assecurou mais 5000 DM.

A cerimônia de lançamento da pedra fundamental ocorreu em 10 de novembro de 1912, dia em que era lembrado também o nasci-

(45) Ibidem, p. 22.

(46) Ibidem, p. 26.

(47) Mç. Doc. 1912.

(48) PBDEGF(1907-1938), p. 36-37.

mento do reformador Martinho Lutero.

Nesse ano a comunidade contava com 131 membros registrados, perfazendo em torno de 400 almas.

Para essa solenidade foram convidados "pessoas honradas na sociedade", tais como o vice governador Eugênio Müller; secretário Caetano Costa; superintendente Durval Melchiades de Sousa; Horácio Nunes Pires; Bispo João Becker; Cônego Topp; diretoria da Igreja Presbiteriana; jornais "O Dia" e "Folha do Comércio", além dos cônsules alemães Dr. Grienke e Carl Hoepcke Sen., as diretorias de todas as associações que congregavam alemães na cidade, as diretorias das vizinhas comunidades de Palhoça e Santo Amaro, os professores da Escola Alemã e os pastores vizinhos Zluhan de Santa Izabel e Langbein de Teresópolis.

Chamamos a atenção para o amplo leque de autoridades e lideranças convidadas, tanto civis como eclesiásticas.

Essa celebração teve o seguinte programa:

- Coral dos alunos;
- Saudação aos visitantes;
- Coral masculino;
- Liturgia;
- Prédica;
- Coral dos alunos;
- Colocação da Pedra Fundamental;
- Leitura do documento;
- Concretamento;
- Marteladas;
- Coral masculino;
- Oração⁽⁴⁹⁾.

Dado seu valor histórico, o documento colocado na pedra fundamental encontra-se transcrito na íntegra, no anexo nº 4.

Tendo em vista o avanço da obra e a proximidade de sua inauguração, o Prior Braunschweig comunicou ao pastor local no início de abril de 1913, que para a inauguração, ele tinha algumas recomendações, tais como:

- a) Na cerimônia religiosa deveria ser seguida a Agenda da Igreja Nacional Prussiana;
- b) O sermão deveria dedicar-se ao lema da dedicatória que a Imperatriz colocaria na Bíblia do altar, que estava prometida;
- c) Os discursos deveriam começar com um "Viva" ao Governador e ao Presidente da República e em seguida, um "Viva" a Sua Majestade o Imperador. Esse "Viva" deveria ser dirigido pelo representante do Consulado Imperial, enquanto o primeiro, por um membro da diretoria;
- d) A pregação ficaria ao encargo do pastor local;
- e) Caso houvesse tempo disponível, o Prior Braunschweig gostaria de falar algo sobre a solicitude da Igreja Evangélica da Alemanha para com seus filhos e netos no Bra-

(49) Ibidem, p. 1.

sil⁽⁵⁰⁾.

É importante lembrar aqui que em janeiro de 1911 a diretoria da comunidade tinha consultado o Conselho Superior Eclesiástico de Berlim sobre a possibilidade de Sua Majestade a Rainha e Imperatriz Auguste Victória, doar uma Bíblia para a comunidade.

Em carta resposta de 12.04.1911, constava que a doação seria muito provável que viesse ocorrer⁽⁵¹⁾.

Em maio de 1913, o referido Conselho de Berlim, comunicou à comunidade que Sua Majestade a Rainha e Imperatriz a apresentara com uma Bíblia para o altar, contendo uma dedicatória de seu próprio punho⁽⁵²⁾.

O que deve ser visto nessa doação, é o valor que esse presente da Imperatriz teria sobre o sentimento germânico das pessoas, que provavelmente teriam seu sentimento étnico elevado, ao se depararem com a atenção que lhes dedicava a Imperatriz.

A inauguração do templo aconteceu em 01 de junho de 1913, sete meses portanto após o lançamento da pedra fundamental. Para essa solenidade foram convidadas autoridades estaduais e municipais; o cônsul alemão e austríaco; teólogos do estado vinculados ao Conselho Superior Eclesiástico de Berlim; autoridades de outras igrejas da cidade; diretorias das comunidades de Palhoça e Santo Amaro; representantes de empresas comerciais e os responsáveis pela construção. O Prior Braunschweig dirigiu a solenidade⁽⁵³⁾.

Na realidade a diretoria da comunidade havia tomado a decisão de enviar cartas solicitando auxílio financeiro a um grande número de empresas comerciais alemãs bem como a diversas instituições ligadas à igreja ou não. As respostas a esses pedidos, foram as mais diversas, sendo freqüente que as maiores empresas pouco ou nada doaram, enquanto aquelas de menor porte deram sua contribuição⁽⁵⁴⁾.

Em relação à anteriormente citada solenidade, cabe-nos sublinhar o entrelaçamento que se verificava entre a comunidade eclesial e a valorização da germanidade. Mais uma vez se verificou que a igreja era um dos meios para preservá-la.

No seu relatório de 1913, o pastor Kurt Brunow destacou a inauguração da igreja e expressou sua esperança de que essa construção viesse a se tornar ponto de encontro para todos aqueles que atribuíam a devida importância à "cultura evan-

(50) Mç. Doc. 1913.

(51) PBDEGF(1907-1938), p. 10.

(52) Mç. Doc. 1913.

(53) PBDEGF(1907-1938), p. 9.

(54) A este respeito, veja o logotipo das diversas empresas e instituições para as quais foi solicitado auxílio, nos anexos nº 10.

gélica alemã"⁽⁵⁵⁾.

Uma vez concluída a igreja, a diretoria decidiu enviar uma fotografia da mesma a todas empresas e instituições e empresas doadoras que ajudaram para sua edificação. Era simultaneamente um gesto de prestação de contas e de agradecimento pelo apoio recebido⁽⁵⁶⁾.

Para que houvesse uma lembrança permanente no futuro, a direção decidiu ainda que, anualmente, no primeiro domingo de junho, se faria uma comemoração pela inauguração do templo, seguida de confraternização⁽⁵⁷⁾. No entanto, com a eclosão da Iª Guerra Mundial, isto só se verificou em 1914, não acontecendo mais posteriormente.

Adesão da Comunidade a Associação de Comunidades Evangélicas de SC e PR.

Um fato marcante para a comunidade em estudo foi seu ingresso na Associação de Comunidades Evangélicas de SC e PR em 1911⁽⁵⁸⁾.

Na assembléia geral realizada em 30.01.1910, foi debatido o possível ingresso desta comunidade na referida Associação, que não estava ainda formada, mas apenas planejada.

A assembléia nessa ocasião se pronunciara favorável ao ingresso da comunidade na Associação, outorgando ao Conselho Eclesiástico, poderes para prosseguir o diálogo e ultimar essa filiação, conquanto não houvesse ônus e que a comunidade mantivesse sua autonomia⁽⁵⁹⁾.

Em agosto do mesmo ano, a direção da comunidade de Florianópolis examinou os estatutos da referida Associação, analisando cada parágrafo com atenção. Antes porém da adesão formal, a direção sugeriu pequenas modificações dos estatutos (referentes aos parágrafos 4 e 12), solicitando ainda dispensa do pagamento de 2% de sua reserva, para a caixa da Associação⁽⁶⁰⁾.

Em face da importância que teve a citada Associação de Comunidades para a preservação da germanidade em SC, pretendemos posteriormente desenvolver um estudo específico sobre a mesma.

Nesse ano em que a comunidade se filiou àquela Associação, ela contava com 125 membros, dos quais um terço composta por jovens e solteiros. Esta constatação já permitia prever os-

(55) Mç. Doc. 1913.

(56) PBDEGF(1907-1938), p. 8.

(57) Ibidem, p. 9.

(58) Sobre este assunto nos referimos no capítulo referente a Igreja Luterana em SC.

(59) PBDEGF(1907-1938), p. 34.

(60) Ibidem, p. 41-42.

cilações no futuro, quanto ao número de membros.

A Comunidade e os Problemas da Imigração

Em função de sua ênfase na etnia, a comunidade luterana de Florianópolis exercia um importante papel em relação à imigração européia para o estado catarinense. No seu relato de 1911, von Gehlen afirmou que uma de suas atribuições era "receptionar" os recém-chegados no Albergue dos Imigrantes, situado no Estreito. Nessa ocasião, o pastor procurava dar todas as orientações necessárias e que estivessem ao seu alcance. Em 1910, por exemplo, segundo von Gehlen, 375 imigrantes desembarcaram no porto de Florianópolis. Esse contingente era composto por:

- 320 Alemães
- 21 Austriacos
- 21 Suíços
- 14 Italianos
- 7 Russos

De acordo ainda, com esse pastor, em 1911 esse universo subiu para 1193. No primeiro semestre desembarcaram 889 e, no segundo, 304, assim distribuídos:

TABELA Nº 4 - Alemães Desembarcados no Porto de Florianópolis, em 1911.

Nacionalidade	1º Semestre	2º Semestre	Total
Alemães	623	233	856
Italianos	89	35	124
Russos	114	22	136
Suíços	22	10	32
Boêmios	41	4	45

Fonte : Relatório do Pastor Von Gehlen - 1911

O referido pastor acentuou também que em virtude das orientações dadas, como recomendação da igreja, esse número havia caído um pouco.

Lamentava no entanto que o agente, Sr. Brücker, já tinha voltado à Europa para ativar a propaganda, visando atrair mais imigrantes.

Alegava ainda esse pároco, que muitos destes, decepcionados com a realidade das colônias, voltavam para Florianópolis em busca de trabalho, o que gerava uma situação difícil para a comunidade.

Digno de nota nesse relatório, é a afirmação de von Gehlen de que:

"... domiciliaram-se aqui algumas mulheres de Berlim, às quais juntaram-se moças vindas da colônia, que procuravam ganhar o seu sustento de maneira amoral. A diretoria da comunidade no zelo pelo bom nome alemão, procurou desviar este comércio vergonhoso,

entretanto sem êxito..."(61).

Lamentava ainda que a polícia não interferia nesse caso, mesmo havendo um parágrafo na lei que previa a ação policial em relação a estrangeiros desordeiros. Essa situação era considerada como "um foco pestilento que se torna muito prejudicial à comunidade..."(62).

Este é o único documento do acervo pesquisado, que se refere ao problema da prostituição envolvendo mulheres alemãs e moças teutas oriundas das colônias próximas.

Em relação a estas, podemos pensar que a dura realidade dos imigrantes levou muitas famílias à desagregação, resultando na triste realidade relatada.

Provavelmente face a esses problemas, a comunidade iniciou um trabalho específico com empregadas domésticas de origem alemã vindas das colônias para trabalhar na cidade e que corriam o risco de cair na promiscuidade.

Assim consta no relatório do pastor Brunow, referente a 1911, a realização de reuniões semanais com as empregadas na casa do pastor. O objetivo dessas reuniões era dar orientação e apoio a essas moças, evitando que viessem se tornar vítimas da prostituição(63).

Em relação às mulheres alemãs (de Berlim), que se domicilia-ram em Florianópolis, não temos conhecimento de qualquer outra fonte até o momento, com a qual pudéssemos cruzar informações e obter assim maiores esclarecimentos sobre a questão.

Conforme o relato pastoral, parece tratar-se de prostitutas que conseguiram burlar as normas relativas à imigração para se dirigirem ao Brasil, fixando-se nesta cidade.

Levando em conta a existência de um grande número de comerciantes alemães na capital, poderíamos conjecturar a possibilidade de ter havido algum tipo de conivência por parte de alguns destes, possibilitando que aqui se domiciliassem.

Conforme vimos, essa realidade era repudiada pela comunidade. Era um "foco pestilento" que denegria a imagem e conceito do germanismo, o que justificava até repressão policial.

Cabe-nos sublinhar ainda que no citado relatório do pastor von Gehlen, este mencionava que obteve permissão da diretoria da penitenciária local, para visitar os presos evangélicos. Essas visitas eram realizadas uma vez ao mês, com a ressalva de que o pastor não poderia fazer uso do ambiente

(61) Relatório Pastoral, Mç. Doc. 1911.

(62) Ibidem.

(63) Mç. Doc. 1915.

coletivo dos presos, devido ao fato de que a maioria destes, era composta por católicos.

Chamamos a atenção para a existência de presos evangélicos. Não temos qualquer informação a respeito de suas faltas, no entanto salientamos o interesse da comunidade por essas pessoas, pois certamente tratava-se da defesa do germanismo, ao lado da assistência pastoral.

A Iª Guerra Mundial - Antecedentes e Reflexos na Comunidade

Observamos que no período o qual estamos tratando, o cultivo do germanismo na comunidade luterana de Florianópolis ocorria de várias maneiras.

Na assembléia geral realizada em maio de 1913, por exemplo, lamentou-se que os sinos encomendados na Alemanha, não chegariam a tempo para a inauguração da igreja, porém certamente estariam aqui para a "celebração solene do jubileu de Sua Majestade o Imperador"⁽⁶⁴⁾.

No relatório de 1913 do pastor Brunow, este afirmava que por ocasião da comemoração do aniversário do "nosso Imperador", pela primeira vez se fez ouvir "o som trítono dos sinos" e o espaço da igreja foi insuficiente, tal foi o número de pessoas que compareceram a esse evento.

Salientamos que em nenhum outro momento da vida da comunidade no período analisado, houve uma afluência tão maciça de pessoas, o que denota o valor atribuído àquela solenidade.

Entendemos como significativo para o sentimento étnico, a referida comemoração.

A igreja tinha sido recém-inaugurada, contando com o apoio financeiro do governo, instituições e empresas alemãs. No altar da mesma, estava colocada uma Bíblia presenteada pela Imperatriz, com dedicatória de seu próprio punho.

Agora os sinos já estavam devidamente instalados e soando para comemorar o aniversário do Imperador. Tudo isso, nos permite imaginar que se tratava de um momento de ufanismo étnico e de reafirmação dos valores germânicos.

O professor da Escola Alemã Christian Kreiling, secretário da comunidade, havia entregue a sua carta de demissão (07.01.1914), na qual alegava que:

- a) não tinha estado presente na assembléia que o conduziu ao cargo. Se estivesse, teria recusado sem hesitar;
- b) não devia haver coação para o exercício de um cargo de honra dessa natureza. Somente os que tivessem amor pela causa deviam exercê-lo;
- c) pelo fato de ser professor, entendia que não era salutar sua participação na diretoria;

(64) PBDEGF(1907-1938), p. 7.

Em resposta a essa carta, a diretoria esclareceu que:

- a) se não havia amor pela causa, devia ter se exonerado de imediato e não após um ano no cargo;
- b) a diretoria não admitia a acusação de ter feito coação para o cargo;
- c) a diretoria entendia também que um professor deveria ter interesse pela comunidade, pois assim como a Escola, esta também zelava pela cultura alemã no exterior⁽⁶⁵⁾.

Esse acontecimento nos revela que uma das atribuições da igreja luterana era o zelo pela cultura germânica e revela ainda que não havia unanimidade em torno dessas questões.

Lembramos que por essa época, dada a política pangermanista adotada pelo Império Alemão, frequentemente as colônias germânicas eram visitadas por tripulações de navios alemães. Em Santa Catarina, uma dessas visitas gerou um agudo conflito diplomático, com a visita do navio "Panther" a Itajaí⁽⁶⁶⁾.

Em Florianópolis, a comunidade havia organizado uma festa de confraternização para o primeiro domingo de maio de 1914, no Clube Germânia. No entanto, essa atividade foi suspensa, pois naquele final de semana ancorou na capital um navio de guerra alemão. Diante desse fato, a programação da comunidade foi visitar o navio e manter contato com a sua tripulação⁽⁶⁷⁾.

O início dos conflitos da Iª Guerra Mundial ocorreram portanto num momento em que os sentimentos étnicos e nacionais dos alemães e seus descendentes em Florianópolis haviam recebido recentemente um cuidado especial, através de uma série de aspectos que mencionamos anteriormente. Some-se a isso, a presença do pastor Kurt Brunow, que como veremos adiante, encarnava o ideal do germanismo.

Nesse contexto era notório o interesse desta comunidade com os desdobramentos do conflito em solo europeu.

Em seu relatório pastoral de 1914, Brunow afirmou que "as pregações neste tempo de guerra enfatizaram o interesse caloroso pela luta sagrada de nossos irmãos e nossos sentimentos pelos feridos"⁽⁶⁸⁾ (grifo nosso).

Em 06 de agosto de 1914, o referido pároco celebrou um culto para os alemães desta cidade que partiriam para o front. Segundo os documentos, também esse culto esteve muito bem fre-

(65) Mç. Doc. 1914.

(66) Este caso foi analisado por José Joffily, que pesquisou nos acervos da diplomacia brasileira, americana e alemã. Ver JOFFILY, José. O Caso Panther. Petrópolis, Paz e Terra, 1988.

(67) PBFrvF, p. 15.

(68) PBDEGF(1907-1938), p. 24.

quentado⁽⁶⁹⁾.

Nesse ano a comunidade contava com 140 membros. Seis jovens de seu círculo estavam lutando no front, sendo que de acordo com as notícias, a maioria deles havia caído prisioneiro dos ingleses. Desconhecemos porém os nomes destes.

Tendo em vista que a igreja tinha sido recém inaugurada e dada a ênfase na música, a comunidade não podia prescindir da compra de um novo harmônio. Nesse sentido, haviam sido levantadas doações para tal. No entanto, com a realidade da guerra e as notícias a respeito do grande número de feridos e inválidos, a comunidade decidiu não comprar o instrumento naquele momento, mas sim transferir o valor arrecadado, para ajudar feridos e inválidos na velha pátria⁽⁷⁰⁾.

Desde o início do conflito é possível perceber uma intensa mobilização de todos os segmentos da comunidade em prol de fundos que deveriam ser enviados para ajudar a atender as necessidades de feridos e inválidos.

Foi formada uma comissão local, que se encarregou de enviar ajuda a prisioneiros na Rússia e Sibéria.

Até as crianças foram estimuladas a trabalhar nesse sentido, conseguindo arrecadar 10\$000.

Também foram realizadas campanhas em prol das famílias de marinheiros mortos, pessoas que ficaram cegas na guerra, etc.

Se a situação dos alemães em Florianópolis era delicada em função da guerra que se alastrava no velho continente, as coisas tornaram-se ainda bem mais difíceis com a entrada do Brasil no conflito, declarando guerra à Alemanha em outubro de 1917.

Como consequência imediata na comunidade, 27 membros se demitiram, temendo sua identificação com uma igreja que se declarava francamente alemã⁽⁷¹⁾.

Nos dias 28 e 29 daquele mês, várias casas e instituições alemãs foram apedrejadas na cidade, causando prejuízos consideráveis. A Escola, Clube Germânia e Sociedade de Tiro, foram alvos de ataques. Os dois últimos foram invadidos e parcialmente destruídos, enquanto a igreja e o hospital, para não sofrerem a mesma sorte, foram protegidos pelo exército. Nesse contexto o medo infundiu-se entre os alemães, de tal forma que não era mais possível reunir os membros na igreja⁽⁷²⁾.

(69) Os desdobramentos deste acontecimento serão vistos com mais vagar, quando tratarmos a respeito dos pastores em Florianópolis.

(70) PBDEGF(1907-1938). p. 36.

(71) Ibidem, p. 43.

(72) Ibidem, p. 41.

Na carta que o pastor Brunow enviou ao Prior Braunschweig em 08 de dezembro de 1917, ele informou que no dia 29 de outubro,

"...a multidão apedrejou algumas casas de alemães e o plano era atacar à noite o ginásio dos padres jesuítas, o convento das freiras, a Escola Alemã, o Hotel Metropol e algumas casas comerciais e residenciais de alemães e teuto-brasileiros. Estes planos foram frustrados devido à ação do comandante da guarnição..."⁽⁷³⁾.

Nessa mesma carta Brunow menciona que "...o Tiro 40 estabeleceu seu QG no prédio da Escola..." que tinha sido fechada e que em São José um membro da igreja teve a sua casa bastante danificada no dia 30 de outubro.

Tendo em vista ser 1917 o ano do 4º centenário da Reforma, há alguns meses a comunidade de Florianópolis vinha preparando uma vasta programação alusiva a esse marco da história, que culminaria no dia 31 de outubro, data em que Lutero havia afixado suas 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittemberg, lembrando como "Dia da Reforma". Havia, portanto, grande expectativa em torno das comemorações desta "data nobre" do luteranismo.

Uma programação especial específica para as crianças estava prevista para a tarde do dia 31 de outubro. Seria algo visando ao aprendizado destas em torno dos aspectos mais marcantes, para não deixar morrer a história e o espírito da reforma na nova geração. Essa data deveria ser um símbolo para elas⁽⁷⁴⁾.

Nesse dia seria realizado também um bazar comemorativo, venda de livros sobre a reforma, para adultos e crianças e a noite, um concerto.

Em seu relatório relativo a 1917/1918, Brunow afirmou que desde junho de 1917, vinha pregando à comunidade, mensagens que visavam mostrar os mais diversos aspectos da Reforma e seu significado na vida da igreja.

Afirmava ainda que no círculo evangélico luterano, havia uma lamentável indiferença em relação às questões de natureza religiosa, o que levava a uma ignorância teológica em relação a questões centrais da fé evangélica. Somando-se a isso, afirmava o pastor que "... aqui é uma região onde a propaganda católica é feita da forma mais escandalosa..."

Considerando o ano do 4º centenário da Reforma, Brunow afirmava ainda que "... não poderia se perder a oportunidade de pregar, visando aos pontos centrais de nossa fé..."⁽⁷⁵⁾.

Devido porém ao momento político delicado, praticamente toda a programação foi suspensa, realizando-se apenas o concerto

(73) Mç. Doc. 1917-1920.

(74) PBDEGF(1907-1938): p. 39.

(75) Mç. Doc. 1917-1920.

na noite do dia 28 de outubro.

Salientamos o fato de que nessa noite em que se realizava o concerto comemorativo na igreja, várias casas de alemães provavelmente presentes a essa programação, foram apedrejadas.

A comemoração do 4º centenário da Reforma luterana, que deveria ter sido um marco na comunidade e um impulso em sua prática confessional e eclesiológica, em função da guerra acabou se esvaziando, resultando num saldo negativo.

Diante da situação conturbada, a diretoria da comunidade propôs ao pastor que abandonasse a cidade, pois não havia o que fazer por aqui. Essa resolução se baseava no fato do governador Felipe Schmidt ter proibido cultos e demais atividades em língua alemã, alegando excitação do povo contra os alemães.

Brunow no entanto recusou terminantemente essa proposta, acrescentando que sua tarefa era de ajudar a reerguer a comunidade.

Dada a violência antes mencionada e o desânimo que se abateu sobre a comunidade, dois membros da diretoria abandonaram seus cargos. No dia 31 de outubro de 1917, dia da Reforma, o Sr. Carl Hoepcke renunciou à presidência da comunidade⁽⁷⁶⁾. Uma semana antes, o secretário Sr. Conrad Goeldner havia se suicidado.

A comunidade vivia portanto um momento bastante crítico, sendo que o pastor Brunow estava praticamente sozinho na liderança.

Em relação aos dois membros da diretoria que abandonaram seus cargos, percebe-se dura crítica a essa atitude naquele momento difícil da comunidade. No entanto, em relação ao Sr. Hoepcke, verificou-se um silêncio total. Ninguém ousava criticar sua decisão justamente no dia 31 de outubro de 1917.

Tendo em vista os vínculos financeiros e a dependência da comunidade em relação à empresa Hoepcke, parece-nos ser uma forte razão de não ter havido qualquer crítica.

No início de março de 1918, após consulta ao secretário de Estado, Sr. Dr. Fulvio Aducci, foi possível recomeçar os cultos, com a ressalva de que as pregações tinham que ser feitas em português. Diante da argumentação do pastor Brunow, de que era justamente a pregação, o centro do culto luterano, houve consentimento de se pregar em alemão, desde que também em português. Dessa forma, foi decidido reiniciar os cultos no domingo 17 de março de 1918⁽⁷⁷⁾.

Convém enfatizar que apesar da guerra ter implodido a realização de muitas atividades na comunidade, o culto festivo

(76) PBDEGF(1907-1938). p. 48.

(77) Ibidem. p. 42.

anual em homenagem ao aniversário de "Sua Majestade o Imperador Alemão", não deixou de ser realizado no período em que durou o conflito. Da mesma forma, foi feita homenagem especial em memória ao falecimento do Imperador Austriaco Franz Joseph, no culto realizado na noite de 31 de dezembro de 1916.

Antes da entrada do Brasil no conflito, praticamente a vida da comunidade não sofreu alterações significativas.

Em janeiro de 1915, por exemplo, a assembléia geral se ocupou em analisar o êxodo de colonos que saíam da região de Anitápolis e Esteves Junior, para buscar emprego nas cidades do litoral, particularmente em Florianópolis.

Nessa assembléia ficou claro também que não seriam contabilizados como membros da comunidade, aquelas pessoas que trabalhavam aqui durante alguns meses do ano, mas continuavam morando nas colônias. Da mesma forma, não constariam do rol de membros, as empregadas domésticas oriundas em sua maior parte de Teresópolis, Brusque e Blumenau⁽⁷⁸⁾.

Esta informação nos permite afirmar que a comunidade luterana de Florianópolis era afetada e se debatia com um problema social causado pela sazonalidade dos empregos. Percebe-se que havia uma busca de algum tipo de resposta a esse problema, não porém por parte da comunidade, pois era uma preocupação geralmente isolada de alguns pastores.

Julgamos importante frisar também um aspecto relativo à religiosidade. Sua análise parece indicar que em Florianópolis viviam alguns luteranos de tradição pietista, oriundos da Europa, ou ex-colonos de Santa Izabel, onde na década de 70 do século XIX, verificou-se um movimento de reavivamento pietista.

Esses membros solicitaram à diretoria, a permissão para realizar estudos bíblicos. Diante desse pedido, a direção autorizou a realização desses estudos, no espaço de uma hora semanal, aos sábados à tarde, desde que não houvesse culto no domingo. O uso da igreja para essa finalidade foi concedido.

Parece-nos que a idéia de "estudos bíblicos" soava estranho aos ouvidos da direção, que em função da série de exigências que impunha, mantinha essa atividade sob seu comando. Não temos conhecimento de que a iniciativa tivesse partido do pastor, o que nos leva então a crer na existência de um pequeno número de pietistas.

Apesar de não ser nosso objeto de estudo no momento, percebemos que passado o tempo agitado da guerra, aumentou o número de casamentos mistos, o que denota o avanço do processo de aculturação, com o predomínio de uniões luso-germânicas.

Em março de 1920, Brunow afirmou que o compromisso dos pastores no pós-guerra se tornara maior, para manter a língua e

(78) Mç. Doc. 1915.

o espírito alemão na juventude, pois que esta, dada a nacionalização, era obrigada a frequentar aulas em língua portuguesa. Nesse contexto, o pároco sublinhava que a igreja era "... a mais nobre agente da cultura alemã no exterior..."

Nesse mesmo discurso Brunow afirmou ainda, ser profundamente lamentável que o entusiasmo pela causa alemã era oriunda de uma conjuntura favorável, experimentada pela expansão da indústria e comércio alemão antes da guerra. Lamentava também que esse entusiasmo não se baseava no orgulho pelo valor interno da raça alemã⁽⁷⁹⁾.

Podemos afirmar que esse pastor estava profundamente empenhado em restaurar o sentimento étnico germânico, que a guerra havia afetado de maneira violenta. Em relação aos cultos por exemplo, mesmo com o retorno das celebrações em língua alemã, a frequência ainda era pequena⁽⁸⁰⁾.

Face à ingerência do Estado na Escola Alemã, a diretoria decidiu pela obrigatoriedade do ensino religioso para todas as crianças da comunidade a partir dos dez anos de idade⁽⁸¹⁾.

Essa decisão nos autoriza novamente a afirmar que a confessionalidade luterana era vista por parte da maioria dos pastores e grande número de membros, como integrante inseparável da germanidade. Era, portanto, inviável fortalecer um, sem dar a devida atenção ao outro.

Entre as várias dificuldades experimentadas pela comunidade no pós-guerra, a questão financeira foi uma das maiores, de tal forma que a assembléia geral reunida em 08.03.1920, concluiu que a comunidade não reunia recursos para manter um pastor, caso não houvesse recursos da Alemanha.

Face a essa dificuldade foi lançada a sugestão de se fundir a Sociedade Escolar com a Igreja. Alguém observou porém, que dado o caráter interconfessional da escola, essa fusão seria difícil⁽⁸²⁾.

Com a saída do pastor Brunow de Florianópolis, seus substitutos adotaram o sistema de relatórios impressos para a prestação de contas nas assembléias gerais. Estes eram distribuídos aos membros em torno de uma semana antes. Quando a assembléia se reunia, para ganhar tempo, não havia como antes um relatório do pastor. Assim sendo, as atas em sua maior parte apenas mencionam resumidamente que "os presentes aprovam o relatório do pastor", no entanto, as cópias dos referidos relatórios não eram anexados aos livros de atas. Dessa forma não temos até o momento conhecimento dos conteúdos destes relatórios, pois não localizamos cópias dos mesmos. Como ali se fazia uma espécie de retrato anual da comunidade, desconhecemos aspectos que seriam importantes para o nosso trabalho.

(79) Mç. Doc. 1917-1920.

(80) Ibidem.

(81) Ibidem.

(82) PBDEGF(1907-1938). p. 55.

Porém, como uma espécie de compensação de informações, foi nos possível trabalhar com o livro de atas da Associação das Senhoras, que cobre o referido período. Considerando ainda que essa associação era uma entidade com profundos vínculos que a ligava à comunidade, muitas afirmações a respeito da vida desta, podem ser verificadas nesses registros.

Simultaneamente à ausência dos relatórios pastorais, percebe-se que após a guerra, os registros são bastante resumidos e evitam expor os assuntos com a mesma liberdade verificada anteriormente. Basicamente tratam das dificuldades financeiras em manter um pastor, pedido de auxílio a instituições evangélicas alemãs, elaboração e reajuste de taxas pelos diversos serviços eclesiásticos, reformas e manutenção do patrimônio, pagamento de organista, dirigente de coral, etc.

Em face das dificuldades financeiras, a casa pastoral foi alugada, o que obrigava o pastor residir na Escola Alemã. Em troca da residência, ele se comprometia a ministrar certo número de aulas.

Digno de nota, é o documento referente à assembléia geral em dezembro de 1918, através do qual é possível perceber que a comunidade não via com bons olhos, sua filiação à Federação Evangélica de Igrejas Alemãs, instituição fundada em 1922. A esse respeito convém ressaltar que em junho de 1924, foi regulamentada a "Lei da Federação de Igrejas, relativa a filiação de Comunhões Eclesiásticas, Comunidades e Pastores fora da Alemanha à Federação de Igrejas".

Em junho de 1925, o próprio Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, conclamava as comunidades a ele filiadas, a se unirem à Federação de Igrejas, alegando que ali encontrariam a mesma assistência que lhes fora prestada pela Igreja Territorial da Prússia⁽⁸³⁾.

Nessa mesma assembléia, os participantes alegaram que durante anos a comunidade esteve ligada ao Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, mas como ele próprio tomou essa iniciativa, "vamos nos conformar"⁽⁸⁴⁾.

Em 1931, o Comitê da Igreja Evangélica Alemã enviou a todas as comunidades anteriormente filiadas à Igreja Prussiana, um documento para ser debatido, relativo à crise mundial que se vivia, bem como em relação à responsabilidade pela guerra, que pesava sobre o povo alemão. Afirmava esse documento, que as preocupações e a miséria atingiram um ponto insuportável, de tal forma que o povo alemão aproximava-se do fim de suas forças morais e psíquicas. Era acusado de povo criminoso, sofrendo todo tipo de injúrias, além da vergonhosa opressão imposta pelo Tratado de Versalhes.

Em nome, portanto, de todas as igrejas evangélicas alemãs, o comitê conclamava as comunidades a lutar contra o espírito

(83) DREHER, Martin. Op. Cit. p. 220.

(84) PBDEGF(1907-1938). p. 66.

de ódio e mentira, e se empenhar para que conseguisse elevar o ânimo do tão difamado e caluniado povo alemão⁽⁸⁵⁾.

Desconhecemos os reflexos desse documento entre os alemães luteranos em Florianópolis.

Nesse mesmo ano, o então pastor Wilms propôs a elaboração de novos estatutos, pois os vigentes estavam em contradição com os da Associação de Comunidades e parcialmente desatualizados. Diante da proposta, foi eleita uma comissão para tratar dos novos estatutos⁽⁸⁶⁾.

No ano seguinte foi convocada uma assembléia geral extraordinária(04.07.1932), pois toda a diretoria havia pedido demissão. A razão para essa decisão residia na total falta de consideração para com a diretoria por parte do Prior Gottlieb Funcke, que foi representante do Conselho Superior Eclesiástico de Berlim para o Brasil, entre 1929-1936.

Alegava-se que ele tomava decisões a respeito da comunidade sem qualquer consulta à diretoria. Por seis vezes esteve em Florianópolis e nessas visitas "não achou o caminho até a diretoria". Portanto, em protesto a essa prepotência, toda diretoria havia pedido demissão.

Nessa ocasião o pastor Wilms agrediu verbalmente, de forma violenta, ao Prior Funcke e as decisões deste foram invalidadas⁽⁸⁷⁾.

Esse incidente evidencia que nem sempre as relações eram harmoniosas entre a comunidade e os representantes do Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, sediados em Porto Alegre e que suas decisões não eram simplesmente acatadas sem questionamento.

É significativo que a hierarquia eclesiástica prussiana é aqui repudiada de forma veemente.

De acordo ainda com Wilms, a frequência média nos cultos em 1933 tinha aumentado, bem como a participação nos estudos bíblicos⁽⁸⁸⁾.

Os Pastores

O estudo da mentalidade germânica em Florianópolis será mais abrangente e elucidativo, à medida em que levarmos em conta a presença e atuação da assinalada figura do pastor.

Por se tratar de uma comunidade urbana, a realidade com a qual os pastores trabalharam foi bastante diferenciada em relação ao trabalho dos pastores das áreas coloniais.

(85) Mç. Doc. 1930-1932.

(86) PBDEGF(1907-1938). p. 68.

(87) Ibidem, p. 71.

(88) Ibidem, p. 71.

No início do luteranismo no Brasil, cada comunidade lutava à sua maneira para sobreviver. Os membros das comunidades construíam sua igreja, casa pastoral, escola e pagavam uma contribuição para a manutenção do pároco. Dessa forma, as comunidades eram autônomas em sua forma de existência, desenvolvendo uma relação peculiar com seu pastor, pois não havia uma instância à qual este pudesse recorrer.

Dreher afirma que

"muitas vezes a comunidade viu nele tão somente o 'novo imigrante que quer e tem que procurar pelo seu pão [...] A comunidade esperava que antes de mais nada ele aprendesse algo nesse país, antes de ensinar. Ele tinha que passar por aquilo que os próprios membros tinham passado. Para a comunidade que pagava seu salário, ele era seu empregado..."⁽⁸⁹⁾

Por ser considerado empregado, ele não fazia parte da diretoria e também podia ser demitido quando esta assim o entendesse. Dessa maneira, praticamente o pastor não exercia qualquer influência sobre a comunidade.

Dreher refere-se à tradição oral no RG, a qual afirma que algumas comunidades constituídas basicamente por pomeranos, chegavam a surrar o seu pastor. Esta atitude podia ser explicada levando-se em conta que os pomeranos emigrados para o Brasil tinham sido recém libertados da servidão da gleba. No Brasil, com seus lotes coloniais, passaram a ser uma espécie de "latifundiários" e tratavam o pastor como este era tratado pelo latifundiário na velha pátria⁽⁹⁰⁾.

Como vimos anteriormente, só a partir de 1863 as autoridades eclesiásticas alemãs começaram a enviar pastores para o Brasil.

Com a filiação ao Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, a situação dos pastores melhorou sensivelmente, pois estavam sujeitos a supervisão daquela entidade. Seus direitos e deveres baseavam-se nos Estatutos dessa entidade e subsídios financeiros eram pagos aos pastores pelas autoridades eclesiásticas alemãs.

Esta relação econômica pode ser qualificada como reflexo da dependência e subordinação frente à igreja alemã.

A missão principal do núcleo paroquial evangélico, constituído basicamente por igreja, casa pastoral, escola e cemitério, segundo Willems, era o "trabalho pelo germanismo no estrangeiro" (Deutschtum arbeit im Ausland)⁽⁹¹⁾.

Tendo em vista esse objetivo, o núcleo devia lutar para permanecer isento de influências sócio-culturais brasileiras.

(89) DREHER, Martin. Op. Cit. p. 56-57.

(90) Ibidem, p. 57.

(91) Willems, Emílio. Assimilação, p. 239.

De acordo ainda com Dreher, o Conselho Superior Eclesiástico de Berlim em sua atividade no Brasil, esforçou-se no sentido de tirar a coloração política. Um exemplo desse esforço pode ser verificado em 1904, quando se exigiu que o pastor Roter-mund(São Leopoldo) deixasse a redação de seu jornal, em vir-tude de sua ênfase mais política que religiosa.

Da mesma forma, o enviado especial do Conselho Superior Eclesiástico de Berlim ao Brasil, Martin Braunschweig rela-tava em 1907, que um Representante Permanente só poderia exercer suas atividades no campo eclesiástico, desistindo de eventuais sonhos pangermanistas, ou pelo menos não cometer a imprudência de fazer alguma afirmação nesse sentido.

Em relação aos pastores, Braunschweig advertia para não as-centuar uma política estatal germanista, evitando assim atritos desnecessários com as autoridades do país e com as comunidades que não eram alemãs, mas teuto-brasileiras. Nes-se sentido seria prudente não designar as comunidades de "Comunidades Evangélicas Alemãs", mas de Comunidades Evangé-licas de Língua Alemã⁽⁹²⁾.

Salientamos que justamente em 1907, a comunidade de Floria-nópolis registrou seu primeiro Estatuto, denominando-se "Co-munidade Eclesiástica Evangélica Alemã".

Por se tratar de uma comunidade urbana, ela se diferenciava em muitos aspectos da maioria que tinham características acentuadamente rurais. Dessa forma, o trabalho dos pastores também se diferenciava em relação àqueles das áreas colo-niais.

Conforme vimos, o primeiro pastor desta cidade aqui chegou num período em que o Conselho Superior Eclesiástico de Ber-lim já dedicava alguma atenção a várias comunidades no Bra-sil.

A respeito do P. Dr. Max Gruel, já destacamos seu papel como pioneiro e fundador da comunidade, exercendo significativa liderança no curto período em que atuou nesta capital, es-truturando o núcleo evangélico igreja, escola e cemitério.

Depois de 30 anos recebendo atendimento de pastores de fora, a comunidade luterana de Florianópolis recebeu seu primeiro pároco residente em 1902. Tratava-se de Otto Schulz, enviado pelo Conselho Superior Eclesiástico de Berlim. Sua atuação em Florianópolis coincide com grandes lapsos de registro es-crito da vida da comunidade. Assim sendo, desconhecemos de-talhes de sua vinda.

Consultando os registros da comunidade luterana de Palhoça, encontramos que

"... No ano de 1902 a Sociedade Escolar de Desterro convidou um teólogo para atender os evangélicos aqui radicados, pois uma comunidade não existia mais. Es-se eclesiástico visitou nossa comunidade em novembro

(92) DREHER, Martin. Op. Cit. p. 226.

de 1902 e pediu para ministrar um culto aqui de quando em quando. Depois de duas vezes, a comunidade resolveu fazer um convite aos irmãos na fé de Palhoça e redondeza, para discutir a respeito da fundação de uma comunidade [...]

Depois de todos os presentes terem se declarado de acordo com a fundação de uma comunidade, nomearam um presidente provisório e levantou-se a pergunta se não seria aconselhável a comunidade ser atendida pelo pastor Schulz que mora tão perto, em Florianópolis..."(93).

A idéia de receber atendimento desse pároco foi colocada em votação resultando em 28 votos para o pastor Schulz e 5 votos para o pastor Zluhan de Santa Izabel, o que causou certa divergência em relação a este último, pois entendeu este que fora injustiçado e violados direitos que lhe pertenciam(94).

O papel de Otto Schulz foi, portanto, significativo na fundação da comunidade luterana de Palhoça.

Em relação a Florianópolis, parece-nos que sua atuação foi mais destacada na escola, da qual foi diretor, do que propriamente da comunidade.

Sabemos também que Otto Schulz ficou gravemente enfermo, o que apressou seu retorno à Alemanha. Em outubro de 1907, o presidente lamentou

"... os tristes acontecimentos com o pastor Otto Schulz, que fundou esta comunidade e isto está bem claro na mente de cada um..."(95).

De acordo com outras fontes, é provável que esse pároco tenha sofrido distúrbios nervosos e mentais, impedindo-o de continuar na cidade. Desconhecemos também as características do seu trabalho e eventuais reflexos na preservação da germanidade.

Nesse ano, a diretoria havia fixado que o contrato com os pastores seria de 6 anos. No caso do pastor Schulz, teria um domingo livre por mês, para atender a comunidade de Palhoça. Foi destacado, porém, que esse envolvimento seria exclusivamente entre aquela comunidade e o pastor. Florianópolis não se envolveria na questão.

Decidiu também que a partir de setembro, a comunidade assumiria a carga de 100\$000 mensais do salário do pastor, para aliviar a escola(96).

De acordo com esta informação entendemos que até ali, a Escola pagava o mesmo integralmente. O salário pastoral era de 3:000\$000 anuais, encarregando-se a comunidade de proporcio-

(93) Protokoll Buch Evangelischen Kirchengemeinde Palhoça-São José. 1903(sem paginação).

(94) Ibidem.

(95) PBDEGF(1907-1938). p. 7.

(96) Ibidem, p. 6.

nar residência. Como esta só tinha recursos para pagar 50% deste valor, a diretoria decidiu pedir auxílio financeiro ao Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, que somava em torno de 1:700\$000 anuais.

Alguns meses depois aquela entidade respondia positivamente a esse pedido, prometendo auxiliar com 1.200 DM anuais até março de 1911. Também a Sociedade Gustavo Adolfo ajudaria com 500 DM anuais até 1910. O pastor recebia ainda da Igreja da Prússia, seguro para sua família e aposentadoria.

Em julho de 1907 a diretoria escreveu ao Conselho Superior de Berlim, solicitando um novo pastor.

Quando de sua visita a Florianópolis em setembro daquele ano, o Representante daquela entidade no Brasil, Prior Braunschweig, indicou um teólogo que trabalhava na comunidade luterana de Blumenau, que se fosse aceito, a igreja alemã evitaria todos os gastos relativos à viagem de um novo pastor e sua família⁽⁹⁷⁾.

A assembléia geral reunida em 20 de outubro de 1907 elegeu então o pastor indicado, Ernst von Gehlen, que estivera em Florianópolis uma semana antes, celebrando um culto de apresentação.

A respeito da mudança desse pastor de Blumenau para Florianópolis, sabemos que ocorreu no final de março de 1908, no navio "Max" da empresa Hoepcke, custando 225\$000, o que foi considerado caro. A título de comparação, destacamos que o salário mensal do pastor nessa época era de 250\$000.

Em 05 de abril de 1908 von Gehlen foi empossado como pastor, pelo vice-presidente da comunidade, cônsul Ernst Wahl, "com um aperto de mão [...] apresentado à comunidade...", dirigindo a seguir seu primeiro culto como pastor⁽⁹⁸⁾.

Salientamos que nessa ocasião, o presidente da comunidade de Palhoça dirigiu-lhe a palavra saudando-o e explicando-lhe a convivência que havia com pessoas de outras igrejas. Nesse contexto, este presidente pediu-lhe também que suas prédicas não causassem choques ou desavenças. Von Gehlen prometeu então tolerância, mas onde fosse necessário, defenderia a fé evangélica com todas as forças⁽⁹⁹⁾.

Sublinhamos a preocupação expressa pelo presidente, que provavelmente via na figura do pastor, uma eventual ameaça ao bom convívio com pessoas de outros credos.

Caberia questionar as razões dessa preocupação e saber se esse novo pároco manifestara intolerância religiosa durante o período em que atuou em Blumenau. Outra possibilidade seria a de que von Gehlen no seu zelo pelo germanismo pudesse vir a causar choques numa comunidade como Palhoça, onde o

(97) Ibidem, p. 10.

(98) Ibidem, p. 10.

(99) PBDEG Palhoça-São José(sem paginação).

processo de aculturação no meio luso-brasileiro ocorreu de forma mais rápida que em Florianópolis por exemplo.

Parece-nos que von Gehlen gozava de simpatias pois, em julho de 1908 a diretoria da comunidade luterana de Santo Amaro da Imperatriz enviou correspondência a Berlim solicitando que esse pastor pudesse atender também aquele núcleo. Uma carta resposta de novembro daquele ano comunicava que isso seria possível com a aprovação do pastor (Zluhan) de Santa Izabel, que era responsável por aquela comunidade. Von Gehlen visitaria Santo Amaro uma vez a cada dois meses⁽¹⁰⁰⁾. Desconhecemos se essa idéia chegou a ser executada. Provavelmente Santo Amaro recebeu atendimento alternado, do pastor Zluhan (Santa Izabel) e von Gehlen.

Conforme vimos anteriormente, von Gehlen teve importante papel junto aos imigrantes que desembarcavam em Florianópolis.

No seu relatório de 1911, o pároco afirmava que havia uma reiterada alegação de que a comunidade alemã de Florianópolis não correspondia aos subsídios enviados, no sentido de desenvolver condignamente o germanismo. Von Gehlen porém não especificava de onde vinha essa queixa cobrando mais empenho na defesa do germanismo.

Em razão disso, ele elaborou uma tabela referente a esse assunto, constatando que a arrecadação anual das associações alemãs nesta cidade, em 1911, havia somado 28.113,13 DM ou 21:620\$000, o que ele considerava satisfatório⁽¹⁰¹⁾.

Em relação a esse pastor registrou-se um incidente que causou uma polêmica de consideráveis proporções.

Na companhia do Cônsul alemão Dr. Carl Grienke, von Gehlen esteve no Clube Germânia na noite de 01 de maio de 1911, quando bebeu em demasia. Alguns dias depois a diretoria da comunidade foi comunicada pela direção do Clube, que seu pastor havia roubado 2 ou 3 latas de conservas. Ato contínuo, esta se reuniu com o pastor para ouvir explicações sobre a acusação. Von Gehlen explicou então que após alguns licores na companhia do Cônsul Dr. Grienke, ele nada mais se lembrava do que fez. Reconheceu ainda que em estado normal jamais teria feito aquilo.

A diretoria então decidiu comunicar as autoridades eclesiásticas na Alemanha e também convocar uma assembléia geral extraordinária para discutir a questão e ler a carta enviada a Berlim. Os participantes se recusaram no entanto a ouvir essa leitura.

Na qualidade de líder da comunidade, o Sr. Carl Hoepcke Sen. argumentou que o pastor agira com muita irresponsabilidade e que sua falta merecia punição. No entanto, em função de sua família e dedicação ao trabalho, devia ser apenas repreendido e cobrar-lhe a promessa de nunca mais tomar bebida alcóo-

(100) PBDEGF(1907-1938). p. 20.

(101) Mç. Doc. 1911. Verificar esta tabela na página 33.

lica.

A ata em torno dessa polêmica registra que "... o Sr. Schmiegelow achou melhor que se usasse o perdão e a clemência...", sugerindo então que se votasse perdão ou punição. 39 membros votaram pelo perdão e 04 pela punição. Após a votação o pastor foi comunicado e compareceu para agradecer a comunidade pela decisão tomada, prometendo ainda abster-se de bebidas alcóolicas⁽¹⁰²⁾.

Esse episódio nos sugere algumas considerações. Uma delas diz respeito ao conceito que algumas pessoas da comunidade tinham acerca do pastor, ou seja, alguém de quem não se esperava esse tipo de falhas. O resultado da votação também parece revelar que a grande maioria dos membros não atribuía tanta gravidade ao incidente, ou se mostraram benévolos para usufruir benevolência no momento oportuno.

Contrastando com isso, destaca-se a atitude mais severa e arrogante do Sr. Carl Hoepcke, exigindo a punição do pastor da comunidade.

Sublinhamos ainda a humilhação desse pároco frente a sua comunidade. Não temos referência para avaliar em que medida esse incidente poderia ter comprometido a credibilidade do pastor ante a sua grei.

Apesar desse episódio desgastante, von Gehlen tomou parte de maneira significativa, em todo o processo de construção da igreja.

De acordo com o acervo pesquisado, foi possível verificar que muitas instituições e empresas alemãs responderam positivamente à solicitação de auxílio financeiro feito por von Gehlen.

Após ter participado inclusive da inauguração da igreja, von Gehlen se despediu da comunidade em 10 de agosto de 1913, regressando à Alemanha.

O Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, designou então o pastor Kurt Franz Brunow, remetendo a Florianópolis em 31 de maio de 1913, alguns dados pessoais deste pastor. Nasceria em Osterode, a 04.10.1881, filho de comerciante. Fora ordenado pastor em 1908 e exercia então o seu ministério em Goettin-genn. Era casado e não tinha filhos. Deveria receber 3:600\$000 anuais, sendo que o Conselho Superior auxiliava com 500 DM anuais, na esperança de que em breve não precisasse enviar essa ajuda.

Comunicava ainda que ele embarcaria no dia 02.08.1913, no navio "Sierra Córdoba", em Bremen. A direção do Conselho Superior frisava também sua esperança de que essa comunidade recebesse um pároco que satisfizesse os trabalhos e recomendava que não se medissem esforços para lhe dar todo o

(102) PBDEGF(1907-1938). p. 5-9.

apoio⁽¹⁰³⁾.

Dedicaremos especial atenção a esse pastor, por entendermos que sua ação foi decisiva em vários momentos críticos da comunidade.

Kurt Brunow pode ser considerado um dos pastores mais atuantes, combativos e controvertidos que a comunidade conheceu.

Assumiu o pastorado em agosto de 1913 e já no seu primeiro relatório destacava que um grande problema para a comunidade " é o fluxo de imigrantes que vêm da região de Anitápolis e Esteves Júnior para ficar, outros de passagem, porém ambos necessitam de ajuda..."⁽¹⁰⁴⁾.

Salientava ainda que a casa do pastor era procurada quase que diariamente por pessoas que buscavam auxílio.

Foi com base nesses fatos que Brunow estimulou a criação de uma comissão de assistência social, para dedicar atenção a casos como esses.

Percebemos que ao longo dos anos em que atuou nesta cidade, esse pároco demonstrou muita sensibilidade para com os problemas sociais que afetassem os alemães e seus descendentes, procurando então motivar a comunidade na busca de soluções. Normalmente esteve praticamente sozinho nessas questões.

Também nesse relatório, Brunow afirmava estar reunindo jovens ex-confirmados num grupo de debates, para tratar de "...questões éticas e religiosas..."⁽¹⁰⁴⁾.

Provavelmente nessa iniciativa contava com o apoio direto de sua esposa Gertrud que era Dra. em Filosofia, portanto, teoricamente habilitada para tratar dos assuntos em torno dos quais estes jovens se reuniam. Desconhecemos o número de participantes e se a iniciativa teve sucesso ou não. Dado o silêncio a respeito do assunto, supomos que a existência do grupo tenha sido efêmera.

Destacamos porém a iniciativa em trazer ao debate entre jovens de Florianópolis essas questões de natureza acadêmica e teológica, o que parece apontar para a formação do casal Brunow na melhor tradição acadêmica alemã. Parece-nos que isso se confirma, ao analisarmos uma carta de Brunow ao pastor Walter Mumeltey de Blumenau, que era também presidente da Associação de Comunidades Evangélicas de SC e PR.

Nesta, Brunow afirmava que com muito sacrifício havia trazido consigo uma grande biblioteca científica, para seu uso particular. No entanto, estava colocando seu acervo bibliográfico à disposição da Conferência Pastoral. A esse respeito, escrevia também que iria informar o Prior Braunschweig

(103) Mç. Doc. 1913.

(104) Mç. Doc. 1913.

(104) Mç. Doc. 1913.

de Porto Alegre⁽¹⁰⁵⁾.

O fato de trazer com sacrifícios uma biblioteca, parece ser um indicativo do nível de formação do casal Brunow.

É notório ainda que em seus primeiros meses de trabalho, esse pastor manifestasse interesse em aumentar o número de cultos, introduzindo por exemplo um culto no último dia do ano para o qual não foi autorizado pela diretoria.

Em relação à solenidade de confirmação, Brunow tentou inovar mais uma vez, expondo à diretoria as razões de separar o exame dos confirmandos dessa solenidade. Essa não negou as razões apresentadas, mas decidiu continuar com a tradição⁽¹⁰⁶⁾.

Foi, portanto, mais uma tentativa desse pároco de alterar a ordem vigente, sendo, no entanto, impedido pela diretoria. Cabe também destacar o poder desta, aprovando ou rejeitando iniciativas do pastor.

Com o início do conflito mundial, a tarefa de assistir os pobres aumentou consideravelmente. Em torno de 5 a 6 pessoas procuravam a casa do pastor diariamente em busca de ajuda. Em sua grande maioria eram colonos, desempregados e marinheiros. Como, porém, a maior parte das doações era canalizada para feridos e inválidos da guerra, não havia praticamente recursos para estes, o que merecia uma revisão na opinião de Brunow⁽¹⁰⁷⁾.

Em 06 de agosto de 1914, foi celebrado um culto para os alemães desta cidade que partiam para o front. Na mesma noite após o culto, houve uma festa de despedida, realizada no Clube Germânia, em homenagem aos que estavam embarcando para a guerra. Num ato de solidariedade, Brunow entendeu que também devia comparecer.

Lá chegando, encontrou o ambiente pesado contra si, como se fosse um mau patriota ou desertor. Teve que ouvir até injúrias, ao que reagiu, enquanto o Cônsul alemão Dr. Grienke não se manifestou em sua defesa. Brunow esclareceu então aos presentes que estava pronto a embarcar, se a comunidade entendesse que isso era o melhor a se fazer no momento.

No dia seguinte, enviou uma carta através de um mensageiro ao Cônsul, pedindo-lhe que se manifestasse imediatamente em relação às injúrias sofridas no Clube Germânia. A manifestação deste foi de que não tinha resposta para o ocorrido.

Diante da pressão local, para que o pastor embarcasse imediatamente para a Alemanha, Brunow telegrafou ao Prior Braunschweig em Porto Alegre, pedindo orientação. Antes porém da resposta, escreveu também para o consulado alemão,

(105) Mç. Doc. 1914.

(106) PBDEGF(1907-1938). p. 12.

(107) Mç. Doc. 1915.

afirmando que estava pronto para voltar e engajar-se no serviço militar alemão. Como, todavia, dependia dos superiores eclesiásticos na Alemanha, devia respeitar suas ordens. Se eles entendessem que o pastor deveria voltar para a pátria, assim ele faria.

Entrementes veio um telegrama do Prior Braunschweig pedindo que o pastor permanecesse em Florianópolis.

Simultaneamente Brunow recebeu uma mensagem do consulado alemão comunicando que devia apresentar-se no dia seguinte no consulado, pois seu passe militar havia sido expedido, o que indicava a obrigação de voltar à Alemanha. Com isto, o telegrama do Prior Braunschweig ficava sem efeito e o consulado esperava que essas ordens fossem obedecidas.

Imediatamente Brunow telegrafou a Porto Alegre novamente, recebendo a seguinte resposta:

"Em nome do Conselho Superior da Igreja estou lhe proibindo de embarcar. Assumo todas as responsabilidades. Superior"⁽¹⁰⁸⁾.

Para dirimir dúvidas, esse telegrama ao pastor Brunow foi enviado ao consulado alemão e lido na presença do Cônsul Dr. Grienke.

Dada a situação delicada envolvendo a sua pessoa, Brunow expôs os fatos à diretoria da comunidade, a qual foi da opinião de que o pastor devia atender as ordens do Superior Representante da Igreja Alemã. Por outro lado, reconheciam tratar-se de uma situação difícil e não queriam se opor ao consulado alemão.

Destacamos que a direção da comunidade com essa atitude, quis manter-se neutra, não dando qualquer parecer ao pastor⁽¹⁰⁹⁾.

Parece-nos também que Brunow estava dividido entre dois poderes aos quais devia lealdade. Por um lado, estava a serviço da igreja da qual era pastor e à qual devia obediência. Por outro, como cidadão alemão, devia lealdade e obediência às suas autoridades.

Diante da falta de uma resposta da diretoria, Brunow lhes questionou de forma clara e direta, perguntando se eles achavam correto seu imediato embarque para servir a pátria, desobedecendo às ordens superiores da igreja e desprezando ainda um trabalho frutífero para o futuro desta comunidade.

Foi destacado então que numa época como aquela, de patriotismo agitado, a comunidade entendia que se os professores precisavam se alistar imediatamente, por que os pastores não deviam fazer o mesmo?

A decisão foi a de enviar um telegrama ao Prior Braunschweig

(108) PBDEGF(1907-1938). p. 16.

(109) Ibidem, p. 17-18.

em Porto Alegre, com o seguinte conteúdo:

"A diretoria está convencida de que o pastor Brunow deve partir em interesse da comunidade"(110).

Ao término dessa reunião, convencido de que partiria para a guerra, Brunow pediu à diretoria que tomasse algumas medidas de segurança para a comunidade durante a sua ausência.

Face ao embarque quase certo do pároco para a guerra, decidiu-se realizar uma assembléia geral extraordinária da comunidade em lugar do culto, no domingo 16 de agosto de 1914.

Nessa ocasião, a direção solicitou aos presentes que dessem o seu aval favorável, em relação ao formulado no seu telegrama enviado a Porto Alegre. Apenas um membro votou contrário ao seu conteúdo.

Na oportunidade, foi lida também uma carta de caráter particular que estava circulando entre os membros, pedindo adesão à idéia de que o pastor seria dispensável em Florianópolis. Entre outros aspectos, a carta, que já contava com 66 assinaturas, afirmava que

"... O Sr. Brunow tem o dever de se alistar imediatamente. Conforme ouvimos, ele gostaria de obedecer a esta ordem, porém espera aprovação desta comunidade. Os assinantes desta, declaram dispensável a presença do pastor durante a guerra..."

Brunow reagiu a essa carta afirmando que ela não expressava a realidade e não correspondia aos fatos. Acrescentou ainda, em relação à polêmica envolvendo sua pessoa, que a comunidade era filiada a Igreja da Prússia, que inclusive colaborava com uma boa quantia para a manutenção do pastor, logo, este órgão superior é que teria autoridade para decidir a respeito desse caso(111).

Frente a essa firme argumentação de Brunow, houve uma mudança geral de idéia por parte dos membros. A comunidade que julgava seu pastor dispensável e queria enviá-lo para a guerra, mudou de opinião. Nesse contexto, o Sr. Carl Hoepcke apresentou e pediu aprovação da seguinte moção:

"A comunidade evangélica alemã hoje reunida numa assembléia geral, confirma que não se encontra no direito de decidir se o seu pastor é dispensável ou não.."(112).

A moção foi discutida e aprovada por todos com exceção de um "membro obstinado"(113).

Essa questão foi definitivamente esclarecida em dezembro de 1914, quando o Conselho Superior Eclesiástico confirmou a posição de seu Representante Braunschweig, enfatizando ainda que ele tinha o dever de permanecer no seu posto.

(110) Ibidem, p. 17.

(111) Ibidem, p. 19.

(112) Ibidem, p. 21.

(113) Ibidem, p. 21.

Com o desenrolar do conflito, em maio de 1915 a comunidade recebeu uma carta do Ministro para assuntos eclesiásticos da Alemanha, reafirmando que o pastor Brunow não devia se alistar para a guerra.

De toda essa situação conturbada parece resultar que além de Brunow não contar com a simpatia do Cônsul, tinha ainda atritos com alguns membros da liderança da comunidade, atritos estes que não podemos averiguar com os elementos que dispomos. Acentuamos porém a atitude excessivamente regalista do Cônsul, que tampouco havia se conduzido com maior benevolência com o pastor anterior, seu alegre companheiro de simpósio, para defendê-lo de injúrias.

Parece-nos que Brunow tinha incomodado seus paroquianos, relembrando-lhes de deveres e disciplina que podiam resultar em mal estar ou ser chocantes.

Ao final do episódio, o pastor saiu fortalecido frente à comunidade, o que pode ser percebido em seu posicionamento não autoritário, mas muito firme.

Em janeiro de 1919, por exemplo, Brunow comunicou à diretoria que daria assistência à quatro comunidades na região de Angelina, quatro ou cinco vezes durante o ano, com a permissão do Prior Braunschweig⁽¹¹⁴⁾.

Essa iniciativa de Brunow era decorrente da significativa diminuição da participação em atividades na comunidade luterana de Florianópolis.

Destacamos que o pastor nesse caso não consultou a diretoria a respeito da possibilidade de dar assistência à essas comunidades, mas apenas comunicou a decisão, sem que houvessem vozes contrárias.

Num relatório de agosto de 1919, Brunow afirmou que se não fosse a convicção da necessidade de sua presença na cidade, teria aceito o convite para assumir uma comunidade mais estável financeiramente⁽¹¹⁵⁾.

Não temos conhecimento a respeito de qual a comunidade teria formulado tal convite. Tinha vivido intensamente seu pastorado na capital, pese a insinuações insidiosas em relação a envolver-se na guerra.

No início de 1920, portanto, um ano após o final da guerra, ele retornou à Alemanha, em meio a uma acentuada crise financeira da comunidade.

Sua viagem foi possível em virtude do empréstimo concedido pela empresa Hermann Stoltz & Cia., do Rio de Janeiro, não havendo contribuição de empresários alemães dessa capital.

(114) Ibidem, p. 46.

(115) Mç. Doc. 1917-1920.

Com o retorno do pastor Brunow e a difícil situação financeira da comunidade, essa decidiu suspender por algum tempo a assistência de um pároco residente, solicitando então que o pastor Langbein de Teresópolis fizesse o atendimento pastoral durante essa vacância de vários meses⁽¹¹⁶⁾.

Cabe perguntar se a comunidade Teresópolis, formada basicamente por pequenos colonos não sofreu a mesma crise financeira que a comunidade de Florianópolis ou se os seus membros eram mais prontos para contribuir, possuindo então um sentimento comunitário mais aguçado.

Somente em maio de 1921 foi decidida a vinda do novo pastor, Albert Bornfleth, enviado do Conselho Superior de Berlim, e que atuava em Brusque. Este assumiria também a direção da Escola.

Como a comunidade reservava para si o direito de alugar a casa pastoral para terceiros, alegando dificuldades financeiras para manter o pastor, esse devia morar no prédio da Escola, que arcaria assim com residência e parte do seu salário⁽¹¹⁷⁾.

Iniciou seu trabalho em julho de 1921, mas em virtude da saúde deficiente de sua esposa, solicitou ao Conselho Superior de Berlim seu retorno à Alemanha, o que ocorreu em abril de 1925.

A respeito do seu trabalho, os documentos praticamente nada tratam. Sabemos apenas que teve participação ativa nas questões relativas ao hospital e que, em função da crise financeira, experimentou algumas privações.

Entre 1926 e 1930, a comunidade foi atendida pelo pastor Emil Hahn, a respeito do qual nada conhecemos, pois as atas do período apenas citam que "... o relatório do pastor foi aprovado..." mas não há nenhum relatório anexo, conforme já mencionamos anteriormente.

O período de atuação desse pastor coincide portanto, com a época na qual se verificou a maior falta de documentação relativa a comunidade.

Em agosto de 1930, foi eleito como pároco o pastor Friedrich Wilhelm Wilms, depois de ter trabalhado nesta comunidade por dois meses, como enviado do Conselho Superior Eclesiástico de Berlim⁽¹¹⁸⁾. A seu respeito também não conhecemos muito, pelo mesmo motivo anteriormente citado.

No início de sua gestão propôs uma mudança nos cultos, sugerindo uma liturgia no estilo antigo da Reforma, principalmente para os cultos especiais, o que também foi aceito⁽¹¹⁹⁾.

(116) PBDEGF(1907-1938). p. 56.

(117) Mç. Doc. 1921.

(118) PBDEGF(1907-1938). p. 63.

(119) Ibidem, p. 68.

Parece-nos que tinha grande interesse pela música, pois no início de seu ministério pastoral pediu que a diretoria aumentasse o salário da organista e para o dirigente do coral⁽¹²⁰⁾.

A seu respeito sabemos também, que criticou duramente o representante do Conselho Superior de Berlim, Prior Funcke, por suas decisões sem levar em conta interesses da comunidade.

Durante o período de Wilms, houve um aumento do número de membros e maior freqüência aos estudos bíblicos⁽¹²¹⁾.

Em janeiro de 1933, foi transferido pelo Conselho Superior para Curitiba. Naquele mês, em assembléia geral, foi decidido escrever ao Prior Funcke, apesar do recente atrito que teve com a diretoria, pedindo o envio de outro pastor por parte de Berlim, que fosse "mais idoso" e "mais apropriado para Florianópolis"⁽¹²²⁾.

Não podemos deixar de observar a ênfase e a reticência que esta formulação parece implicar.

A mesma assembléia aprovou ainda uma mudança nos estatutos, referente a composição da diretoria. Com a alteração, o pastor não teria direito a voto, mas sim de veto em casos especiais⁽¹²³⁾. É notória, portanto, a existência de uma acentuada tensão entre a diretoria e o pastor, que se evidencia neste ato administrativo.

Em seu lugar veio Ulrich Schliemann, eleito para o cargo em junho de 1933, tendo em vista o fato interessante de que o pastor da comunidade de Santa Izabel, Hermann Stoer, eleito por unanimidade, declinou do convite para se estabelecer na capital.

Sabemos que Schliemann antes de vir a Florianópolis, já trabalhava quatro anos no Brasil, no entanto não foi possível verificar onde. Quando de seu chamado pelo Conselho Superior de Berlim, trabalhava em Dobbartin-Meklenburg⁽¹²⁴⁾. O zelo pela confessionalidade luterana parece ter caracterizado esse pastor de maneira especial, pois na assembléia geral da Comunidade, em maio de 1936, ele manifestou "mais uma vez" sua preocupação com a perda da confessionalidade entre os jovens que estudavam em estabelecimentos católicos. Daí que por sua sugestão, foi decidido ministrar aulas de ensino religioso a todos os jovens da comunidade. Sem frequentar estas aulas, eles não poderiam ser confirmados⁽¹²⁵⁾.

Observamos ainda que Schliemann permaneceu em Florianópolis

(120) Ibidem, p. 67.

(121) Ibidem, p. 71.

(122) Ibidem, p. 71.

(123) Ibidem, p. 70.

(124) Ibidem, p. 72.

(125) Ibidem, p. 76.

até 1949, passando portanto todo o período da IIª Guerra Mundial nessa cidade, período este do qual não localizamos qualquer documento.

TABELA nº 5 - Relação dos Pastores em Florianópolis(1869-1949)

Pastor	Período de Atuação
Carl Max Gruel	1869 - 1870 (*)
Otto Schulz	1902 - 1907
Ernst von Gehlen	1908 - 1913
Kurt Franz Brunow	1913 - 1920
Albert Bornfleth	1921 - 1925
Emil Hahn	1926 - 1930
Friedrich Wilhelm Wilms	1930 - 1933
Ulrich Schliemann	1933 - 1949

Fonte : Acervo Geral da comunidade Evangélica de Fpolis.

(*) Entre 1870 - 1902, o atendimento foi feito por pastores de comunidades vizinhas, especialmente P. Zluhan, de Santa Izabel.

A compreensão relativa a história da comunidade resulta incompleta, se não examinarmos a atuação das mulheres no interior da mesma e também no contexto da cidade.

C a p í t u l o V I

**MULHER E CONFESSIONALIDADE: A ATUAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE
SENHORAS ALEMÃS EM FLORIANÓPOLIS**

A Fundação da Associação

O estudo da comunidade luterana nesta capital não pode abrir mão da análise de uma instituição de relevância como foi a Associação de Senhoras, estabelecida em Florianópolis em 17 de junho de 1910⁽¹⁾.

A idéia de fundar aqui uma filial da "Associação Alemã para Senhoras no Estrangeiro", foi apresentada por ocasião da reunião da Conferência Pastoral realizada no Clube Germânia, em 10 de junho de 1910.

A sugestão partira do Superintendente Geral D. Zoellner, de Münster e do Lic. Cremer, de Potsdam, enquanto o pastor local von Gehlen ficara incumbido de convidar as "senhoras casadas e viúvas" da comunidade, para uma reunião que se realizaria no salão nobre da Escola Alemã⁽²⁾. Como se vê, havia exclusão de solteiras.

O intento desse encontro seria de explicar os objetivos da "Associação Alemã para Senhoras no Estrangeiro", entidade que contava com o apoio e proteção de Sua Majestade a Imperatriz da Alemanha e tinha como uma das principais metas, o envio de parteiras e enfermeiras, especialmente para as comunidades luteranas no Brasil.

O convite feito a 93 senhoras foi respondido por 28 delas, que compareceram na reunião de fundação da Associação. Após esclarecimentos do pastor von Gehlen, várias senhoras se pronunciaram favoráveis, testemunhando da grande necessidade do cuidado profissional de doentes, ensinamentos sobre puericultura, prendas domésticas e outros, enfatizando ainda que seria oportuno aceitar "... a mão oferecida pela pátria alemã ..."

Na oportunidade também foi eleita a primeira diretoria que ficou assim composta:

Presidente	- Sra. Carl Hoepcke Jun.,
Vice-Presidente	- Sra. Pastor von Gehlen,
Secretária	- Sra. Cônsul Dr. Grienke,
Tesoureira	- Sra. Bernhardt.

Nessa reunião decidiu-se que haveria encontros regulares a cada 15 dias, no salão nobre da Escola Alemã, para confecção de trabalhos manuais⁽⁴⁾.

De acordo com o documento de fundação dessa Associação, seria possível afirmar que a ênfase dada à preservação da germanidade, também caracterizava essa entidade, ao lado de seu

(1) Face ao valor histórico, transcrevemos a ata de fundação em sua íntegra, no anexo 5.

(2) PBFrvF, P.1.

(4) Ibidem, p. 2.

objetivo assistencial.

O fato de ter o patrocínio da Imperatriz Alemã, em certa medida apontava para isso, bem como o próprio nome da Associação, que acentuava o seu caráter étnico. Notamos porém que numa reunião da diretoria, logo após sua fundação, a presidente destacou que devia haver cuidado para evitar que a Associação reunisse exclusivamente membros alemães. Afirmava-se que todas as senhoras e viúvas de outras nacionalidades e religiões, seriam bem-vindas⁽⁵⁾.

Cabe salientar que no início havia certa prevenção contra o caráter étnico exclusivista dessa Associação. Porém, no transcurso de sua existência, esse aspecto parece ter se acentuado gradativamente.

Na citada reunião observou-se ainda, que a recém-eleita diretoria pretendia enviar correspondência a Sua Majestade a Imperatriz, solicitando a doação de algumas peças de porcelana da Casa Real, para serem aqui leiloadas. O valor arrecadado seria então investido na Associação⁽⁶⁾. Não encontramos, no entanto, evidências que indicam a realização dessa idéia.

A partir de 1911, observa-se a nomeação de membros de honra para a instituição.

Em agosto de 1910, o comerciante Sr. Hackradt havia doado 1 Conto de Réis e em janeiro do ano seguinte sua esposa foi nomeada membro de honra, juntamente com o Sr. Carl Malburg, sócio da empresa Hoepcke⁽⁷⁾.

Na assembléia geral realizada em janeiro de 1912, foi comunicado que o Sr. Carl Hoepcke havia doado 1 Conto de Réis. Ato contínuo, na assembléia seguinte em julho daquele ano, registrou-se que também o Sr. Hoepcke seria nomeado para membro de honra da Associação⁽⁸⁾.

Essas informações parecem indicar que um dos critérios de escolha para definir o membro de honra era financeiro. De acordo com o valor doado, as pessoas eram alçadas a esse posto ou não. Os documentos registram outros doadores, mas com quantias bem menores, que não foram nomeados àquele cargo.

Cabe ressaltar que no início de 1911 a Associação contava com 113 membros, o que pode ser considerado um número bastante significativo e que apontava também para o interesse demonstrado pela entidade⁽⁹⁾.

Além do trabalho das enfermeiras, que era a atividade principal da Associação, ao lado do cuidado com o hospital e as-

(5) Ibidem, p. 3.

(6) Ibidem, p. 3.

(7) Ibidem, p. 4.

(8) Ibidem, p. 10.

(9) Ibidem, p. 5.

sistência social, como veremos adiante, algumas outras atividades foram iniciadas, todas girando em torno daquelas.

Em fevereiro de 1911 tiveram início os encontros informais, de duas em duas semanas, à noite. O objetivo dessas reuniões era avaliar e discutir alvos e tarefas da Associação, além do conagraçamento entre os membros.

Cabe destacar que em janeiro de 1915, a presidente Sra. Anna Hoepcke finalizando uma assembléia geral, enfatizou que esperava que

"as mulheres alemãs daqui demonstrem a mesma alegria de trabalhar como as suas irmãs que vieram da Alemanha..."⁽¹⁰⁾

Essa declaração nos permite pensar que poderia haver discriminação em relação às mulheres teuto-brasileiras. Essas, não teriam o mesmo ímpeto para o trabalho como as alemãs, daí a observação da presidente.

A esse respeito, Giralda Seyferth afirma que o elemento mais importante de comparação para o indivíduo germânico, é o trabalho. A escala étnica, corresponde uma escala de eficiência no trabalho. A afirmação do grupo étnico, gira em torno da "eficiência alemã". Esta somente é possível, por causa da "superioridade cultural alemã", mantida através da educação, família e do uso cotidiano da língua alemã⁽¹¹⁾.

A partir de agosto de 1915, a Associação incentivou os "encontros de família", com café e cantos, tendo como local a Escola Alemã. Para as crianças era feita uma programação própria, sob a orientação da diaconisa/enfermeira Lydia Hensch. Nessas ocasiões seria cobrada também uma pequena contribuição, destinada aos soldados alemães que se tornaram inválidos⁽¹²⁾.

Temos aí uma atividade que parece revelar fortes traços da mentalidade germânica, enfatizando a família, a culinária e a música.

Podemos imaginar também que através dessa atividade se reforçavam os laços interfamiliares e especialmente os valores etno-culturais germânicos.

As apresentações artísticas das crianças foram muito valorizadas e incentivadas pela Associação, constando de teatro, música, canto e danças. O lucro auferido, era investido principalmente no hospital e assistência social.

Quando em junho de 1920, a Associação comemorou seus 10 anos, realizou-se um concerto musical, "que foi do agrado de todos..."⁽¹³⁾.

(10) Ibidem, p. 16.

(11) SEYFERTH, Giralda. Op. Cit. p 159-160

(12) PBFrvF, p. 18.

(13) Ibidem, p. 24.

Por ocasião do centenário da imigração alemã em Santa Catarina(1929), uma intensa programação teve lugar entre os alemães em Florianópolis. A Associação de Senhoras, por exemplo, promoveu a vinda de um grupo de teatro formado por moças do colégio feminino de Blumenau. No dia 12 de outubro, foram apresentadas duas peças teatrais e um recital de poesias, tendo como local o Clube Germânia. Na oportunidade, após as apresentações houve baile⁽¹⁴⁾.

Face à realização de frequentes concertos, a assembléia geral realizada em janeiro de 1933 registrou que:

"... a Sra. Loleit se prontificou a emprestar seu piano, pois o do clube não é bom para apresentações artísticas..."⁽¹⁵⁾.

Esses encontros passaram a ser hábito, conforme relato da presidente em janeiro de 1916. Esta afirmava também que:

"... o número de participantes não é grande, porém os que frequentam sempre levam novos estímulos para casa..."⁽¹⁶⁾.

No início do ano seguinte o pastor Brunow reconhecia que a presença estava fraca e pedia empenho e divulgação⁽¹⁷⁾.

Face à entrada do Brasil na guerra contra a Alemanha, esses encontros foram cancelados e só reiniciados em 1922, com boa frequência. No entanto, foram novamente suspensos entre o final de 1925 e abril de 1926, reiniciando com frequência reduzida. Os registros nos permitem verificar que, no seu início, em torno de 15 pessoas participavam regularmente. Após cinco anos, apenas seis a sete.

Parece-nos que também essa atividade sofria as sequelas deixadas pela guerra, pois havia certo temor em relação a atividades coletivas entre alemães na cidade.

Em fevereiro de 1929, o local de reuniões passou a ser o Clube Germânia, por ser mais central, facilitando o acesso, pois antes, aconteciam na casa do pastor⁽¹⁸⁾.

Alegava-se também que por essa época era difícil subir a "colina alemã", face as fortes chuvas quase diárias.

A partir daí, os encontros não eram mais noturnos, mas sim à tarde. No verão seguinte foram suspensos, alegando-se que o calor era muito intenso nessa época, o que desestimulava a participação. Tão logo passasse o calor, os encontros seriam reativados.

No final da década de 30, registrava-se uma participação média de dez pessoas. Nessa época, parece-nos que a participação era mais seleta e eram lidos e debatidos livros como

(14) PBFrvF. (Livro 2). p. 18.

(15) Ibidem, p. 26.

(16) Ibidem, p. 19.

(17) Ibidem, p. 23.

(18) Ibidem, p. 16.

"Bruder in Aller Welt", "Deutsche Mutter in Siberien", etc., de caráter diaconico e edificante, e autores como Konrad Beste, Karl Goetz e outros.

A partir de 1933 a Associação de Comunidades começou a promover retiros anuais para senhoras, reunindo representantes de todos os grupos vinculados a essa entidade.

Os registros indicam que entre 07 a 10 de julho daquele ano, aconteceu o primeiro retiro em Blumenau, com o objetivo de unir as senhoras luteranas de Santa Catarina e Paraná. A esse primeiro retiro compareceram 88 senhoras, sendo 4 de Florianópolis. O tema versou sobre "A Mulher na Família, na Igreja, na Sociedade", sendo palestrante o pastor Raspe, de Porto Alegre⁽¹⁹⁾.

No ano seguinte, nova edição do retiro aconteceu em Timbó, com o pastor Raspe palestrando sobre "Mãe e Filhos", subdivididos nos tópicos Mãe e Filhos Pequenos; Mãe e Filhos em Idade Escolar; Mãe e Filhos Confirmados.

O pastor Blümel de Timbó palestrou sobre "Criança-Família-Comunidade", enquanto o médico Dr. Richter, de Blumenau, abordou o tema "Mãe e Filhos Doentes".

Representantes de 26 grupos compareceram, reunindo 125 senhoras. Na ocasião foi apresentada e aceita a proposta que as diversas Associações de Senhoras se unissem em uma Liga. Foram também apresentados estatutos e aprovados⁽²⁰⁾.

Em Florianópolis, as senhoras que representaram o grupo local no evento, manifestaram a grande importância desse tipo de atividade e seus reflexos positivos nos vários grupos.

Salientamos também, que a realização de um "bazar", com o passar dos anos tornou-se uma tradição na Comunidade Luterana de Florianópolis. A sua organização e realização ficava basicamente ao encargo das senhoras da Associação. Examinando os balancetes anuais, percebemos que a realização desse tornou-se fundamental para equilibrar as finanças. Abaixo transcrevemos como acontecia o bazar.

"BAZAR:

No dia 15 de abril de 1934, as senhoras da Associação Auxiliadora realizaram no Clube Germânia, um bazar com início às 15 horas. Houve grande movimento nas vendas. As crianças se reuniram em torno das roletas. Todos saborearam café com bolos. Também a procura para o jantar foi bastante intensa. Nas barracas e no bar de licores reinava muita alegria, podia se tentar a sorte nas roletas. Houve várias apresentações para a diversão, bem como recital de piano e danças infantis. Grandes aplausos recebeu o teatro de sombra: "O alfaiate no Inferno". A dança

(19) Ibidem, p. 29.

(20) Ibidem, p. 35.

se estendeu até a madrugada. Houve espírito festivo e todos foram para casa satisfeitos. A atividade trouxe bom lucro para a Associação, rendendo 3:015,790 R\$⁽²¹⁾.

Com os novos ventos políticos na Alemanha, a propaganda do Nacional Socialismo teve reflexos sobre essa Associação de Senhoras.

Numa assembléia geral extraordinária, a presidente comunicou que onze membros deixaram a Associação, alegando que um trabalho conjunto seria impossível, pois seus maridos encontravam-se em campos políticos diferentes⁽²²⁾. A presidente lamentava que desavenças até aquele momento restritas ao Clube Germânia, haviam se estendido a Associação. De acordo com a sua avaliação, isso só ocorreu por que não havia suficiente interesse por essa instituição, caso contrário não teriam tomado atitude tão drástica. Frisava ainda que "a Associação de Senhoras nunca praticou política, mas ao contrário, sempre praticou a caridade nesta cidade, também para com os que não eram alemães"⁽²³⁾.

A partir desse incidente, o Clube Germânia não foi mais utilizado para atividades da Associação.

Em 1940, a Associação de Senhoras de Florianópolis registrou 114 membros, sendo 78 brasileiras e 36 estrangeiras, basicamente alemãs⁽²⁴⁾.

Essa informação nos permite verificar o acentuado processo de absorção étnica e cultural que estava acontecendo.

A Atuação na Area da Saúde e Assistência Social

Notamos o fato de que ao longo da história dessa associação de senhoras, o assunto relativo às enfermeiras alemãs, foi o tema central das reuniões como veremos.

Através da análise documental, podemos verificar que frequentemente alemães residentes nesta capital viajavam à Alemanha, no início deste século.

No início de 1911, a Sra. Hoepcke faria essa viagem, sendo então encarregada de estabelecer contatos com a Casa Matriz de Diaconisas em Münster, no sentido de acelerar a vinda de enfermeiras para Florianópolis, pois este era um dos objetivos centrais da Associação. Enquanto isso, verificar-se-ia aqui, como e onde instalar o "lar das enfermeiras" (Shwesterrheim).

A esse respeito foi decidido no início de 1912, comprar uma

(21) PBFrvF(Livro 2). p. 29.

(22) Veja a carta de demissão destas senhoras, no anexo 6.

(23) PBFrvF(Livro 2). p. 33-34

(24) Veja gráfico relativo ao número de participantes no decorrer dos primeiros 30 anos, no anexo 7.

casa para essa finalidade. O preço exigido pelo proprietário, Sr. Mund, de 10:500\$000 foi aceito, realizando-se então a transferência da propriedade.

No seu retorno da Alemanha, ela trouxe algumas informações que diziam respeito ao plano do grupo de senhoras de Florianópolis.

A construção de uma Casa Matriz para enfermeiras em Porto Alegre, poderia ser iniciada em 1912. Em relação à vinda das primeiras enfermeiras, essa poderia começar a partir da páscoa de 1913 e anualmente deveria ser remetido 500\$000 para Münster por enfermeira requisitada.

Decidiu-se então aguardar até 1913, ao invés de se contratar uma enfermeira de outra procedência⁽²⁵⁾.

É oportuno salientar aqui, que em novembro de 1909, a diretoria da comunidade luterana tratou a respeito das suas moças que estavam partindo para Münster, com o propósito de estudar enfermagem. Tratava-se das senhoritas Anna Gassenferth de Florianópolis e Hedwig Schlemper de Palhoça. Seria entregue a elas uma Bíblia como lembrança da comunidade, com os votos de sucesso⁽²⁶⁾.

Ressaltamos que em pleno ano de 1909, não devia ser habitual que moças deixassem as suas famílias em Florianópolis ou Palhoça, para estudarem na Europa.

Encontramos nova informação a respeito, no livro de atas da Associação de Senhoras em 28.11.1911, quando foi lida uma carta proveniente de Münster, com notícias da Srta. Hedwig Schlemper. Esta, após dois anos, havia abandonado a enfermagem.

Desconhecemos até o momento qualquer registro que evidencie o retorno das duas jovens ao Brasil⁽²⁷⁾.

Em meados de 1912, duas cartas de Münster comunicavam a Associação de que esta deveria pagar a viagem das enfermeiras, bem como assegurar-lhes moradia. Elas poderiam iniciar o trabalho em Florianópolis no início de 1913. Na oportunidade, a presidente informou já ter conseguido móveis para o lar das enfermeiras e que escreveria à Alemanha pedindo roupa de cama⁽²⁸⁾.

Tal pedido à Alemanha soa um pouco estranho, pois parece tratar-se de uma necessidade que poderia ser facilmente suprida a nível local.

Na assembléia geral de julho do mesmo ano, foi dado destaque ao recém-elaborado estatuto para as enfermeiras, onde foram analisados os seus deveres e direitos. Era composto por 14

(25) PBFrvF. P.5.

(26) PABDEGF(1907-1938). p. 29.

(27) PBFrvF. P.5.

(28) Ibidem, p. 8.

parágrafos e na assembléia foi dado ênfase nos seguintes aspectos:

- Elas deviam atender gratuitamente aos membros da associação;
- O atendimento a não-membros devia ser pago. Os valores a serem cobrados, seriam estabelecidos posteriormente;
- Havendo várias solicitações simultâneas, deveria ser atendido o caso mais urgente;
- As senhoras alemãs aqui residentes deviam pagar 20\$000 como taxa de ingresso, enquanto as senhoras jovens recém-casadas ou moradoras recentes da cidade, ficariam livres dessa taxa. Depois pagariam as mensalidades normalmente⁽²⁹⁾.

Encontramos um registro datado de novembro de 1912, no qual a diretoria tratava da vinda de uma enfermeira, com a Casa Matriz de Wittemberg e não mais de Münster. Essa instituição fora fundada em Münster, no ano de 1908 e transferida para Wittemberg em 1912.

A Casa Matriz de Wittemberg havia mandado um contrato, estabelecendo os requisitos para o envio de uma enfermeira.

Após análise detalhada, o contrato foi assinado pela diretoria da Associação, remetendo-se uma cópia para Wittemberg.

No início do ano seguinte, aquela Casa Matriz comunicava que a enfermeira embarcaria no dia 28 de março, devendo chegar aqui em meados de abril⁽³⁰⁾.

Diante dessa notícia, foi programada uma recepção festiva para o primeiro domingo após a sua chegada. Todos os membros da Associação e seus familiares seriam convidados.

Segundo o relatório da presidente, o principal acontecimento em 1913, foi a chegada da enfermeira em abril daquele ano.

Tratava-se de Lydia Hench, que logo nos primeiros meses encontrou muito trabalho pela frente, que aumentava constantemente.

Como exemplo, a presidente mencionou que nos primeiros oito meses de trabalho, ela atendeu a 96 casos que exigiram assistência por quatro dias.

Em relação a essa enfermeira, verifica-se ao longo das atas, o registro de que em função do trabalho sempre mais intenso, suas forças estavam se esgotando.

Pensou-se então em levantar fundos para a contratação de mais uma enfermeira. Com esse objetivo, foi planejada a realização de um bazar para o primeiro domingo de maio de 1914, nas dependências do Clube Germânia.

(29) Ibidem, p. 10.

(30) Ibidem, p. 13.

Observamos que a programação foi suspensa, pois naquele final de semana um navio de guerra alemão visitava a cidade.

O referido bazar foi realizado em 02 de agosto daquele ano, rendendo um lucro líquido de 1:969\$000. Porém, ao invés de se utilizar esse valor para a contratação da nova enfermeira, a maior parte foi utilizada para pagar dívidas da associação junto à empresa Hoepcke, pois dada a situação política mundial, sua vinda teve que ser adiada⁽³¹⁾.

Salientamos também que a Associação de Senhoras teve vínculos financeiros com a empresa Hoepcke, que acabaram gerando dependência dessa entidade junto àquela empresa.

Nessa mesma ocasião, foi analisada a importância de um trabalho conjunto entre enfermeira e um médico alemão⁽³²⁾.

Com relação ainda à enfermeira Lydia Hench, podemos afirmar com base na análise documental, que ela foi praticamente o pilar de sustentação da Associação no período em que trabalhou nesta capital. Podemos citar como exemplo, o destaque que a presidente deu às suas atividades entre março e dezembro de 1914. Nesse período, segundo o relatório da presidente, tinha realizado 22 partos, cada um com nove dias de assistência, atendido mais de 130 pacientes e feito em torno de 1000 visitas domiciliares.

Seis meses depois, a diretoria reconheceu que "...a exploração de energias da irmã Lydia é demasiada. Nesse sentido deve ser feito algo..."⁽³³⁾.

Apesar do reconhecimento do trabalho extremamente exaustivo que essa enfermeira vinha realizando, nada foi feito para amenizar a situação.

Conforme os demonstrativos financeiros, é possível perceber que quanto maior o volume de trabalho dessa profissional, maior era a receita da associação. No entanto, seu salário não sofria qualquer alteração. Em janeiro de 1917, foi sugerido aumentar seu salário de 10\$000 para 12\$500, mas a proposta foi rejeitada sob a alegação de falta de recursos⁽³⁴⁾.

Sublinhamos aqui o fato de que em janeiro de 1916, a associação havia estabelecido a taxa de 15\$000 por parto realizado⁽³⁵⁾.

Com base nessa informação, é possível avaliar as relações de trabalho, extremamente desfavoráveis para a enfermeira, que fazia em média 2 partos mensais, além de grande número de atendimentos domiciliares, plantões noturnos, curativos, injeções, assistência no hospital, etc.

(31) Ibidem, p. 15.

(32) Ibidem, p. 14.

(33) Ibidem, p. 18.

(34) Ibidem, p. 22.

(35) Ibidem, p. 20.

Em janeiro de 1920 foi registrado que:

"... a irmã Lydia ficou gravemente enferma outra vez antes do Natal e o Dr. Bresser aconselhou lhe conceder férias por um mês..."⁽³⁶⁾ (grifo nosso).

No seu retorno, não estava ainda completamente recuperada, o que implicava em diminuição do volume de trabalho e consequente queda na receita da Associação.

"...A situação seria desoladora se não fosse sua melhora significativa no início de 1920. Após férias prolongadas, a irmã Lydia voltou com mais forças..."⁽³⁷⁾.

Frisamos que de fato ela não teve "férias prolongadas", pelo contrário, passou longo tempo acamada para se recuperar. Seu restabelecimento foi visto pela diretoria da associação, como possibilidade de retorno de receitas para a entidade.

Em abril de 1920, foi chamada de volta a Wittemberg e enviada uma substituta. Tendo em vista o intenso trabalho que Lydia Hench desenvolveu, assegurando grande parte das receitas da Associação, sua saída de Florianópolis foi muito sentida. A partir daí, todas as enfermeiras que vieram a Florianópolis tiveram problemas e atritos com a Associação. Esta, avaliava o trabalho tendo como critério de comparação a primeira enfermeira, com seu esforço quase sobre-humano, que lhe tirou a saúde em várias ocasiões.

A individualidade e peculiaridade de cada uma, parece não ter sido considerado nas avaliações⁽³⁸⁾.

Face à crise do pós-guerra que também foi vivida na Associação, por algum tempo essa entidade ficou sem enfermeira.

Com a visita da superiora de Wittemberg, Bertha Dahm, em setembro de 1923, ela esclareceu que para os próximos dois anos seria impossível o envio de enfermeiras por parte de Wittemberg. Sugeriu no entanto a contratação de uma que estava em Porto Alegre e que também era oriunda daquela casa de formação na Alemanha. Seu trabalho, porém, foi limitado, sendo logo demitida⁽³⁹⁾.

Dado os constantes conflitos com enfermeiras, a Associação decidiu não mais contratá-las, mas estimular a vinda de uma profissional que se instalasse por conta própria. Neste caso, ela receberia apoio nos primeiros meses, como a residência mobiliada gratuitamente⁽⁴⁰⁾.

Em novembro de 1924, instalou-se a primeira enfermeira autô-

(36) Ibidem, p. 30.

(37) Ibidem, p. 32.

(38) Verificar a relação de várias enfermeiras que atuaram em Florianópolis e o respectivo período de atividade, no anexo 7.

(39) PBFrvF. p.54.

(40) PBFrvF(Livro 2). p. 4.

noma, Lotte Rosenthal, que permaneceu apenas um ano, pois recebera convite de um médico de Ribeirão Preto-SP, para trabalhar em sua clínica⁽⁴¹⁾.

Um dos motivos da alta rotatividade de enfermeiras em Florianópolis, parece ter sido a baixa remuneração, como pode ser visto no caso acima citado.

Em janeiro de 1927, a presidente comunicou com alegria na assembléia geral que "... a irmã Lydia Hench que já atuou entre nós e que tem muito amigos aqui, pretende voltar e isto significará uma associação novamente cheia de vida..."

A presidente solicitou também novo esforço para associar mais membros, "... reiniciando com boa vontade, fazendo o possível para que a irmã Lydia se sinta novamente bem entre nós e que seu trabalho seja novamente abençoado como antigamente..." (42)

Salientamos que o bom andamento, a Associação "cheia de vida", parece que dependia do retorno da enfermeira. Estranhamente, no entanto, foi necessário uma solicitação de Wittemberg para que ela tivesse seu salário aumentado para 60\$000 mensais. Para melhor avaliarmos o significado desse salário, destacamos que neste período a taxa cobrada por parto era de 50\$000⁽⁴³⁾.

Como consequência imediata do seu retorno, houve um aumento significativo do número de membros, passando de 65 para 93, evidenciando sua credibilidade junto à comunidade alemã desta capital.

Em fevereiro de 1929, a presidente relatou com satisfação na assembléia geral, que "... a irmã Lydia teve muito trabalho em 1928...", indicando então a realização de 25 partos, 190 atendimentos domiciliares, 26 plantões noturnos, etc.

Um ano depois registrou-se com pesar, que:

"A Associação terá de enfrentar a transferência da irmã Lydia a partir de 01 de abril. Já em outubro ela foi chamada por dois meses para Porto Alegre. Naturalmente negamos este pedido, pois íamos ficar sem assistência..."⁽⁴⁴⁾.

Saindo de Florianópolis, foi dirigir o "Johanestiftes", a maternidade em Blumenau.

Destacamos aqui que a mera presença de uma enfermeira, altera significativamente a história dessa instituição. Sua presença ou ausência se faz sentir de forma marcante.

Este modesto exemplo nos leva a refletir sobre um tema bastante complexo que diz respeito ao papel do indivíduo na

(41) Ibidem, p. 9.

(42) Ibidem, p. 11.

(43) Ibidem, p. 11.

(44) Ibidem, p. 19.

história.

O Hospital e Assistência Social

A primeira referência a esse assunto foi registrada na reunião da diretoria da Associação em 13 de novembro de 1914, onde foi destacada a necessidade da enfermeira receber assistência do Dr. Bresser e também anotado que "...está se pensando na construção de um pequeno hospital, e se busca informações nesse sentido..." (45).

Na mesma data foi decidido ainda formar uma comissão para analisar e dar assistência aos pobres, contactando principalmente mulheres e crianças necessitadas.

Cada caso deveria ser visto separadamente para melhor decidir sobre o tipo de assistência a ser concedida. A mesma comissão teria ainda a tarefa de levantar fundos e doações para seu trabalho junto aos pobres. Essa assistência deveria estar centralizada na casa do pastor, o qual teria também a incumbência de ajudar pessoas oriundas principalmente do interior, a arrumarem empregos.

Em seu relatório pastoral de janeiro de 1915, o pastor Brunow mencionou a idéia de se iniciar as obras de um hospital, por iniciativa da Associação de Senhoras(46).

Alguns meses depois tomou-se a decisão de suspender temporariamente esse plano, pois dado o contexto em que vivia a Alemanha, seria inviável a vinda de mais uma enfermeira de Wittemberg(47). No entanto, em outubro daquele ano, a diretoria se reuniu para tratar especificamente da construção do hospital, pois havia uma enfermeira auxiliar à disposição. Tomou-se então a decisão de se fazer uma coleta, de casa em casa e o Sr. Carl Hoepcke se prontificou a emprestar aquilo que faltasse, enquanto os Srs. Bernhardt, Hoffmann e o pastor Brunow, cuidariam da construção.

Na assembléia geral em janeiro do ano seguinte, manifestou-se a alegria pelo fato de ter sido possível iniciar as obras do hospital, apesar da situação delicada de muitos alemães, face a realidade da guerra.

Sua construção estava orçada em 12:500\$000, sem instalação hidráulica e elétrica. Até aquele momento as doações somavam 7:400\$000 e cogitava-se com a possibilidade de inaugurá-lo em março daquele ano(48).

Em março de 1916, Brunow, na qualidade de representante da comissão de construção relatou à diretoria que o hospital poderia ser inaugurado em 16 de abril, domingo de Ramos anterior a Páscoa, o que também ocorreu. Chamamos a atenção

(45) PBFrvF. p. 15.

(46) Mç. doc. 1915.

(47) PBFrvF. p. 18.

(48) Ibidem, p. 19.

para o fato de que a pedra fundamental tinha sido lançada em 19 de dezembro do ano anterior. O tempo de construção foi portanto de apenas 4,5 meses.

Os gastos gerais somavam até aquele momento, a quantia de 21:500\$000. Desse montante, a Associação arrecadou 8:500\$000, sendo que o restante foi emprestado pelo Sr. Hopcke.

Se examinarmos o valor orçado anteriormente, e os gastos realizados, verificaremos que estes excederam em quase o dobro ao valor inicial. É necessário levar em conta, que o custo final incluía instalação elétrica e sanitária, ajardinamento e alguns equipamentos, como maca com rodas e uma sala de cirurgia⁽⁴⁹⁾.

Como as autoridades locais exigiam um médico chefe, o Dr. Bresser assumiu tal cargo. No entanto, o Hospital e especialmente a sala de cirurgia estavam à disposição também de outros médicos. Seria cobrada uma taxa pela utilização dos equipamentos e assistência da enfermeira.

Na assembléia geral realizada em fevereiro de 1917, Brunow falou a respeito do hospital, enfatizando que muitos não apoiavam o empreendimento, visto ser um período de crises provocadas pela guerra. Destacou ainda, o fato do hospital ser uma realidade, mostrava que "...os céticos e pessimistas não tiveram razão..."⁽⁵⁰⁾.

Uma vez concluída a obra, Brunow destacou que sobreveio um tempo difícil em função da guerra, no entanto, em meio ano, o hospital internou 21 pacientes, sendo 10 do interior e 11 da cidade. Os juros da construção foram cobertos e a Associação poderia considerar-se satisfeita, segundo o pastor.

A diretoria reunida em julho de 1917 verificou que os preços cobrados estavam defasados, mas achou por bem não aumentá-los de forma mais racional, especialmente em relação às compras. Com isso, visava-se à diminuição dos gastos/paciente/dia.

Em 1917, além da crise provocada pela declaração de guerra do Brasil à Alemanha, fato que recaiu pesadamente sobre os alemães, também a enfermeira, Lydia Hench, caiu gravemente enferma, tendo que ficar longo tempo afastada.

As atividades do hospital sofreram drástica redução e passou a receber constantes ameaças. A pedido então do Dr. Bresser, o prédio do hospital e também a rua, receberam proteção do exército, evitando-se assim o vandalismo. Como tinha ocorrido algumas agressões a instituições alemãs na cidade, a diretoria da Associação entendeu que seria prudente retirar os doentes, "...inclusive aqueles cuja locomoção era quase impossível...".

(49) Ibidem, p. 21.

(50) Ibidem, p. 24.

Da mesma forma, os objetos e equipamentos de mais valor foram retirados, dado o temor de agressões.

Face a esses problemas, o hospital permaneceu fechado entre dezembro de 1917 e meados de fevereiro de 1918. O Dr. Bresser viajou e as duas enfermeiras ganharam férias.

Houve concordância por parte da diretoria, de que quando reabrisse, novas taxas deveriam ser cobradas. Foi citado como exemplo, o fato do hospital católico ter aumentado suas diárias de 5 para 8 mil réis, pois verificou-se um aumento muito grande dos preços dos alimentos⁽⁵¹⁾.

Na reunião da diretoria realizada em agosto de 1918, discutiu-se exaustivamente a situação na qual se vivia. A guerra havia deixado profundas marcas na Associação. As reservas de caixa estavam se esgotando rapidamente, e as entradas não cobriam os gastos, o número de membros havia caído sensivelmente.

Diante da falta de perspectivas para o futuro, levantou-se a pergunta pela validade em continuar mantendo com sacrifícios o estabelecimento.

Após longa discussão, foi decidido manter o hospital até o final daquele ano, depois se veria qual o procedimento a ser adotado⁽⁵²⁾.

Destacamos aqui a profunda crise que se abateu sobre a Associação, com conseqüências diretas sobre o hospital, que era um estabelecimento recente na cidade. Foi uma iniciativa ousada, que preenchia uma lacuna na área da saúde, mas que as seqüelas da guerra estavam inviabilizando.

Visando à manutenção do hospital, a diretoria decidiu em maio de 1919, fazer uma rifa de três peças de prata que foram doadas e também nomear um conselheiro que pudesse tratar dos assuntos do hospital junto às autoridades locais. Foi então indicado o nome do Sr. Leisner, que aceitou a incumbência⁽⁵³⁾.

Em agosto daquele ano, a diretoria registrou que o Major Rosa havia doado a soma de 300\$000 para a Associação, e que seria utilizado para saldar compromissos junto à Casa Matriz de Wittemberg.

Destacamos essa doação feita por um militar brasileiro, à uma instituição que congregava alemães, num período de guerra em que estes eram vistos, generalizadamente na cidade, como inimigos.

Parece-nos que esse major teve a percepção de que a natureza do empreendimento nesta cidade superava conflitos políticos gerados a distância, ou podia ser visto ainda como um crip-

(51) Ibidem, p. 26.

(52) Ibidem, p. 26-27.

(53) Ibidem, p. 29.

to-germanófilo, pois que sua esposa, fazia parte da Associação.

No início de 1919, o hospital teve que ser fechado novamente, pois a enfermeira Lydia necessitou de um tratamento e repouso prolongado.

Ainda nesse ano, o Dr. Bresser ficou gravemente enfermo, não podendo trabalhar por algum tempo, o que agravou a crise financeira do hospital. No registro da diretoria reunida em 07 de janeiro de 1920, menciona-se pela primeira vez o nome do Dr. Fritz Goffergé, médico de grande reputação na cidade.

Segundo esse registro, o Dr. Goffergé regressara recentemente da Alemanha, o que nos permite supor que durante o conflito tinha estado na Europa.

Por sugestão desse médico, a comunidade alemã de Florianópolis enviou uma quantidade não estipulada de araruta e açúcar para as urgentes necessidades das crianças alemãs que sofriam as conseqüências da guerra.

Com o retorno do referido médico à capital, o hospital também voltou a ser bastante procurado, fazendo com que receitas e despesas voltassem a se equilibrar⁽⁵⁴⁾.

O retorno do Dr. Goffergé ocorreu justamente no período em que seu colega, Dr. Bresser, estava enfermo, o que foi muito significativo para o hospital.

O número de membros da Associação havia caído em 1920 para apenas 88, o que significava uma queda de 30%⁽⁵⁵⁾.

Essa constatação fez com que a diretoria estimulasse a todos no sentido de conseguir novos membros.

De acordo com o registro datado de 14.06.1920, a presidente encomendara na Alemanha uma mesa cirúrgica, pois "...a antiga mesa pertencia ao Dr. Bresser, que a levou quando da sua mudança..."⁽⁵⁶⁾.

Como a referida mesa encomendada custaria um valor muito elevado, a diretoria decidiu oferecê-la ao Dr. Goffergé, pois a Associação não reunia recursos para pagá-la.

Um mês depois, constatava-se a difícil situação financeira do hospital, ventilando-se a possibilidade de alugá-lo, caso não houvesse melhoria. Registrou-se ainda que
"... infelizmente não foi possível vender a mesa ao Dr. Goffergé e precisamos achar outro comprador..."⁽⁵⁷⁾.

Em março de 1920, no seu relatório pastoral, Brunow chamou a

(54) Ibidem, p. 31.

(55) Ibidem, p. 32.

(56) Ibidem, p. 34.

(57) Ibidem, p. 34.

atenção dos membros da igreja, afirmando que valeria a pena o sacrifício para conservar o hospital. Argumentava esse pároco, que o hospital não era importante apenas para a capital, mas para toda a colônia alemã na região Sul do Estado (58).

Até outubro daquele ano, a mesa não havia sido vendida, pois a presidente, Sra. Anna Hoepcke informava que provavelmente seria vendida no Rio de Janeiro. Esta, comunicou ainda a significativa doação de 500\$000, "...oriunda de um senhor que prefere ficar no anonimato..."(59).

Em janeiro de 1921, foi registrado na assembléia geral que o Dr. Bresser, por motivos de saúde, tinha viajado e não voltara ainda.

De acordo com o mesmo registro, em função da difícil situação financeira, o hospital havia fechado novamente, em 01.12.1920, mas esperava-se abri-lo em breve(60).

Decorrido um ano, foi alugada uma parte do hospital, registrando-se que "...o Dr. Bresser alugou a residência do hospital, bem como a metade do inventário..."(61).

Lamentou-se o fato dele não ter cedido dois quartos para as enfermeiras, o que obrigou a Associação alugar residência para elas.

O referido médico pagava 225\$000 mensais pelo aluguel.

Como a situação do hospital continuava crítica, foi convocada uma assembléia geral extraordinária para 01 de outubro de 1922, na qual o único ponto da ordem do dia dizia respeito ao seu futuro.

Nessa oportunidade decidiu-se pela venda e uma comissão "de homens" foi formada para tratar do assunto, formada pelo Sr. Leisner, Sr. Hoffmann, Sr. Schmidthausen e pastor Bonfleth.

Sublinhamos aqui o fato dessa assembléia geral extraordinária ter reunido apenas 16 membros, considerando-se que se tratava de assunto tão relevante como a venda do hospital(62).

O baixo número de participantes nas assembléias, foi portanto, uma realidade vivida também pela Associação de Senhoras.

Outro aspecto que sublinhamos nessa assembléia, foi o fato de se formar uma comissão de homens para tratar a respeito da venda do hospital.

Por ser uma Associação de Senhoras, em todos os momentos de

(58) Mç. doc. 1917-1920.

(59) PBFrvF. p. 35.

(60) Ibidem, p. 36.

(61) Ibidem, p. 38.

(62) Ibidem, p. 39.

vida desta, elas ocuparam a liderança dirigindo a entidade. No momento, porém, de tratar da referida venda, formou-se uma comissão de homens.

Cabe-nos indagar as razões dessa transferência de poder de decisão. Possivelmente pelo negócio envolver somas bem maiores que as habituais, achou-se por bem atribuí-lo a homens, os quais supomos experientes na área.

Outra possibilidade seria de que a mulher alemã atribuía a responsabilidade dos negócios aos seus maridos, daí a formação da comissão de homens.

Três dias depois, a diretoria se reuniu, considerando a possibilidade de alugar o estabelecimento aos médicos Dr. Goffergé e Dr. Melcop, por 300\$000 mensais, por dois anos.

Não temos conhecimento dos estatutos para verificar se a diretoria poderia anular ou protelar uma decisão tomada em assembléia, ainda que pouco representativa, pois esta decidiu pela venda do hospital.

Um mês depois, em nova assembléia geral, foi registrado que o Dr. Melcop rescindira o contrato, ficando somente o Dr. Goffergé.

Em janeiro de 1923, decidiu-se oferecer o hospital a este médico, ao preço de 36 contos, pois que o contrato de aluguel por dois anos era prejudicial à Associação. Diante da sua contra-proposta de 34 contos, a assembléia geral optou pela venda do hospital ao Dr. Goffergé, que também compraria alguns equipamentos no valor de 995\$000.

Essa soma ficaria depositada a juros de 6%, na firma Hoepcke, enquanto a diretoria verificava um bom investimento para esse valor.

Por essa época verificava-se grande desmotivação na associação de Senhoras. Assembléias tiveram que ser canceladas por falta de quórum e houve, ainda, diminuição significativa no número de membros.

Em setembro de 1923 estive em Santa Catarina, visitando também Florianópolis, a superiora das diaconisas enfermeiras de Wittemberg, Bertha Dahm. As senhoras mais antigas da Associação lhe relataram na oportunidade, o nascimento e desenvolvimento da mesma, enfatizando que "...infelizmente a guerra acabou praticamente tudo..", razão pela qual elas tiveram que se empenhar muito para manter o trabalho⁽⁶³⁾.

Salientamos ainda que, simultaneamente ao hospital, a Associação começou a desenvolver a assistência social. Em novembro de 1914, foi formada uma comissão cuja incumbência era analisar e dar assistência aos pobres, principalmente mulheres e crianças necessitadas.

(63) Ibidem, p. 48.

Alguns meses depois aconteceu a primeira reunião específica da comissão que voluntariamente se formou para tratar da assistência aos pobres. Era composta pelas senhoras Bernhardt, Ebel, Boettger e Brunow, esta última esposa do pastor, que era também doutora em Filosofia, o que ressaltamos por não ser comum para a época.

Nessa reunião, em 22.04.1915, foi decidido apoiar algumas famílias necessitadas, com uma cota mensal de 5\$000. Da mesma forma, firmou-se o compromisso de atrair mais pessoas para essa comissão.

A mobilização desta, era mais intensa à medida que se aproximava o Natal. Nessa ocasião se fazia coleta de alimentos, dinheiro e especialmente roupas para serem distribuídas.

No Natal de 1916, por exemplo, além do auxílio concedido a 10 famílias, foi solicitado que os membros da Associação se empenhassem de forma especial, para auxiliar especialmente com roupas, os marinheiros alemães do navio "Pontos", que se encontravam em dificuldades⁽⁶⁴⁾.

O documento não afirma se o referido navio estava ancorado em Florianópolis, no entanto dada a mobilização na comunidade daqui, podemos supô-lo.

Em fevereiro de 1917, a senhora Brunow sugeriu na Associação que as pessoas interessadas nesse trabalho assinassem uma lista, indicando o valor com o qual contribuiriam.

Nessa ocasião surgiu uma discussão sobre o trabalho dessa comissão.

Parece-nos que a diretoria da Associação via esse grupo como uma espécie de concorrente.

Foi salientado, porém, a necessidade de se trabalhar de mãos dadas, somando-se esforços.

Em relação à natureza do trabalho, foi lembrado que a Associação se limitava a ajudar basicamente mulheres e crianças da cidade, com roupas e alimentos, aluguel mensal para moradia de algumas senhoras idosas. O transeunte e de passagem pela cidade não era alvo de atenção da Associação, bem como o auxílio com dinheiro⁽⁶⁵⁾.

A comissão de assistência aos pobres se engajaria nesse trabalho, o que de fato se verificou. De acordo com o registro dessa comissão feito em janeiro de 1919, percebemos que além do auxílio com roupas e alimentos, houve pagamento de aluguel para duas senhoras idosas. Concedeu-se também auxílio financeiro a famílias com problemas de doença e para gestantes.

Atenção especial foi dada a uma campanha no final de 1919,

(64) Ibidem, p. 22.

(65) Ibidem, p. 24.

que visava a auxiliar crianças nos grandes centros urbanos da Alemanha, órfãos ou outra forma de vítimas de guerra.

Até o Natal, tinha sido arrecadado 1:412\$500. A metade foi convertida em DM, e a outra metade seria transformada em alimentos e enviada à Liga Germânica de Buenos Aires. Esta por sua vez se encarregaria de fazer com que os donativos chegassem ao lugar certo⁽⁶⁶⁾.

Em janeiro de 1920, a Sra. Brunow comunicou na reunião da diretoria, que tinha sido enviado 5:199\$500 para a Aliança de Associações de Senhoras Alemãs, através do Banco Alemão Transatlântico.

Da mesma forma, por conselho do Dr. Goffergé, que regressara recentemente da Alemanha, sendo portanto conhecedor daquela realidade, a Associação remeteu para lá três barris de farinha de araruta e dois de açúcar. A confirmação da chegada desses produtos, foi feita pela Sra. Gertrud Baumer, de Hamburgo, que relatou numa carta minuciosa, a utilização dessas doações destinadas a crianças alemãs, que sofriam as consequências da guerra⁽⁶⁷⁾.

Chamamos a atenção para o envio de farinha de araruta. Certamente o Dr. Goffergé conhecia as qualidades nutritivas desse tubérculo, recomendando o envio do produto para a Alemanha. Apesar de ser uma planta nativa e de fácil cultivo em várias regiões do Estado, especialmente o vale do Itajaí, sua exploração comercial não teve êxito ou não foi incentivada.

Uma maneira da Associação levantar fundos para a assistência aos pobres, era através da venda de bolos, trabalhos manuais e realização de festas nos dois clubes alemães da cidade.

Em julho de 1923 foi decidido iniciar outra forma de arrecadar dinheiro para essa finalidade. Tratava-se de costuras que as senhoras faziam uma vez ao mês, a cada terceira quarta-feira. Outra possibilidade era que cada senhora levasse consigo, tecido distribuído pela Associação, e fizesse as costuras em casa. As vendas seriam efetuadas após um bom volume de peças costuradas⁽⁶⁸⁾.

Na assembléia geral realizada em janeiro de 1924, foi registrado que "as roupas costuradas a mão pelas senhoras foram distribuídas pela enfermeira M. Steiner, para 07 famílias carentes, no período do Natal, e durante o ano passado duas senhoras idosas receberam ajuda em alimento..."⁽⁶⁹⁾.

Na assembléia do ano seguinte, foi enfatizado que a enfermeira Lotte Rosenthal daria assistência aos alemães pobres do interior, todas as terças e sextas-feiras, das 16 às 17

(66) Ibidem, p. 29.

(67) Ibidem, p. 33.

(68) Ibidem, p. 38.

(69) PBFrvF(Livro 2). p. 2.

horas⁽⁷⁰⁾ (grifo nosso).

Chamamos a atenção ao aspecto étnico também presente na assistência social da entidade.

A partir de 1925, esse trabalho praticamente se solidificou em torno da prática anteriormente referida. Não temos conhecimento de registros que evidenciem outra forma de assistência social. A cada ano os valores destinados a esse trabalho variavam, o que implicava maior ou menor número de famílias e pessoas assistidas.

Entendemos que essas iniciativas, especialmente em relação ao hospital, são realidades cujo valor não pode ser desconsiderado, na página relativa à história da assistência social desta cidade, que ainda deverá ser escrita.

Salientamos ainda que esses trabalhos tiveram início simultaneamente ao período em que iniciaram os conflitos da Iª Guerra Mundial.

Dentro deste contexto conturbado, era de se esperar o que se ocorreu, pois o hospital foi concluído e o trabalho de assistência social iniciado, apesar da situação desfavorável.

Em relação a este último, não é nosso propósito neste trabalho, fazer uma avaliação crítica, e nem procurar verificar se foi meramente assistencialista.

Apenas queremos sublinhar a mentalidade que o gerou, mentalidade esta que não consentia em ver o elemento germânico sofrer necessidades, sem intervir de alguma maneira.

Parece-nos que havia um sentido de responsabilidade étnica bastante aguçado, que motivou este trabalho.

Em relação ao hospital, é importante frisar que durante os anos que esteve sob os cuidados da Associação de Senhoras, não recebeu em momento algum, auxílio governamental. A análise dos balancetes anuais não apontam para qualquer possibilidade disso ter acontecido.

Utilizando-nos da História Oral como fonte, foi possível perceber que o hospital teve uma grande importância para os colonos alemães localizados nas proximidades, como Santa Izabel, Terezópolis e para a população germânica do Sul do Estado.

Da mesma forma nos foi dado a conhecer que muitas pessoas residentes em Florianópolis eram atendidas, sem ter necessariamente vínculos com a colônia alemã ou com a igreja luterana.

(70) Ibidem, p. 8.

CONCLUSÃO

Conclusão

O trabalho que ora apresentamos não pretende ser definitivo, tendo em vista que a medida que fomos nos aprofundando na pesquisa, várias perspectivas novas de futuro aprofundamento em estudos posteriores foram se descortinando.

O estudo da história institucional, abordando a comunidade luterana em Florianópolis, trouxe à luz novos elementos a serem considerados e incorporados na história da capital.

Nossas hipóteses iniciais se confirmaram enriquecendo-se com novos fatos. Confirmou-se a liderança que tínhamos pré-suposto, do primeiro pároco, Dr. Carl Max Gruel, ao constatar-se que o mesmo tinha encabeçado a formação de um tripé institucional para dar suporte ao germanismo, ou seja; Escola, Igreja e Cemitério.

Porém tal liderança não impediu que no curto período que permaneceu na capital, seus projetos contassem também com oposição e que foi a causa provável de sua transferência para São Lourenço do Sul e depois para o Rio de Janeiro.

No final do século passado e início deste, ao mesmo tempo em que se verificava um impulso para a preservação da germanidade no Brasil, o grupo germânico de Florianópolis etnicamente compacto, experimentava um período de dispersão confessional. Este afrouxamento por sua vez coincidiu com a ausência de um pastor residente na cidade, o que confirma um papel destacado dos pastores no meio alemão.

Os vários grupos e personalidades que compunham a comunidade, em suas ações e deliberações ao longo de sua história, amiúde manifestaram rasgos de auto afirmação étnica. Este fato veio confirmar uma de nossas hipóteses iniciais de que a germanidade e luteranismo na comunidade evangélica de Florianópolis, são complementares e indissociados no período estudado, portanto ambos devem ser considerados para a compreensão da mentalidade germânica em nosso meio. A confessionalidade no entanto foi vista como mais um elemento, ao lado de outros, para preservar a germanidade.

Na defesa da germanidade, alemães luteranos e alemães católicos normalmente estiveram coesos. No entanto, os incidentes de natureza confessional, também foram uma realidade em vários momentos, como o verificado no caso de Willy Renaux em 1910.

O avanço da comunidade não foi constatado, em virtude do desinteresse pelas questões religiosas. Ao contrário, observou-se no período estudado uma retração no aspecto confessional. As constantes queixas pela falta de quórum para as deliberações, confirmam o desinteresse pelas questões comunitárias.

Destacamos ainda que na condição de minoria étnica no contexto de predominância luso-brasileira, o grupo germânico luterano de Florianópolis não participou e tão pouco refletiu em seu meio, alguns fatos que marcaram a história de nosso país. Optou isto sim, por uma retração na defesa de seus valores étnicos e nacionais que resultaram numa marginalização em relação à sociabilidade e cultura luso-brasileira. A esse respeito, temos que considerar até que ponto o ambiente ascentuadamente luso de Florianópolis, tinha interesse numa participação e integração de alemães protestantes.

Sublinhamos também a atuação destacada do pastor Kurt Brunow junto à comunidade no período da Iª Guerra Mundial. Dada a sua determinação manteve-se à frente do trabalho, contrariando a diretoria que, insuflada pelo Cônsul alemão na cidade, queria afastá-lo enviando-o para o front.

Também a Associação de Senhoras Alemãs de Florianópolis, para o bom andamento de seus trabalhos, revelou alto grau de dependência em relação a enfermeira Lydia Hench.

Notória ainda foi a constatação do êxodo rural de colonos alemães para Florianópolis entre 1910 e 1920. Isto implicou em problemas sociais como desemprego e prostituição, exigindo uma ação por parte da comunidade para reduzir os seus efeitos. Porém esta realidade percebida por alguns, foi ignorada pela direção da comunidade, que não deu seu apoio para uma ação mais concreta.

Em relação a nossa perspectiva inicial para este trabalho, cremos ter trazido novos elementos, avançando assim em torno da temática proposta. No entanto o estudo da questão aponta para novas pesquisas no futuro, dado o leque de possibilidades que se abriram e que sugerem novos enfoques. O estudo do comportamento demográfico entre alemães luteranos em Florianópolis, o tratamento dispensado pela imprensa local a este grupo, o estudo de história econômica tomando por base as atividades comerciais dos alemães, são alguns temas possíveis para estudos futuros.

FONTES

Fontes Inéditas

Protokoll Buch der Deutscher Evangelischer Gemeinde zu Florianópolis (1869 - 1907) - PBDEGF(1869-1907).

Protokoll Buch der Deutscher Evangelischer Gemeinde zu Florianópolis (1907 - 1938) - PBDEGF(1907-1938).

Livro de Protocolo dos Assuntos Referentes a Escola Alemã de Desterro (1868) - LPAEBAD.

Protokoll Buch Evangelischer Kirchengemeinde Palhoça - São Jose (1903) - PBEK Palhoça-São José.

Arquivo de Correspondências 1911-1912.

Protokoll Buch Frauensverein zu Florianópolis (1910 - 1940) - PBFrvF.

Maço Documentos nº 1, 1907.
Maço Documentos nº 2, 1908-1909.
Maço Documentos nº 3, 1910.
Maço Documentos nº 4, 1911.
Maço Documentos nº 5, 1912.
Maço Documentos nº 6, 1913.
Maço Documentos nº 7, 1914.
Maço Documentos nº 8, 1915.
Maço Documentos nº 9, 1916.
Maço Documentos nº 10, 1917-1920.
Maço Documentos nº 11, 1921.
Maço Documentos nº 12, 1923.
Maço Documentos nº 13, 1930-1932.
Maço Documentos nº 14, 1935.
Maço Documentos nº 15, 1936.

Acervo Geral de Fotografias.

Pastas com Documentos Avulsos

Documentos Orais

- Entrevista com a Sra. Caroline Eveline Trupell;
- Entrevista com a Sra. Marta Hense;
- Entrevista com o Sr. Adolf Hense.

Arquivos Consultados

- Arquivo Histórico de Joinville;
- Arquivo José Ferreira da Silva - Blumenau;
- Arquivo Público do Estado de Santa Catarina-Florianópolis;
- Arquivo do Instituto Hans Staden - São Paulo;
- Acervo Geral da Comunidade Evangélica Luterana de Fpolis.

Fontes Editas

STOER, Hermann. Cronick der Pfarrgemeinde Santa Izabel der Oltesten Deutsch-evangelische Siedlung in Sta Catarina.

"Jornal do Comércio"; Rio de Janeiro, 1914.

Kirchegemeinde Joinville 1851-1951. Evangelische Beckennen in Schwachheidt und Kraft. São Leopoldo, Tipografia Rotermond.

Evangelische Kirche Florianópolis(1913-1938). Edição comemorativa.

DUARTE, Manoel. Os Alemães em Santa Catarina(notas de um excursionista). Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Comércio, 1917.

MIRA, Crispim. O Deputado Irineu Machado versus Allemanha. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Comércio, 1914.

BRAZIL, S. Brasil versus Allemanha - Resposta ao Opúsculo Irineu versus Allemanha. Florianópolis, Typ. da Escola de Aprendizes, 1914.

RIBAS, Antonio de Lara. A Ordem Política e Social e a Campanha Contra o Nazismo no Estado de Santa Catarina. Palestra realizada no Rotary Clube de Florianópolis em 05de agosto de 1943.

Simpósio de História da Igreja, 23-24 de Maio de 1986. São Leopoldo, Rotermond - Ed. Sinodal, 1986.

BIBLIOGRAFIA

Livros

- ALVES, A. Rubem. Protestantismo e Repressão. São Paulo, Editora Atica, 1982.
- AVE-LALLEMANT, Robert. Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo(1858). São Paulo, Itatiaia-EDUSP, 1980.
- AZZI, Riolando. A Cristandade Colonial - Um Projeto Autoritário. São Paulo, Ed. Paulinas, 1987.
- AZZI, Riolando. A Obra de Dom Bosco em Santa Catarina - A Atuação Salesiana em Prol dos Imigrantes 1916-1941. São Paulo, Ed. Salesiana Dom Bosco, 1988.
- BLOCH, Marc. Introdução à História. Publicações Europa-América.
- BRAKEMEIER, Gottfried(Editor). Presença Luterana - 1990. São Leopoldo, Ed. Sinodal, 1989.
- BURKE, Peter. A Escola dos Annales(1929-1989). São Paulo, Ed. UNESP, 1991.
- CABRAL, Osvaldo Rodrigues. Nossa Senhora de Desterro. Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1979.
- CÂMARA, Rinaldo Pereira. Brasilidade e Catolicismo. Porto Alegre, Ed. Sulina, 1971.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. Uma Introdução à História. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- CARR, E.H. Que é História? Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- CHÉRADAME, André. O Plano Pangermanista Desmascarado. Rio de Janeiro, Livraria Garnier, 1917.
- DARNTON, Robert. O Grande Massacre de Gatos. Rio de Janeiro, Graal, 1988.
- DEWEY, John. Democracia e Educação. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1959.
- DREHER, N. Martin. Igreja e Germanidade. São Leopoldo, Ed. Sinodal/EST/EDUCS, 1984.
- ECO, Umberto. Como se Faz um Tese. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1989.
- ENTRES, Gottfried. Der Staat Santa Catarina in Vergangenheit

und Gegenwart unter besonderer Berücksichtigung des Deutsctumes. Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier Deutscher Einwanderung in Santa Catarina. Florianópolis, Livraria Central. Alberto Entres & Irmão, 1929.

FLOS, Max Heinrich. Unsere Väter - Nossos Pais. (Bílingue) Publicado sob os auspícios do Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná. São Leopoldo, Gráfica Rotermund, 1961.

FOUQUET, Carlos. O Imigrante Alemão e seus Descendentes no Brasil - 1808-1824-1974. São Paulo, Instituto Hans Staden, 1974.

GERTZ, René. O Facismo no Sul do Brasil. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.

GINZBURG, Carlo. O Queijo e os Vermes. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

GLENISSON, Jean. Iniciação aos Estudos Históricos. São Paulo/Rio de Janeiro, Difel, 1979.

HACK, Osvaldo Henrique. Protestantismo e Educação Brasileira - Presbiterianismo e seu Relacionamento com o Sistema Pedagógico. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1985.

HERING, Maria Luiza Renaux. Colonização e Indústria no Vale do Itajaí. Blumenau, Editora da FURB, 1987.

HÜBENER, Laura Machado. O Comércio da Cidade do Desterro no Século XIX. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1981.

HUNSCHE, Carlos H. Pastor Heinrich W. Hunsche e os Começos da Igreja Evangélica no Sul do Brasil. São Leopoldo, Ed. Rotermund, 1981.

_____, Protestantismo no Sul do Brasil - Nos Quinhentos Anos de Nascimento de Lutero (1483-1983). EST - Ed. Sino-dal, 1983.

_____, O Ano de 1826 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Ed. Metrópole, 1977.

JOFFILY, José. O Caso Panther. Petrópolis, Paz e Terra, 1988.

LANDO, Aldair Marli & BARROS, Eliane Cruxên. A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Ed. Movimento, 1982.

LE GOFF, Jaques & NORA, Pierre. História: Novos Objetos. Rio de Janeiro, Francisco Alves Ed., 1988.

LÉONARD, Émile. O Protestantismo Brasileiro. São Paulo, JUERP/ASTE, 1963.

MATTOS, Jacinto Antônio. Colonização do Estado de Santa Catarina - Dados Históricos e Estatísticos (1640-1916). Typ. "O DIA", Florianópolis, 1917.

- MENDONÇA, Antônio Gouvea. O Celeste Porvir - A Inserção do Protestantismo no Brasil. São Paulo, Paulinas, 1984.
- NEVES, Abílio Afonso Baeta & GERTZ E René(coord.). A Nova Historiografia Alemã. Editora da UFRGS/Instituto Goethe/Instituto Brasileiro-Alemão, 1987.
- NIEMAYER, Ernesto. "Os Allemães no Brasil - Santa Catarina". in:Os Allemães nos Estados do Paraná e Santa Catarina (1829-1929).
- PAIVA, Joaquim Gomes de Oliveira. Colonização Alemã em São Pedro de Alcântara - Comemoração do Centenário da Colonização Alemã em Santa Catarina (1829-1929). Florianópolis, Livraria Moderna, 1929.
- PIAZZA, Walter F. Santa Catarina: Sua História. Florianópolis, Ed. da UFSC/Ed. Lunardélli, 1981.
- PRIEN, Hans Jürgen. La História del Cristianismo en América Latina. Salamanca/Ed. Sígueme; São Leopoldo/ Ed. Sinodal, 1985.
- REILY, A. Duncan. História Documental do Protestantismo Brasileiro. São Paulo, ASTE, 1984.
- RIBAS, Antonio de Lara & KUEHNE, Joao. O Punhal Nazista no Coração do Brasil. Florianópolis, Secretaria de Segurança Pública, 1943.
- RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo no Brasil Monárquico. São Paulo, Pioneira, 1973.
- RICHTER, Klaus. A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1887 e a Colonização do Interior de Joinville e Blumenau. Editora da UFSC-Editora da FURB, 1986.
- RICHTER, Klaus. História da Imigração Alemã para o Brasil. Manuscrito(Gentileza do Autor).
- RICOEUR, Paul. História e Verdade. Rio de Janeiro, Forense, 1968.
- SALVADOR, José Gonçalves. Cristãos-Novos. Jesuítas e Inquisição. São Paulo, Pioneira, 1969.
- SCHAFF, Adam. História e Verdade. São Paulo, Martins Fontes, 1971.
- SEIDLER, Carl. Dez Anos no Brasil. São Paulo, Itatiaia-EDUSP,1980.
- SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e Identidade Étnica. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1982.
- TAUNAY, Affonso. Os Allemães nos Estados do Paraná e Santa Catarina (1829-1929). Edição Comemorativa.
- TELLES, Leandro. Do Deutscher Hilsverein ao Colégio Farroupilha - 1858 - 1974. Porto Alegre. Edição Comemorativa.

TERNES, Apolinário. História Econômica de Joinville. Joinville, Associação Comercial e Industrial de Joinville, 1986.

TSCHUDI, Johan Jacob von. As Colônias de Santa Catarina. CNPq/Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.

_____, Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo, Itatiaia-EDUSP, 1980.

UMANN, Joseff. Memórias de um Imigrante Boêmio. (Introdução, Tradução e Notas Hilda Agnes Hübener Flores) Porto Alegre, EST, 1981.

VEGINI, Edmundo. A Personalidade Histórica de Crispim Mira e a Regeneração Nacional pela Ética Germânica do Trabalho. Dissertação de Mestrado, UFSC, 1984, Datilografado.

VIEIRA, David Gueiros. O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil. Brasília. Ed. Universidade de Brasília, 1980.

VOVELLE, Michel. Ideologias e Mentalidades. São Paulo, Brasiliense, 1987.

WAPPAUS, Johann Eduard. Santa Catarina Segundo Wappaus. Comissão Nacional de História, Secção SC, 1958.

WILLEMS, Emílio. A Aculturação dos Alemães no Brasil. Editora Nacional, 1946.

_____, Assimilação e Populações Marginais no Brasil. Editora Nacional, 1940.

Periódicos

ABADIE-AICARDI, Anibal. "Mentalidad Pastoral, Ideas y Crítica Cultural: El Dr. Otto Woysch y el Uruguay de 1857-1863" in Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas. Bohlau Verlag, Köln, 1988(705-756).

Anuário Evangélico 1989.

Blumenau em Cadernos. Tomo XXII, Junho 1971, (9), set. 1981.

CABRAL, Osvaldo Rodrigues. "Brügemann e os Panoramas de Desterro." in: Blumenau em Cadernos. Tomo XXII, Junho 1971, nº 3.

CÂMARA, Lourival. Estrangeiros em Santa Catarina. Separata da "Revista de Imigração e Colonização". Ano I, nº 4, out. 1940.

GUEDES, Sandra de Camargo. A Secularização de Cemitérios Públicos em São Paulo: Uma Proposta Liberal. Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica - Anais da III Reunião. São

Paulo, 1984.

HENNIG, Martin, "Os Auxílios de Entidades Evangélicas na Alemanha em prol dos Evangélicos no Brasil, dos Primórdios até 1900" in: Ensaio Luteranos, São Leopoldo, Ed. Sinodal, 1986.

KILIAN, Frederico. "Pequena Crônica da Comunidade Evangélica de Blumenau." in: Blumenau em Cadernos. Blumenau, Tomo XVIII (9), 264-267, ago. 1977.

KLUG, João. "Contribuição das Fontes Luteranas de Florianópolis a História Cultural Catarinense". Agora - Revista, da Associação dos Amigos do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Ano VI (12):27-32, dez. 1990.

KLUG, João. "Germanismo e Luteranismo nas Comunidades Teuto-Brasileiras - Um Breve Estudo de desta profunda correlação." in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. (no prelo).

KOCH, Dorvalino. "Luxemburgo na Imigração Alemã" in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. 3ª fase, I Semestre 1980, nº 2.

NADALIN, Sergio Odilon. "Imigrantes Alemães e Descendentes em Curitiba: Caracterização de um Grupo Social" in: História: Questões e Debates. Curitiba, (2):15-22, jun. 1981.

SEYFERTH, Giralda. Colonização e Conflito: Estudo sobre "Motins" e "Desordens" numa região colonial de Santa Catarina no Século XIX. Museu Nacional - UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Comunicação nº 10.

SILVA, J. Ferreira (Tradutor) "Um Escritor Alemão em SC" in: Blumenau em Cadernos. Tomo XII, Março 1971, nº 3.

INDICES

Índice de Tabelas

1. Imigrantes em Blumenau até 1899	18
2. Potencialidade da Colônia Alemã de Florianópolis (Desterro) para a Conservação do Germanismo até 1911 Conforme Relatórios das Respektivas Diretorias, Compilado pelo Pastor von Gehlen	33
3. Associações Alemãs em Florianópolis.	34
4. Alemães Desembarcados no Porto de Florianópolis, em 1911.	89
5. Relação dos Pastores em Florianópolis(1869-1949)	113

ANEXOS

ANEXO Nº 1 - "MAIS UM ALEMÃO INGRATO"

Jornal "Dia e Noite" - Sexta Feira, 07 de abril de 1939 -
ANO IV, Número 296, p 7-8
Diretor Proprietário: Menezes Filho
Gerente: Mário Santos

Integra da carta de Paulo White endereçada a seus parentes na Alemanha.

Cópia: - Tradução - Eu Witold Kowerski, tradutor Ad hoc nomeado pelo D.D Sr. Capitão Delegado de Polícia desta região, declaro que nesta data, me foi apresentada uma carta escrita em alemão que fielmente traduzi para o vernáculo e cujo teor é o seguinte:

Cruzeiro do Sul, 15.11.1938

Meu Prezado Tio Fritz

Com quanto não tivesse recebido resposta para a minha primeira carta e não saiba si chegou a seu destino, aproveito a oportunidade para enviar mais esta por intermédio de um reemigrante, visto que é para mim, de grande gravidade, e também o pode tornar-se. Trata-se de acordo com o que já mencionei na minha última carta, de legar aos nossos descendentes a nossa nacionalidade e os nossos costumes e, com isso, cumprir o mais sacro dever de todo alemão consciente. Contudo, visto que aqui no Brasil, estão na ordem do dia, medidas violentas contra tudo o que é alemão, ao ponto que se queira obrigar as nossas crianças, desde a idade de dois anos, a frequentarem jardim de infância brasileiros, isto é, mistos luso-mulato-negróide-botocudos e que em consequência, em tempo próximo, há de seguir-se o casamento obrigatório entre brancos e gente de cor, não nos resta solução a não ser de emigrar, conquanto a nossa situação econômica também se aproxima do abismo. Assim é que resolvemos, meu sogro e eu, retornar à Pátria, pois eu, também considero a Alemanha como sendo a minha Pátria. E creio que não serei aí repulsado.

Nestas condições queria dirigir-vos um caloroso pedido sendo que, naturalmente estou pronto a indenizar-vos por isso. O caso é que queríamos permutar a nossa propriedade que aqui possuímos por uma equivalente na Alemanha. Conforme soubemos, foram aí tomadas severas medidas contra os judeus e, de certo, haverá por aí judeus possuindo propriedades reais que, em qualquer tempo, possam ser liquidadas, digo, convertidas em dinheiro para permutar conosco.

A nossa atividade consiste numa indústria agrícola. Judeus podem imigrar para o Brasil só em caso de quererem se dedicar à agricultura. É importante se saber isto: o respectivo filho de Israel, uma vez aqui esteja, poderá, apesar de tudo, dedicar-se ao seu mercadejar fraudulento. A nossa oferta

é extraordinariamente vantajosa. Consiste numa granja leiteira muito rendosa: vendemos diariamente, as manhãs, os nossos produtos na cidade de Cruzeiro, distante 3 e 1/2 quilômetros e de grande progresso, sendo que temos uma renda mensal, só de produtos laticínios, de 1:500\$000 cuja renda é absolutamente líquida, visto que a cultura de legumes, a criação de galinhas e de porcos, cobrem as nossas despesas e o nosso standard de vida não é muito alto. Uma oferta como a nossa não é oportunidade que se possa apresentar outra vez facilmente. A propriedade possui 237 "morgas" (medida alemã de superfície - nota do tradutor) de terra, sendo cerca da metade cultivada, o resto constitui mato grosso com boas madeiras de lei, como cedro, gabriúva, angico soita, louro e outras. Também está aqui planejada a construção de uma grande usina de força hidráulica sendo que dos nove metros de queda d'água, 3,73m pertencem ao nosso terreno, de modo que temos direito a uma indenização ou a participação na futura empresa. O projeto em questão, só tem valor, caso for executado, quanto ao valor global da propriedade é só questão de tempo. Os engenheiros da A.E.G., de Berlim calcularam 40 metros cúbicos por segundos para 9 metros de altura. A construção dessa usina torna-se cada vez mais urgente pois na cidade existe uma pequena usina a vapor que já está sobrecarregada a muito tempo e não pode aceitar novas ligações.

Além disso possuímos treze vacas leiteiras de grande rendimento de leite, um touro 7/8 holandes, uma junta de bois com uma respectiva carreta, 2 cavalos de sela e de tração para a condução de leite com todos os pertences, várias ferramentas agrícolas, um lote de cerca de 30 porcos, cerca de 100 galinhas, etc. Poderíamos transpassar a propriedade em franca atividade. As plantações constam de 400 sacas de milho (saco 60 Kg), 40-50 sacos de trigo, 20 "morgas" de batata para forragem, 5 "morgas" de cana de açúcar, 5 "morgas" de alfafa, também para forragem de gado. Cerca de 20 árvores frutíferas já produzindo, na maioria laranjeiras de qualidade. Casa e estrebarias completamente organizadas. A nossa indústria de laticínios tem uma fama tão boa que não estamos sujeitos a oscilações de preços, pois não temos concorrentes que possuam gado igual ao nosso nem pessoas que entendam, como concorrentes, deste ramo de indústria. Eu já podia ter obtido o monopólio de fornecimento de leite para a cidade, mas não posso tratar disso, visto que teria de ficar preso por um contrato. Considerando que já a muito tempo tive a intenção de voltar a Alemanha, devido a razões nacionais, não aceitei a proposta do prefeito, contudo poderia auxiliar meu sucessor caso este quisesse obter o monopólio o que representaria uma grande possibilidade de benefícios. Possuímos além disso, duas casas na cidade, das quais uma pertence a minha filha. Estas casas não as podemos vender, pois a minha filha é menor de idade. O preço de nossa propriedade com todos os seus pertences, de acordo com o que mencionei acima, seria de 75000 marcos. Deixamos livres na Alemanha que, também poderiam ficar sob a forma de hipotecas ou prédios. A nossa intenção é de adquirir algures na Alemanha uma propriedade agrícola, talvez arrendá-la, ou sermos instalados pelo Estado a título de colonos novos. Tomando em consideração que o meu sogro foi expulso pelos polonêses, julgo que esta circunstância deveria ser tomada em consideração pelas respectivas repartições oficiais, mormente que em con-

trário ao caso de outros, não tinha recebido nenhuma indenização. Quanto a minha pessoa, pode dar informações, o ex-chefe da N.S.D.A.P. Oto Schinke, que é hóspede do gauleiter(chefe regional - nota do tradutor) Behle. Também dispo-nho das melhores recomendações por parte do consulado, de maneira que penso não me criarem aí dificuldades.

Tais permutas devem ser registradas nos respectivos consula-dos para serem válidas. Também soube que no Reich, existem repartições especiais que tratam destes assuntos. É necessá-rio pois, que vos informeis também para atuardes com certe-za. Caso achardes útil poderia-se publicar um anúncio num dos maiores jornais daí, em que se fizesse oferta desta per-muta (anotando a licença para a imigração). Quero pedir ain-da, me aviseis pelo correio aéreo, se estais dispostos a nos ajudar encarregando-vos de servir de intermediários para tal permuta ou se algo vos impede de vos interessardes pelo ne-gócio. Neste caso teríamos que nos dirigir a qualquer outra pessoa, uma vez que não podemos estar aí. Esperamos com an-siedade de uma pronta resposta. Caso não houver possibilida-de de fazer uma permuta, temos que nos resolver a venda por aqui mesmo, para depois cambiar o dinheiro obtido, o que nos causaria muito prejuízo, devido a desvalorização da moeda local. Em qualquer caso, havemos de sair daqui, e toda a questão consiste só no estarmos num país cuja língua seja a alemã. Quanto a escolha do lugar, isto é de somemos impor-tância. Além disso, desejamos estar presentes, não como es-pectadores, mas com todos os meios que estiverem ao nosso alcance, no momento em que tivermos que liquidar as contas com a Inglaterra e com os U.S.A. Esta liquidação deve ser próxima, pois todos os sinais o indicam. O Brasil já consti-tue hoje, um mandato dos U.S.A, como tal representa um nosso inimigo direto. Assim nós moramos num país inimigo, entre-gues e desarmados. Que esta situação não é para nós muito edificante, podeis ao menos imaginá-lo.

Infelizmente são muito poucos os alemães que aqui se acham, que compreendem bem esta situação. Estes cairão esmagados pelas rodas e nenhum deles encontrará um meio de salvação. Visto que nós, entretanto, reconhecemos os sinais da época, queremos escolher livremente para, uma vez que seja isso ne-cessário, cair ao menos com armas nas mãos antes de deixar-mos morder e assassinar por estes semi-macacos daqui. Deste lugar, nada mais há que informar: estamos todos bons de saú-de e esperamos que o mesmo se dê convosco. A nossa família aumentou por estes dias com a vinda de uma pequena menina para a nossa casa e que tem o nome de Ulrica. Ana está em estado normal. Tudo correu bem.

Recebi as mais cordiais saudações de vossos Paulo e Anna Witte. Recomendações de todos os Kolis para todos os Kolis.

E nada mais se contém na carta que me foi apresentada e que, finalmente traduzí para o vernáculo, do que dou fé.

Cruzeiro, 22 de março de 1939.

(Assinado) Witold Kawerski, tradutor Ad-hoc.

ANEXO Nº 2 - TRADUÇÃO DA ATA DE LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DA IGREJA DA PAZ, LAVRADA POR OTTOKAR DOERFFEL.

Transcrição e Tradução: Maria Thereza Boebel

Colônia Dona Francisca, Joinville, no segundo dia de pentecostes, 1 de junho de 1857, após o nascimento de Cristo.

Já por ocasião da fundação da colônia local, a Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo teve o cuidado de fazer chegar aos colonos as bênçãos de uma assistência espiritual cristã, e, para este fim foi mandado para cá já em 1851, um pastor evangélico, na pessoa do Dr. Jacob Daniel Hoffmann, de Lübeck, que aqui chegou a 12 de dezembro do citado ano, e, sob a alegre recepção por parte dos colonos, assumiu o seu cargo como pastor evangélico e cura da colônia, deixando-a, entretanto, em julho de 1853, para atender um chamado de Petrópolis, ficando por isso o cargo vago por quase um ano, quando o Sr. Pastor Georg Holzel, ordenado pelo Consistório de Viena e até então pastor evangélico na Boêmia, aqui chegou em junho do ano de 1854 e desde então, assumindo o cargo a ele entregue, desempenhou as funções de um pastor evangélico e cura da colônia até agora.

Enquanto com isto se atendia às necessidades da assistência espiritual, era preciso contentar-se, no entanto, em celebrar o culto em lugares bem pouco apropriados. Pois para a construção de um templo à altura dos elevados fins, faltavam meios, até que da parte do governo provincial foi concedida, no começo deste ano, a quantia de Dez Mil Milréis, para a construção de um templo evangélico, e o diretor da colônia encarregado da execução desta construção.

Assim é que, com a ajuda de Deus, no sétimo ano desde a efetiva fundação da colônia, foi iniciada a construção deste templo, quando, sob a direção do arquiteto Sr. Albert Krohne, no dia 20 de abril deste ano foi dada a primeira enxadada para a base deste templo, e no dia 18 do mês próximo passado, colocada a primeira pedra para o mesmo, fixando-se, no entanto, o dia de hoje para o lançamento festivo da pedra fundamental. A direção desta festividade foi entregue à representação dos proprietários pelo Diretor da Colônia, e por estes, através da sua diretoria, a um comitê de festividades escolhido para este fim.

Em virtude do convite aceito por parte deste comitê, reuniram-se hoje de manhã, às 10 horas:

- Os professores e sua juventude escolar, no templo provisório;
- muitos colonos, homens e rapazes, nos arredores desta casa;
- os sócios da direção da colônia, além dos especialmente para este fim convidados de honra, nas imediações da casa da Direção

Entre estes convidados de honra contava-se também: Sr. João de Souza Mello e Alwin, Major dos Engenheiros de Desterro, representando S. Excia., o Presidente da Província de Santa Catarina Sr. Dr. João José Coutinho, o qual foi convidado pelo diretor da colônia, Sr. Aubé, para a execução do ato festivo do lançamento da pedra fundamental, e tendo aceito este convite, viu-se impedido de comparecer pessoalmente, nomeando, através de carta do dia 28 do mês, o citado Sr. Major Alwin seu representante.

Depois de formado o cortejo pelos que ali se reuniram, dirigiu-se o mesmo, sob acompanhamento musical, ao lado da construção, indo os professores e seus alunos na frente, em seguida a banda de música e o coral de cantores, depois o Sr. Pastor Hoelzel, após este os sócios da Direção da colônia, além dos convidados de honra, e finalmente os homens e rapazes da colônia, encerrando o cortejo.

Enquanto isto, reuniram-se no local da construção as senhoras e senhoritas da colônia, tomando os lugares para elas preparados.

Depois que o cortejo chegou ao local da construção e os diferentes grupos tomaram seus lugares, cercado as mulheres e o local da solenidade em semi-círculos ovais, teve início a cerimônia, com a comunidade e o coral de cantores entoando o hino de louvor e agradecimento: "Somente Deus nas alturas seja louvado", etc.

Em seguida o Sr. Pastor Hoelzel proferiu um sermão solene, encerrando o mesmo com a insistente exortação que, com o lançamento da pedra fundamental do templo, cada um lançasse as bases de um templo de Deus em seu coração. Depois disto, o Sr. Mestre-de-obras Kroehne apresentou as ferramentas, o martelo e a colher de pedreiro numa almofada e entregou a mesma, após benção das ferramentas pelo Sr. Pastor para que a obra seja bem sucedida, ao diretor da colônia, Sr. Louis François Léonce Aubé, como órgão do senhorio de patrocínio, o qual no entanto, sob apropriado discurso em português, passou-a ao Sr. Major Alwin, como representante de S. Excia., o Presidente da Província de Santa Catarina, para a execução das tradicionais três marteladas.

Sob réplica correspondente, o Sr. Alwin recebeu as ferramentas em nome do presidente da província, para em seguida proceder ele mesmo à execução do ato do lançamento da pedra fundamental.

Antes porém foi lavrada e finalizada a presente ata para a execução, a fim de colocar a mesma no interior da pedra fundamental.

Com esta ata foram depositadas os seguintes documentos, a saber:

- 1 - um exemplar do convite expedido pelo comitê de festas;
- 2 - a lista de presença dos convidados de honra e sócios da direção;
- 3 - a carta de S. Excia. o presidente da província, Sr. Coutinho, de 28 do mês;
- 4 - o sermão solene do Sr. Pastor Hoelzel, assim como a ben-

- ção e oração final;
- 5 - o discurso do Sr. Diretor Aubé, assim como
 - 6 - o discurso do Sr. Major Alwin, ambos em texto português e tradução alemã;
 - 7 - uma planta da cidade de Joinville e arredores, com indicação dos proprietários das terras;
 - 8 - um exemplar do nº 160 deste ano do jornal "O Mensageiro", de Desterro, que continha notícias sobre a colônia;
 - 9 - um exemplar do nº 34 deste ano do único, na época, jornal alemão a circular no Brasil, "O Imigrante Alemão", o qual trazia um artigo sobre a primeira visita do presidente da Província a colônia;
 - 10- um trecho do discurso proferido por s. Excia., o presidente da Província de Santa Catarina, por ocasião da abertura da Câmara Municipal, no dia 1º de março deste ano, no que se refere a colônia, assim como a tradução em alemão;
 - 11- a minuta original de uma carta de agradecimento escrita pela representação dos proprietários de terras, em fevereiro de 1857 aos agricultores alemães, na cápsula de zinco destinada para este fim, e depositados na pedra fundamental localizada no canto sudeste do prédio.

Enquanto se entoavam os hinos: "louvai a Deus! Graças, Louvor e Honra!", etc., e "Se Deus protege sua Igreja, que se enfureça o inferno" (Mel. Um castelo forte, etc.) é consumado efetivamente o lançamento da pedra e a festiva solenidade encerrada com uma oração e a benção do Sr. Pastor Hoelzel.

Assim aconteceu, etc, foi lido, aprovado e executado.

Registrado por Ottokar Doerffel
Escrivão da Direção da Colônia e da Diretoria do Proprietários Associados Locais

L. Aubé
J. De Souza Mello Alwin
G. O. L. Niemeyer
Frankenberg
F. Heeren

Obs.: Os documentos depositados a 1º de junho de 1857 na urna da pedra fundamental da Igreja da Paz, manuscritos em alemão gótico, foram retirados por ocasião da ampliação da Igreja, em 1960. Microfilmados pelo historiador Carlos Ficker, foram recolocados em outra urna, já que a original se encontrava em adiantado estado de oxidação. Os microfilmes fazem parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

AHL, Jlle., 3(1) dez./85

ANEXO N º 3 - MEMORIAL HISTORICO NA PEDRA FUNDAMENTAL DA IGREJA EVANGÉLICA DE BLUMENAU(1868)

O deplorável desleixo, que nos anos de quarenta, se expandia na Alemanha, tanto mais quanto mais vão ele se apresentava por dentro, o burocratismo corrompido, que oprimindo toda e qualquer vida e atividade intelectual, nem ao menos atendia às mais simples exigências do bem estar do povo, gerou um homem cuja terra natal era o pequeno e antes feliz ducado de Brunswique, primeiramente a idéia de fundar além do oceano Atlântico uma nova pátria, ou pelo menos contribuir para a realização da mesma.

Este homem era o doutor em filosofia, Hermann Blumenau, nascido em Hasselfelde em 26 de dezembro de 1819. Mediante vastos e sólidos estudos geográficos, etnológicos e em ciências naturais (ele próprio é um competente químico), ele se preparou para a execução de seu plano. Arriscando, de modo altruístico e temerário, sua fortuna particular que lhe permitiria viver em qualquer parte do mundo uma vida despreocupada e cômoda, investigou ele, examinando e escolhendo, em longas viagens, as terras do litoral do Brasil e das repúblicas vizinhas, decidindo-se afinal pela escolha do vale do grande rio Itajaí, para local da fundação da sua colônia.

Com mais 16 companheiros, em sua maioria vindos de Brunswique, ele próprio se estabeleceu em 2 de setembro de 1850, no meio da mata virgem, nas imediações da foz do ribeirão da Velha. Um rancho de palmitos aqui, outro não muito melhor (aliás o primeiro hotel de Blumenau, dirigido pelo Sr. C. W. Friedenreich) no centro, este foi o início da colônia de Blumenau, não obstante que a verdadeira fundação somente ocorreu no ano de 1852, no qual os primeiros 12 lotes foram adquiridos por igual número de famílias.

Se em qualquer parte o rifão: "Todo o começo é árduo" se confirmou plenamente, se em qualquer parte a "pertinácia alemã" foi posta em prova, tal sucedeu no empreendimento de Blumenau e seu desenvolvimento. Por parte da Alemanha o desinteresse ou também a hostilidade da ignorância e da concorrência, por parte do governo brasileiro uma indiferença que muito custou a ser vencida e às vezes até chegava aos limites da malevolência: mesmo por parte de escritores filantrópicos alemães, em vez de merecido reconhecimento, desprezo humilhante, além disso uma escassa chegada de novos imigrantes alemães (por exemplo: 1851-8; 1853-28; 1855-34; 1859-29 pessoas), a falta de vias de comunicações terrestres, enquanto que no rio ocorriam acidentes, não raras vezes ocasionados por imperícia ou por imprudência e travessuras, a alimentação desacostumada, se bem que não ruim, tudo isso junto foi causa para tornar ao Dr. Blumenau e seus fiéis companheiros estes primeiros anos um período de embates e lutas, e deve o Dr. Blumenau ter ficado cheio de satisfação, ele que tantas afeições tinha e tem à sua colônia,

como a um filho predileto, quando a 18 de janeiro de 1860, sua colônia foi assumida pelo Governo Imperial Brasileiro e nomeado o Dr. Blumenau Diretor vitalício da mesma.

Agora tudo progredia mais rápida e proveitosamente; fazia-se o possível para a construção de pontes e caminhos e cada vez se evidenciava mais como foi apropriada e sábia a escolha, justamente deste lugar.

A maior bacia fluvial da província, com um porto que facilmente se poderá tornar acessível para os maiores navios; quase que só terras devolutas; quase nenhuma terra de propriedade particular; um imenso território, no "Hinterland", já tornado conhecido pelo engenheiro Odebrecht, dando, em futuro, espaço para muito milhares de imigrantes; um excelente clima, que em respeito a sua salubridade supera o de Nizza, onde todas as epidemias parecem ser desconhecidas; uma população animada e ativa, cheia de confiança em sua direção; harmonia entre as diferentes confissões (debalde procurou um sacerdote, criado e instigado num ninho de frades-cos na Alemanha, perturbá-la, pois sua posição aqui muito cedo ficou insustentável); - não é de admirar, portanto, que nossa colônia, que lentamente, - mas tanto mais sólida, - se expandia em torno de seu núcleo, agora se desenvolve com uma tal celebridade, que mesmo nos tão afamados Estados Livres Norte-americanos, em semelhantes circunstâncias, não tem similares.

Ela conta atualmente, ao depositarmos estas linhas para nossos pósteros na pedra angular da Igreja Evangélica, portanto, aos 23 de setembro de 1868, uma população de cerca de 4500 almas; mais ou menos 4/5 são protestantes. Comércio e artesanato, ambas estas atividades estão bem representadas, porém a lavoura e as indústrias ligadas à mesma, constituem, de acordo com o plano do Fundador da Colônia, a atividade principal.

A familiaridade alemã, a aspiração dos alemães de aperfeiçoamento de sua instrução e cultura, o amor à arte de cantar, demonstra-se, entre outros, na fundação, a 2 de dezembro de 1859, dia do aniversário do nosso mui venerado Imperador D. Pedro II, da sociedade de atiradores de Blumenau, que já conta 90 sócios; na fundação, a 19 de julho de 1863, da Sociedade de Agricultura ("Cultur-Verein"), com seus 55 sócios, nas três sociedades de cantores, "Germânia", fundada em 4 de agosto de 1863, "Sociedade de Amizade" ("Freundschafts-Verein"), fundada em 1º de outubro de 1863 e da "Liga dos Cantores" ("Sängerbund"), fundada em 10 de agosto de 1867, com um total de 70 sócios executantes e 90 sócios inatuentes.

O sentimento de justiça, a disciplina e a ordem alemã é mantida com rigor por juizes alemães; Sub-delegado é o Sr. Louis Sachtleben, primeiro Juiz de Paz, Carl Wilhelm Friedenreich; sim, nós possuímos mais "selfgovernment" do que às vezes nos é conveniente.

Mas a crônica referente a crises e acidentes, graças a Deus, é esparsa em casos. Só cabe mencionar aqui um homicídio horrendo praticado no terceiro dia da festa de Espírito Santo, num ex-oficial húngaro Michael Klempa; Só Deus conhece o as-

sassino! Incurções furtivas, não raras vezes executadas com a trucidação de imigrantes, por parte dos bugres, já há anos não mais se constataram na colônia. Praza a Deus que sejam coroados de êxito os esforços dos dedicados missionários convocados pelo governo (na região do Rio Itajaí atua o Capuchinho Stephano, da família dos condes de Palffy) de pacificar esta pobre gente que se acha no mais baixo degrau da cultura e de conquistá-la para uma razoável civilização cristã.

O Dr. Blumenau acha-se, há mais de três anos, na Alemanha para cuidar dos interesses de uma livre imigração alemã para o Brasil. Lá ele veio a saber da gloriosa distinção, de que na Exposição Internacional de Paris em 1867, seu sistema de colonização, sua colônia, recebeu a medalha de ouro; sempre mais e cada vez mais geral lhe está sendo proporcionado o reconhecimento, a tanto tempo retido, pelos esforços honestos e inteligentes que tem empregado. Grande mérito lhe cabe também pelo fato de ter sabido escolher, principalmente no interesse da colônia, e tornar seus colaboradores, os seus funcionários, de forma que em consequência disso nosso atual Diretor, Hermann Wendeburg, que com orgulho se diz discípulo do Dr. Blumenau, dirige os negócios da colônia tão bem, que quase não se nota a ausência do Dr. Blumenau, tendo recebido por parte do Governo Imperial honroso reconhecimento (ele é Cavaleiro da Ordem de Rosas) e repetidos elogios e por parte de afetuosa gratidão e incondicional confiança. Nascido em Foerste, perto de Hildesheim, em 2 de fevereiro de 1826, chegou a Blumenau em 15 de julho de 1853, tendo dedicado durante 14 anos, sem esmorecimento, seus esforços à colônia, como Secretário, Guarda Livros, e como Diretor. Outros funcionários a mencionar são: Hans Breithaupt, nascido em 19 de agosto de 1824, em Watzum, em Brunswique, empregado desde 1856 particularmente pelo Dr. Blumenau e desde 1860 pelo Governo, como agrimensor para a colônia de Blumenau. Emil Odebrecht, nascido em 29 de março de 1835, em Jacobshagen, na Pomerânia, desde 1861, ocupado junto à direção como agrimensor, chefe da expedição de 1867, realizada para explorar a zona do Alto Itajaí e causador da resolução do Governo para a construção da estrada para o planalto. Theodor Kleine, nascido em 26 de fevereiro de 1820 em Racot, no Grão Ducado de Posen, empregado como secretário junto à direção desde junho de 1860. Reinhold Freygang, nascido em 11 de novembro de 1812 em Freiburg na Unstrut, que após maior ou menor permanência na América do Norte, Argentina e Uruguay, chegou a Blumenau, em 22 de agosto de 1864, foi primeiramente professor em Rio do Testo, e depois, desde março de 1868, empregado na direção.

Como médico da colônia acha-se empregado desde 1º de fevereiro de 1862, o Sr. Bernhard Knoblauch, nascido em 21 de janeiro de 1833 em Jena, onde formou-se doutor em medicina.

Como Pastor evangélico serve a colônia, desde 1º de agosto de 1857, Rudolf Oswald Hesse. Nasceu ele no dia 11 de agosto de 1820, em Reinswalde, perto de Sorau, na Nieder-Lausitz, cursou o ginásio de Sorau, de 1835-1840, de onde foi a Universidade de Breslau, para absolver os seus estudos teológicos. Após ter sido aprovado plenamente nos exames oficiais foi ele eleito e chamado pela comunidade de Wreschen, no

Grão Ducado de Posen, para seu pastor, ordenado em novembro "ejusdem anni" pelo bispo Dr. Freymark, em Posen, assumiu o cargo em 24 de dezembro do mesmo ano; nesse cargo esteve até 14 de novembro de 1856, data em que deixou o mesmo, em virtude do chamado do Dr. Blumenau, e, após uma prolongada permanência em Brunswique, partiu, a 6 de maio de 1857, de Hamburgo, para ir ter com sua nova Comunidade em Blumenau. É ele o primeiro pastor evangélico em Blumenau e saúda com um cordial: Deus seja convosco! àquele de seus sucessores, que um dia, talvez após séculos, descobrir este memorial histórico na pedra fundamental de nossa Igreja.

A comunidade católica daqui é servida, desde fins de 1867, pelo pároco da Freguesia S. S. Pedro e Paulo Apóstolos de Gaspar, Revm^o Frei Antônio Zielynski.

Os interesses dos súditos prussianos e em geral dos alemães do norte, são acautelados pelo negociante Victor Gaertner, um sobrinho do Dr. Blumenau, nascido em Hasselfelde, em 14 de maio de 1832 e residente na Colônia, desde 8 de outubro de 1858, na qualidade de Vice-Cônsul do Rei da Prússia (Queira Deus, em breve da Confederação da Alemanha do Norte), desde julho de 1867.

Exercem a função de juizes:

1) O primeiro juiz de paz mais votado, Carl Wilhelm Friederich, médico homeopata, nascido em Dahme, no território de Brandenburgo, aos 15 de fevereiro de 1823 e domiciliado em Blumenau, desde 9 de setembro de 1850.

2) O Sub-delegado Louis Sachtleben, nascido em Quedlinburg em 1834, residente em Blumenau, desde 18 de agosto de 1852.

O Conselho da Igreja Evangélica compõe-se do

Pastor Hesse, como presidente

Hermann Wendeburg, Diretor

Heinrich Kehler, nascido em Culm

Reuss

Peter Lucas

Eduar Romer, nascido em Eilenburg, Província da Saxônia, em 7 de fevereiro de 1824, residente em Blumenau, desde 5 de dezembro de 1857

Carl Meyer, comerciante, tesoureiro da caixa da Igreja, nascido em Rostock, em 26 de abril de 1826, aqui domiciliado desde 29 de julho de 1857.

A Escola Pública, masculina, é dirigida pelo professor público estadual Victor von Gilsa, nascido em Gotha, em 13 de fevereiro de 1821, antigo oficial de artilharia nos exércitos da Prússia, Schleswig-Holstein e do Brasil, empregado como professor público desde 1858. A Escola Pública feminina é regida pela senhorita Apollônia von Büttner. Antes destas existem ainda 5 escolas comunais frequentadas por alunos de ambos os sexos.

O conselho colonial, criado de conformidade com a ordem da colônia, instituído por aviso Ministerial de 9 de janeiro de 1867, compõe-se do Diretor Hermann Wendeburg, como presidente, do Dr. Bernhard Knoblauch, como médico da colônia, e dos membros: Gustav Spierling, Christoph Baucke, Wilhelm Schrei-

ber, August Müller, Carl Külps, Reinhold Freygang.

O cargo de fiscal é exercido pelo carpinteiro Theodor Schröder, nascido em Berlim, em 21 de outubro de 1819, formado na Escola Técnica Real de Berlim, residente em Blumenau, desde 20 de dezembro de 1856.

Pela existência dos necessários medicamentos cuida, com o auxílio do governo, o farmacêutico Carl Franz Keiner, formado e aprovado em Weimar, nascido em Neustadt na Orla, em 17 de dezembro de 1811, residente em Blumenau desde 9 de fevereiro de 1854, onde primeiramente construiu um engenho de serrar madeira e em 1857 instalou uma farmácia, que a princípio se achava em miseráveis condições, mas que atualmente corresponde plenamente às necessidades e circunstâncias locais.

A construção das Igrejas evangélica e católica está a cargo do arquiteto Heinrich Krohberger, nascido em Bayreuth, no dia 18 de novembro de 1836, formado na Academia de Arquitetura Real de Munique, residente em Blumenau, desde agosto de 1858.

E deste modo depositamos nós, a geração que ora vive, estas linhas na pedra fundamental da nossa nova Igreja que soberbamente se está erguendo, para que a mesma as conserve até que num distante futuro que ainda se nos oculta em trevas, nossos pósteros através delas tomem conhecimento como viviam aqueles, cujos túmulos devastados mal dão notícias de seus nomes.

O Senhor, Nosso Deus, em cujo nome no dia 17 de novembro de 1865 foi dada a primeira enxadada para aplainar a colina da Igreja, em cujo nome nós hoje, no dia 23 de setembro de 1868, em obra já bem adiantada, lançamos a pedra fundamental, queira abençoar a obra de nossas mãos para que esta Igreja, na verdade se torne uma cabana de Deus entre os homens. Amém.

P.S. As palmeiras existentes na frente do portal no alto da escadaria foram plantadas pelo Sr. Victor Gaertner, na véspera do dia do lançamento da pedra fundamental.

Traduzido por Frederico Kilian, do texto publicado em "Der Urwaldsbote", Almanaque para os alemães do sul do Brasil, 1900.

ANEXO Nº 4 - COLOCAÇÃO DA PEDRA FUNDAMENTAL DA IGREJA EVANGÉLICA DE FLORIANÓPOLIS

Desterro, domingo 10 de novembro 1912, 11 Horas.

Para a celebração de hoje, além dos membros foram convidados pessoas honradas na sociedade.

Em convite de 06 de novembro, o vice-governador Eugênio Müller; secretário Caetano Costa; Superintendente Durval Melchiades de Souza; Horácio Nunes Pires; Bispo João Becker; Cônego Topp; Diretor da Igreja Presbiteriana; Cônsul Emil Ellas; os jornais "O Dia" e "A Folha do Comércio".

No convite de 28 de outubro, os cônsules do Imperador Alemão, Dr. Grienke e Carl Hoepcke Sen., a diretoria das sociedades que congregam alemães, como a Sociedade Escolar, do Cemitério, das Senhoras, da Navegação, do Clube Germânia, do Schützenhaus, de Ginástica e Assistência Social. Os dois professores alemães, Kubinna e Kreiling, os dois pastores vizinhos, Zluhan e Langbein e a diretoria das comunidades irmãs de Palhoça/São José e Santo Amaro.

A celebração teve o seguinte programa:

- coral dos alunos "Nós Nos Colocamos para Orar";
- Cumprimento aos visitantes;
- Côro masculino "Sobre as Estrelas";
- Liturgia;
- Prédica;
- Coral dos Alunos "Eu Levanto os Meus Olhos";
- Colocação da Pedra Fundamental;
- Leitura do documento;
- Concretagem;
- Marteladas;
- Côro masculino;
- Oração de.....

O documento dizia o seguinte:

DOCUMENTO

No dia 10 de novembro de 1912 após o nascimento de Jesus Cristo, 429 anos após o nascimento do Reformador Martin Luther, 412 anos após a descoberta do Brasil, 90 anos após a independência do Brasil e 23 anos após a proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil, com sua Majestade Sr. Marechal Hermes da Fonseca, como presidente dos Estados Unidos do Brasil, residente no Rio de Janeiro e S^a. Excia. C^el. Vidal Ramos, governador e S^a. Excia C^el. Eugênio Müller, vice governador deste estado de Santa Catarina, residentes em Florianópolis (Desterro) enquanto os Srs. Dr. Georg Grienke e Carl Hoepcke Sen. atuam aqui como Cônsules de Sua Majestade o Imperador Alemão, foi colocada a Pedra Fundamental desta igreja.

A comunidade evangélica alemã de Florianópolis, faz uso da língua alemã e abrange atualmente 400 almas com 131 membros registrados. Os membros do presbitério são os seguintes senhores: Ernst von Gehlen, Pastor e presidente; Ernst Vahl, vice presidente; Otto Bernhardt, tesoureiro; Willy Leisner, secretário; Carl Gassenferth, conselheiro.

Através do Pastor, pessoas, etc, as comunidades vizinhas de Palhoça-São José e Santo Amaro, estão ligadas a esta comunidade. Os membros desta comunidade são descendentes dos pais que vieram do norte e do oeste da Alemanha. Até 1902 o Pastor de Santa Izabel cuidou desta comunidade. De setembro de 1902 adiante, o Pastor Schulz foi seu Pastor, bem como foi reitor da Escola Alemã. Em 03 de março de 1907, foi fundada a Comunidade Evangélica Alemã de Florianópolis. Desde 01 de abril de 1908, Pastor von Gehlen é responsável pela mesma.

Em 04 de março de 1909, Sua Majestade o Rei da Prússia, concedeu filiação desta igreja prussiana.

A sociedade escolar alemã, está até agora oferecendo o seu salão para as atividades da igreja, bem como ofereceu residência ao Pastor, até a construção da casa pastoral, em fins de 1909. Na Escola Alemã daqui, são professores os Srs. Hans Gustav Kubinna e Christian Kreiling.

Em 24 de outubro todos concordaram com a construção desta igreja. Os gastos estão orçados em 27 contos. A comunidade tem 23 contos disponíveis, que foram doados pelos membros desta comunidade, autoridades da Alemanha e outros doadores. Os seguintes senhores foram escolhidos para formar a comissão responsável pela construção: Carl Berenhauser, Rudolph Kierchner, Hermann Moellmann Sen., Friedrich Momm e Julius Schmiegelow. Para a construção, o responsável pelo trabalho de pedreiro, é o Sr. Theodor Gründel. Para os trabalhos de carpintaria, responsável é o Sr. Carl Gassenferth e para os trabalhos de pintura, responsável é o Sr. Johannes Momm.

Esperamos que este edificio seja um lugar de benção para poder edificar o reino de Deus, interna e exteriormente.

Assinaturas: Pastor von Gehlen, Ernst Vahl, Otto Bernhardt, Willy Leisner, Carl Gassenferth.

Ao documento foi acrescentado um exemplar dos estatutos da comunidade, os nomes dos membros de Florianópolis, moedas e dinheiro da época, um exemplar do jornal alemão desta cidade e os demais jornais desta cidade.

Que Deus nosso Senhor honre esta construção. Que ela possa ser concluída sem acidentes em sua construção, para honra do seu nome santo e para benção desta comunidade, agora e para as gerações que virão. Assinaturas.

ANEXO Nº 5 - TRADUÇÃO DA ATA DE FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO AUXILIADORA DE SENHORAS EM FLORIANÓPOLIS, NO DIA 17.06.1910

Por ocasião da visita do Senhor Superintendente Geral D. Zoellner - de Münster na Westfália, e do Licenciado Cremer de Potsdam - durante a Conferência Pastoral no Clube Germânia e na Recepção no consulado Alemão no dia 10 de junho de 1910, foi dada a sugestão, - principalmente por parte do primeiro dos senhores acima citado, de fundar aqui uma filial da "Associação Alemã para Senhoras no Estrangeiro". A idéia foi aprovada por todos com alegria e o Senhor Pastor von Gehlen foi incumbido de convidar as senhoras e as viúvas da Comunidade para a reunião, a ser realizada no salão nobre da Escola Alemã.

Este documento teve o seguinte texto:

"Seguindo a uma sugestão do Senhor Superintendente D. Zoellner de Münster na Westfália, e do Senhor Licenciado Cremer de Potsdam, e por ordem dos mesmos, o abaixo assinado se permite por intermédio desta, de solicitar a presença das senhoras casadas e das senhoras viúvas desta nossa Comunidade Alemã, na 6ª feira, dia 17 do corrente, às quatro e meia da tarde, no salão nobre da Escola Alemã.

O intento da reunião será, de explicar os objetivos da "Associação para Senhoras no Estrangeiro", que tendo o patrocínio de Sua Majestade a Imperatriz da Alemanha, demonstra a sua atuação caritativa através do envio e da formação de parteiras, enfermeiras, etc, e isto em primeiro lugar para as Comunidades no Brasil, e de deliberar sobre como e de que maneira usar para a nossa Comunidade o auxílio a nós assim oferecido.

Em vista da situação precária geral, sentida por todos, será desejada - e com urgência - a participação de todas, ainda mais, que a presença nesta reunião não gera compromisso nenhum, pois ela servirá para esclarecimento e deliberações.

Atenciosamente, (assinado:) Pastor von Gehlen.
Florianópolis, dia 15 de junho de 1910."

A este convite, que foi apresentado a 93 senhoras da Comunidade local, seguiram 28 senhoras casadas e viúvas, que foram as seguintes:

- 1 - Sra. H. Beck
- 2 - Sra. G. Bernhardt
- 3 - Sra. C. Boeckheler
- 4 - Sra. C. Brand
- 5 - Sra. E. Busch
- 6 - Sra. Ad. Clasen
- 7 - Sra. Ad. Eisendecker
- 8 - Sra. O. Füllgraf
- 9 - Sra. C. Gassenferth
- 10 - Sra. C. Gassenferth junior

- 11- Sra. Pastor von Gehlen
- 12- Sra. Consul D. Grienke
- 13- Sra. C. Hoepcke junior
- 14- Sra. Viuva Krapp
- 15- Sra. Jul. Lange
- 16- Sra. Viúva Ad. Malburg
- 17- Sra. Fr. Monn
- 18- Sra. Ed. Mund
- 19- Sra. Fr. Oberbeck
- 20- Sra. Jul. Schmiegelow
- 21- Sra. Fr. Schmithausen
- 22- Sra. Viuva E. Selinke
- 23- Sra. H. Skubinna
- 24- Sra. Jul. Voigt
- 25- Sra. E. Stodieck
- 26- Sra. Emil Thomsen
- 27- Sra. Gust. Weigel
- 28- Sra. Gust. Zimmer

Pastor von Gehlen esclareceu os objetivos da "Associação de Auxílio para Senhoras no Estrangeiro" e procurou, através de alguns exemplos, comprovar a necessidade de um auxílio decidido nas mais variadas situações de sofrimento físico, tanto no nosso Estado, como na nossa cidade.

Em pronunciamentos veementes as senhoras presentes deram testemunho da necessidade do cuidado profissional dos doentes, dos ensinamentos sobre puericultura, prendas domésticas, etc, e a mão oferecida pela pátria alemã para eliminar os danos existentes foi reconhecida e aceita com agradecimentos prazerosos.

Durante a reunião foi decidido, que em curto espaço de tempo, seria formada uma comissão, para obter a realização dos objetivos o mais depressa possível.

Em votação ficou declarado, que a fundação desta associação aconteceria de imediato. Esta Associação levará o nome: "ASSOCIAÇÃO AUXILIADORA DE SENHORAS". Todas as senhoras presentes tornaram-se associadas imediatamente. Seguiu-se a eleição da diretoria, que se constituiu da seguinte forma:

Presidente	:	Sra. C. Hoepcke junior;
Vice-presidente	:	Sra. Pastor von Gehlen;
Secretária	:	Sra. Consul Dr. Grienke;
Tesoureira	:	Sra. O. Bernhardt;
Conselho Consultivo:	1ª	Sra. H. Beck;
	2ª	Sra. O. Füllgraf;
	3ª	Sra. Jan Leisner;
e ainda	1º	Sr. Pastor von Gehlen;
	2º	Senhor Ad. Classen

As senhoras presentes declararam aceitar a votação. A reunião decidiu em seguida, que as senhoras iriam encontrar-se em cada segunda 5ª feira (isto é, cada 15 dias) às 4 e meia da tarde, no salão nobre da Escola Alemã, para a confecção de trabalhos manuais.

A coleta efetuada na saída rendeu a importância de 36\$000 Réis.

ANEXO Nº 6 - CARTA COM PEDIDO DE DEMISSÃO DE SENHORAS

"Para a diretoria da Associação das Senhoras Auxiliadoras de Florianópolis, nas mãos da sra. Gertrud Leisner.

Nesta.

A desavença entre a colônia Alemã nesta cidade, chegou a tal ponto, que a diretoria do Clube Germânia, deu permissão para alugar uma sala ao grupo daqui, do N.S.D.A.P. Como a situação atual parece evidenciar que um acordo é impossível, os esposos das membras, estão em campos inimigos.

Nestas condições, as senhoras assinantes, entendem ser impossível trabalhar na Associação, e estão pedindo a sua demissão.

Saudações alemãs,

Florianópolis, 06 de julho de 1934.

Elisabeth Dieckmann
Dagmar Urban
Ella K Schmidt
Mimi Loleit
Käthe de Ahna(?)
Anne Ohl
Erna Weimann
Thesyta Niggemann
Bertha Reissmann
Gisela Bechmann
Frieda Huss
Elsa Kücher"

ANEXO Nº 7 - ENFERMEIRAS ATUANTES EM FLORIANÓPOLIS

RELAÇÃO DE ENFERMEIRAS QUE ATUARAM EM FLORIANÓPOLIS

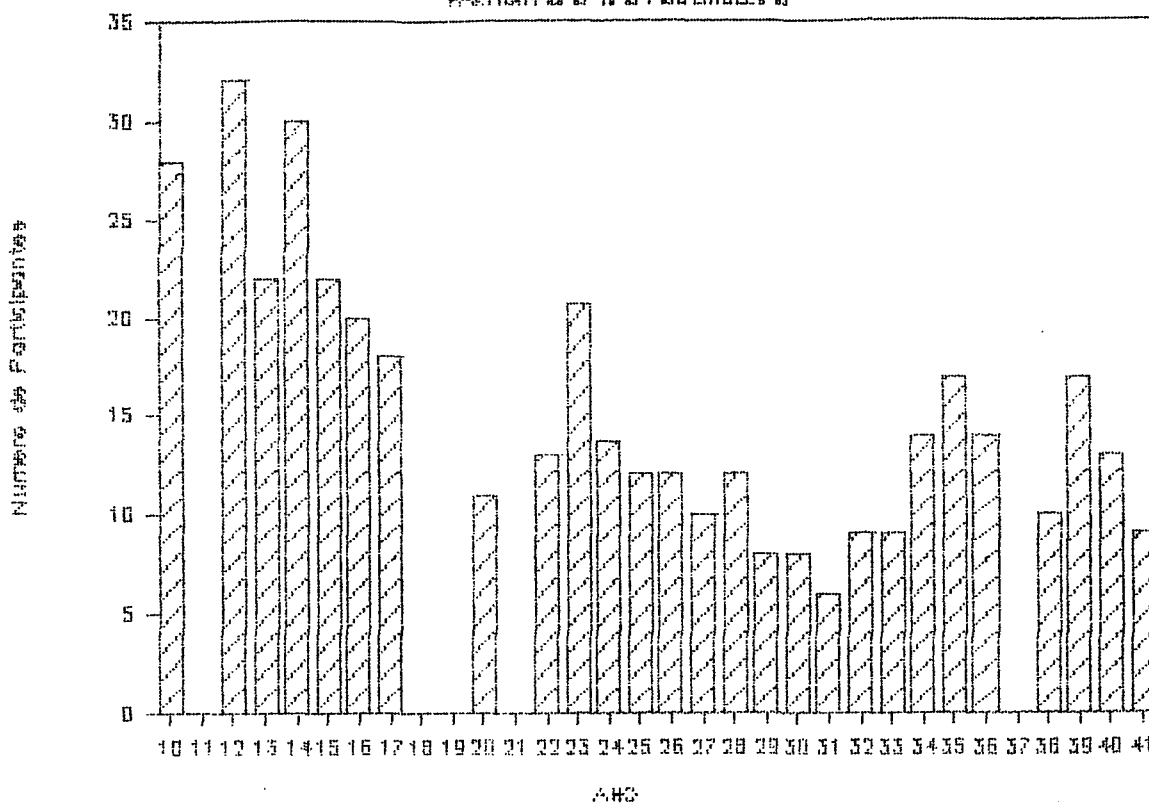
NOME	PERÍODO	ORIGEM	OBSERVAÇÕES
Lydia Hensch	04.1913 a 04.1920	Wittenberg	-
Ella Harz	10.1915 a 04.1920	Sta Cruz do Sul	Era enf. auxiliar e viajou a Alemanha junto com a primeira, p/fazer curso de enfermagem
Klara Krause	Alguns meses 1920	S Bento do Sul	-
Anna Aberle	06.1920 a 07.1921	Wittenberg	Seu Trabalho não agradou e foi despedida
Wally Malschitsky	06.1920 a 07.1921	S Bento do Sul	Foi auxiliar de Ana Aberle
Clara Schmidt	07.1921	-- Florianópolis	Era apenas parteira
Margareth Steiner	10.1923 a 05.1924	Porto Alegre	Pediu demissão, alegando críticas ao seu trabalho
Lotte Rosenthal	10.1924 a 11.1925	Wittenberg(?)	Foi a 1ª enf. a se instalar como autônoma, recebendo apoio da Associação nos 1ºs meses Foi convidada por um médico de Ribeirão Preto-SP, para trabalhar em sua Clínica, deixando então Florianópolis.
Lydia Hensch	03.1927 a 04.1930	Wittenberg	-
Melanie Weyrauch	03.1930 a 06.1935	Wittenberg	Pez um bom trabalho, não dando motivo para queixas
Agnes Mallmann	09.1935 a 01.1936	Wittenberg	Sua contratação foi provisória
Ilse Maria Gertha	07.1937 a 06.1939	Detmold	Casou-se em Ppolis, retornando a Alemanha
Lotte Hegel	01.1940 a 03.1940	Curitiba	Não contava com a simpatia do P. Schliemann que a obrigou a usar permanentemente o traje típico de irmã, com o que não concordou e foi despedida

Fonte : Protokoll Buch Frauensverein zu Florianópolis

ANEXO Nº 8 - GRAFICOS

ASSOCIAÇÃO DAS SENHORAS ALEMAS

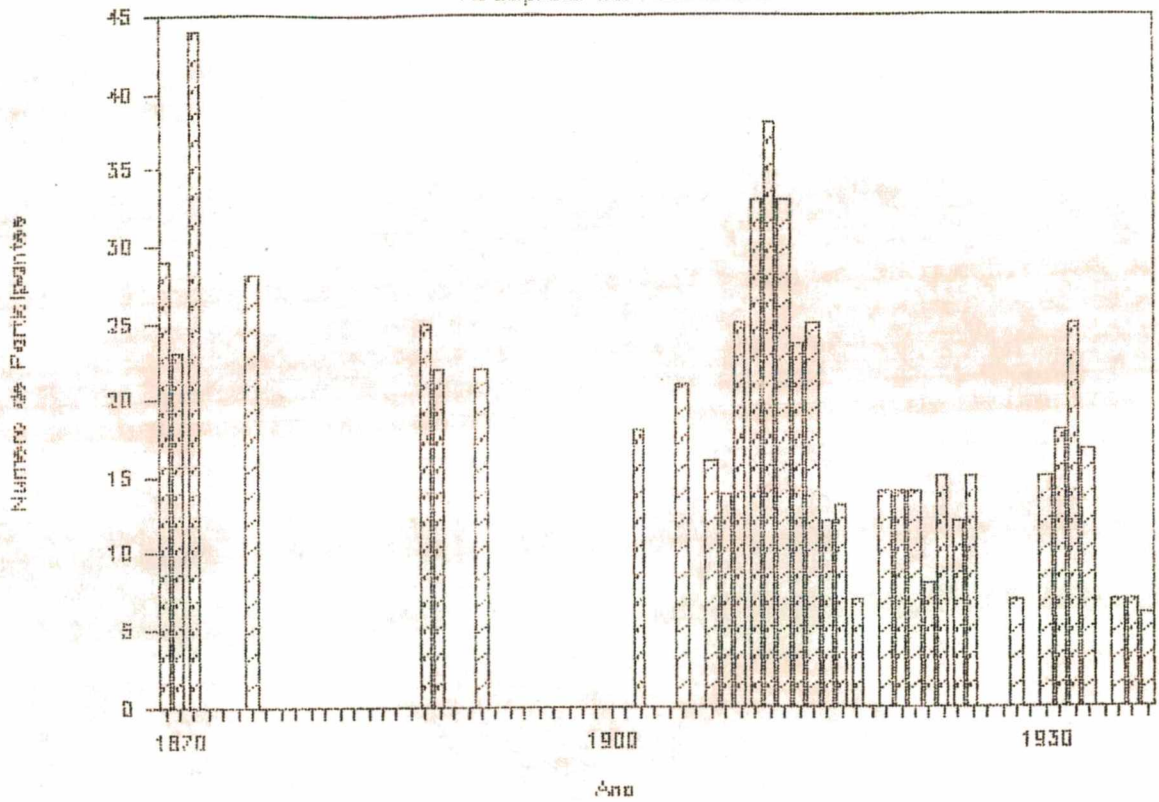
PARTICIPACAO NAS ASSEMBLEIAS



Fonte : Protokoll Buch Frauensverein zu Florianópolis (1910-1940)

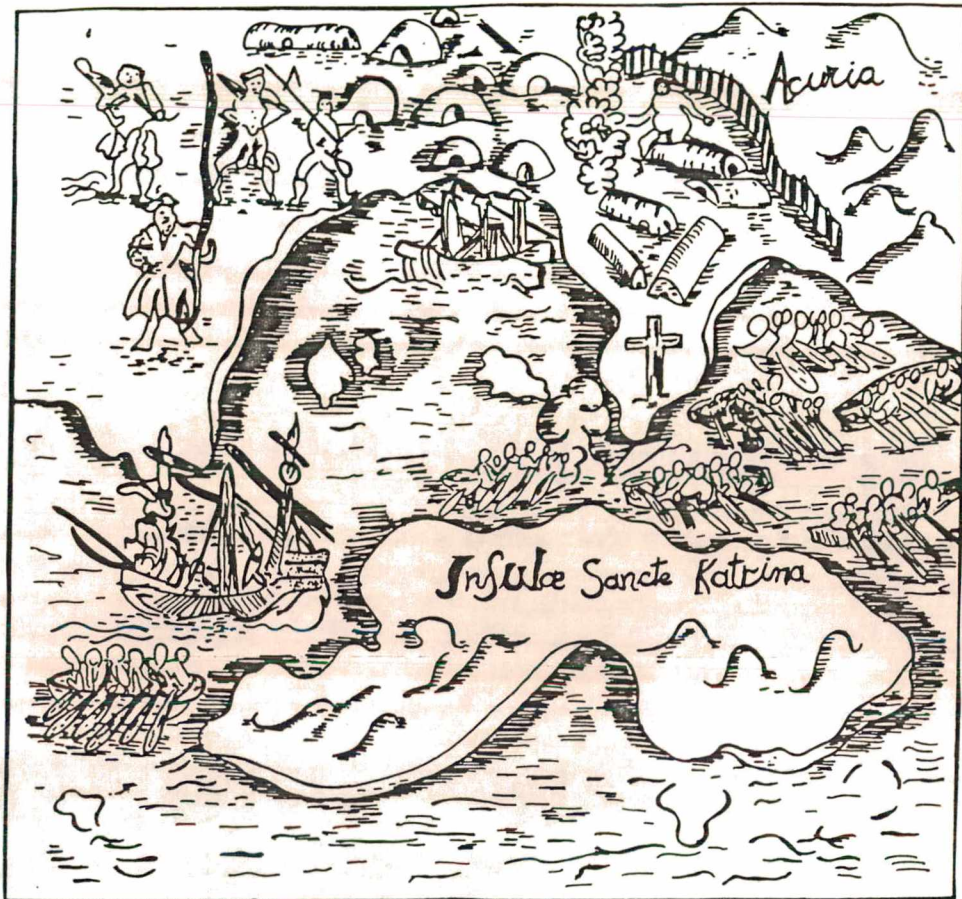
COMUNIDADE EVANGELICA DE FLORIANOPOLIS

Participação nas Assembleias



Fonte: Protokoll Buch Kirchengemeinde Florianópolis (1868-1907) e (1907-1938)

ANEXO 9 - ILUSTRAÇÕES



ger die refier war. Vnd wir sahen vns vmb hin vnd wider/
 ob wir auch eynigen rauch ersehen konten/ aber wir sahen
 keynen/ Da bedauchte vns wir sehen hütten vor eyner wile-
 nus in eynē grunde/ vnd fuhren hinbet/ da waren alte hüt-
 ten/ vnd vernamen keyne leute darinnen/ vnd fuhren fort an/
 so ward es abent/ vnd es lag eyn kleyne insel vor vns in der
 refier/ da fuhren wir an/ die nacht da zubletzen/ verhofften
 vns da am besten zubewachen. Wie wir bei die Insel kamen/
 war es.

Ilha de Santa Catarina Segundo Hans Staden, 1557. Extraído da obra de Walter Piazza (A Colonização de Santa Catarina).

Erste Gemeinde Versammlung

am 1. Februar 1869.

Anfang um 9 Uhr. Anwesenheit 20 Mitglieder.

Herr Pastor Gruel eröffnet die Sitzung, indem er die Commission der eingegangenen Petitionen vorkündet, über ihren Fortschritt und noch fehlenden Bescheid abzuwarten und somit von dem Herrn Ebel in Otendorf, als Mitglied dieser Commission, entgegen zu kommen. Das Protokoll zu verlesen, und zu prüfen, indem er gleichfalls diese Briefe in Absicht zu demselben an demselben überlegt.

Herr Pastor Gruel geht darauf ein, obgleich man jetzt nur mit dem Herrn zu sprechen. In Gemeinderats Angelegenheiten über und darüber hinweg, dass die heutige Versammlung die zur Aufnahme der Petitionen aller derselben in Absicht ist. Die Petitionen zur Aufnahme der Petitionen untereinander werden nur, so wenig gelesenen Briefe sich ergeben. Es bleiben dieselben stets wohl erhalten, nicht zu sein in der, als einige unbedeutend und ungenügendem vorläufigen Bescheid zu beizubringen. Zu diesem Zweck war allen Mitgliedern die Aufstellung der Antragstellung allein der für ungenügenden Fortschritte, sondern auch allen denen, die nicht für ungenügend, sich der für die Bildung der Gemeinde ungenügendem ungenügend.

Alle für ungenügend sind und genannt. (Schriftlich dem Vorsitzenden der Gemeinde.)
 (Alle für ungenügend sind, müssen sich der Gemeinde ungenügend.)

- | | | | |
|--------------------|------------------|---------------------|---------------------|
| Herr Nachmann | Herr Lindemann | Herr Carl Hoepke | Herr Sallentien |
| " Häberle | " Hauber | " Paul Hoepke | " Kraus |
| " Ebel | " Kraetke | " Busch | " Dornbusch |
| " Gaedener | " Möhlmann sen. | " Brandt | " Vassem |
| " Böcker | " Möhlmann jun. | " Baumgarten | " Haase |
| " Kirbach | " Linck | " Dr. Eberhard | " Pierath |
| " Häring | " Berenhäuser | " Aug. Haberk. | " Helm |
| " Otendorf | " Tobias | " Gieschen | " Bethgen |
| " Lange | " Tompsen | " Schlichter | " Großkopf |
| " Henckrodt | " Glück | " Nitake | " Tabst |
| " Peter Becker | " Hul. Voigt | " (Fr. Becker) | " Sohn |
| " Fritz Münich | " Heinr. Klath | " Kaenen | " Mather |
| " Aug. Voigt | " Ballstedt | " Franz | " Scheffmacher |
| " Christ. Restorff | " Ulrich Büchler | " Charles Westefeld | " Bernhard Tossiger |
| " Krepalin | " Wilms | " Opfermann | " Dr. Gruel |

Alle nicht für ungenügend, müssen sich der Gemeinde ungenügend.
 Herr Hofmann
 Herr Jacob Schäffer

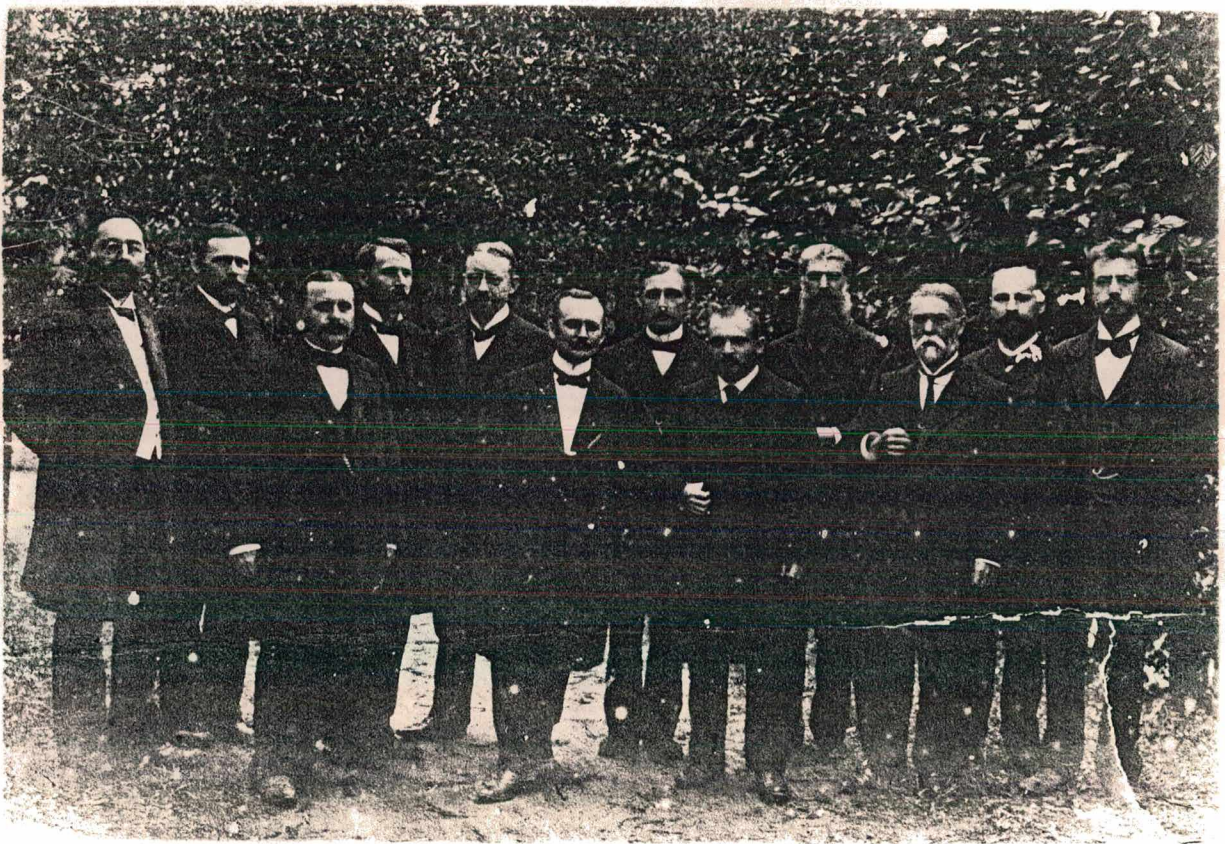


Lançamento da Pedra Fundamental da Igreja Luterana de Florianópolis - 1912.

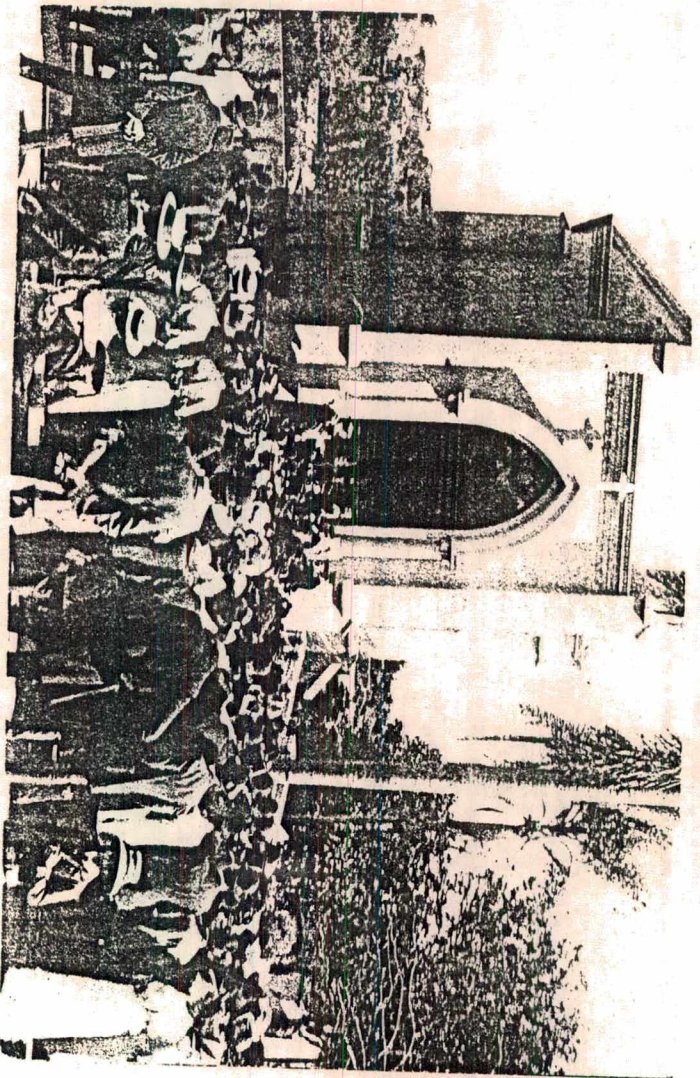


P. Felliciani

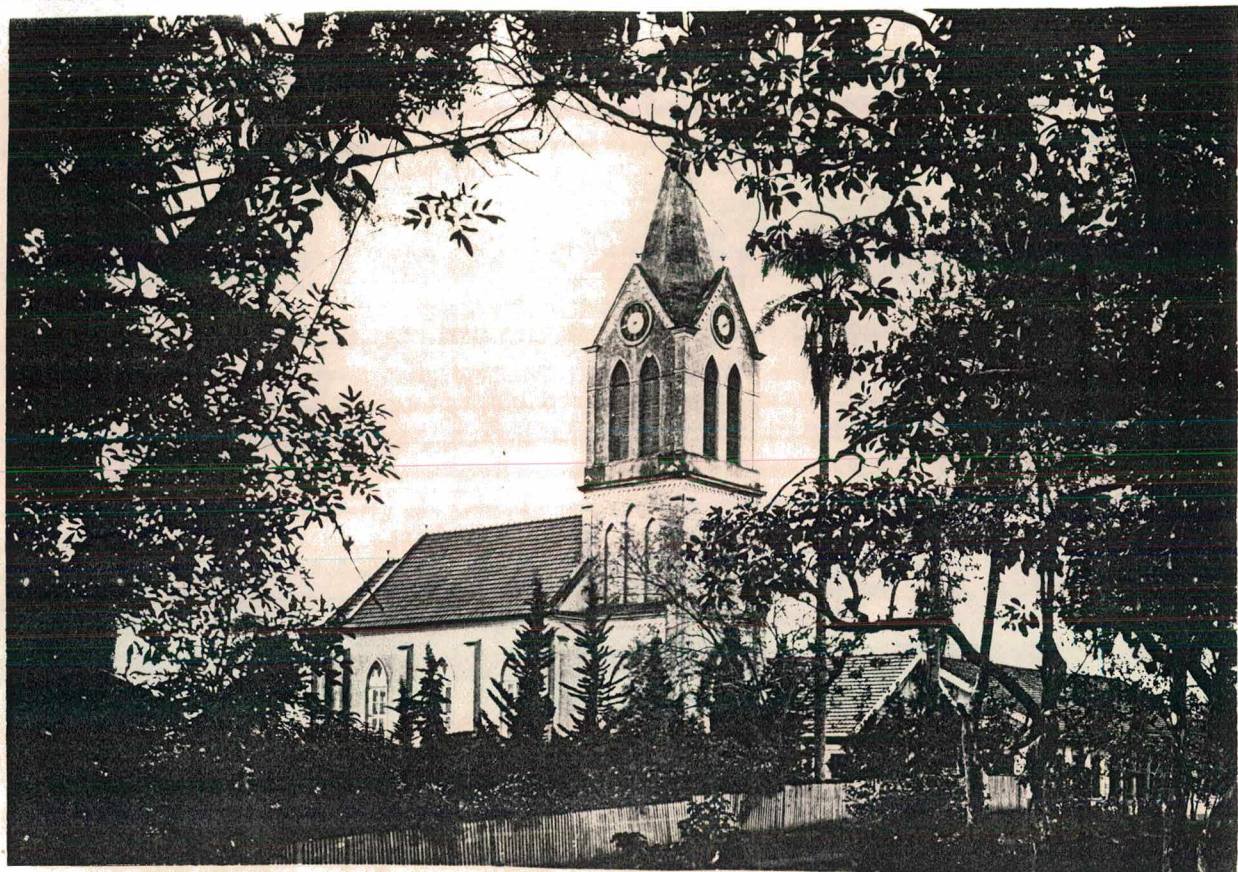
Em pé, da esquerda para a direita: Willy Leisner, Otto Bernhardt, Carl Gassenferth. Sentados: Pastor von Gehlen, Cônsul Ernst Vall - 1912.



Pastores membros da da Conferência Pastoral da Associação de Comunidades Evangélicas de SC e PR, em 14 de agosto de 1907 - Blumenau. Da esquerda para a direita: P. Bornfleth - São Bento do Sul, P. Runte - Badenfurth, P. Rudolph - Timbó, P. Schwab - Criciúma, Propst lic. Braunschweig, P. Mummelthey - Blumenau, P. Schultz - Florianópolis, P. Langbein - Itopupava, P. Lange - Brusque, P. Zluhan - Santa Izabel, P. von Gehlen - Badenfurth, P. Dr. Aldinger - Hansa-Hammonia.



Inauguração da Igreja Luterana de Florianópolis - 1913.



Igreja Luterana de Florianópolis

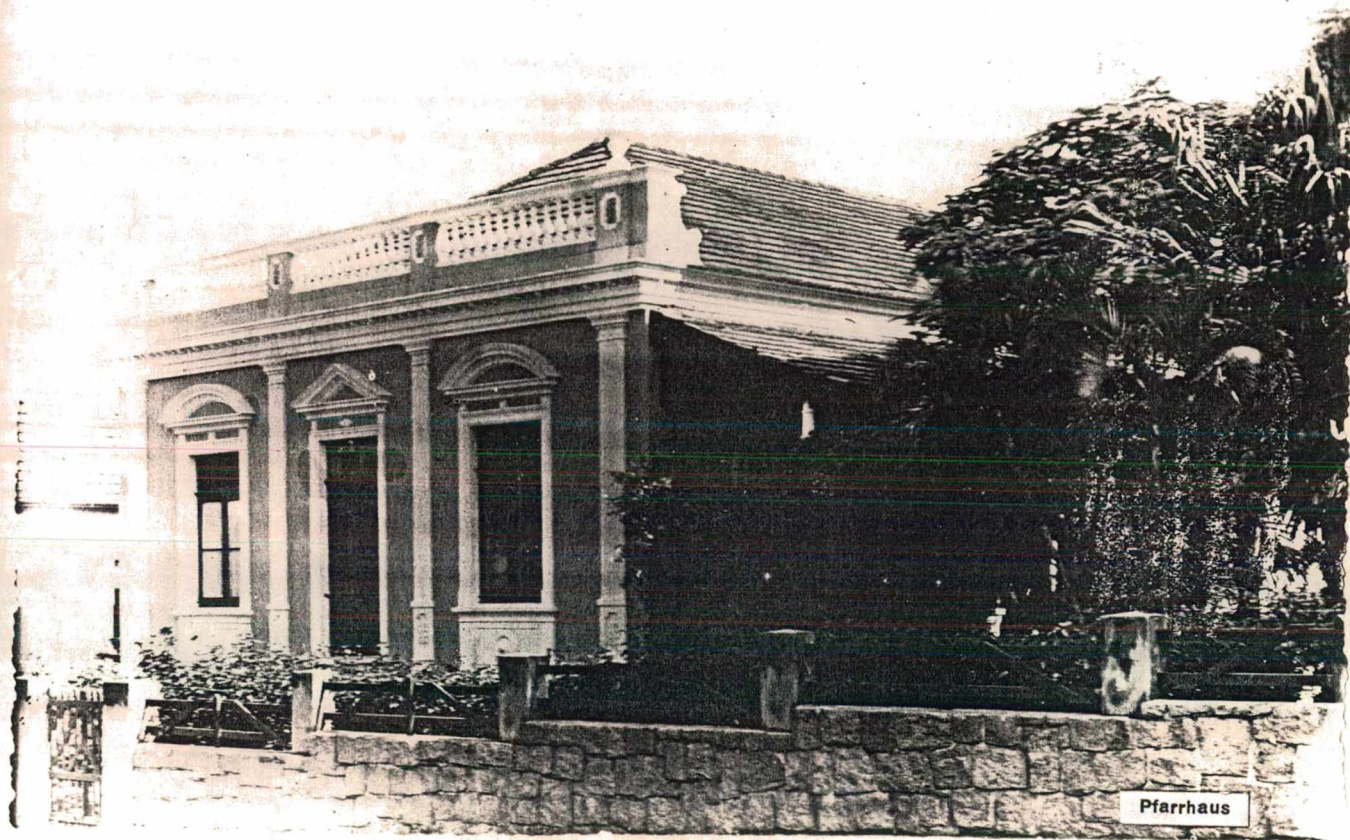
mit Freuden
Büchlein in Freuden
für die Feier am
7. Juni 1913.

Joh. 6, 68.

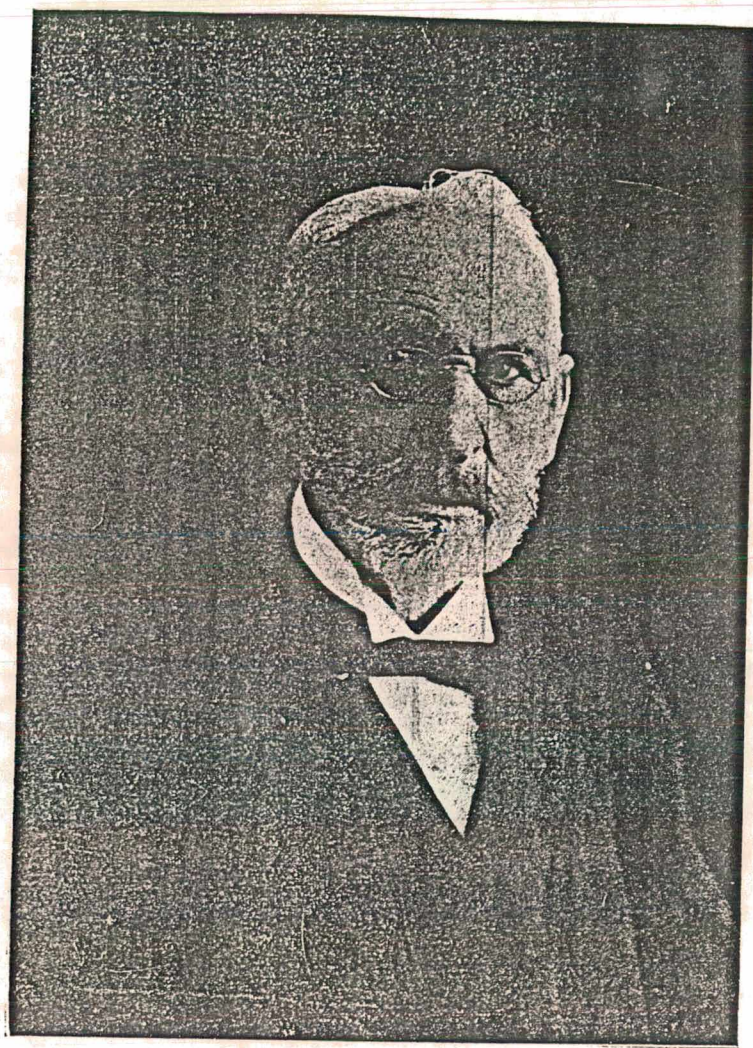
Wenn es in solchem
Büchlein steht, dass
Jesus Christus
geliebt ist, ist
das ein Zeichen
des Glaubens.
Gott.

Auguste Victoria
S. B.

Dedicatória na Bíblia ofertada pela Imperatriz Alemã Auguste Victoria - 1913



Casa Pastoral de Florianópolis - 1938



Carl Hoepcke Sen.

Adolf Frank Export Gesellschaft

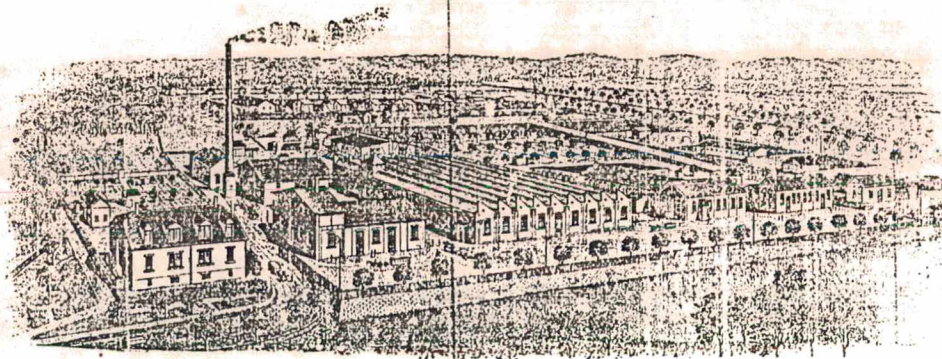
mit beschränkter Haftung.

Konto:
Disconto-Bank

Telefon:
No. 3858
" 3859
" 3858 N. 1
(Freihafen).

Waffen: „Drilling“
„Fengenschow“.

Code 5. Edition
einer Spezial-Code.



Börsenstand: Vor Pfeile

Komplette
Musterausstellung.

Große eigene Transit
Waffen-Läger im Freihafen
Pickhuben 4.

Eigenes Munitions-Transit
Lager, Bergstr. 13

Bedeutende Läger in:

Kriegs-, Jagd-Waffen, Revolver, Artillerie-Material, Pulver, Munition,
Hieb-, Stich-, Faust-Waffen, Komplette Militär- u. Jagd-Ausrüstungen.



A. F. G.

Hamburg

„Hermannshaus“

1. Oktbr. 1911

BERLINER METALL- U. ALFENIDEWAREN-FABRIK
CARL KRALL G. m. b. H., BERLIN SO. 26



Schutzmarke

TO:
nk
se T
e S.

POSTSCHECK-
KONTO:
Berlin Nr. 1168.

FERNSPRECHER:
Amt IV, Nr. 787.

TELEGRAMM-
ADRESSE:
Kralloid - Berlin
(„ABC“-Code).

ZUR MESSE IN LEIPZIG:
Städt. Kaufhaus

MUSTERLAGER
HAMBURG:
Kl. Bursrah 10 II.
Ständ. Lager.

BERLIN SO. 26, den 26. Oktober 1911,
Elisabeth-Ufer 5/6.

Seeemann & Eiffe

VERTRETER DER
CAZACON NACIONAL DE NAVEGAÇÃO
IN LISSABON.

TELEGRAMM-ADRESSE:

HICKLING - HAMBURG.

C. CODE 4th & 5th EDITION.

FERNSPRECHER: GRUPPE 3. N^o 1346.

BANK-CONTO:

DEUTSCHE BANK FILIALE HAMBURG.

Hamburg II, den 27. Oktober 1911
N. Nicolaihof

Veitbrecht & Marissal

BUCHHANDLUNG

BANK-CONTO:

DEUTSCHE BANK FILIALE HAMBURG

FERNSPRECHER GRUPPE 4, 1658

HAMBURG I, DEN 27. Oktober 1911.
BERGSTRASSE 26

KIRCHNER & CO., A.-G.

Älteste und grösste Spezialfabrik für
Sägewerks- und Holzbearbeitungs-Maschinen.

BANKKONTO: Allgemeine Deutsche Creditanstalt, Leipzig.
Deutsche Bank, Berlin.

Filialen in Berlin, London, Paris, Mailand etc.

GRAND PRIX:

Paris 1900 — Liège 1905
Mailand 1906 — Amsterdam 1907
Christchurch (Neuseeland) 1907
Abt. Export Bchn./D. D.

Chicago 1893:

2 Preis-Medaillen!
7 Ehrendiplome!

Birmingham 1904:
Goldene Medaille.

13 Goldene Medaillen
im Jahre 1897:

Brüssel * Riva * Brisbane
Guatemala * Leipzig
Newcastle.

Telegramm-Adresse:

Kirchnerco Leipzig.

Rabetschlüssel:

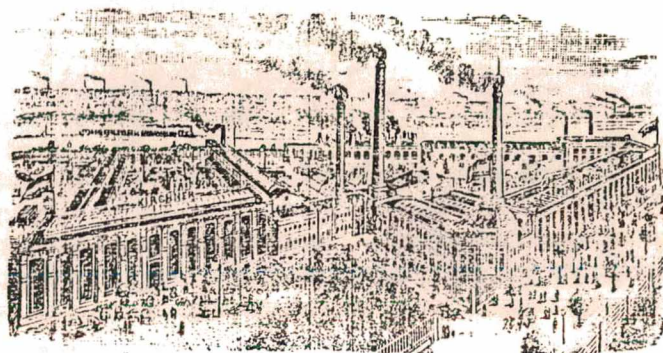
A. B. C. Code IV. u. V.
Staudt & Hundius.
Lieber's Code.
Western Union.

Fernsprechverkehr:

Hauptkontor Nr. 131.
Magazin Nr. 4331.

84 Goldene,
Silberne und Staats-
Medaillen,
Ehrendiplome,
als höchste Auszeichnungen
auf allen von uns
beschiedten Ausstellungen
erhalten.

Über 145000 Maschinen
geliefert.



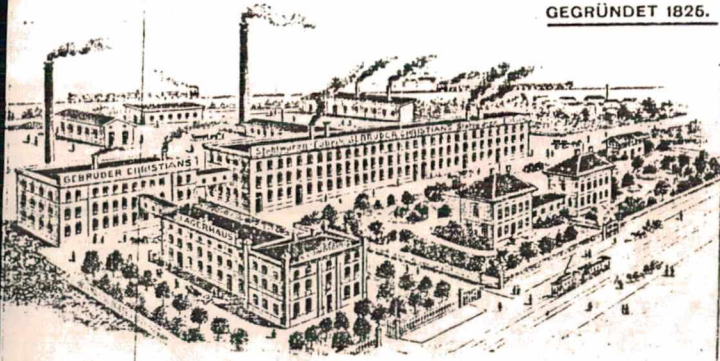
Leipzig-Sellerhausen, den

30. Oktober 1901



Postscheck-Konto Amt Cöln No. 1158.

GEGRÜNDET 1826.



Ansprech-No. 116.

Telegr.-Adresse:
Christians, Solingen.

Gebrüder Christians

Fabrik feiner Stahlwaren
Hammerwerk, Dampfschmiede und Schleiferei
Rasiermesser-Hohlschleiferei und Elektrischer Betrieb.

• • SPECIALITÄT: • •

Taschen- u. Federmesser, Instrumentenmesser, Scheren,
Rasiermesser, Tisch-, Dessert- und Tranchierbestecke,
Küchen-, Schlacht-, Brot- und alle Werkzeugmesser.

SOLINGEN, den 1. November 1911
Station: Solingen-Nord

Seemann & Eiffe

*Hamburg, den 3. November 1911
Niccolaihof*

VERTRETER DER
SOCIETY NACIONAL DE NAVEGAÇÃO
IN LISSABON.

TELEGRAMM-ADRESSE:

HICKLING - HAMBURG.

C. CODE" 4TH & 5TH EDITION.

PRECHER: GRUPPE 3. N^o 1346.

BANK-CONTO:

THE BANK FILIALE HAMBURG.

PAUL GÜNTHER
Schiffsmakler
HAMBURG.

H.

TELEGRAMM ADRESSE: PAGUNT.

SCOTT'S U. WATKINS' CODE.

FERNSPRECHER:

GRUPPE: G. 4034, 4035, 4036.

Hamburg, 7. November 1911.
MATTENTWIETE 1.

C. E. GÄTCKE

Fabrikation

von

Flaschen, Demijohns
weissen Hohlglaswaren etc.

HAMBURG

Mönkeberg 5

Fernsprechamt 1.

Telegramm-Adr.

Gätcke, Glasfabrik, Hamburg.

Firma in Altona-Ottensen:
C. E. Gätcke's Glasfabriken.

Hamburg, den 8 Novbr. 1911

Hamburg-Amerika Linie.

Süd-Amerika Dienst.

Telegramm-Adresse:

Oceanfahrt, Hamburg.

Hamburg, den 8. November 1911

NORDDEUTSCHER LLOYD

CENTRAL-ABTEILUNG

BREMEN, den 9. November 1911.

Telegramm-Adresse:
LLOYD, BREMEN.

Bitte an die vorgenannte
Abteilung zu richten.

HAMBURG-SÜDAMERIKANISCHE
DAMPFSCHIFFFAHRTS-GESELLSCHAFT.

Telegramm-Adresse: COLUMBUS.

M./St.

Abteilung Reederel.

HAMBURG, den 10. November 1911.

DEPPERMAN & THIEL
HAMBURG 14.

TELEGRAMM-ADRESSE:

THILOFLOR.

A B C Code

Hamburg, 10. Novbr 1911.

Gruppe 3. No. 1378.
8. 1911.
ISCHE BANK IN HAMBURG.

Hamburg 14, den 18/11 1911.
BROOK NO. 4 (FREIHAFEN).

Mitteilung von *Deppermann & Thiel*

HERM. STOLTZ
HAMBURG.

HERM. STOLTZ & CO

RIO DE JANEIRO CAIXA 371	SÃO PAULO CAIXA 481.
SANTOS CAIXA 246	BAHIA CAIXA 145
PERNAMBUCO CAIXA 168.	MACEIÓ CAIXA 12.

TELEGRAMM-ADRESSE:
HERMSTOLTZ.

HAMBURG, 26/10 11.
GLOCKENGIESSERWALL, 25/2.



GEGRÜNDET IN PLAGWITZ 1863.

RUD. SACK
KOMMANDIT-GESELLSCHAFT.

FABRIK mit EISEN- und STAHLGIESSEREI
für Geräte und Maschinen eigener Konstruktion
zum Ackerbau. Dampfplüge

• Grösste Spezialfabrik der Erde •
Lieferant vieler Hof- u. Kronquiere
Erprobte Konstruktionen
Dampfpackergeräte.



Schutz-Märke

Filialen in Bromberg, Wien u. Verona.
Vertretungen und Lager an allen
grosseren Plätzen Europas.
Kataloge in 15 Sprachen.

EXPORT.

Bis mir 1910 885 Medaillen und Ehrenpreise.
Tägliche Leistung 800 Plüge, 35 Sämaschinen
Eigene Versuchsgüter
2000 Arbeiter.

LEIPZIG-PLAGWITZ, den 2. Dezember 1911.

HERM. STOLTZ
HAMBURG.
—
HERM. STOLTZ & CO
RIO DE JANEIRO SÃO PAULO
CAIXA 371 CAIXA 461
—
AGENCIAS:
MACEIÓ PERNAMBUCO
CAIXA 12 CAIXA 168
SANTOS
CAIXA 246
Telegramm-Adresse:
HERMSTOLTZ

Pico de Janeiro, 9. Dezember 1911

CLEMENS MÜLLER

G. M. B. H.
ABT. A: NÄHMASCHINEN-FABRIK
ABT. B: SCHREIBMASCHINEN-FABRIK
FERNSPRECHER NO. 3787 UND 2074
BANKKONTEN:
REICHSBANK — DEUTSCHE BANK FIL. DRESDEN
ANGLO-ÖSTERR. BANK, FIL. BODENBACH
POSTSCHECKKONTO LEIPZIG NO. 7893
K. K. ÖSTERR. POSTSPARKASSENKONTO NO. 65842
—
ZWEIGFABRIK: B/A.
BÜNAUBURG BEI BODENBACH
FERNSPRECHER BODENBACH NO. 21

Dresden-N. 6, 15. Dezember 1911.
Großenhainer Straße 1—5

cher: Gruppe 4, N° 224 u. 225.
enstand: Pf. 17 B. Sitz F.
sse: Brüggemann Vogelreth Hamburg.

Mittheilung

J. H. A. Brüggemann

burg, d. 27. Desterro 19 11
brook Frechafen.

Herr Löbl.
Kirchen-Rat der Deutsch-Evang.
lischen Gemeinde,
Florianoopolis
Desterro

Bank-Konto: Deutsche Bank, Filiale Hamburg.

Weitbrecht & Marissal
EXPORT-BUCHHANDLUNG.

EXPORT VON BÜCHERN UND ZEITSCHRIFTEN.

SPECIALITÄT:
REGELMÄSSIGE ZUSENDUNG INTERESSANTER
NEUHEITEN.

HAMBURG I, den 27. Dezember 1911
BERGSTRASSE 26.
Fernsprecher: Gruppe 4, 1658.

MEISSNER & SOHN.

Bank-Konto:
DEUTSCHE BANK, FILIALE HAMBURG.

FERNSPRECHER:
GRUPPE 6, 5477 und 5478.

Telegr.-Adresse:
LEINENMEISSNER, HAMBURG.

A. HAAS'S SÖHNE, OLMÜTZ.
EXPORT-HANNA-MALZFABRIKEN

LITTAU, PROSSNITZ, TOBBITSCHAU.



CODE A.B.C. 5TH ED.
CLEARING-VERKEHR 4259.
GIROKONTO ÖSTERR. UNG. BANK.

Telegramm-Adresse: MALZHAAS OLMÜTZ
TELEPHON No. 7.

Hamburg 36, den 15. Januar, 1912.
Neuerwall 19/23.

Olmütz, 28. Februar 1912.
(MÄHREN, Austria)

WERNER, HILPERT & C.º

RIO DE JANEIRO:
e 101, RUA DA ALFANDEGA

PARIS:
10, CITÉ D'HAUTEVILLE

Endereço Telegraphico:
DANNECKER

Endereço Telegraphico:
SANDJAC

Codigos Telegraphicos:

A B C 4.ª e 5.ª EDIÇÃO

STAUDT & HUNDIUS

SEEGER
RIBEIRO

de Janeiro, 8 Mai 1912

CAIXA 347

TELEPHONE 528

BRASILIANISCHE BANK FÜR DEUTSCHLAND

DIRECTION

Rio de Janeiro, 14. Mai 1912
Caixa 108

L GRIMM & C.º

SÃO PAULO

ção de Fazendas e Armario

Endereço Telegraphico:

Globus Saopaulo

OS USADOS { Staudt & Hundius
A. B. C. 5TH Edition

São Paulo, 24. Maio 1912.

CAIXA DO CORREIO 268

Companhia Cervejaria Brahma

Rua Visconde de Sapucahy, 200

TELEPHONE N. 111

Caixa do Correo n. 1205
Cod. Teleg. A I, A B C 5th. Ed. e Ribeiro
End. Teleg.: BRAHMA—Riojaneiro

Rio de Janeiro, den 21. Mai 1912.

Deutsche Ueberseeische Bank

KAPITAL 30 MILLIONEN MARK

Zentrale: Berlin W. 8.

FILIALEN:

BANCO ALEMAN TRANSATLÁNTICO

IN ARGENTINIEN: Bahia Blanca Buenos Aires Córdoba Mendoza Rosario de Santa Fé Tucuman	IN CHILE: Antofagasta Arica Concepcion Iquique Osorno Santiago Temuco Valdivia Valparaiso	IN PERU: Arequipa Callao Lima Trujillo
IN BOLIVIEN: La Paz Oruro		IN URUGUAY: Montevideo
		IN SPANIEN: Barcelona Madrid

BANCO ALLEMÃO TRANSATLÁNTICO

IN BRASILIEN:

Rio de Janeiro.

Telegramm-Adresse (für die Zentrale und alle Filialen):
Bancalemán.

Telefon: Amt Zentrum Nr. 8555 und 8418.

Geschäftszeit: 8 $\frac{1}{2}$ –5 Uhr.
Sonnabends: 8 $\frac{1}{2}$ –3 Uhr.

Berlin W. 8, den 24. Mai 1912.
Wilhelmstraße 71.

VULCAN-WERKE

Hamburg-Stettin.

Eingetragene Firma: Stettiner Maschinenbau-Actien-Gesellschaft VULCAN.

Adresse: Vulcan-Werke, Hamburg 9.
Adresse: Vulcanwerft Hamburg.

Bi.

Journal-Nr. G. 6826.

Wird gebeten, in der Antwort
gehörigste Bezeichnung anzugeben.

HAMBURG 9, 25. Mai 1912.
(Eisenbahnstation Hamburg-Süd, Anschlußgleis auf Roß.)

Telegramme:
SWERK JENA
CODE 5th EDITION
MERS CODE USED.
HON N° 78, 80, 81, 82.
SBANK-GIRO-KONTO.
TSHECK-KONTO:
LEIPZIG 4131.



ZWEIGFABRIKEN:
LONDON, RIGA,
WIEN, GYÖR.

VERKAUFS-FILIALEN:

BERLIN NW. 7, Dorotheenstrasse 23
FRANKFURT/M. Bahnhofstr. 8, Ecke Kaiserstr.
HAMBURG, Rathausmarkt 8
LONDON W., 13/14 Great Castle Street, Oxford Circus
MAILAND, Piazza del Duomo 19.
PARIS, 3^{ème}, 6 rue aux Ours.
ST. PETERSBURG, Kasanskaja Uiltza 2.
TOKYO, Tsukiji 33 a
WIEN IX/3, Ferstelgasse 1, Ecke Maximilianplatz

Allgem.

D. G. Wall. JENA, 25. Mai 1912
X

antwortung gefl. anzugeben.

GRANDE PREMIO RIO DE JANEIRO 1908

Samuelmann & Cia
Fabricas de Charutos e Exportação de Fumo

MEDALHAS DE OURO:

PARIS 1889
CHICAGO 1892.

GRAND PRIX
SÃO LUÍZ 1904.

GRAND PRIX
BRUXELLAS 1910

São Felix, 29. Mai 1912.
(BAHIA) Caixa postal N° 98.

Telegrammas:
FABR. SÃO FELIX
Code 5ª Edição
Codigo - Ribeiro
DIPLOMA DE HONOR
Buenos Aires 1910.

CONTINENTAL-CAOUTCHOUC- UND GUTTA-PERCHA-COMPAGNIE.

REKTION.

HANNOVER, 28. Mai 1913.

RHEINISCH-WESTFÄLISCHES KOHLEN-SYNDIKAT.

Telegramm-Aufschrift:
LENSYNDIKAT ESSENRUHR.

Korrespondenz-Anschlüsse: Amt Essen.

E J.-Nr. 13130

Bitte gebeten, im Antwortschreiben vorstehende
Abteilung und Journal-Nr. anzugeben.

REICHSBANK-GIRO-KONTO.

ESSEN-Ruhr, den 31. Mai 1912.

Exposição Nacional de 1908

GRANDE PREMIO



Viveiros & C. Sca

N.º 1421

CERVEJARIA POLONIA

175, Rua de S. Francisco Xavier, 175
TELEPHONE 139 Villa

ESCRITORIO

Rua da Assembléa, 117 - Sob.º

TELEPHONE 33

RIO DE JANEIRO

Endereço Telegraphico: VIVEIROS - RIO

Codigos usados, Rib.º, A B C 4th e 5th Edition, A I e Particular

Pois de Janeiro, 31 de Mai de 1912.

Fried. Krupp

Aktiengesellschaft.

C.R. Nr. *13422*

Wir bitten, in der Antwort
vorstehende Bezeichnung anzugeben.

Gußstahlfabrik, Essen/Ruhr, den 31. Mai 1912.

Dortaeer Mühlstein-Fabrik

Aug. Bierbaum, Ingenieur

Erste und älteste Fabrik der Welt für Kunststeine mit weichen Furchen und harten Mahlbalken.

Telegramm-Adresse:
Mühlsteinfabrik, Porta-Westfalica
Fernsprecher 474, Amt Minden i. W.
Bank-Konto: Deutsche Nationalbank, Minden
und De Incaſſo Bank, Amsterdam.
Postſcheckkonto 1390 Hannover.
A. B. C. Code 4th Edition

Dorta-Westfalica,

den 1. Juni 1912

Bochumer Verein

für
Bergbau und Gußstahlfabrikation.

Telegramm-Adresse: Gusstalfabrik.

Fernsprech-Anschlüsse: 185 bis 190.

Eisenbahn-Anschlüsse:

- a) Waggonladungen: Station Bochum Süd.
- „ Präsident-Rechtschein.
- b) Stückgüter: „ Bochum Süd.

Bochum, den 1. Juni 1912.

Fried. Krupp
Aktiengesellschaft
Germaniawerft.

Telegramme: Germaniawerft, Kiel-Gaarden.
Fernsprechanschlüsse:
Fernverkehr No. 71.
Stadtverkehr No. 1035, 1036, 1037, 1087 und 1088.
Giro-Konto bei der Reichsbankhauptstelle Kiel.

C.5897.6137.

Es wird ersucht, in der Antwort
vorstehende Bezeichnung anzugeben.

WERKE vorm. MEISTER LUCIUS & BRÜNING
Hoechst am Main

Telegramm-Adresse:
FARBWERKE HOECHSTMAIN

Reichsbank-Giro-Konto Frankfurt a. M.
Postscheck-Konto 1442 Frankfurt a. M.

Bureau-Zeit: 8¹/₂—4 Uhr
Samstags: 8¹/₂—1 ..

Dem Briefumschlag der Antwort
bitten wir den Vermerk beizufügen:

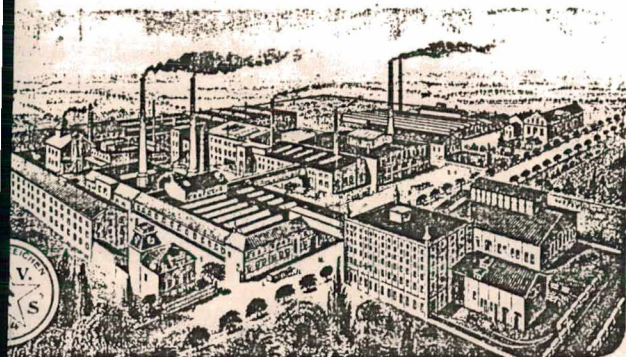
PERSONAL-ABTEILUNG

B11.

Kiel-Gaarden, den 3. Juni 1912.

H ö c h s t a./M., den 4. J u n i 1912.

Werke in Sarstedt bei Hannover



1844 · Zirka 1000 Arbeiter und Beamte

SPECIALITÄTEN: **Wi/T.**

HERDE in jeder Grösse und Ausstattung

HOTEL-KOCHEINRICHTUNGEN

NRICHTUNGEN für **MASSENSPEISUNG**

DAMPFKOCHEINRICHTUNGEN

für Krankenhäuser und Heilanstalten

MENAGEN · SCHIFFS-KOCHEINRICHTUNGEN.

+

+

Adresse Vossherd Hannover

Amt Sarstedt N°3

Amt Hannover N°2381

BIRO-CONTO:

Dresdner Bank Hannover

chkkonto Hannover N° 1872

-5!!! EDITION A.B.G.

ABTEILUNG Export.

Es wird gebeten, die Abteilung
im Antwortschreiben anzugeben.

An den

Kirchenrat der deutsch-evangelischen
Gemeinde
z.H. des Herrn Pfarrer von Gühlen,

Florianopolis (Desterro)

(St. Catharina, Brasilien.)

Hannover, den
Arndtstr. N°21.

5. Juni 1912.

Abt. No. *///*

DRESDNER BANK

DRESDEN — BERLIN — LONDON

NA — AUGSBURG — BAUTZEN — BREMEN — Breslau — BÜCKEBURG — BUNZLAU — CASSEL — CHEMNITZ
OLD — EMDEN — ESCHWEGE — FRANKFURT a. M. — FREIBURG i. Br. — FÜRTH — FULDA — GLEIWITZ — GREIZ
BURG — HANNOVER — HEIDELBERG — HEILBRONN — LEER — LEIPZIG — LIEGNITZ — LÜBECK — MANNHEIM
SEN — MÜNCHEN — NÜRNBERG — PLAUEN i. V. — ~~STUTTGART~~ — ULM — WIESBADEN — ZITTAU — ZWICKAU

Vital u. Reservefonds:
k 260 Millionen

gramm-Adresse:
DRESDNER BANK.

Druff für Fernverkehr:

nt I { 10439.
10443.
10457.

stscheckkonto:
erlin No. 800.

BERLIN W. 56, den *5 Juni* 1911



Nº 18462

Original vep tenert

Berlin, den 5. JUNI 1911

Herren Carl Koep

DRESDNER BANK, BERLIN.

Anlage

Herrn Max von Schlen
Stoniarowoi
Brasilien

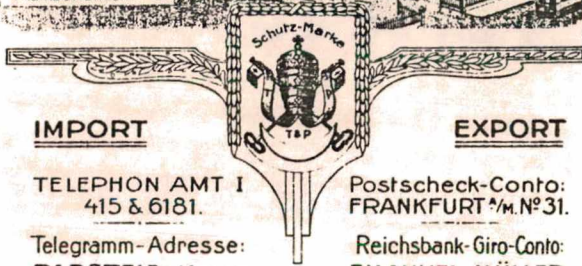
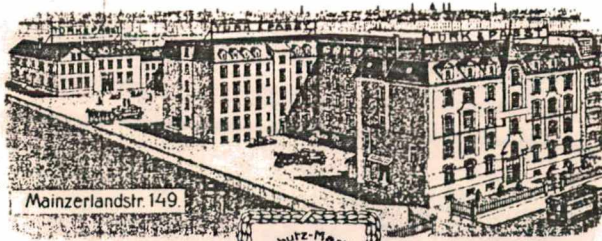
wegen dieses Scheck aus uns
en von Gehören
reihmterst Markt
course für Sicht Wechsel auf *Deutschland*

DR
Eubler

B. Form. No. 274
5. 11. 100000.

KONTROLLIERT

Regierungskanzlei.



IMPORT

TELEPHON AMT I
415 & 6181.

Telegramm-Adresse:
PABSTEI Frankfurtmain.
Code 5th Edition A.B.C.

EXPORT

Postscheck-Conto:
FRANKFURT [^]/M. N° 31.

Reichsbank-Giro-Conto:
EMANUEL MÜLLER
FRANKFURT [^]/M.

R.

Gegründet 1881

Bremen, den 15. Juni 1912.

TÜR K & PABST
CONSERVEN / DELIKATESSEN
FABRIKATION VON
SPEZIALITÄTEN FÜR DIE FEINE u. BÜRGERLICHE KÜCHE

FRANKFURT [^]/M., den 7. Juni 1912.

A. Borsig

TELEGRAMME: BORSIG TEGEL.
FERNSPRECHER: TEGEL 250-259.
REICHSBANK GIRO-KONTO BERLIN.
POSTSCHECK-KONTO BERLIN 9200.

GESCHÄFTSZEIT:

MONTAG bis FREITAG 8 1/2-5 UHR
SONNABEND 8-1 UHR

CODES: *c/I.*

AI-ABC 4TH & 5TH ED. - LIEBER
STAUCH & HUNDIUS - WESTERN UNION
ENGINEERING ED. 1892 (SUPPL. 1899)
BRITISH STANDARD ENGINEERING

Tegel & Berlin, den 6. Juni 1912.

In der Antwort anzugeben:

Abt. 1

Regierungskanzlei.

Bremen, den 15. Juni 1912.

BLOHM & VOSS

KOMMANDITGESELLSCHAFT AUF AKTIEN

SCHIFFSWERFT
&
MASCHINENFABRIK

Telegramm-Adresse:
BLOHMWERFT
HAMBURG

Gr.

Hamburg, den 8. Juni 1912.

erungskanzlei.

Bremen, den 15. Juni 1912.

MAS MOTOREN-FABRIK DEUTZ

Succursal Brasileira

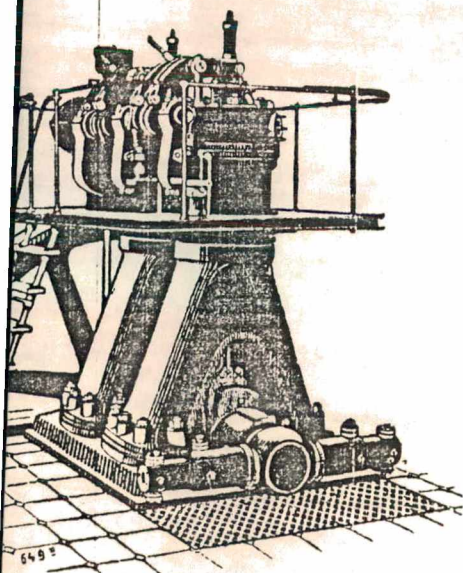
FABRICA DOS LEGITIMOS MOTORES "OTTO"

CASA IMPORTADORA DE MACHINAS COM ESCRITORIO TECHNICO

Rio de Janeiro, 14. de Juni de 1912

Rua 1º de Março 104/106

Caixa Postal 1304



dereço telegraphico: OTTOMOTOR

CODIGOS { A B C 5th Edition
Staudt & Hundius
Carlowitz

Filiaes em

O HORIZONTE:

PERNAMBUCO:

Affonso Penna 779/785

Rua Dantas Barreto 11
(antiga da Imperatriz)

CAIXA 7

CAIXA 208

Regierungskanzlei.



S. No. D. 2257.

Bremen, den 15. Juni 1912.

Regierungskanzlei.

Bremen, den 15. Juni 1912.

E. MERCK, DARMSTADT.

Adresse télégraphique:

EMERCK, DARMSTADT.

Codes

A. B. C. Fourth and Fifth Edition,
Lieber's 1896 Standard,
Staudt & Hundius,
Western Union.

Darmstadt, 7. Juni 1912

Regierungskanzlei.



Bremen, den 15. Juni 1912.

W. GRALLERT

GR. BLEICHEN 23/27.

Fernspr.: 3. 2319.

Telegr.-Adr.: GRALLERT.

HAMBURG 36, den 14. Juni, 1912.

Hg.

Regierungskanzlei.

Bremen, den 15. Juni 1912.

1988

JOH. F. BREYER

Telegr.-Adr.:

BREYERHOF-HAMBURG.

CODE: A. I.

A. B. C. 4th & 5th EDIT.

HAMBURG I. den 7. Juni 1912.

Regierungskanzlei.

Bremen, den 15. Juni 1912.

Hamburg, 10 Juni 1912

Reese & Wichmann
HAMBURG

ETABLIRT 1881.

Chocoladen- und Zuckerwaaren-Fabrik.

THEE-HANDLUNG.

Telegramm-Adresse:

Chocolade.

*Südamerikanische Handels-Gesellschaft
mit beschränkter Haftung*

FRANKFURT A/M.

Telefon 8700

Telegramm-Adresse:

Peroba Frankfurtmain

A. B. C. CODE 5th EDITION

FRANKFURT A/M. DEN 20. August 1912.

Friedensstrasse 8'.